

Resource: Dicionário Bíblico (Tyndale)

License Information

Dicionário Bíblico (Tyndale) (Portuguese) is based on: Tyndale Open Bible Dictionary, [Tyndale House Publishers](#), 2023, which is licensed under a [CC BY-SA 4.0 license](#).

This PDF version is provided under the same license.

Dicionário Bíblico (Tyndale)

M

Ma'Anéh, Maaca, Maacá (Lugar), Maaca, Maacá (Pessoa), Maacatita, Maacati, Maadai, Maadias, Maai, Maalá, Maalalel, Maalaleel, Maalate (Música), Maalate (Pessoa), Maalate Leanote, Maanaim, Maané-Dã, Maarai, Maaraté, Maaseias, Maaséias, Maate, Maate, Maave, Maavita, Maaz, Maazias, Maaziote, Macabeu, Judas, Macabeus, 1 e 2, Macabeus, 3 e 4, Macaz, Macbanai, Macbanai, Macbena, Macedônia, Machado de batalha, Macla, Macnadbai, Macnadebai, Macpela, Mactés, Mactés, o, Madai, MADALENA, Maria, Madeira de cetim, Madeira de Gofer, Madmana (lugar), Madmana (Pessoa), Madmém, Madmena, Madom, Maer-Salal-Hás-Baz, Magadã, Magbis, Magdala, Magdiel, Magia, Magistrado, Magnificat, Magogue, Magor-Missabibe, Magos, Magpias, Mahalabe, Mahali, Malaquias (Pessoa), Malaquias, Livro De, Malcã, Malcã, Malco, Maldição, amaldiçoado, Malha, Cota de, Mali, Malita, Malom, Malquias, Malquiel, malquielita, Malquirão, Malquisua, Malta, Mamona, Mamre (Lugar), Maná, Manaate (Pessoa), Manaém, Manassés (Pessoa), Manassés, Tribo de, Manassita, Mandamentos, Os dez, Mandrágora, Manjedoura, Manre (Pessoa), Mansidão, Manuscritos de Nag Hammadi, Mão, Mão direita, Mão ressequida, Maol, Mão, Lavagem de, Maqedá, Maquelote, Maquero, Maqui, Maquir, Maquiritas, Mar, Mar da Arabá, Mar Da Galileia, Mar de fundição, Mar de fundição, Mar de Quinerete, Mar do Arabá, Mar do Oriente, Mar Egeu, Mar Grande, Mar Mediterrâneo, Mar Morto, Mar Morto, Mar Oriental, Mar Salgado, Mar Vermelho, Mar Vermelho, Mara, Marco, Marcos, Evangelho De, Marfim, Maria, Marido, Marinheiros, Más, Masai, Masreca, Massá, Massá e Meribá, Matana, Matar, Mateus (Pessoa), Mateus, Evangelho De, Matias, Matrede, Matusalém, Me-Zaabe, Medã, Medade, Medeba, Mediari, Mediador, Medicina E Prática Médica, Médico, Medo, Medos, Média, Meda, Meetabel, Mel, Melquisedeque, Memorial, Menasom, Mendigo, Menorá, Mensageiro, Mente, Merari, merarita, Mercado, Feira, Meretriz, Meretriz, Meribá, Mês, Mesa dos pães da presença, Meseque, Meseque, Mesopotâmia, Messa (Lugar), Messias, Mestre, Mestre, Metretas, Metusael, Metushael, Meurael, Mezuzá, Miamim, Mibsão, Mibsar, Micael, Miclote, Micneias, Mictam, Midã, midianita, Midim, Midrash, Mifcade, Porta de, Migdal-El, Migdal-Gade, Migdol, Migrom, Milagre, Milalai, Milca, Milcom, Milênio, Mileto, Milha, Milhano, milhafre, Milo, Mina, Minerais e metais, Mini, Miniamim, Ministro, Ministério, Minite, Miriã, Mirma, Mirra, Mirra, Misã, Misael, Misal, Misericórdia, Misgabe, Mishná, Mísia, Misma, Mismana, Mispa, Mispar, Misperete, Misraeus, Misrefote-Maim, Mistério, Mistério da iniquidade, Mitã, Mitca, Mitilene, Mitos da criação, Mitos de dilúvio, Mitra, Mitredate, Miza, Mizar, Mizraim, Moabe, Moabitas, Moadias, Mobília, Módio, Moedas, Moedinha, Centavo, Mofo, Moinho, Moisés, Moisés, Cadeira de, Moisés, Lei de, Moisés, Livros de, Molada, Moleque, Molide, Moloque, Monoteísmo, Monstro, Montanha dos amorreus, Monte da assembleia, Monte da congregação, Monte das bem-aventuranças, Monte das Oliveiras, Monte de Destruição, Monte dos amalequitas, Monte dos amorreus, Monte Ebal, Monte Gaás, Monte Gerizim, Monte Gilboa, Monte Hermom, Monte Hor, Monte Horebe, Monte Nebo, Monte Nebo, Monte Pisga, Monte Sefer, Monte Sinai, Monte Tabor, Monte, montanha, Morastita, Morcego, Mordomo, Moré, Carvalho de, Moré, Monte de, Moresete, Moresete-Gate, Moriá, Morte, Morte de Cristo, Morte, A Segunda, Mortos, Lugar Dos, Mosa (Lugar), Mosa (Pessoa), Mosca, Moserote, Moserá, Mosquito, Mostarda, Mudez, Mula, Mulher, Mundo, Mupim, Murta, Musi, musita, Música, Músico, Mutuca*

Ma'Anéh

Unidade de medida equivalente ao comprimento de um sulco (18–27 metros). Veja Pesos e medidas.

Maaca, Maacá (Lugar)

Pequeno reino no norte de Transjordânia, alternadamente chamado de Aram-Maaca em [1](#)

[Crônicas 19.6](#) (ARC “Síria de Maaca”; NTLH “na Mesopotâmia e em Maacá”). De acordo com [Josué 13.11](#), os estados de Gesur e Maaca estavam entre Gileade e o monte Hermom e faziam fronteira com o reino de Ogue, governante de Basã ([Js 12.4–5](#)). Seu povo era considerado descendente de Naor ([Gn 22.24](#)) e era a tribo mais ao sul dos naoritas.

Veja também Aram (Pessoa) #2; Aram (Lugar).

Maaca, Maacá (Pessoa)

Nome hebraico comum, frequentemente escrito como Maacá em algumas versões bíblicas.

1. O último dos quatro filhos de Naor, irmão de Abraão, com Reumá, sua concubina ([Gn 22.24](#)).
2. Filha de Talmai, rei de Gesur, esposa de Davi e mãe de Absalão ([2Sm 3.3; 1Cr 3.2](#)).
3. Pai de Aquis. Aquis, rei de Gate, abrigou dois escravos de Simei durante o reinado de Salomão ([1Rs 2.39](#)). Ele é identificado como Maoque em [1 Samuel 27.2](#). Veja Maoque.
4. Filha de Absalão ([1Rs 15.2.10](#)), esposa de Roboão, rei de Judá (930–913 a.C.) e mãe do Rei Abias (913–910 a.C.) e avó do Rei Asa (910–869 a.C.) de Judá ([1Rs 15.10; 2Cr 11.20–22](#)). Mais tarde, Asa a removeu como rainha-mãe porque ela havia feito um ídolo para Aserá ([1Rs 15.10–13; 2Cr 15.16](#)). Maaca é chamada de Micaías em [2 Crônicas 13.2](#).
5. Concubina de Calebe e mãe de quatro filhos ([1Cr 2.48](#)).
6. Irmã de Hupim e Supim, esposa de Maquir, o manassita, e mãe de Perez e Seres ([1Cr 7.15–16](#)).
7. Benjamita, esposa de Jeiel e ancestral do Rei Saul ([1Cr 8.29; 9.35](#)).
8. Pai de Hamã, um dos poderosos guerreiros de Davi ([1Cr 11.43](#)).
9. Pai de Sefatias, líder da tribo de Simeão durante o reinado de Davi ([1Cr 27.16](#)).

Maacatita, Maacati

O povo de Maaca ocupava o território vizinho aos gesuritas e a fronteira da terra concedida à meia-tríbo de Manassés ([Dt 3.14; Js 12.5; 13.11](#)). Foi tomado por Jair, que, com seus companheiros, não conseguiu desalojar os maacatitas e gesuritas que viviam entre eles ([Js 13.13](#)).

Dos maacatitas veio Elifelete, que se juntou ao exército de Davi dos “valentes” ([2Sm 23.34](#)). A passagem paralela em [1 Crônicas 11.36](#) o chama de mequeratita.

A inimizade deles persistiu ao longo da história de Israel. Quando Jerusalém caiu diante de Nabucodonosor, Jazanias, filho de um maacatita, tentou se juntar a Ismael, o amonita, contra

Gedalias, a quem Nabucodonosor havia deixado para governar a cidade ([2Rs 25.23; Jr 40.8](#)).

Veja também Maaca (lugar).

Maadai

O filho de Bani, que atendeu à exortação de Esdras para se divorciar de sua esposa pagã após o exílio ([Ed 10.34](#)).

Maadias

Chefe de uma família sacerdotal que retornou a Jerusalém após o exílio ([Ne 12.5](#)) e cuja casa foi liderada por Piltai na geração seguinte durante os dias de Joaquim, o sumo sacerdote. Ele é chamado de Moadias no v. [17](#). Ele talvez possa ser identificado com o sacerdote Maazias, que colocou seu selo no pacto de Esdras ([10.8](#)).

Maai

Músico sacerdotal que participou da dedicação do muro reconstruído de Jerusalém ([Ne 12.36](#)).

Maala

Tradução NVT de Maala, filho de Hamolequete, em [1 Crônicas 7.18](#). Veja Maala #2.

Maalalel, Maalaleel

1. Filho de Cainã e pai de Jaredé na linhagem de Sete ([Gn 5.12–17; 1Cr 1.2](#)). Ele também é mencionado em [Lucas 3.37](#).

Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

2. Um filho de Perez e membro da tribo de Judá que viveu após o retorno do povo judeu do exílio na Babilônia ([Ne 11.4](#)).

Maalate (Música)

Sugestão musical, possivelmente significando "tristeza", listada no título do [Salmo 53](#) ("súplica", NTLH), que indicaria a maneira e/ou a melodia com a qual o salmo deve ser cantado.

[Veja Música.](#)

Maalate (Pessoa)

1. Filha de Ismael, irmã de Nebaiote, terceira esposa de Esaú e mãe de Reuel ([Gn 28.9](#)); também chamada de Basemate em [Gênesis 36.3-17](#).
2. Filha de Jerimote e primeira esposa do rei Roboão ([2Cr 11.18](#)).

Maalate Leanote

Frase hebraica no título do [Salmo 88](#), traduzida como "Ao regente do coro" (NTLH); possivelmente uma melodia antiga familiar à qual o salmo era executado.

[Veja Música.](#)

Maanaim

Assentamento a leste do Jordão em Gileade. Jacó encontrou anjos lá e nomeou o lugar como "acampamento de Deus". Ele dividiu sua casa e posses em dois acampamentos (Maanaim significa "dois acampamentos" em hebraico) para evitar perder tudo ao confrontar Esaú ([Gn 32.1-11](#)).

A cidade estava localizada ao longo da fronteira entre as tribos de Manassés e Gade ([Js 13.26,30](#)) e foi dada aos levitas como herança ([Js 21.38](#); [1Cr 6.80](#)). Após a derrota de Saul no Monte Gilboa, Isbosete, seu filho, fugiu para Maanaim para estabelecer uma capital no exílio. Ele conseguiu controlar grande parte de Israel a partir dali ([2Sm 2.8,12,29](#)) até ser assassinado por Recabe e Baaná ([4.5-7](#)). Davi fugiu para esta cidade quando Absalão se rebelou contra ele. Aqui ele recebeu suprimentos de Barzilai e alguns gileaditas ([17.24-27](#)). No portão desta cidade, ele chorou ao receber a notícia da morte de Absalão. Salomão escolheu a cidade como a capital de seu sétimo distrito e estabeleceu Ainadabe como seu governador ([1Rs 4.14](#)).

Referências bíblicas indicam uma localização em algum lugar ao longo do rio Jaboque, no centro de Gileade. Além disso, a cidade poderia ter sido situada praticamente em qualquer lugar. Anteriormente, foi identificada com Khirbet al-Makhna, a 3,2 quilômetros ao norte de Ajalon. No entanto, a atenção mais recente se voltou para as colinas gêmeas de Tulul al-Dhabab no Jaboque. Aharoni sugere que o monte ocidental de Tulul al-Dhabab é Maanaim e o monte oriental é Penuel.

Maané-Dā

Local a oeste de Quiriate-Jearim entre Zorá e Estaol, onde o Espírito do Senhor começou a agir em Sansão ([Jz 13.25](#)) e onde a tribo de Dā acampou a caminho da região montanhosa de Efraim ([18.12](#)).

Maarai

Um dos valentes do rei Davi. Ele era um zeraíta de Netofa, na região montanhosa de Judá. Davi escolheu Maarai para ser um comandante responsável por 24.000 soldados durante o décimo mês de cada ano ([2Sm 23.28](#); [1Cr 11.30](#); [27.13](#)).

Maarate

Uma das cidades de herança de Judá localizada na região montanhosa ([Js 15.59](#)), possivelmente a moderna Biet Ummar, a 11,3 quilômetros ao norte de Hebron. Pode ser a mesma que Marote, mencionada em [Miqueias 1.12](#).

Maaseias

1. Um dos cantores designados pelos levitas para acompanhar Davi quando ele trouxe a arca da casa de Obede-Edom para Jerusalém ([1Cr 15.18-20](#)).
2. Comandante que concordou em ajudar Joiada, o sacerdote, a coroar Joás como rei ([2Cr 23.1](#)).
3. Oficial que serviu ao Rei Uzias auxiliando na organização do exército do rei ([2Cr 26.11](#)).
4. Filho da casa real de Judá que foi morto quando Peca, o rei de Israel, invadiu Judá ([2Cr 28.7](#)).
5. Governante em Jerusalém que Josias nomeou para ajudar na reparação do templo ([2Cr 34.8](#)).

6-8. Três sacerdotes que obedeceram à exortação de Esdras para se divorciarem de suas esposas estrangeiras durante a era pós-exílica ([Ed 10.18-22](#)).

9. Filho de Paate-Moabe ([Ed 10.30](#)).

10. Pai de Azarias, um reparador do muro de Jerusalém ([Ne 3.23](#)).

11. Assistente de Esdras quando ele leu a lei para o povo ([Ne 8.4](#)).

12. Levita que, junto com outros, ajudou o povo a entender a lei que Esdras leu ([Ne 8.7](#)).

13. Líder que colocou seu selo na aliança de Esdras sob a liderança de Neemias ([Ne 10.25](#)).

14. Líder judaita e filho de Baruque, que viveu em Jerusalém com aqueles escolhidos por Ló para herdar a cidade reconstruída ([Ne 11.5](#)). Ele é às vezes identificado com o Asaías mencionado em [1 Crônicas 9.5](#).

15. O filho de Itiel, da tribo de Benjamim, que foi escolhido para viver em Jerusalém ([Ne 11.7](#)).

16. Trompetista sacerdotal na dedicação do muro de Jerusalém ([Ne 12.41](#)).

17. Cantor sacerdotal na dedicação do muro de Jerusalém ([Ne 12.42](#)).

18. Pai de Sofonias, o sacerdote. Sofonias, junto com Pasur, foi enviado a Jeremias pelo rei Zedequias para consultar o Senhor sobre o futuro da guerra de Nabucodonosor contra Jerusalém ([Ir 21.1-2; 29.25](#)) e para solicitar que Jeremias orasse por Jerusalém ([37.3](#)).

19. Pai de Zedequias, o falso profeta, um oponente da profecia de Jeremias sobre a queda de Jerusalém sob o cerco de Nabucodonosor ([Ir 29.21](#)).

20. Forma alternativa de escrita de Maaséias, antepassado de Baruque, em [Jeremias 32.12](#) e [51.59](#). Veja Maaséias.

21. Guardião do limiar durante o reinado de Jeoacquim ([Jeremias 35.4](#)).

Maaséias

Antepassado de Baruque ([Ir 32.12](#)) e Seraías ([51.59](#)), escrito como Maaséias na NVT.

Maate

Um ancestral de Jesus mencionado em [Lucas 3.26](#).

Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

Maate

1. Levita, filho de Amasai, e ancestral de Hemã, o cantor do templo no tempo de Davi ([1Cr 6.35](#)).

2. Levita que ajudou na purificação do templo durante o tempo de Ezequias ([2Cr 29.12](#)). Ele foi nomeado supervisor das contribuições, dos dízimos e das coisas dedicadas a Deus ([31.13](#)).

Maave, Maavita

Termo usado em [1Cr 11.46](#) para designar Eliel, um dos valentes de Davi. A palavra foi provavelmente adicionada para indicar de onde ele veio, a fim de distingui-lo do Eliel no versículo [47](#).

Maaz

Filho de Ram da tribo de Judá ([1Cr 2.27](#)).

Maazias

1. Levita que serviu no templo durante o reinado de Davi ([1Cr 24.18](#)).

2. Levita que colocou seu selo na aliança de Esdras ([Ne 10.8](#)); às vezes identificado com Maadias, um sacerdote pós-exílico ([Ne 12.5](#)).

Veja também Maadias.

Maaziote

Um dos 14 filhos de Hemã, o coatita, e chefe do 23º turno de músicos do tabernáculo que ministram com címbalos, harpas e liras ([1Cr 25.4,30](#)).

Macabeu, Judas

Veja Macabeu, Judas

Macabeus, 1 e 2

Dois livros deutero-canônicos que cobrem o período da história de Israel de 167 a.C. a 100 a.C. "Deutero-canônico" significa que esses livros estão incluídos nas Bíblias católicas e ortodoxas, mas não nas Bíblias protestantes ou judaicas.

Os livros são nomeados em homenagem a Judas Macabeu, que iniciou a revolta judaica contra Roma em 166 a.C. A importância desses livros é que eles fornecem relatos históricos das lutas de Israel durante o período entre Malaquias (o último livro do Antigo Testamento) e o tempo de Cristo (6/5 a.C.-30 d.C.).

1 Macabeus

Assim como 1 Crônicas e 2 Crônicas, este trabalho foi escrito para registrar uma história "espiritual" da nação. A diferença é que 1 Macabeus descreve exclusivamente o período macabeu até 100 a.C. O autor desconhecido utilizou algumas fontes literárias genuínas, embora partes do trabalho possam não ser históricas.

2 Macabeus

Este livro foi escrito por volta de 100 d.C. Ele foca mais em teologia do que 1 Macabeus. 1 Macabeus busca apresentar um relato razoavelmente objetivo dos Hasmoneus, enquanto 2 Macabeus é um resumo retórico de uma obra consideravelmente maior sobre o tema da era dos Macabeus. *Veja Período macabeu.*

Macabeus, 3 e 4

Veja Apócrifos (Introdução).

Macaz

Uma das 12 cidades que forneciam alimentos um mês por ano para o Rei Salomão e sua casa ([1Rs 4.9](#)). Situada no noroeste de Judá, pode ser identificada com Khirbet el-Mukheizin, ao sul de Ecrom.

Macbanai

Veja Macbanai.

Macbanai

Guerreiro da tribo de Gade que se juntou a Davi em Ziclague na sua luta contra o rei Saul ([1Cr 12.13](#)).

Macbena

Um lugar mencionado nos registros familiares de Calebe e Judá ([1Cr 2.49](#)). O nome Macbena aparece em uma lista com outras localidades geográficas. Está listado antes de Gibeá, que provavelmente é a mesma cidade mencionada em [Josué 15.57](#). Isso sugere que Macbena estava provavelmente localizada na parte oriental da região montanhosa ao sul de Hebron. Esta área era conhecida por ser habitada pelos descendentes de Calebe.

Macedônia

Província romana nos tempos do NT, começando como um reino no século VII a.C. Pouco se sabe sobre os primeiros séculos de sua história, mas com a ascensão ao poder do rei grego Filipe II (359-336 a.C.), e especialmente de seu filho Alexandre III (o Grande, 336-323 a.C.), a Macedônia tornou-se uma potência mundial. Após a morte de Alexandre, o império foi dividido entre seus sucessores em várias regiões, uma delas sendo o reino macedônio original. A instabilidade prevaleceu nos 150 anos seguintes, e em 167 a.C. a Macedônia ficou sob domínio romano. Inicialmente dividida em quatro distritos pelos romanos ([At 16.12](#) é uma possível referência a essa divisão), este território foi transformado em uma província romana em 14 a.C. com Tessalônica como sua capital. Brevemente, de 15-44 d.C., a Macedônia foi combinada com Acaia e Moesia (outras partes da Grécia) em uma grande província; no entanto, em 44 d.C., as três foram novamente separadas. A importância da Macedônia continuou durante a era romana, e ela permaneceu uma entidade separada até os tempos modernos, embora tenha sido parte da Iugoslávia de 1945 a 1991.

A província romana da Macedônia incluía a região norte da Grécia e partes ao sul do atual Albânia, Bulgária e a Antiga República Iugoslava da Macedônia. Conhecida por seu ouro, prata, madeira e terras agrícolas, a região também servia como uma rota terrestre para o comércio entre a Ásia e o Ocidente. Pouco depois de os romanos incorporarem a Macedônia como uma província, eles construíram a Via Egnácia, uma estrada

pavimentada com mais de 804,5 quilômetros de comprimento, que ia da costa do Adriático até o Egeu, sem dúvida percorrida pelo apóstolo Paulo enquanto se movia pelas cidades macedônias de Neápolis, Filipos, Anfípolis, Apolônia e Tessalônica ([At 16.11-12; 17.1](#)).

O evangelho foi introduzido na Europa através da Macedônia quando Paulo respondeu a uma visão durante sua segunda viagem missionária ([At 16.9-12](#)). Detalhes desse trabalho, centrado em Filipos e Tessalônica, são descritos em [Atos 16.11-17.15](#). Em sua terceira viagem, embora inicialmente atrasado ([19.21-22](#)), Paulo mais tarde retornou à Macedônia, e novamente após uma estadia em Corinto ([20.1-3](#); veja [1Co 16.5; 2Co 1.16](#) e [2.13](#) para outras referências às visitas à Macedônia).

Os crentes macedônios desempenharam um papel importante na coleta que Paulo reuniu para os pobres em Jerusalém ([Rm 15.26; 2Co 9.2-4](#)); Paulo os elogiou por sua generosidade ([2Co 8.1-2](#)). Ele também os louvou por seu exemplo de fé, mesmo em tempos de adversidade ([2Co 7.5; 1Ts 1.7](#)), e por seu amor pelos outros ([1Ts 4.10](#)). Alguns dos macedônios trabalharam diretamente com Paulo na realização da comissão do evangelho ([At 19.29; 20.4; 27.2](#)), e ele dirigiu cartas a igrejas em duas cidades macedônias, Filipos e Tessalônica.

Veja também Grécia, Grego.

Machado de batalha

Um machado pesado com uma lâmina larga, usado como arma de guerra.

Veja Armaduras e armas.

Macla

3. Uma manassita. Ela era uma das cinco filhas de Zelofeade. Macla e suas irmãs apelaram a Moisés, pedindo que ele fizesse um acordo que lhes permitisse manter sua herança, pois elas não tinham irmãos ([Nm 26.33; 27.1; 36.11; Js 17.3](#)). Algumas Bíblias usam a grafia "Maalá".
4. Um filho de Hamolequete da tribo de Manassés ([1Cr 7.18](#)).

Macnadbai

Outra grafia de Macnadebai, filho de Bani ([Ed 10.40](#)).

Veja Macnadebai.

Macnadebai

Um filho de Bani (também chamado Binui). Macnadebai seguiu a instrução de Esdras para se divorciar de sua esposa estrangeira durante o período após o exílio para Babilônia ([Ed 10.40](#)).

Macpela

Um pequeno campo de árvores e uma caverna com duas câmaras perto de Manre, no distrito de Hebrom, foi comprado por Abraão como local de sepultamento para Sara. O vendedor foi Efrom, um heteu, e o preço foi de 400 siclos de prata ([Gn 23.8-19](#)). Mais tarde, Abraão ([25.9](#)), Isaque e Rebeca ([49.30-31](#)), e Jacó ([50.13](#)) foram enterrados aqui.

Os detalhes da compra de Macpela por Abraão, quando comparados com as leis hititas, sustentam a veracidade da história em [Gênesis 23](#). A atenção é chamada para o número de árvores, a pesagem da prata conforme a avaliação atual do comprador e do vendedor, e as testemunhas no portão da cidade onde a transação foi oficialmente divulgada. Todos esses detalhes estão de acordo com as leis hititas, que teriam sido esquecidas após o tempo dos patriarcas. A moeda não era um meio circulante antes de 700 a.C. A implicação de que o siclo era um peso e não uma moeda no tempo de Abraão também indica uma data antiga para a história da compra.

Mactés

Localização dentro da topografia de Jerusalém ([Sf 1.11](#)). Como a palavra significa "almofariz", a expressão aqui deve se referir a alguma depressão em forma de bacia. Provavelmente é o Vale do Tiropeão, em frente ao monte do templo, embora o Targum o compare ao Cedrom.

Mactés, o

Nome dado por Sofonias a um lugar oco ou depressão que se assemelha a um almofariz em Jerusalém. O "Mactés" (transliteração do hebraico: Maktesh) era um local de comércio cujos comerciantes em breve lamentariam a perda de negócios ([Sf 1.11](#)). Sua localização é identificada de várias maneiras com o bairro fenício, o vale do Cedrom ou o vale do Tiropeão.

Veja também Jerusalém.

Madai

Terceiro dos sete filhos de Jafé ([Gn 10.2](#); [1Cr 1.5](#)).

MADALENA, Maria

Nome de uma das várias Marias que seguiram Jesus. Esta Maria foi a primeira a ver o Cristo ressuscitado ([Jó 20.11-18](#)). *Veja Maria #3.*

Madeira de cetim

Tradução da ARC de madeira de acácia. *Veja Plantas (Acácia).*

Madeira de Gofer

Apenas a Bíblia ARC usa a expressão "madeira de gofer", a maioria das Bíblias se referem como "madeira de cipreste" ou "táboa de cipreste". Material que Noé usou para construir a arca ([Gn 6.14](#)). *Veja Plantas (Cipreste).*

Madmana (lugar)

Nome alternativo para Bete-Marcabote, uma cidade no sul de Judá, em [Josué 15.31](#). *Veja Bete-Marcabote.*

Madmana (Pessoa)

Filho de Saafe e neto de Calebe ([1Cr 2.49](#)).

Madmém

Cidade em Moabe, de acordo com o oráculo de Jeremias ([Jr 48.2](#)). Pode ser uma forma criada por ditografia a partir de um original Dimon, como no oráculo contra Moabe por Isaías ([Is 15.9](#)). Se for assim, Khirbet Dimneh, a doze quilômetros e meio a noroeste de Kerak, na nascente do Wadi Beni Hammad, seria um local possível. Em qualquer caso, há um jogo de palavras na passagem de Jeremias entre o nome do lugar e a palavra hebraica "ficar em silêncio".

Madmena

Cidade benamita localizada ao norte de Jerusalém, ao longo da rota tomada pelo exército assírio durante a incursão militar de Senaqueribe em Judá (c. 701 a.C.) contra o Rei Ezequias (715–686 a.C.) e a Cidade Santa ([Is 10.31](#)).

Madom

Uma das muitas cidades cananeias aliadas contra Josué em uma tentativa vã de deter o progresso dos israelitas na Palestina. Uma batalha desastrosa travada em Merom trouxe essas cidades sob controle israelita ([Is 11.1](#); [12.19](#)). Madom é provavelmente a moderna Qarn Hattin, cerca de 8 quilômetros do Mar da Galileia.

Maer-Salal-Hás-Baz

Nome do filho de Isaías, que significa "rápido para saquear e veloz para estocar", o que descreveu profeticamente a iminente destruição que cairia sobre Damasco e Samaria pelas mãos dos assírios ([Is 8.1,3](#)).

Magadā

Um local que Jesus visitou depois de cruzar o Mar da Galileia ([Mt 15.39](#)). A grafia correta provavelmente era Magdala. A única referência no Novo Testamento a esta cidade está no nome de Maria *Madalena*. Magadā tinha vários nomes:

- Fontes gregas chamam de Tarichaea, "fábricas para salgar peixe" (Estrabão 16.2.45; Plínio 5.71)
- Fontes rabínicas chamam de Migdal Nunnayah ou Migdal Sab'aiyah, "Torre dos Peixes/Tintureiros"
- Também era chamado de el-Mejdel.

Ficava cerca de 4,8 quilômetros a noroeste de Tiberíades, no extremo sul da Grande Planície de Genesaré. Era famosa por seu solo fértil e clima constantemente agradável.

Veja também Dalmanuta.

Magbis

Cidade reocupada após o exílio por 156 descendentes de seus antigos residentes ([Ed 2.30](#)).

Magdala

Um nome da versão ARC usado em [Mateus 15.39](#). Versões e traduções recentes usam o nome Magadã. Fontes datadas dos tempos do Novo Testamento localizam a cidade de Magdala a uma curta distância ao norte da cidade de Tiberíades, na margem ocidental do Mar da Galileia.

Veja também Magadã.

Magdiel

Um dos chefes de Edom ([Gn 36.43](#); [1Cr 1.54](#)).

Magia

Tentar influenciar ou controlar pessoas ou eventos por meio de forças sobrenaturais. Essas forças são invocadas através de cerimônias, recitação de feitiços, encantamentos, incantações e outras formas de ritual.

Há vários termos usados na Bíblia que podem se enquadrar na ampla categoria de magia. Várias dessas palavras são mencionadas em [Deuteronômio 18.9–14](#). O uso de práticas mágicas e ocultas por Israel não é permitido. O povo de Deus é instruído a evitar práticas de magia porque Deus lhes fornece sua revelação pessoal através de seus

profetas. As práticas de magia humanas levam a uma falsa esperança ou falso medo e, portanto, afastam da verdade de Deus. No entanto, embora essas práticas não possam se equiparar à precisão do profeta de Deus, a Bíblia deixa em aberto a possibilidade de que possa haver uma realidade sobrenatural por trás de algumas práticas de magia.

Os magos são proeminentes no livro do Êxodo do AT, onde os magos do Egito contendem com Moisés. O texto não descarta o sucesso dos magos como mera ilusão, pois eles foram pelo menos parcialmente bem-sucedidos no início (caps. [7–8](#)). Mas seus fracassos começam a se tornar claros no capítulo [8](#) e continuam até o capítulo [9](#). A Bíblia não nega categoricamente que possa haver certo poder sobrenatural maligno em ação na pessoa do mago. O que a Bíblia deixa claro é que esse poder não está de acordo com, nem pode derrotar, a vontade de Deus.

O NT aborda a questão da magia no livro de Atos. Quando Filipe foi a Samaria, ele encontrou Simão, o mágico. Simão havia atraído muita atenção para si mesmo ao impressionar as pessoas com sua magia ([At 8.11](#)). A mensagem de Filipe foi acreditada e as pessoas começaram a se aproximar dele. Simão viu as maravilhas que Filipe era capaz de realizar e pensou que esses poderes eram recebidos através do ritual da imposição de mãos. Filipe deixou claro que as maravilhas de seu trabalho não podiam ser compradas, mas vinham através do gracioso dom de Deus para o penitente.

Outra passagem importante é encontrada em [At 19.11–20](#). Certos exorcistas judeus pensaram que poderiam usar magicamente o nome de Jesus em seu trabalho. O resultado foi uma reação violenta: o homem em quem residia o espírito maligno saltou sobre eles, dominou todos eles e os subjugou, de modo que fugiram daquela casa nus e feridos. Esta passagem mostra que o poder responsável pelos milagres apostólicos estava baseado no relacionamento pessoal do apóstolo com o Senhor Jesus Cristo. O resultado do incidente acima também é importante; levou o povo de Éfeso a tomar uma decisão clara entre a palavra do Senhor e suas práticas mágicas. Vários que praticavam artes mágicas trouxeram seus livros e os queimaram na presença de todos. Esta demonstração dramática do poder de Deus e a necessidade de lealdade clara a ele levou a uma maior expansão do evangelho.

A posição bíblica contra a magia é declarada fortemente no último livro da Bíblia, onde os

feiticeiros são condenados ao lago de fogo ([Ap 21.8](#)). A visão bíblica é consistente em sua oposição à magia. A Bíblia não exclui a possibilidade de que Satanás possa usar magia para propósitos malignos, e as práticas mágicas são condenadas porque podem gerar falsas esperanças ou medos infundados e desviar a lealdade da Palavra de Deus.

Veja também Amuleto; Deidades e religião dos cananeus; Adorno; Presságio; Adivinho; Feitiçaria; Mídiuns.

Magistrado

O título de um funcionário público que atuava como juiz e administrador de um determinado distrito. O rei Artaxerxes ordenou a Esdras que selecionasse magistrados junto com juízes para governar o povo quando eles retornassem à Palestina ([Ed 7.25](#)). Este oficial foi um dos oficiais da corte de Nabucodonosor convidados para a festa de dedicação ([Dn 3.2-3](#)). [Lucas 12.58](#) retratou o magistrado como uma autoridade governante cujo veredito era final.

Durante a era romana, cada colônia tinha dois magistrados (chamados de *duumviri*). Eles julgavam crimes contra o estado. Assim, Paulo e Silas foram levados perante os magistrados em Filipos. Eles foram acusados de defender costumes inaceitáveis para os romanos ([At 16.20-38](#)). Diante deste *duumvir*, eles foram ordenados a se despirem, serem espancados e jogados na prisão. Um magistrado chefe às vezes era chamado de "pretor" (*strategos* em grego). Era um título especial para um *duumvir* líder.

Magnificat

A canção de Maria, a mãe de Jesus, encontrada em [Lucas 1.46-55](#). O nome "Magnificat" vem da primeira palavra da canção em latim, que significa "magnifica" ou "louva grandemente".

Este poema está no estilo dos salmos do Antigo Testamento e é muito semelhante à oração de Ana em [1 Samuel 2.1-10](#). Os cristãos começaram a usar o Magnificat em seus cultos muito cedo na história da igreja. A igreja católica romana o incorporou em seus cultos de oração vespertino. Mais tarde, as igrejas luteranas e anglicanas também começaram a usá-lo em seus cultos.

Ao longo de muitos séculos, diversos compositores criaram música para esta bela canção de louvor. Eles escreveram versões em latim e em várias outras línguas ocidentais.

Magogue

O termo é encontrado apenas cinco vezes na Bíblia, mas é significativo devido ao seu uso nas passagens proféticas bem conhecidas de [Ezequiel 38-39](#) e [Apocalipse 20](#). No registro das nações em [Gênesis 10.2](#) (veja também [1Cr 1.5](#)), Magogue é listado entre os filhos de Jafé, identificando tanto um indivíduo quanto a nação que dele surgiu. Em Ezequiel e Apocalipse, Magogue passou a se referir a uma terra, um povo ou ambos.

Magogue não é mencionado na literatura contemporânea dos tempos bíblicos. Portanto, uma definição deve vir principalmente do testemunho das Escrituras, embora escritores de tempos posteriores tenham dado pistas adicionais para a identificação da palavra. Magogue foi identificado bíblicamente pela primeira vez como um filho de Jafé ([Gn 10.2](#); [1Cr 1.5](#)), junto com Tubal e Mesaque (cf. [Ez 38.2](#)). [Ezequiel 38.2](#) associa Magogue com a pessoa Gogue, indicando que Magogue era a terra (junto com Tubal e Mesaque) sobre a qual Gogue governava. [Ezequiel 39.6](#) usa o termo Magogue para falar do povo da terra de Magogue. Juntos, [Ezequiel 38](#) e [39](#) apresentam uma invasão de Israel nos últimos dias (cf. [Ez 38.8-16](#)) por Gogue e seu povo da terra de Magogue, juntamente com povos de todos os cantos do mundo conhecido (cf. vv [5-6](#)).

[Apocalipse 20.8](#) descreve Gogue e Magogue como invadindo a terra de Israel com uma grande companhia de nações de todas as partes do mundo. Parece que Ezequiel e Apocalipse tinham o mesmo evento dos últimos dias em mente. [Apocalipse 20.8](#) pode ser entendido como identificando Gogue como Satanás e vendo Magogue como povos invasores que vêm com Satanás. Alguns veem "Gogue e Magogue" em [Apocalipse 20.8](#) como um símbolo de uma grande batalha futura no final do milênio, semelhante à invasão em [Ezequiel 38-39](#), mas os termos em si não são identificados especificamente. Alguns veem Magogue em [Apocalipse 20](#) como outra pessoa junto com Gogue.

Escritos extrabíblicos fornecem pistas adicionais. *Antiguidades* 1.6.1 de Josefo equipara Magogue aos citas do norte que viviam na área da atual Turquia e no sul da Rússia central. *Jubileus* 7.19 e 9.8

referem-se a Magogue como os "bárbaros do norte". No AT, Magogue está associado a Tubal e Mesaque, áreas geográficas normalmente consideradas situadas na região montanhosa entre, e ao sul, dos mares Cáspio e Negro.

Os dados disponíveis sugerem a identificação de Magogue em Ezequiel e Apocalipse com as hordas bárbaras do norte (possivelmente a área dos citas) da região geográfica moderna da Turquia e do sul da Rússia central, que invadirão Israel sob a liderança de Gogue nos últimos dias. No entanto, não há justificativa nas Escrituras ou em outro lugar para conjecturar que essas nações modernas sejam a identificação desses termos.

Magor-Missabibe

Nome dado por Jeremias a Pasur, o oficial chefe na casa do Senhor. Jeremias fez isso porque Pasur o colocou no trono por profetizar julgamento sobre Judá ([Jr 19.14–20.2](#)). O nome Pasur significa "prosperidade ao redor" e foi mudado para "terror por todos os lados" ([20.3](#)) porque Pasur veria os horrores da invasão babilônica.

Magos

Os sábios mencionados em [Mateus 2.1–12](#) seguiram uma estrela até Jerusalém e depois até Belém para homenagear o recém-nascido "rei dos judeus". Esta parte do Evangelho de Mateus é importante porque destaca a verdadeira identidade de Jesus como Rei e sugere como pessoas de fora de Israel (gentios) viriam a honrá-lo ao longo do Evangelho.

Os magos no mundo antigo

Registros históricos fora da Bíblia fornecem pistas sobre de onde os magos em [Mateus 2](#) podem ter vindo e quais papéis desempenhavam. O antigo historiador Heródoto descreveu os magos como um grupo de sacerdotes da Média ou Pérsia. Naquela época, a principal religião da Pérsia era o zoroastrismo, então Heródoto provavelmente se referia a sacerdotes zoroastristas. De acordo com Heródoto, juntamente com outros historiadores como Plutarco e Estrabão, esses magos estavam envolvidos em cerimônias religiosas (como supervisionar sacrifícios e orações) e serviam como conselheiros de governantes orientais.

Esses governantes acreditavam que os movimentos das estrelas e outros eventos celestiais refletiam o que aconteceria na história. Portanto, eles frequentemente confiavam no conhecimento dos magos sobre mapas estelares e interpretação de sonhos para tomar decisões. O interesse dos magos pelo movimento das estrelas pode explicar por que eles notaram a estrela no relato de Mateus e por que eles, junto com o rei Herodes, acreditavam que ela significava o nascimento de um novo governante importante ([Mt 2.2](#)). Séculos antes de Cristo, as pessoas também associavam uma estrela ao nascimento de Alexandre, o Grande.

Identidade no Evangelho de Mateus

A narrativa de Mateus não fornece muitas informações sobre quem eram os magos. Ele apenas menciona que eles vieram "do Oriente" ([Mt 2.1–2](#)), o que significa que não sabemos de onde eles vieram. Alguns líderes cristãos primitivos pensavam que os magos poderiam ter vindo da Arábia porque os presentes que trouxeram — ouro, incenso e mirra ([Mt 2.11](#)) — provavelmente eram daquela região. Outros acreditavam que os magos eram da Caldeia ou Média/Pérsia, onde havia uma classe de sacerdotes chamada magos que se encaixava na descrição de Mateus.

Importância no Evangelho de Mateus

A visita dos magos é importante para a introdução do Evangelho de Mateus:

5. Revela a verdadeira identidade do menino Jesus como o tão esperado Messias real de Israel. Isso é mostrado pela aparição da "estrela", que tinha significados messiânicos claros: "Uma estrela sairá de Jacó, e um cetro se levantará de Israel" ([Nm 24.17](#); veja também [Is 60.3](#)).
6. A interação entre os magos, Herodes, e os principais sacerdotes e escribas ([Mt 2.2–6](#)) mostra que Jesus cumpre a profecia de [Miquéias 5.2](#), que predisse que o governante de Israel viria de Belém.

7. Os presentes que os magos ofereceram ([Mt 2.11](#)) podem refletir promessas em [Salmos 68.29](#) e [72.10](#), que também eram vistos como indícios sobre o Messias.

Além de confirmar que Jesus é o tão esperado Messias, a visita dos magos introduz vários temas importantes que continuam no Evangelho de Mateus.

8. O papel de Jesus como Messias afeta não apenas os judeus, mas também os gentios (representados pelos "sábios do Oriente").
9. A surpreendente fé dos gentios, uma fé que às vezes falta entre o próprio povo de Jesus. Enquanto os magos estrangeiros honram o Messias infantil, o rei Herodes e possivelmente os líderes religiosos judeus tramam matá-lo ([Mt 2.3–6.16](#)). Este tema aparece novamente no Evangelho, onde os gentios frequentemente demonstram fé em Jesus, contrastando com a falta de fé entre muitos judeus (veja [Mt 8.5–13](#); [15.21–28](#); [27.19.54](#)).

Magpias

Líder político que assinou a aliança de Esdras durante o período pós-exílico ([Ne 10.20](#)).

Mahalabe

Nome reconstruído de uma cidade na tribo de Aser ([Js 19.29](#)); o texto hebraico apresenta uma transposição das duas últimas consoantes, mas a cidade é provavelmente a mesma que Alabe e Helba de [Juízes 1.31](#). O nome correto é preservado nos anais assírios de Senaqueribe como Mahalliba; outro texto tem Mahalab. A cidade é às vezes identificada com Khirbet el-Malahib, a nordeste de Tiro.

Veja também Alaabe.

Mahali

Uma diferente grafia de Mali, filho de Merari, em [Êxodo 6.19](#).

Veja Mali nº 1.

Malaquias (Pessoa)

Autor do último livro do AT ([Ml 1.1](#)). O profeta Malaquias viveu por volta de 500–460 a.C. Seu nome significa “meu anjo” ou “meu mensageiro” e é assim traduzido em [Malaquias 3.1](#) e em outros lugares. Além do livro que leva seu nome, nada mais se sabe sobre ele a partir da Bíblia. No livro apócrifo de [2 Esdras 1.40](#), ele é identificado como “Malaquias, que também é chamado de mensageiro do Senhor.” A tradição rabínica sugere que Malaquias pode ser outro nome para Esdras, o escriba, embora não haja evidências que apoiem essa identificação.

Veja também Malaquias, Livro de; Profeta, profetisa.

Malaquias, Livro De

Último livro profético do cânon judaico; último livro do Antigo Testamento.

Resumo

- Autor
- Contexto
- Data
- Propósito e Teologia
- Conteúdo

Autor

O nome Malaquias significa “meu mensageiro” ou “mensageiro do Senhor”. Uma vez que a palavra aparece em [3.1](#), alguns estudiosos pensam que isso não é um nome próprio e que não fornece o nome do autor do livro. De acordo com uma tradição antiga, o “mensageiro” era Esdras, o sacerdote responsável pelos livros de Esdras e Neemias. No entanto, seria mais incomum que os judeus preservassem um livro profético sem atribuir explicitamente o nome do autor. Todos os outros profetas maiores e menores — incluindo Obadias — recebem o nome de um profeta específico. Além disso, “mensageiro do Senhor” seria um nome mais

apropriado para um profeta (cf. [2Cr 36.15-16](#); [Ag 1.13](#)).

Contexto

Durante o quinto século a.C., a comunidade judaica em dificuldades em Judá foi grandemente ajudada pelo retorno de Esdras e Neemias. Em 458 a.C., Esdras foi encorajado pelo rei Artaxerxes da Pérsia a liderar um grupo de exilados de volta para Jerusalém e instituir uma reforma religiosa. Cerca de 13 anos depois, em 445 a.C., um oficial de alto escalão do governo chamado Neemias foi autorizado a ir a Jerusalém reconstruir os muros da cidade, uma tarefa que ele realizou em 52 dias ([Ne 6.15](#)). Como governador, Neemias liderou o povo em uma reforma financeira que proveu aos pobres e incentivou o dízimo para sustentar os sacerdotes e levitas ([5.2-13](#); [10.35-39](#)). Como Esdras, Neemias exortou as pessoas a guardarem o sábado e evitarem unir-se em casamento com os vizinhos pagãos. Após um mandato de 12 anos, Neemias voltou para a Pérsia e a condição espiritual de Judá se deteriorou. Talvez desencorajado pela falta de poder político, o dízimo tornou-se esporádico, o sábado não era guardado, os casamentos entre pessoas de povos diferentes eram comuns, e até mesmo os sacerdotes não mereciam confiança. Quando Neemias voltou para Jerusalém algum tempo depois, ele teve que tomar medidas firmes para endireitar a situação ([13.6-31](#)).

Data

Uma vez que Malaquias teve que lidar com os mesmos pecados mencionados em [Neemias 13](#) (veja [Ml 1.6-14](#); [2.14-16](#); [3.8-11](#)), é provável que o profeta ministrou durante o segundo mandato de Neemias como governador ou nos anos imediatamente anteriores ao seu retorno. A referência a “o governador” em [Malaquias 1.8](#) implica que alguém que não fosse Neemias estava no cargo, podendo ser melhor colocar Malaquias logo após 433 a.C., o ano em que Neemias havia voltado para a Pérsia.

Propósito e Teologia

Malaquias foi escrito para abalar o povo de Judá de sua letargia espiritual e para advertir que o julgamento estava chegando, a menos que eles se arrependessem. As pessoas duvidavam do amor de Deus ([1.2](#)) e justiça ([2.17](#)) e não levavam seus mandamentos a sério ([1.6](#); [3.14-18](#)). No entanto, Deus era “um grande Rei” ([1.14](#)) com um grande nome que deveria ser temido até mesmo além da

fronteira de Israel (vv. [5](#), [11](#)). Malaquias repetidamente exortou tanto os sacerdotes quanto o povo a reverenciar a Deus e dar-lhe a honra que ele merecia. Deus era o Pai e Criador do povo de Israel ([2.10](#)), mas a nação mostrou desprezo pelo seu nome ([1.6](#); [3.5](#)). Em resposta a este desprezo, Deus enviria seu mensageiro para anunciar o Dia do Senhor ([3.1](#)). João Batista chamou a nação ao arrependimento, e Cristo veio para limpar o templo ([Jo 2.14-15](#)) e estabelecer a aliança ([Ml 3.1-2](#)). A maior parte do trabalho de refinamento e purificação ocorrerá na Segunda Vinda, quando Cristo retornar para purificar seu povo (cf. vv. [2-4](#)) e julgar os ímpios ([4.1](#)).

Conteúdo

O Grande Amor de Deus por Israel (1.1-5)

Para introduzir o livro, Malaquias apresenta um contraste entre o amor de Deus por Israel e seu ódio por Edom. No entanto, a asserção do amor de Deus é recebida com uma pergunta estranha: “Como você nos amou?” Deus amou Israel ao entrar em uma aliança com a nação no Monte Sinai, logo após de tê-los libertado da prisão do Egito. Ele o havia escolhido como seu povo especial (cf. [Gn 12.1-3](#); [Ex 19.5-6](#)), enquanto os descendentes de Esaú não foram escolhidos (cf. [Rm 9.10-13](#)). Tanto Israel quanto Edom suportaram invasão e destruição, mas apenas Israel foi restaurada e reconstruída após o exílio. O povo de Edom foi expulso de sua terra natal pelos nabateus entre 550 e 400 a.C., e eles nunca reconquistaram seu território. Através do julgamento de Edom, Deus demonstrou que ele é o grande Governante sobre as nações ([Ml 1.5](#)) e que ele não esquecerá Israel.

Os sacrifícios inaceitáveis dos sacerdotes (1.6-14)

Embora Deus merecesse a honra e reverência dos israelitas, tanto o povo quanto os sacerdotes abertamente desdenhavam de suas leis e regulamentos. Estranhamente, foram os sacerdotes que lideraram o caminho para a desobediência. Os sacrifícios e ofertas deveriam expiar os pecados, mas os animais oferecidos pelos sacerdotes serviam apenas para poluir ou contaminar o altar ([1.7](#), [12](#)). De acordo com Levítico, os animais com defeitos eram inaceitáveis como sacrifícios, mas Malaquias menciona que os sacerdotes estavam oferecendo ao Senhor animais que eram roubados e mutilados, aleijados e doentes (v. [13](#); cf. v. [8](#)). Para enfatizar seu desprezo, o Senhor desafiou os sacerdotes a trazer presentes

comparáveis ao governador. Eles se ousariam insultá-lo desta maneira e enfrentar a rejeição certa? Em vez de permitir que os sacerdotes continuassem a trazer sacrifícios impróprios ao altar, o Senhor pediu-lhes que fechassem completamente as portas do templo (v. [10](#)). Realizar coisas de forma mecânica nunca agradou a Deus, seja nos tempos antigos (cf. [Is 1.12-13](#)) ou modernos. Ao chamar o altar e seus sacrifícios de “desprezíveis” ([Ml 1.7,12](#)), os sacerdotes não eram melhores do que os filhos ímpios de Eli, cujo desprezo pelas regras dos sacrifícios os enviou para uma morte prematura (cf. [1Sm 2.15-17](#)).

Em nítido contraste com a atitude dos sacerdotes está a ênfase na grandeza de Deus em [Malaquias 1.11 e 14](#). Deus é mais poderoso do que os deuses de outras nações, e mesmo que os sacerdotes e o povo de Israel desonrem o Senhor, eventualmente ofertas puras serão trazidas a Deus pelos gentios crentes. Talvez essas ofertas se refiram a oração e louvor (cf. [Sl 19.14](#); [Hb 13.15](#); [Ap 5.8](#)), mas outros interpretam a referência mais literalmente (cf. [Is 56.7](#); [60.7](#)). Pedro pode estar se referindo a este verso em conexão com a conversão de Cornélio ([Atos 10.35](#)).

A Punição dos Sacerdotes (2.1-9)

Uma das funções dos sacerdotes era pronunciar bênçãos sobre as pessoas em nome de Deus, mas seu comportamento vergonhoso transformou as bênçãos em maldições ([Ml 2.2](#)). Por causa da pecaminosidade dos sacerdotes e da pobre condição dos animais, seus sacrifícios também eram inúteis, e as entradas dos animais serão espalhadas em seus rostos como um sinal de que Deus os mantém em desprezo. A desgraça acumulada sobre os sacerdotes difere acentuadamente da honra desfrutada por Arão e seus descendentes. Malaquias se refere a uma aliança de vida e paz (v. [5](#)) feita com Levi e, mais especialmente, com o neto de Arão, Fineias, que tomou corajosamente medidas contra os judeus envolvidos em idolatria e imoralidade ([Nm 25.10-13](#)). Naqueles dias, os sacerdotes reverenciavam o Senhor e afastavam muitos do pecado ([Ml 2.6](#)).

Outra responsabilidade dos sacerdotes era ensinar à nação a lei transmitida por Moisés (cf. [Lv 10.11](#)). Como profetas, eles eram mensageiros do Senhor ([Ml 2.7](#)) que deveriam andar perto do Senhor, mas agora os sacerdotes desconsideravam a lei e eram desonestos ao proferir decisões judiciais ([Ml 2.9](#); cf. [Lv 19.15](#)).

A infidelidade do povo (2.10-16)

À luz da atitude dos sacerdotes, não é surpreendente descobrir que as pessoas em geral eram infiéis ao Senhor. Deus havia formado Israel para ser seu povo especial, mas o povo havia sido desleal com ele. Um fator importante em sua infidelidade era o casamento com os estrangeiros, um pecado mencionado em [Esdras 9.1-2](#) e [Neemias 13.23-29](#). Ao se casar com mulheres pagãs, os homens de Israel invariavelmente começaram a adorar deuses pagãos e se afastar do Senhor. Quando tais casamentos interligados ocorriam, às vezes eram seguidos do divórcio com a esposa israelita. Em [Malaquias 2.14-15](#), Deus ressalta o compromisso sagrado que ele próprio testemunha quando duas pessoas se casam. Se essa aliança de casamento for quebrada pelo divórcio, Deus é profundamente ofendido. E é ainda mais trágico se o divórcio se tornar um pretexto para se casar com outra pessoa do povo ou um estrangeiro mais atraente.

A Vinda do Mensageiro da Aliança (2.17-3.5)

Os pecados dos sacerdotes e das pessoas não passaram despercebidos, mesmo que a nação duvidasse que Deus tomaria medidas ([2.17](#)). Mas o terceiro capítulo inicia com o anúncio de que o mensageiro da aliança de fato virá para seu templo. Seu caminho será preparado por outro mensageiro — uma profecia de João Batista, que preparou o caminho para o ministério de Cristo (cf. [Mt 11.10](#); [Mc 1.2-3](#)). Quando Cristo veio, ele revelou sua ira quando purificou o templo (cf. [Jo 2.13-17](#)) e denunciou os escribas e fariseus (cf. [9.39](#)), mas a maior parte de seu trabalho de purificação e aperfeiçoamento aguarda a Segunda Vinda. Um dia, os sacerdotes e levitas trarão sacrifícios aceitáveis, como fizeram nos dias de Moisés e Fineias (cf. [Ml 3.3-4](#) e [2.4-5](#)). O verso [5 do capítulo 3](#) amplia o escopo do julgamento para incluir toda a nação, pois feiticeiros, adúlteros e aqueles que oprimem os pobres são condenados.

Os benefícios do Dízimo Fiel (3.6-12)

Outra fraqueza específica de Judá pós-exílica era o fracasso do povo em trazer seus dízimos ao Senhor. Encorajada por Neemias, a nação prometeu dizimar fielmente (cf. [Ne 10.37-39](#)), mas aparentemente suas boas intenções duraram pouco (cf. [13.10-11](#)). De acordo com [Malaquias 3.8-9](#), os dízimos da nação estavam tão precários que, na prática, o povo estava roubando a Deus e, portanto, sob uma maldição. Nos versos [10-12](#)

Malaquias desafia a nação a trazer seus dízimos, então Deus derramaría sua bênção sobre eles. Assim como a abertura das “janelas no céu” significava o fim de uma época de fome em [2Rs 7.2, 19](#), assim Deus promete que suas colheitas serão tão abundantes que elas ficarão sem espaço de armazenamento. A esperança de “bênção” em [Malaquias 3.10](#) e [12](#) fornece um alívio bem-vindo das maldições mencionadas em [1.14, 2.2, 3.9](#) e [4.6](#).

O Dia do Senhor (3.13–4.6)

Confrontado com o desafio de [Malaquias 3.10–12](#), o povo de Israel respondeu de duas maneiras diferentes. Um grupo negou que servir a Deus trazia qualquer benefício ([3.13–15](#)), enquanto outro segmento da nação se inclinou diante dele com profunda reverência (vv. [16–18](#)). Os incrédulos argumentaram que obedecer ao Senhor era inútil e as pessoas arrogantes e malignas eram as que prosperavam. Em resposta à sua acusação, Malaquias observou que Deus se lembraria quem eram os justos no Dia do Juízo. Embora todo Israel tenha sido incluído na promessa feita a Abraão, apenas aqueles que genuinamente creram seriam o bem precioso de Deus ([3.17](#); cf. [Êx 19.5](#)), com seus nomes escritos no Livro da Vida (cf. [Ml 3.16](#)). Quanto aos arrogantes e malfeiteiros, o Dia do Senhor os consumirá e eles não terão sobreviventes ([4.1](#)). Aqueles que reverenciam o Senhor desfrutarão de saúde espiritual e física sob a bênção e proteção de Deus, chamado de “sol da justiça” (v. [2](#)). Como bezerros que acabaram de ser libertos do confinamento, os justos pisarão nos ímpios e triunfarão sobre eles (v. [3](#)).

Tendo em vista o julgamento associado ao Dia do Senhor, Malaquias exortou o povo a se arrepender. Para fazer isso, eles precisavam atender à lei de Moisés e levar a sério os decretos e mandamentos dados no Monte Sinai ([4.4](#); cf. [3.7](#)). Assim como Elias chamou Israel para se voltar para Deus, um novo “Elias” pregará o arrependimento a uma nação rebelde. Quando João Batista preparou o caminho para Cristo (cf. [Ml 3.1](#)), ele ministrou “no espírito e poder de Elias” e implorou aos judeus que se convertessem de seu pecado e se humilhassem diante de Deus ([Lc 1.17](#)). Se eles se recusassem a ouvir, a nação enfrentaria a perspectiva de destruição, a maldição colocada sobre o povo de Canaã (cf. [Is 6.17–19](#)) e sobre a nação de Edom, cujo colapso foi descrito em [Malaquias 1.2–5](#).

Veja também Israel, História de; Período Pós-exílico; Profecia; Profetisa.

Malcã

Filho de Saaraím da tribo de Benjamim ([1Cr 8.9](#)).

Malcã

1. Outra grafia de Milcom/Moloque, um deus amonita, em [Sofonias 1.5](#). Veja Milcom.

Malco

O nome de um servo do sumo sacerdote em [João 18.10](#). No momento da prisão de Jesus, Pedro cortou Malco com uma espada e removeu sua orelha. Em [Mateus 26.51](#), [Marcos 14.47](#) e [Lucas 22.50,51](#), nenhum nome é dado para essa pessoa. Segundo Lucas, Jesus imediatamente curou o ferimento.

Maldição, amaldiçoado

Invocação de mal ou dano contra os inimigos. Como praticado nos tempos bíblicos, amaldiçoar era o oposto de abençoar e não deve ser confundido com profanidade no sentido moderno.

Crenças pagãs

Maldições e bênçãos estavam ligadas à antiga crença pagã de que os espíritos dos “deuses” podiam ser invocados para agir em nome de uma pessoa que repetisse certos encantamentos ou realizasse certas ações (como sacrifícios). Acreditava-se que uma maldição falada possuía um poder oculto para causar calamidade aos inimigos de alguém. Em algumas culturas pagãs, maldições eram escritas em jarros de barro que eram então quebrados, simbolicamente iniciando ou efetivando a maldição pretendida.

Os túmulos eram protegidos contra possíveis profanadores por meio de maldições. As inscrições reais eram protegidas por maldições dirigidas a qualquer pessoa que pudesse alterar, destruir ou desafiar o decreto escrito ([Esdras 6.11–12](#)).

Maldições nos tempos do Antigo Testamento

Entre os hebreus, uma maldição, válida apenas dentro de um quadro de aliança supervisionado por Deus, era proferida por causa da justiça. No AT,

a maldição era parte integrante de um relacionamento de aliança — entre Deus e a comunidade, entre Deus e um indivíduo, ou entre membros da comunidade. Quebrar os termos de uma aliança era merecer a maldição ou maldições da aliança. Uma maldição invocada sob outras condições era impotente. “Como o pardal no seu vaguear, como a andorinha no seu voo, assim a maldição sem causa não encontra pouso” ([Provérbios 26.2](#)). Uma maldição poderia ser retirada pronunciando uma bênção ([Êxodo 12.32](#); [Juízes 17.1-2](#); [2 Samuel 21.1-3](#)).

A lei mosaica proibia amaldiçoar os pais ([Êxodo 21.17](#); cf. [Provérbios 20.20](#); [Mateus 15.4](#)), o governante ([Êxodo 22.28](#)) e o surdo ([Levíticos 19.14](#)). Um homem que suspeitasse da infidelidade de sua esposa poderia exigir que ela se submetesse a um teste administrado pelo sacerdote que resultaria em uma maldição sobre ela se fosse culpada ([Números 5.11-31](#)). Indivíduos poderiam pronunciar uma maldição sobre si mesmos para mostrar a veracidade de suas afirmações ou promessas ([Números 5.19-22](#); [Jó 31.7-10,16-22](#); [Salmo 137.5-6](#)). No NT, o Apóstolo Pedro seguiu a prática do AT quando usou uma maldição para negar que conhecia Jesus ([Marcos 14.71](#)). Certos homens que desejavam matar o apóstolo Paulo provaram sua sinceridade por meio de tal maldição solene ([Atos 23.12,14,21](#)). Amaldiçoar Deus era punível com a morte ([Levíticos 24.10-16](#); cf. [Êxodo 22.28](#); [Isaías 8.21-22](#)).

Maldições na história bíblica incluem a maldição de Deus sobre a serpente, Adão e Eva ([Gênesis 3.14-19](#)); sobre Caim ([4.11-12](#)); sobre aqueles que poderiam amaldiçoar o patriarca Abraão e seus descendentes ([12.3](#)); e sobre aqueles que colocam sua confiança na força humana em vez de no Senhor ([Jeremias 17.5](#)). Quando o povo de Israel passou por Moabe a caminho da Terra Prometida, o rei de Moabe, Balaque, contratou Balaão para amaldiçoar os israelitas; ele e Balaão aprenderam, no entanto, que não podiam amaldiçoar aqueles a quem Deus havia abençoado ([Números 22-24](#)). Josué amaldiçoou qualquer um que tentasse reconstruir Jericó ([Josué 6.26](#); cumprido em [1 Reis 16.34](#)). O rei Saul fez uma maldição que quase custou a vida de seu filho Jônatas ([1 Samuel 14.24,43-45](#)). Muitas outras maldições são mencionadas no AT (veja, por exemplo, [Gênesis 9.25](#); [49.5-7](#); [Josué 9.22-23](#); [Juízes 9.7-21,57](#); [2 Samuel 16.5-13](#); [1 Reis 21.17-24](#); [2 Reis 2.24](#); [Malaquias 2.2](#); [4.6](#)). A declaração de “ais” também é a linguagem de maldição ([Isaías 5.8-23](#); cf. [Mateus 23.13-33](#), onde “ai” e “desgraça” podem ser usados

como sinônimos e podem ser tanto uma exclamação de tristeza quanto de desgraça e calamidade iminente).

O [Salmo 109](#) contém uma longa imprecação contra os inimigos do salmista, evidentemente porque eles haviam falado algumas palavras contra ele falsamente (veja também [Salmos 58.6-11](#); [69.19-28](#); [143.12](#)). O profeta Jeremias não hesitava em clamar a Deus para punir seus atormentadores ([Jeremias 11.20](#); [12.3](#); [15.15](#); [17.18](#); [18.21-22](#); [20.11-12](#)) ou pedir a Deus que não os perdoasse ([18.23](#)). Tais imprecações contra os inimigos são difíceis para os cristãos de hoje entenderem, pois contrastam fortemente com os mandamentos do NT de “abençoar aqueles que vos amaldiçoam” ([Lucas 6.28](#); cf. [Romanos 12.14](#)). A injunção de Jesus para “amar os vossos inimigos” ([Mateus 5.44](#)) pode ter a intenção de apontar além das maldições praticadas no AT para uma compreensão mais plena do mandamento de Deus de amar o próximo como a si mesmo.

Maldições da aliança

A proteção de um contrato ou tratado invocando uma maldição sobre o violador era comum nos tempos do AT. Às vezes, uma aliança era selada cortando um animal e fazendo com que os indivíduos que faziam o pacto passassem entre as partes cortadas; o animal morto simbolizava a maldição que recairia sobre o violador. Deus concordou em se submeter a tal maldição sobre si mesmo se quebrasse a aliança que fez com o patriarca Abraão ([Gênesis 15.7-21](#)). Mais tarde, Deus acusou os líderes e o povo de Israel de quebrarem sua aliança com ele e os advertiu sobre as consequências a seguir ([Jeremias 34.18-19](#)). Uma parte essencial da aliança que Deus fez com Israel no Monte Sinai foi a promessa de bênçãos por manter a aliança e maldições por quebrá-la ([Deuteronômio 11.26-28](#); [27.15-26](#); [28.15-68](#); [30.19](#); cf. [Levíticos 26.3-39](#)). Israel sofreu essas maldições na época dos profetas Jeremias e Ezequiel; os quebradores da aliança, incluindo o rei, foram ameaçados com uma maldição ([Jeremias 11.3](#); [Ezequiel 17.11-21](#)).

A proibição sobre “coisas consagradas”

Um tipo especial de maldição era o banimento ou anátema. Estritamente falando, era um voto para dedicar pessoas, animais ou objetos sob tal maldição a Deus. Em alguns casos, os sacerdotes podiam usar objetos que tinham caído sob o banimento ([Números 18.14](#); [Ezequiel 44.29](#)), mas

essa provisão não se aplicava a seres vivos. Todas as pessoas ou animais sob o banimento eram sacrificados ou destruídos ([Levíticos 27.28-29](#)). O banimento era comumente usado nas guerras de Israel contra seus vizinhos pagãos. Às vezes, tudo era declarado anátema ([Josué 6.17-19](#)), mas normalmente apenas pessoas e imagens pagãs eram destruídas ([Deuteronômio 2.34; 3.6; 7.2,25-26](#) — nem mesmo o ouro derretido das imagens devia ser mantido). Violar o banimento preservando qualquer parte das coisas amaldiçoadas era colocar-se sob o banimento. Porque Acã não respeitou o banimento colocado sobre Jericó, os termos daquela maldição vieram sobre todo Israel até que Acã confessou e foi executado ([Josué 7](#)).

Após o exílio, os judeus não praticaram o anátema (ou banimento) matando pessoas; pessoas que violavam uma maldição eram excomungadas e expulsas da congregação de Israel ([Esdras 10.8](#)). Isso significava que a pessoa não fazia mais parte do povo de Deus e era considerada "morta".

Maldições nos tempos do Novo Testamento

As sinagogas judaicas praticavam a excomunhão, ou anátema, no período do NT ([Lucas 6.22; João 9.22; 12.42; 16.2](#)). Mais tarde, os cristãos excomungavam pessoas declarando-as fora da comunidade redimida ([Mateus 18.17](#)) ou "entregues a Satanás" ([1 Coríntios 5.5; 1 Timóteo 1.20](#)). Ambas as práticas derivavam da proibição do AT. Ao contrário dessa maldição, no entanto, a excomunhão poderia ser removida assim que a pessoa se arrependesse.

Como o anátema marcava uma pessoa como "rejeitada" ou "amaldiçoada por Deus", Saulo de Tarso, antes de sua conversão, tentou compelir os cristãos a renunciar a Cristo chamando-o de amaldiçoado (cf. [Atos 26.11](#)). Mais tarde, como apóstolo, Paulo (Saulo) advertiu que ninguém falando pelo Espírito de Deus poderia chamar Jesus de amaldiçoado ([1 Coríntios 12.3](#)). Paulo pronunciou anátema (destinado ao julgamento e perdição) sobre qualquer um que pregassem outro evangelho além daquele que ele e os outros apóstolos pregavam ([Gálatas 1.8-9](#)). Paulo disse que desejava poder ser amaldiçoado, separado da salvação e do povo de Deus, se isso pudesse levar à salvação de seus compatriotas israelitas ([Romanos 9.3](#)). Seu desejo refletia o amor de Cristo, que aceitou a "maldição da lei" sobre si mesmo ao submeter-se ao sofrimento e à morte na cruz para redimir os seres humanos dessa maldição ([Gálatas](#)

[3.8-14](#); cf. [Deuteronômio 21.22-23](#)). O NT promete que chegará um tempo em que "não haverá... nada que esteja debaixo da maldição de Deus" ([Apocalipse 22.3](#)).

Veja também Guerra, Santa.

Malha, Cota de

Armadura corporal composta por pequenas placas de metal entrelaçadas, costuradas em uma jaqueta de couro. Veja Armaduras e armas.

Mali

10. Filho de Merari e neto de Levi ([Êx 6.19; Nm 3.20; 1Cr 6.19,29; 23.21; 24.26-28; Ed 8.18](#)). O fundador da família dos maalitas ([Nm 3.33; 26.58](#)). Os maalitas, junto com as outras famílias de Merari, foram escolhidos para carregar as armações do tabernáculo e as colunas do átrio ([Nm 4.29-33](#)).
11. Filho de Musi e sobrinho do número 1 acima ([1Cr 6.47; 23.23; 24.30](#)).

Malita

Qualquer descendente de Mali, um filho de Merari da tribo de Levi ([Nm 3.33; 26.58](#)).

Veja Mali #1.

Malom

Filho de Elimaleque e Noemi, e irmão de Quiliom. Enquanto estava com sua família em Moabe, casou-se com Rute, a moabita. Ele morreu em Moabe, no entanto, Rute mais tarde casou-se com Boaz ([Rt 1.2.5; 4.9-10](#)).

Malquias

1. Descendente de Gérson, nomeado por Davi, junto com o restante de sua família, para servir como músico do templo ([1Cr 6.40](#)).

2. Sacerdote que serviu no tempo de Davi ([1Cr 9.12](#)). Seus descendentes estavam entre aqueles que retornaram a Jerusalém com Zorobabel ([Ne 11.12](#)).
3. Sacerdote no reinado de Davi ([1Cr 24.9](#)); talvez o mesmo que o número 2 acima.
4. O filho de Parós, que atendeu à exortação de Esdras para se divorciar de sua esposa pagã após o exílio ([Ed 10.25](#)).
5. O filho de Harim, que atendeu à exortação de Esdras para se divorciar de sua esposa pagã após o exílio ([Ed 10.31](#)). Ele reparou parte do muro de Jerusalém sob Neemias ([Ne 3.11](#)).
7. Filho de Recabe e governante de Bete-Haquerém. Sob a direção de Neemias, ele reparou o Portão do Lixo do muro de Jerusalém ([Ne 3.14](#)).
8. Ourives que trabalhou sob a direção de Neemias para ajudar a reparar o muro de Jerusalém ([Ne 3.31](#)).
9. Um que estava à esquerda de Esdras durante a leitura pública da lei ([Ne 8.4](#)).
10. Sacerdote que assinou a aliança de fidelidade a Deus com Esdras, Neemias e outros após o exílio ([Ne 10.3](#)).
11. Participante na dedicação do muro reconstruído de Jerusalém ([Ne 12.42](#)).
12. Príncipe real que possuía uma cisterna na qual o profeta Jeremias foi aprisionado ([Jr 38.6](#)). Pasur, filho de Malquias ([21.1](#); [38.1](#)), foi um dos que, após ouvir as duras profecias de Jeremias, apelou ao rei Zedequias para que Jeremias fosse condenado à morte. Os príncipes tentaram fazer isso jogando-o na cisterna de Malquias.

Malquiel, malquielita

Filho de Berias, neto de Aser ([Gn 46.17](#); [1Cr 7.31](#)), e fundador da família Malquielita ([Nm 26.45](#)).

Malquirão

O filho de Joaquim, e é um descendente de Davi ([1Cr 3.18](#)).

Malquisua

Malquisua foi o terceiro filho do Rei Saul ([1Sm 14.49](#); [1Cr 8.33](#); [9.39](#)). Ele foi morto pelos filisteus na batalha de Gilboa ([1Sm 31.2](#); [1Cr 10.2](#)).

Malta

Ilha no Mar Mediterrâneo, ao sul da Sicília. O nome Malta ocorre apenas uma vez na Bíblia ([At 28.1](#)), em conexão com o naufrágio que ocorreu na viagem de Paulo a Roma ([25.11-12](#)). Esta viagem foi realizada durante o inverno, a estação em que as tempestades são mais prováveis no Mediterrâneo. O navio prosseguiu cautelosamente, pois ventos contrários estavam soprando ([27.4](#)). Com dificuldade, eles chegaram ao porto de Bons Portos em Creta (vv. [7-8](#)). Apesar de um aviso de Paulo, a decisão foi tomada para tentar alcançar o porto cretense de Fênix, que era mais adequado para passar o inverno (vv. [9-12](#)).

Apanhado por uma tempestade severa e levado desamparadamente pelo vento por 14 dias, o navio finalmente se aproximou da terra durante a noite. Pela manhã, o navio tentou chegar à praia, mas encalhou e foi despedaçado pelas ondas. Todos conseguiram chegar à costa em segurança. Enquanto colocava lenha no fogo, Paulo foi mordido por uma víbora. Os nativos da ilha supuseram que ele era um criminoso cuja vida estava sendo tirada pela mordida de uma cobra. Quando ele não caiu morto, eles mudaram radicalmente sua opinião sobre ele e o consideraram um deus ([At 28.6](#)).

A ilha de Malta está a cerca de 96 quilômetros da Sicília e possui uma área de 246 quilômetros quadrados. A Baía de São Paulo é o local tradicional do naufrágio mencionado nos Atos. A ilha é essencialmente agrícola, mas a produção é limitada devido ao solo calcário fino. A prática de terraços é utilizada para maximizar o uso do solo. A ilha não possui rios e depende da chuva e de nascentes para obter água. O clima é geralmente ameno, mas no verão a ilha está sujeita ao siroco quente e carregado de poeira dos desertos da Líbia.

Mamona

Uma grande planta nativa da África tropical e da Ásia, a mamona (*Ricinus communis*) é cultivada tanto por sua aparência quanto pelo óleo extraído

de suas sementes. A aboboreira (ARC) mencionada em [Jônatas 4.6–7](#) provavelmente era esta planta.

A mamona é um arbusto de caule macio que cresce de 0,9 a 3,7 metros. Possui folhas muito grandes que se assemelham a uma mão humana aberta. A planta pode ser encontrada crescendo em locais abandonados, especialmente perto de água. As pessoas cultivam a planta de óleo de rícino tanto no Líbano quanto em Israel e nas áreas circundantes. Em climas quentes, pode crescer tão alto quanto uma árvore e oferece boa sombra devido às suas muitas folhas grandes, semelhantes a guarda-chuvas. Nos países da Ásia, é conhecida pela rapidez com que cresce.

O óleo extraído das sementes de mamona era usado pelo povo judeu em cerimônias religiosas. A tradição rabínica o aprovou como um dos cinco tipos de óleo permitidos para esse uso. É importante notar que, embora o óleo seja útil, as sementes em si são venenosas se ingeridas.

Mamre (Lugar)

Importante bosque de carvalhos perto do qual Abraão viveu, nomeado por um amorreu que o ajudou a derrotar Quedorlaomer e resgatar Ló ([Gn 14.13–24](#)). Abraão ergueu um altar sob o carvalho de Manre ([13.18](#)). Abraão estava sentado junto à árvore sagrada quando recebeu três hóspedes misteriosos (capítulo [18](#)). Manre é também um possível local para a cena das cerimônias do pacto abraâmico (cap. [15](#)). Isaque e Jacó também viveram lá ([35.27](#)).

Maná

O maná era o alimento especial que Deus providenciou para os israelitas durante sua jornada no deserto. Ele apareceu pela primeira vez como flocos finos, semelhantes à geada no chão, ao redor do acampamento israelita ([Êx 16.14–15](#)). Outras partes da Bíblia descrevem o maná como semelhante a sementes de coentro e bdélio, ou resina ([Nm 11.7](#)). Seu sabor era comparado ao mel ou óleo fresco ([Êx 16.31](#); [Nm 11.8](#)). Essas diferentes descrições de sabor e aparência podem ser todas verdadeiras, já que as pessoas experimentam sabor e cor de maneiras diferentes. A palavra "maná" vem da palavra hebraica "man," que significa "o quê?" Quando os israelitas viram o

maná pela primeira vez, perguntaram: "O que é isso?" ([Êx 16.15](#)).

Alguns pesquisadores tentaram associar o maná a substâncias naturais encontradas por viajantes modernos no Sinai e na Arábia. Por exemplo, no início do verão na região (junho-julho), a árvore de tamargueira nessas áreas produz um líquido doce devido a pequenos insetos. Esse líquido cai no chão e forma pequenos grãos que desaparecem quando esquenta. Outra sugestão é que o maná poderia ter sido um líquen comestível (um organismo semelhante a uma planta) que as pessoas no sudoeste da Ásia usam em vez de grãos durante períodos de fome. No entanto, a aparição regular, o tempo e a grande quantidade de maná não podem ser explicados por causas naturais. Foi milagroso.

Deus deu instruções especiais sobre o maná. Os israelitas foram instruídos a recolher apenas o suficiente para um dia de cada vez. Qualquer maná extra que eles coletassem estragaria ([Êx 16.20](#)). A única exceção era o dia do sábado, quando podiam coletar o suficiente para dois dias. Deus parou de fornecer maná depois que Israel entrou em Canaã ([Is 5.12](#)). Quando os israelitas reclamaram e queriam comida além do maná, Deus os puniu enviando codornizes em excesso ([Nm 11.4–6, 18–20](#)).

Em partes poéticas da Bíblia, o maná foi chamado de "o pão do céu" ([Salmo 78.24](#); compare [105.40](#)). Também foi chamado de "o pão dos anjos" ([78.25](#)). Jesus mais tarde referiu-se a si mesmo como o verdadeiro maná. Ele é o pão do céu que dá vida eterna àqueles que o recebem (compare [Jo 6.25–59](#)).

Veja também Peregrinações no deserto.

Manaate (Pessoa)

Um dos cinco filhos de Sobal ([Gn 36.23](#); [1Cr 1.40](#)).

Manaém

Um dos profetas e mestres na igreja em Antioquia ([At 13.1](#)). A Bíblia o identifica como um companheiro próximo de Herodes, o tetrarca. (Um tetrarca era um governante que administrava uma das quatro partes de uma região.) O nome Manaém é uma forma grega do nome hebraico Menaém.

Manassés (Pessoa)

- 12.** O primogênito de José e sua esposa egípcia, Asenate ([Gn 41.50-51](#)). Manassés e seu irmão Efraim visitaram seu avô Jacó enquanto ele estava morrendo. Jacó disse que Manassés e Efraim deveriam ser considerados como seus próprios filhos, não filhos de José ([Gn 48.5-6](#)). Ele afirmou que os descendentes do primogênito Manassés não seriam tão grandes quanto os descendentes de Efraim ([Gn 48.13-20](#)). Isso explica por que Efraim e Manassés são listados como duas das 12 tribos de Israel e não José, pelo menos na maioria dos casos (veja [Ap 7.6](#)). Manassés também fundou a família manassita ([Dt 4.43](#); [2Rs 10.33](#)).

Veja também Manassés, Tribo de.

- 13.** A tradução da KJV para Moisés em [Jz 18.30](#). Em hebraico, os dois nomes diferem por apenas uma letra. Um escriba antigo provavelmente ficou ofendido que este versículo conectava o neto de Moisés com a idolatria, então ele mudou o nome para Manassés para preservar a reputação de Moisés.

Veja Moisés.

- 14.** O décimo terceiro rei de Judá, que reinou de 697 a 642 a.C., é um ancestral de Jesus ([Mt 1.10](#)). Ele é conhecido por seu longo e perverso reinado, descrito em [2Rs 21.1-26](#) e [2 Cr 33.1-20](#). Seu pai foi o piedoso rei Ezequias, e sua mãe foi Hefziba ([2Rs 21.1](#)).

Aos 12 anos, ele se tornou co-governante com seu pai. Em 686 a.C., seu pai morreu e ele se tornou o único rei com apenas 23 anos. Seu reinado de 55 anos ([2Rs 21.1](#)) é datado desde o início de seu tempo governando com seu pai, então ele governou 11 anos como co-governante e 44 anos como único rei — mais tempo do que qualquer outro rei em Judá ou em Israel. Infelizmente, ele foi o rei mais perverso de Judá. Ele até cometeu uma série de assassinatos para se manter no poder ([2Rs 21.16](#);

[24.4](#)). Seus pecados estão listados em [2Rs 21.2-9](#) e incluem:

- Reconstrução dos locais elevados para adoração pagã;
- Incentivo da adoração de Baal, do sol, da lua e das estrelas;
- Queima de seu filho como sacrifício infantil ([2Rs 21.6](#); compare [23.10](#); [Jeremias 7.31](#));

[2Cr 33.11-16](#) indica que quando ele foi levado como prisioneiro de guerra para Babilônia, ele se arrependeu genuinamente lá, e Deus o fez rei novamente. Ele então tentou acabar com as práticas não-judaicas anteriores e restaurar a adoração adequada a Deus somente. Embora essa história não seja mencionada em 2 Reis, não há razão para duvidar de sua veracidade. Registros assírios mencionam Manassés duas vezes, observando que ele forneceu fielmente homens para transportar madeira do Líbano para Nínive para o rei assírio Esar-Hadom. Os registros também dizem que Manassés pagou tributo ao Rei Assurbanípal após os assírios realizarem uma campanha militar no Egito em 667 a.C. Embora o cativeiro e a libertação semelhantes do Faraó Neco sejam registrados, o cativeiro e a libertação de Manassés não são mencionados nesses registros.

Quando Manassés morreu em 642 a.C., aos 67 anos, ele foi enterrado em seu próprio jardim ([2Rs 21.18](#)), em vez de nos locais de sepultamento real com reis altamente respeitados como Joiada e Ezequias ([2Cr 24.16](#); [32.33](#)). O filho de Manassés, Amom, retornou às práticas perversas de seu pai, mas governou por apenas dois anos, de 642 a 640 a.C., antes de ser assassinado. Foi o neto piedoso de Manassés, Josias, que reinou de 640 a 609 a.C., que levou o povo de volta à verdadeira adoração de Yahweh ([2Rs 23.4-14](#)). No entanto, mesmo as reformas de Josias não puderam impedir o julgamento que havia sido predito por causa dos pecados de Manassés ([2Rs 23.26-27](#)).

Veja também Oração de Manassés.

- 15.** O filho de Paate-Moabe, que obedeceu à ordem de Esdras para se divorciar de sua esposa não judia após o exílio na Babilônia ([Ed 10.30](#)).

16. O filho de Hasum, que obedeceu à ordem de Esdras para se divorciar de sua esposa não judia após o exílio na Babilônia ([Ed 10.33](#)).

Manassés, Tribo de

Geograficamente, é a maior das 12 tribos de Israel e única a possuir dois territórios, com uma meia-tribo em cada. Isoladas uma da outra pelo vale do rio Jordão, elas se desenvolveram separadamente. A meia-tribo a oeste do Jordão era mais importante, tanto nos tempos do AT quanto do NT, pois era a principal tribo do reino do norte de Israel (931–722 a.C.) e uma das principais origens ancestrais dos samaritanos.

História antiga

Suas origens

Suas famílias traçaram suas origens até o filho mais velho de José, Manassés, ao filho de Manassés, Maquir, ou ao neto Gileade, ou a descendentes posteriores como Zelofeade e Jair. Uma harmonia justa pode ser construída a partir dos dados genealógicos bíblicos em [Gn 48.5–6](#); [Nm 26.28–34](#); [Is 17.1–3](#); [1Cr 2.21–23](#); e [7.14–19](#), um texto corrompido por vários erros de copistas. A menção de Asriel em [1Cr 7.14](#) parece ser um erro de copista; caso contrário, os relatos são passíveis de reconciliação, mesmo que cada lista preserve dados diferentes e nenhuma seja completa em si mesma.

Seu tamanho

Um ano após o êxodo, Manassés tinha o menor exército, de acordo com o primeiro censo de Moisés ([Nm 1.34–35](#)). Na véspera da conquista de Canaã, após vagar 38 anos no deserto do Sinai e conquistar a Transjordânia, tinha a sexta maior força de combate, de acordo com um segundo censo ([Nm 26.28–34](#)) — 52.700 homens.

Seus primeiros assentamentos

Os soldados da meia-tribo oriental de Manassés estabeleceram suas famílias em Gileade, que capturaram sob a liderança de Moisés do rei amorita Ogue ([Nm 21.32–35](#); [32.39–42](#); [Dt 3.1–15](#)). Depois, sob Josué, eles atravessaram o Jordão para ajudar as outras tribos a conquistar Canaã ([Nm 32.1–32](#); [Is 1.12–18](#)). Subsequentemente, a meia-

tribo ocidental recebeu sua porção e começou a se estabelecer na região montanhosa central ([Js 16.1–9](#); cap. [17](#)). Após as tribos restantes receberem suas partes de terra, o exército da meia-tribo oriental voltou para casa ([22.1–9](#)). A caminho de suas famílias em Gileade, eles ajudaram a construir um altar junto ao rio Jordão. Este ato foi destinado a preservar a unidade nacional, mas quase iniciou uma guerra civil (vv. [10–34](#)).

A meia-tribo do leste

Seu território

Moisés destinou à meia-tribo oriental quase 7.770 quilômetros quadrados de território em três regiões geográficas (norte de Gileade, Basã e Monte Hermom), mas conseguiu controlar apenas cerca de 2.072 quilômetros quadrados — a metade de Gileade ao norte do Rio Jaboque (e ao sul do Rio Yarmuk) — apesar das conquistas iniciais bem-sucedidas ([Nm 32.39–42](#); [Dt 3.12–15](#); [Js 13.8–13](#)) e da expansão gradual para o norte muito mais tarde ([1Cr 5.23](#)).

O território ocupado era principalmente um planalto elevado com um centro montanhoso. Era bem irrigado pelas chuvas no inverno e por um forte orvalho no verão. Oliveiras, videiras e trigo prosperavam, e cabras e ovelhas podiam encontrar pastagem adequada nas encostas orientais, que gradualmente se fundiam no deserto a leste.

Pessoas e locais

Cidadãos proeminentes da meia-tribo oriental incluíam os "juízes" Jair e Jefté ([Jz 10.3–5](#); [11.6–12](#)) e o benfeitor de Davi, Barzilai ([2Sm 19.31–39](#)). As principais cidades eram Jabes-Gileade e Ramote-Gileade, uma cidade de refúgio e uma cidade levítica, respectivamente (originalmente em Gade — [Js 20.8](#); [21.38](#)).

O território oriental era geralmente chamado simplesmente de "a meia-tribo de Manassés", até que Davi (c. 1000–961 a.C.) o transformou em um distrito administrativo ([1Cr 27.21](#)). Salomão (970–930 a.C.) dividiu e incorporou-o em dois novos distritos ([1Rs 4.13–14](#)). Sob Jeroboão I (930–909 a.C.), juntou-se, em igualdade de condições, com outras oito tribos e com a meia-tribo ocidental, para formar uma confederação de dez tribos — o reino do norte de Israel — em 930 a.C. Síria e Assíria mantiveram temporariamente o leste de Manassés, nos séculos 9 e 8 a.C. (cf. [2Rs 10.32–33](#); [13.7](#) com [14.25](#); e [2Rs 15.29](#) com [2Cr 34.6–7](#)). O rei Tiglate-Pileser III (745–727 a.C.) da Assíria invadiu

a área, conquistou-a, deportou seu povo e espalhou-os por todo o seu império ([1Cr 5.26](#); cf. [2Rs 15.29](#)) cerca de dez anos antes do restante do reino do norte cair nas mãos dos assírios em 722 a.C. A maioria dos manassitas ocidentais que ficaram para trás casaram-se com estrangeiros, começaram a adorar deuses pagãos e tornaram-se ancestrais dos samaritanos ([2Rs 17.24-41](#)). Subsequentemente, a região ficou conhecida como Gileade. Nos tempos do NT, a região estava parcialmente na Decápolis e parcialmente em Perea.

Manassita

Descendente de Manassés, primogênito de José ([Dt 4.43](#); [2Rs 10.33](#)).

Veja Manassés (Pessoa) #1; Manassés, Tribo de.

Mandamentos, Os dez

Lista de ordens dadas por Deus a Moisés. Os Dez Mandamentos são mencionados duas vezes no AT; primeiro no livro de Éxodo ([20.2-17](#)), em uma passagem que descreve o presente de Deus dos mandamentos a Israel, e segundo em Deuteronômio ([5.6-21](#)), no contexto de uma cerimônia de renovação da aliança. Moisés lembra seu povo da essência e significado dos mandamentos, enquanto eles renovam sua lealdade à aliança com Deus. Na língua original, os mandamentos são chamados de “Dez Palavras” (de onde vem o nome Decálogo). De acordo com o texto bíblico, eles são “palavras” ou leis, faladas por Deus, não o resultado de um processo legislativo humano. Diz-se que os mandamentos foram escritos em duas tábua. Isso não significa que cinco mandamentos foram escritos em cada tábua; ao contrário, todos os dez foram escritos em cada tábua, a primeira tábua pertencendo a Deus, o legislador, e a segunda tábua pertencendo a Israel, o destinatário. Os mandamentos dizem respeito a duas áreas básicas da vida humana: os primeiros cinco concernem às relações com Deus, e os últimos cinco, às relações entre seres humanos. Os mandamentos foram dados primeiro a Israel na formação da aliança no Monte Sinai, logo após o Êxodo do Egito. Embora a data da aliança do Sinai não possa ser fixada com certeza, provavelmente foi por volta de 1290 a.C.. Para entender os

mandamentos, é necessário primeiro entender o contexto em que foram dados.

Resumo

- O contexto dos mandamentos
- O significado dos mandamentos
- O princípio dos mandamentos

O contexto dos mandamentos

Os mandamentos são inseparáveis da aliança. O estabelecimento de uma aliança entre Deus e Israel no Sinai formou um relacionamento especial. Deus assumiu certos compromissos com Israel e, em troca, impôs certas obrigações a Israel. Embora as obrigações de Israel sejam detalhadas em um conjunto de leis precisas, elas são expressas de forma mais precisa e sucinta nos Dez Mandamentos. Os mandamentos estabelecem os princípios mais fundamentais de toda a lei hebraica, e as leis detalhadas contidas no Pentateuco são, em sua maioria, aplicações desses princípios a situações específicas. Assim, o papel dos Dez Mandamentos no antigo Israel era orientar um relacionamento. Eles não deveriam ser obedecidos apenas por obediência, como se a obediência acumulasse algum tipo de crédito. Em vez disso, deveriam ser seguidos para descobrir a plenitude e a riqueza da vida em um relacionamento com Deus.

Os mandamentos na antiga Israel não eram um código ético ou uma compilação de conselhos sobre os fundamentos da moralidade. A aliança era entre Deus e uma nação; os mandamentos eram direcionados para a vida dessa nação e seus cidadãos. Consequentemente, o papel inicial dos mandamentos era semelhante ao da lei criminal em um estado moderno. Israel era uma teocracia, um estado cujo rei era Deus ([Dt 33.5](#)). Os mandamentos forneciam orientação aos cidadãos desse estado. Além disso, quebrar um mandamento era cometer um crime contra o estado e o governante desse estado, Deus. Assim, as penalidades eram severas, pois a quebra dos mandamentos ameaçava a relação da aliança e a existência contínua do estado. Este contexto estatal é importante para entender os mandamentos em sua forma inicial.

O significado dos mandamentos

Os mandamentos começam com um prefácio ([Ex 20.2](#); [Dt 5.6](#)) que identifica o legislador, Deus, que deu os mandamentos a um povo com quem ele já

tinha um relacionamento. O legislador é o Deus do êxodo, que redimiu seu povo da escravidão e lhes concedeu liberdade. O prefácio é vital, pois indica que o presente da lei de Deus foi precedido por um ato de amor e graça. Os mandamentos foram dados a um povo que já havia sido redimido; eles não foram dados para alcançar a redenção. Existem algumas variações na maneira de numerar os mandamentos. De acordo com alguns sistemas, o prefácio é identificado com os primeiros mandamentos. Parece preferível, no entanto, entender as palavras iniciais como um prefácio para todos os dez mandamentos. Nas notas sobre os Dez Mandamentos que se seguem, há primeiro uma explicação do significado original, depois alguma indicação do significado contemporâneo.

Primeiro mandamento: Proibição de adorar outros deuses além do Senhor ([Ex 20.3; Dt 5.7](#))

O primeiro mandamento está em forma negativa e proíbe expressamente os israelitas de se envolverem na adoração de divindades estrangeiras. A importância do mandamento reside na natureza da aliança. A essência da aliança era um relacionamento, e a essência do relacionamento, do ponto de vista bíblico, é a fidelidade. A fidelidade de Deus ao seu povo já havia sido demonstrada no êxodo, como indicado no prefácio dos mandamentos. Por sua vez, Deus exigia de seu povo, mais do que qualquer outra coisa, fidelidade em seu relacionamento com Ele. Assim, embora o mandamento seja declarado negativamente, está cheio de implicações positivas. E sua posição como o primeiro dos dez é significativa, pois este mandamento estabelece um princípio que é particularmente proeminente nos mandamentos sociais (do sexto ao décimo).

A importância contemporânea do mandamento está no contexto da fidelidade no relacionamento. No coração da vida humana, deve haver um relacionamento com Deus. Qualquer coisa na vida que perturbe esse relacionamento primário quebra o mandamento. "Deuses" estrangeiros são, portanto, pessoas ou até mesmo coisas que perturbam a primazia do relacionamento com Deus.

Segundo mandamento: Proibição de fazer imagens ([Ex 20.4-6; Dt 5.8-10](#))

O segundo mandamento proíbe os israelitas de fazerem imagens do Senhor. Criar uma imagem de Deus, na forma ou figura de qualquer coisa neste

mundo, é reduzir o Criador a algo inferior à sua criação e adorar o criado em vez do Criador. A tentação para Israel de adorar Deus na forma de uma imagem deve ter sido enorme, pois imagens e ídolos eram comuns em todas as religiões do antigo Oriente Próximo. Mas o Deus de Israel era um ser transcendente e infinito, e não podia ser reduzido às limitações de uma imagem ou forma dentro da criação. Qualquer redução de Deus seria um mal-entendido tão radical que o "deus" adorado não seria mais o Deus do universo.

No mundo moderno, a forma da tentação mudou. Poucos são tentados a pegar ferramentas elétricas e esculpir uma imagem de Deus em madeira. No entanto, o mandamento ainda é aplicável e o perigo contra o qual ele protege está sempre presente.

Terceiro mandamento: Proibição do uso indevido do nome de Deus ([Ex 20.7; Dt 5.11](#))

Há um entendimento popular de que o terceiro mandamento proíbe linguagem ofensiva ou blasfêmia; no entanto, ele está preocupado com o uso do nome de Deus. Deus concedeu a Israel um privilégio extraordinário ao revelar a eles seu nome pessoal. O nome, em hebraico, é representado por quatro letras, *YHWH*, que são frequentemente traduzidas nas Bíblias em inglês como Senhor, Yahweh ou Jeová. O conhecimento do nome divino era um privilégio, pois significava que Israel não adorava uma divindade anônima e distante, mas um ser com um nome pessoal. No entanto, o privilégio vinha acompanhado do perigo de que o conhecimento do nome pessoal de Deus pudesse ser abusado. Nas religiões do antigo Oriente Próximo, a magia era uma prática comum. A magia envolvia o uso do nome de um deus, acreditando-se que isso controlava o poder de um deus, em certos tipos de atividades projetadas para aproveitá-lo para propósitos humanos. Assim, o tipo de atividade proibida pelo terceiro mandamento é a magia, ou seja, tentar controlar o poder de Deus, através de seu nome, para um propósito pessoal e sem valor. Deus pode dar, mas não deve ser manipulado ou controlado.

Dentro do Cristianismo, o nome de Deus é igualmente importante. Através do nome de Deus, há acesso a Ele em oração. O abuso do privilégio da oração, envolvendo invocar o nome de Deus para algum propósito egoísta ou sem valor, ou jurar falsamente por Ele, é equivalente à magia do mundo antigo. Em ambos os casos, o nome de Deus é abusado e o terceiro mandamento é quebrado. Positivamente, o terceiro mandamento é um

lembrete do enorme privilégio de conhecer o nome de Deus, um privilégio que não deve ser tomado de ânimo leve ou abusado.

Quarto mandamento: Requisito para observar o sábado ([Êx 20.8-11](#); [Dt 5.12-15](#))

Este mandamento, mais uma vez, não tem paralelos nas religiões do antigo Oriente Próximo; além disso, é o primeiro dos mandamentos a ser expresso de forma positiva. Enquanto a maior parte da vida era caracterizada pelo trabalho, o sétimo dia deveria ser reservado. O trabalho deveria cessar e o dia deveria ser mantido santo. A santidade do dia está relacionada ao motivo de sua instituição. São dadas duas razões e, embora a princípio pareçam diferentes, há um tema comum que as liga. Na primeira versão do mandamento ([Êx 20.11](#)), o sábado é mantido em comemoração à Criação; Deus criou em seis dias e descansou no sétimo dia. Na segunda versão ([Dt 5.15](#)), o sábado é observado em comemoração ao Êxodo do Egito. O tema que liga as duas versões é a criação: Deus não apenas criou o mundo, mas também "criou" seu povo, Israel, ao redimi-los da escravidão egípcia. Assim, a cada sétimo dia ao longo do tempo, o povo hebreu deveria refletir sobre a Criação; ao fazer isso, eles estavam refletindo sobre o significado de sua existência.

Para a maior parte do Cristianismo, o conceito de "sábado" foi transferido do sétimo para o primeiro dia da semana, ou seja, domingo. Essa mudança está relacionada a uma alteração no pensamento cristão, identificada na ressurreição de Jesus Cristo em um domingo de manhã. A mudança é apropriada, pois os cristãos agora refletem a cada domingo, ou "sábado", sobre um terceiro ato de criação divina, a saber, a "nova criação" que é estabelecida na ressurreição de Jesus Cristo dos mortos.

Quinto mandamento: Obrigação de honrar os pais ([Êx 20.12](#); [Dt 5.16](#))

O quinto mandamento forma uma ponte entre os quatro primeiros, que se concentram principalmente em Deus, e os últimos cinco, que se concentram principalmente nas relações humanas. À primeira vista, parece tratar apenas das relações familiares: os filhos devem honrar seus pais. Embora o mandamento estabeleça um princípio de honra ou respeito nas relações familiares, provavelmente também está relacionado à responsabilidade dos pais de instruir seus filhos na fé da aliança ([Dt 6.7](#)), para que a religião pudesse

ser transmitida de uma geração para outra. No entanto, a instrução na fé exigia uma atitude de honra e respeito daqueles que estavam sendo instruídos. Assim, o quinto mandamento se preocupa não apenas com a harmonia familiar, mas também com a transmissão da fé em Deus ao longo das gerações subsequentes.

Com o quinto mandamento, há pouca necessidade de adaptar seu significado para a relevância contemporânea. Em um momento em que tanta educação é realizada além dos limites da unidade familiar, o mandamento serve como um lembrete solene, não apenas da necessidade de uma vida familiar harmoniosa, mas também das responsabilidades da educação religiosa que recaem tanto sobre os pais quanto sobre os filhos.

Sexto mandamento: Proibição de assassinato ([Êx 20.13](#); [Dt 5.17](#))

A formulação deste mandamento proíbe simplesmente "matar"; no entanto, o significado da palavra implica a proibição de assassinato. A palavra usada no mandamento não está relacionada principalmente ao ato de matar em guerra ou à pena capital, ambos tratados em outras partes da lei mosaica. A palavra poderia ser usada para designar tanto assassinato quanto homicídio culposo. Como o homicídio culposo envolve morte acidental, não pode ser sensatamente proibido; ele também é tratado em outra legislação ([Dt 19.1-13](#)). Assim, o sexto mandamento proíbe o assassinato, o ato de tirar a vida de outra pessoa por ganho pessoal e egoísta. Afirmado positivamente, o sexto mandamento preserva para cada membro da comunidade da aliança o direito de viver.

No mundo moderno, um estatuto semelhante que proíbe o assassinato existe em quase todos os códigos legais, tendo se tornado parte da lei estatal, além da lei puramente religiosa ou moral. Jesus, no entanto, destacou o significado mais profundo implícito no mandamento. Não é apenas o ato, mas também o sentimento subjacente ao ato que é maligno ([Mt 5.21-22](#)).

Sétimo mandamento: Proibição do adultério ([Êx 20.14](#); [Dt 5.18](#))

O ato de adultério é, fundamentalmente, um ato de infidelidade. Uma ou ambas as pessoas envolvidas em um ato adulterino estão sendo infiéis a outra pessoa ou pessoas. Dentre todos esses crimes, o pior é aquele que representa infidelidade. É por essa razão que o adultério está incluído nos Dez Mandamentos, enquanto outros pecados ou crimes

relacionados à sexualidade não estão. Assim, o sétimo mandamento é o paralelo social ao primeiro mandamento. Assim como o primeiro mandamento exige fidelidade absoluta no relacionamento com o único Deus, o sétimo exige uma relação semelhante de fidelidade dentro da aliança do casamento.

A relevância do mandamento é evidente, mas novamente Jesus aponta para as implicações do mandamento para a vida mental ([Mt 5.27-28](#)).

Oitavo mandamento: Proibição de roubo ([Ex 20.15](#); [Dt 5.19](#))

O oitavo mandamento estabelece um princípio dentro da comunidade da aliança em relação a posses e propriedade; uma pessoa tinha direito a certas coisas, que não poderiam ser violadas por um concidadão para sua vantagem pessoal. Embora o mandamento esteja preocupado com a propriedade, sua preocupação mais fundamental é a liberdade humana. A pior forma de roubo é o "roubo de homens" (algo equivalente ao sequestro moderno) — ou seja, levar uma pessoa (presumivelmente à força) e vendê-la como escrava. O crime e a lei relacionada são declarados mais completamente em [Deuteronômio 24.7](#). Assim, o mandamento não está apenas preocupado com a preservação da propriedade privada, mas está mais fundamentalmente preocupado com a preservação da liberdade humana, a liberdade de coisas como escravidão e exílio. Ele proíbe uma pessoa de manipular ou explorar a vida dos outros para ganho pessoal.

Assim como o sexto mandamento proíbe o assassinato, o oitavo proíbe o que pode ser chamado de "assassinato social", ou seja, o afastamento de um homem ou mulher de uma vida de liberdade dentro da comunidade do povo de Deus.

Nono mandamento: Proibição de falso testemunho ([Ex 20.16](#); [Dt 5.20](#))

O mandamento não é uma proibição geral contra mentiras. A formulação do mandamento original o situa firmemente no contexto do sistema legal de Israel. Ele proíbe o perjúrio, ou o fornecimento de falso testemunho nos procedimentos do tribunal de justiça. Assim, estabelece um princípio de veracidade e traz implicações em relação a declarações falsas em qualquer contexto. Em qualquer nação, os tribunais de justiça devem ser capazes de operar com base em informações verdadeiras. Se a lei não é baseada na verdade e na

retidão, os próprios fundamentos da vida e da liberdade são minados. Se o testemunho legal é verdadeiro, não pode haver erro judicial; se é falso, as liberdades humanas mais fundamentais são perdidas. Assim, o mandamento buscava preservar a integridade do sistema legal de Israel enquanto protegia contra invasões às liberdades pessoais.

O princípio é mantido na maioria dos sistemas legais modernos — por exemplo, ao prestar juramento antes de dar testemunho no tribunal. Mas, em última análise, o mandamento aponta para a importância essencial da veracidade em todas as relações interpessoais.

Décimo mandamento: Proibição de cobiçar ([Ex 20.17](#); [Dt 5.21](#))

O décimo mandamento é interessante em seu contexto inicial. Ele proíbe cobiçar, ou desejar, pessoas ou coisas pertencentes a um vizinho (ou seja, um companheiro israelita). Encontrar tal mandamento em um código de lei criminal é incomum. Os primeiros nove mandamentos proibiam atos, e um ato criminoso pode ser seguido por processo e procedimento legal se detectado. Mas o décimo mandamento, em contraste, proíbe *desejos* ou sentimentos de cobiça. Sob a lei humana, não é possível processar com base no desejo, já que a prova seria impossível. Embora o crime envolvido no décimo mandamento não pudesse ser processado dentro das limitações do sistema hebraico, ele era, no entanto, conhecido por Deus, o "Juiz Supremo". O gênio do mandamento reside em sua natureza terapêutica. Não é suficiente apenas lidar com o crime uma vez que ele tenha sido cometido; a lei deve também tentar atacar as raízes do crime.

A raiz de quase todo mal e crime reside no eu, nos desejos do indivíduo. Assim, desejos malignos são proibidos. Se os desejos cobiçosos forem gradualmente eliminados, os desejos naturais podem ser direcionados para Deus.

O princípio dos mandamentos

A importância de cada mandamento é entendida no princípio subjacente de todo o Decálogo. O princípio de tudo é o princípio do amor, o coração da religião de Israel. Deus amou Israel e os chamou com amor. Em troca, Ele impôs um mandamento sobre Israel que superava todos os outros: "Portanto, amem o Senhor, nosso Deus, com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças" ([Dt 6.5](#), NTLH). Esse é o mandamento central da religião de Israel. Como amar o Deus invisível e

intangível é parcialmente explicado no Decálogo. Para a pessoa que ama a Deus, os Dez Mandamentos fornecem orientação; eles indicam um modo de vida que, se seguido, reflete amor por Deus e leva a uma experiência mais profunda do amor de Deus. Portanto, os Dez Mandamentos continuam a ser uma parte central do Cristianismo. Jesus repetiu o mandamento de amar de [Deuteronômio 6.5](#) e chamou-o de "o maior mandamento e o mais importante" ([Mt 22.37-38](#)). Consequentemente, os Dez Mandamentos ainda servem como um guia para a comunidade cristã.

Veja também Direito civil e justiça; Lei, conceito bíblico.

Mandrágora

A mandrágora é uma planta que cresce em terras ao redor do Mar Mediterrâneo. Nos tempos antigos, acreditava-se que essa planta poderia aumentar o desejo sexual ([Gn 30](#)). Era conhecida por seu cheiro agradável ([Ct Sl 7.13](#)).

Veja Plantas.

Manjedoura

Um cocho é um recipiente onde a comida é colocada para os animais da fazenda.

Qual é o significado de "manjedoura" na Bíblia?

O termo grego para "manjedoura" aparece apenas quatro vezes no Novo Testamento. Três dessas ocorrências estão na história do nascimento de Jesus no Evangelho de Lucas e são traduzidas com a palavra em português "manjedoura" ([Lucas 2.7,12,16](#)). A quarta vez que a palavra aparece também é no Evangelho de Lucas ([13.15](#)). Neste versículo, algumas traduções da Bíblia usam a palavra "manjedoura" enquanto outras usam a palavra "estábulo".

No Antigo Testamento, várias palavras hebraicas são usadas para descrever lugares onde os animais comem e vivem. Encontramos palavras semelhantes em [Jó 39.9](#), [Provérbios 14.4](#) e [Isaías 1.3](#), onde são traduzidas como "manjedoura" ou "estábulo". Quando o Antigo Testamento foi traduzido para o grego (uma tradução chamada "Septuaginta"), essas palavras foram traduzidas usando a mesma palavra grega que significa

"manjedoura". Os tradutores gregos também usaram essa palavra para traduzir outros três termos hebraicos:

- "uma estrebaria (uma área fechada para animais) em [2 Crônicas 32.28](#)
- "forragem" ou "pastagem" (um lugar onde os animais comem) em [Jó 6.5](#)
- "currais" ou "aprisco" em [Habacuque 3.17](#)

Onde a manjedoura estava localizada?

Um estudo sobre os costumes modernos do Oriente Médio e a arqueologia bíblica identificou dois possíveis locais para o estábulo e a manjedoura:

17. Dentro da casa: Famílias pobres frequentemente tinham um cômodo para seus animais ao lado de seu espaço de convivência. Este cômodo para animais geralmente ficava alguns degraus abaixo de onde a família vivia. Nesse tipo de estábulo, o cocho era feito de pedra. Era ou:

- construída junto a uma das paredes de madeira, ou
- esculpido em pedra natural.

18. Em uma caverna: O estábulo também poderia ter sido em uma caverna. Essas cavernas eram ou:

- próximo à casa, ou
- no espaço de convivência da família.

Pesquisadores encontraram exemplos desses tipos de estábulos. Em uma cidade antiga chamada Megido, eles descobriram uma sala de estábulo anexada a uma casa. Em outra cidade antiga chamada Laquis, encontraram uma caverna sob um edifício que foi usada como estábulo por volta de 1200 a.C.

De acordo com a tradição, Jesus nasceu em uma caverna que era usada como estábulo. Hoje, há uma igreja chamada "Igreja da Natividade" construída sobre uma caverna em Belém, onde alguns acreditam que Jesus nasceu. No entanto, ao lermos o Evangelho de Lucas, a descrição também pode indicar que Jesus nasceu em um estábulo ao lado de

uma casa, como os que descrevemos anteriormente.

Veja Jesus Cristo, Vida e Ensinamentos de.

Manre (Pessoa)

Proprietário de uma parcela de terra chamada "a planície de Manre". Ele era um amorreu e é registrado como tendo dois irmãos: Aner e Escol ([Gn 14.13](#)). Eles se tornaram aliados de Abraão quando ele lutou para salvar seu sobrinho Ló.

Mansidão

No AT uma atitude de humildade ou se curvar ([2Sm 22.36](#), ARC; cf. [Sl 18.35](#), ARC). Suas formas adjetivas e adverbiais ("gentil", "gentilmente") podem significar cortês e desprestensioso ([Pv 15.4](#)), quieto e terno ([Dt 32.2](#); [Is 8.6](#)), ou inofensivo ([2Sm 18.5](#); [Jl 15.11](#)).

No NT, várias palavras são traduzidas como "gentileza", "gentil" ou "mansamente". Tons de significado incluem (1) brandura, mansidão, paciência ([Mt 11.29](#); [1Co 4.21](#); [2Co 10.1](#); [Gl 5.23](#); [1Tm 6.11](#); [1Pe 3.4,15](#)), ou um comportamento cortês e modesto ([2Tm 2.25](#)); (2) bondade expressa para com os outros ([1Tm 2.7](#); [2Tm 2.24](#)); e (3) apropriado, justo ou decente ([1Tm 3.3](#); [Tt 3.2](#); [1Pe 2.18](#)). Os líderes da igreja e outros crentes são instruídos a lidar gentilmente com aqueles que tropeçam ([Gl 6.1](#)), se opõem à fé ([2Tm 2.25](#)), ou são ignorantes e rebeldes ([Hb 5.2](#)).

Manuscritos de Nag Hammadi

Os Manuscritos de Nag Hammadi são um grupo de textos religiosos antigos descobertos no Egito. Esses textos incluem 52 documentos diferentes encadernados em 12 livros antigos. Eles contêm escritos cristãos e gnósticos primitivos, mostrando como algumas pessoas entendiam o cristianismo de maneira diferente nos tempos antigos.

Em 1947, pessoas descobriram uma importante coleção de textos religiosos antigos no Egito, perto de um lugar chamado Nag Hammadi. Eles encontraram 12 livros antigos que continham 52 documentos diferentes, embora 6 desses documentos fossem cópias de outros.

Alguém levou um desses livros do Egito sem permissão. O Instituto Jung em Zurique, Suíça, comprou este livro em 1952. (O Instituto Jung estuda psicologia, e o gnosticismo é importante para o estudo da psicologia da experiência religiosa). Mais tarde, após a publicação dos documentos, o Instituto devolveu o livro ao Egito.

Hoje, todos esses textos antigos estão guardados no Museu Copta no Cairo, Egito. Os estudiosos organizaram esses documentos em diferentes grupos com base no que ensinam.

Escritos gnósticos com influências cristãs

Vários textos gnósticos importantes mostram influências cristãs. Aqui estão alguns dos mais significativos:

19. O Evangelho de Tomé

- Esta é uma coleção de ensinamentos de Jesus.
- Alguns estudiosos acreditam que Mateus e Lucas podem ter utilizado esses ditos ao escreverem seus evangelhos.

20. O Evangelho da Verdade

- Alguns estudiosos acreditam que este texto foi escrito por Valentim.
- Valentim foi um professor cujas ideias foram rejeitadas como falsas pela igreja cristã primitiva.

21. O Evangelho de Filipe

- Este texto contém muitos ditados sobre cerimônias religiosas gnósticas.

22. O Apócrifo de João

- Este texto apresenta uma versão diferente da história do Jardim do Éden.
- Foi escrito por gnósticos sírios que tinham sua própria interpretação da Bíblia.

Outros textos que mostram uma clara influência cristã no gnosticismo incluem:

- O Tratado sobre a Ressurreição;
- Vários apocalipses de Pedro e Tiago;
- O Livro de Tomé, o Contestador;
- Melquisedeque.

Antigos escritos gnósticos

Alguns estudiosos questionaram se certas ideias gnósticas existiam antes do início do Cristianismo. No entanto, não há evidências suficientes para comprovar essa ideia.

Um texto que os estudiosos frequentemente discutem é *Eugnostos*. Algumas pessoas pensavam que este texto foi escrito antes do Cristianismo. No entanto, quando os estudiosos o analisaram cuidadosamente, descobriram que ele na verdade contém ideias de primeiros professores cristãos em Alexandria, Egito. Também inclui referências ao Novo Testamento.

Outro texto chamado A Paráfrase de Sem também é, às vezes, considerado pré-cristão. Este texto fala sobre batismo e menciona alguém chamado o Redentor. No entanto, essas ideias podem ter se originado de ensinamentos cristãos que foram modificados por escritores gnósticos. Isso poderia mostrar como grupos gnósticos e as primeiras igrejas cristãs, às vezes, discordavam sobre ensinamentos religiosos.

Outros textos que alguns estudiosos acreditam que podem ser deste período inicial incluem:

- O Apocalipse de Adão;
- Os Três Pilares de Sete;
- O Trovão.

Escritos cristãos não gnósticos

A coleção de Nag Hammadi também inclui alguns escritos cristãos primitivos que não são gnósticos. Esses textos ensinam ideias cristãs em vez de crenças gnósticas. Eles incluem:

- Os Atos de Pedro e os Doze (histórias sobre os seguidores de Jesus, Pedro e os outros apóstolos);
- As Sentenças de Sexto (uma coleção de ditados sábios sobre a vida cristã);
- Os Ensinos de Silvano (instruções sobre a fé e o comportamento cristão).

Outros textos de Nag Hammadi

Alguns textos na coleção de Nag Hammadi não são nem cristãos nem gnósticos. Esses escritos originaram-se de tradições religiosas do antigo Egito, e os escritores gnósticos os consideraram muito interessantes.

Entre eles estão textos chamados de "escritos herméticos". Esses escritos compartilham algumas ideias sobre Deus e o mundo que eram comuns no antigo Egito. Enquanto os textos gnósticos geralmente apresentam uma forte divisão entre o bem e o mal, esses textos egípcios tinham uma visão mais equilibrada.

Os estudiosos já conheciam esses tipos de escritos religiosos egípcios. Eles haviam encontrado outra coleção chamada *Corpus Hermeticum* (também conhecida como *Hermes Trismegisto*).

O primeiro documento desta coleção é chamado "Poimandres". Este texto é especialmente interessante para pessoas que estudam a Bíblia porque:

- Apresenta uma visão positiva da criação do mundo por Deus;
- Utiliza ideias importantes como 'luz' e 'vida' de maneiras semelhantes ao Evangelho de João.

Veja também Apócrifos.

Mão

A parte terminal do membro anterior que tem a capacidade de agarrar. "Mão" é usada centenas de vezes na Bíblia para descrever uma parte física do corpo de alguém. Também é usado com frequência em metáforas ou linguagem figurativa.

Figurativamente, a mão significava poder ([Dt 2.15](#); [Sl 31.5](#); [Mc 14.62](#)). De fato, em [Js 8.20](#) "mão para fugir" é traduzido como "poder para fugir" (veja [Sl](#)

[76.5](#)). Por outro lado, as mãos cansadas simbolizavam irresolução e fraqueza ([Is 35.3](#)). Apertar as mãos significava amizade ([2Rs 10.15](#)). Sentar alguém à direita denotava favor ([Sl 16.11; 77.10; 110.1](#)). As mãos limpas simbolizavam a inocência ([Sl 26.6](#)), enquanto apertar as mãos selava um acordo. ([Pv 6.1](#), NTLH). Levantar a mão simbolizava a violência ([1Rs 11.26](#), ARA). As mãos foram usadas em oração suplicativa ([Ex 17.11; Lv 9.22; Is 1.15; 1Tm 2.8](#)) e na tomada de votos ([Gn 14.22](#), NTLH; [24.2](#)).

Outros usos idiomáticos das mãos expressam colocar em risco a vida ([Jz 12.3](#)), alegria ([2Rs 11.12](#)), generosidade ([Dt 15.11](#)), tristeza ([2Sm 13.19](#)), humildade ([Pv 30.32](#)) e realizar um dever ([Lc 9.62](#)). O trabalho manual é uma expressão da dignidade e dever do homem ([Ef 4.28; 1Ts 4.11](#)), as marcas das quais Paulo não teve vergonha de exibir ([At 20.34; 1Co 4.12](#)). A lavagem das mãos era obrigatória para os sacerdotes antes do cumprimento de seu ofício ([Ex 30.19-21; 40.30-32](#)). Os escribas e fariseus aplicaram tão mal isso que Jesus ignorou a lavagem ceremonial das mãos ([Mt 15.1-20; Lc 11.38](#)). A lavagem das mãos de Pilatos ([Mt 27.24](#)) renunciou à responsabilidade por, ou professava inocência em relação a um erro que, no entanto, não poderia ser feito sem seu consentimento.

Quando Israel saiu do Egito “com uma mão alta” ([Ex 14.8](#), ARA), a referência é à mão ou ajuda do Senhor. A mão do Senhor representava o poder sem resistência de Deus ([Dt 2.15](#)), julgamento ([At 13.11; Hb 10.31](#)), inspiração divina ([Ez 8.1; 37.1](#)) e atendimento providencial ([Ed 7.6; Jo 10.28-29](#)).

A imposição das mãos tinha um significado profundo e ocorre frequentemente na Bíblia. Antes de fazer um sacrifício de sangue, a pessoa que fazia a oferta, e não o sacerdote, colocava as mãos sobre a vítima. O ato significava a transferência da culpa para, ou autoidentificação com, a vítima ([Lv 1.4](#)). Imposição de mãos significava nomeação para um ofício, como quando Moisés comissionou Josué ([Nm 27.12-23](#)), os apóstolos fizeram de sete discípulos seus associados ou vice-ministros no ministério ([At 6.5-6](#)), e Paulo e Barnabé foram nomeados missionários e representantes da igreja em Antioquia ([13.3](#)). Ao impor as mãos, uma pessoa era feita uma associada com o titular de um cargo e era admitida ao status desse cargo ([1Tm 4.14; 2Tm 1.6](#)). O ato era acompanhado por uma oração e era, em si, uma forma de oração. Como Agostinho observa: “O que é a imposição de mãos senão uma oração sobre alguém?”

A imposição das mãos acompanhou a cura no ministério do Senhor ([Mc 6.5; Lc 4.40; 13.11-13](#)) e dos discípulos ([Mc 16.18; At 9.12,17; 28.8](#)). Isso expressou a autoidentificação e simpatia do curador com e para o sofredor, bem como reforçou a fé do paciente e a saúde de Deus a ele em resposta à oração.

Veja também Mão Direita.

Mão direita

Na Bíblia, a expressão “mão direita” possui dois significados principais. Primeiro, refere-se ao lado direito do corpo de uma pessoa. Segundo, é frequentemente utilizada como um símbolo com significado especial.

A palavra “direito” na Bíblia muitas vezes significa “correto” ou “bom”. Quando algo é “direito”, significa que é justo e segue os caminhos de Deus ([Gn 18.25](#)). Em muitos lugares na Bíblia, a mão direita de Deus é usada como símbolo de seu poder. Por exemplo:

- Representa como Deus ajuda seu povo a vencer batalhas ([Sl 17.7,9,18.1](#))
- Mostra como Deus pune aqueles que fazem coisas más ([Hb 2.16](#))
- Mostra como Deus pune aqueles que fazem coisas más ([Sl 139.10](#)).

Embora os humanos não possam se salvar por seu próprio poder, Deus promete tornar as pessoas fortes quando decide ajudá-las ([Jó 40.14; Is 41.13](#)).

Estar à direita de Deus é estar em um lugar de grandes bênçãos ([Sl 16.11](#)). À direita de Deus, o Senhor Jesus Cristo agora reina em glória e intercede por aqueles que Ele redimiu ([Rm 8.34](#)).

Oferecer a mão direita de comunhão é estender aceitação e graça ([Gl 2.9](#)). Nos tempos bíblicos, as pessoas apertavam as mãos direitas para mostrar que estavam fazendo uma promessa ou acordo sério. Essa prática de usar a mão direita para fazer promessas também era comum nos tempos bíblicos e continua até hoje ([2Rs 10.15](#)).

A mão esquerda às vezes está ligada a bênçãos ([Pv 3.16](#)). No entanto, também pode estar associada a quando alguém trai a confiança ou faz algo errado ([Ec 10.2](#)).

Veja também Mão.

Mão ressequida

Veja Deformidade.

Maol

Pai de três homens sábios famosos (Hemã, Calcol e Darda) durante a era de Salomão (970–930 a.C.; [1Rs 4.31](#)).

Mãos, Lavagem de

Veja Mão.

Maquedá

Uma das cidades de Sefelá conquistadas durante a campanha sul liderada por Josué ([Js 10.10–29](#); [12.16](#)). Pertencia ao mesmo distrito que Laquis ([15.41](#)). Eusébio a localizou a oito milhas romanas a leste de Eletheurópolis (Beth-guvrin), o que levaria a Beit-Maqdum, uma ruína romano-bizantina ao lado da estrada romana de Eletheurópolis a Hebron. O local bíblico pode ter sido em Khirbet el-Qom, cerca de 0,8 quilômetro a sudoeste.

Maquelote

Um lugar onde os israelitas acamparam durante sua jornada do Egito para Canaã. Eles pararam aqui após deixar Harada e antes de ir para Taate ([Nm 33.25–26](#)).

Veja Peregrinações no deserto.

Maquero*

Castelo fortificado onde João Batista foi preso e, mais tarde, decapitado por ordem de Herodes Antípaso (de acordo com *Antiguidades* de Josefo, 18.5.2). O nome não aparece nas Escrituras canônicas nem nos Apócrifos, mas era uma das fortalezas mais fortes em toda a Palestina, tendo sido construída por Alexandre Janeu (a *Guerra* de Josefo, 7.6.1–4). Foi destruído por Gabínio nas guerras de Pompeu (*Guerra* 1.8.5), mas restaurado

e grandemente ampliado por Herodes, o Grande, que construiu um palácio magnífico dentro do recinto. Estava situado a leste do Mar Morto na extremidade sul de Pereia, em um penhasco com vista para o Mar Morto. É identificado com o moderno M'Khaur.

Mateus ([Mt 14.1–12](#)) e Marcos ([Mc 6.17–29](#)) relatam que Herodes, ao ouvir sobre a fama de Jesus, atribuiu seu poder de operar milagres a João Batista, a quem ele acreditava ter sido restaurado à vida. O confinamento de João Batista aparentemente não foi tão rigoroso a ponto de excluir a visita de amigos ([Mt 11.2–3](#); [Lc 7.18–20](#)). Foi deste castelo que a esposa árabe de Herodes, que havia sido repudiada por ele por causa de Herodias, fugiu para seu pai, Aretas, o rei da Arábia. Isso precipitou a guerra entre Herodes e Aretas (*Antiguidades* de Josefo 18.5.1) e resultou na derrota de Herodes.

Maqui

O pai de Geuel da tribo de Gade. Geuel foi um dos 12 espiões enviados para explorar a terra de Canaã ([Nm 13.15](#)).

Maquir

23. Um neto do patriarca José. Ele foi o primogênito de Manassés através de sua concubina arameia ([Gn 50.23](#); [1Cr 7.14](#)). Maquir foi o pai de Gileade e o fundador do clã maquirita ([Nm 26.29](#)). Seus descendentes derrotaram os amorreus que viviam na terra de Gileade, a leste do rio Jordão, durante o tempo de Moisés ([Nm 32.39](#)). Mais tarde, Josué lhes atribuiu esta terra junto com Basã como herança ([Dt 3.15](#); [Js 17.1–3](#)). Em *Juízes* 5.14, toda a tribo de Manassés é chamada por este nome.

24. Um filho de Amiel que morava em Lo-Debar. Lo-Debar era uma cidade a leste do rio Jordão. Maquir ofereceu abrigo para Mefibosete ([2Sm 9.4-5](#)). Mais tarde, Maquir, junto com Sobi e Barzilai, trouxe suprimentos para Davi e seu povo quando Davi estava fugindo de seu filho Absalão ([2Sm 17.27](#)).

Maquiritas

Qualquer descendente de Maquir. Ele era neto do patriarca José da tribo de Manassés ([Nm 26.29](#)).

Veja Maquir #1.

Mar

Um grande corpo de água salgada que cobre grande parte da terra.

Os mares são mencionados no início da Bíblia. Em [Gênesis 1.1-2](#), lemos que no início tudo era sem forma, vazio e sombrio, “e o Espírito de Deus estava se movendo sobre a face das águas”. Então Deus falou e do caos veio a ordem. Assim, a voz do Senhor é poderosa sobre todas as águas do caos. [O Salmo 29](#) celebra isso. Do relato da Criação em [Gênesis 1](#), duas coisas se destacam: (1) que o mar, como tudo na terra e no céu, foi criado por Deus; e (2) que pela palavra de Deus foi feita a divisão entre mar e terra. Esses dois fatos são amplificados na Bíblia de várias maneiras. [O Salmo 33.7](#) fala de como “Ele fez os oceanos, derramando-os em seus vastos reservatórios”. De forma eloquente, a ordenação de Deus dos limites do mar e da terra é expressa nas palavras do Senhor a Jó: “Quando o Mar jorrou do ventre da terra, quem foi que fechou os portões para segurá-lo? Fui eu que cobri o Mar com as nuvens e o envolvi com a escuridão. Marquei os seus limites e fechei com trancas as suas portas. E eu lhe disse: ‘Você chegará até este ponto e daqui não passará. As suas altas ondas pararão aqui.’” ([Jó 38.8-11](#)).

O controle de Deus sobre as águas do mar é descrito quando a Bíblia diz que Deus “pisou as ondas do mar” ([Jó 9.8](#)). Então em sua vida na terra, Jesus, o Deus-homem, andou no mar ([Mc 6.48](#)). Ele também acalmou a tempestade, de modo que os discípulos, temerosos e admirados, perguntaram:

“Quem é, pois, este que até o vento e o mar lhe obedecem?” ([Mc 4.41](#)).

O povo hebreu tinha um respeito saudável pelo mar e seu poder. Talvez por causa da falta de bons portos naturais, e porque eles não controlavam o litoral por grande parte de sua história, eles não eram um povo marítimo como os fenícios. É apenas no tempo de Salomão que lemos sobre eles terem uma frota própria ([1Rs 9.26](#)). O mar inquieto era para eles uma imagem dos ímpios ([Is 57.20](#)). “Os rompedores rolando em uma praia” ([Is 17.13](#)) ou “o rugido do mar” ([5.30](#)) os fizeram pensar em forças capazes de causar danos inestimáveis aos homens. Em [Daniel 7.3](#) e [Apocalipse 13.1](#), poderes hostis a Deus são retratados como bestas que saem do mar.

No entanto, como vimos, Deus controla os mares. Ele é capaz de resgatar aqueles que confiam nele “de muitas águas” ([Sl 18.16](#)). Ele é capaz de proteger aqueles que saem para os mares ([107.23-31](#)). Sempre foi lembrado que Deus havia feito um caminho no mar para seu povo passar quando eles saíram do Egito ([Ex 15.19](#)). Salmos ([Sl 74.13; 77.16; 78.13; 106.9](#)) e profetas (p. ex., [Is 43.16-17](#)) lembraram disso. *Veja* Mar Morto; Mar Mediterrâneo; Mar Vermelho; Mar da Galileia.

Mar da Arabá

Nome alternativo para o Mar Morto, conforme algumas versões em português ([Dt 3.17; 2Rs 14.25](#)).

Veja também Mar Morto.

Mar Da Galileia

Um grande corpo de água na Palestina. Teve muitos nomes em sua história. No AT, o Mar da Galileia era conhecido como o Mar de Chinerete ou Quinereth ([Nm 34.11](#)), nomeado para a cidade ([Is 19.35](#)), ou como Quinereth ([12.3](#)). Mais tarde, o nome foi alterado para Lago de Genesaré porque a cidade de Genesaré estava localizada no local de Chinnereth ou Tell Ureime ([Lc 5.1; 1Mc 11.67](#)). O nome mais familiar — Mar da Galileia — era devido à sua conexão com a província da Galileia a oeste ([Mt 4.18](#)). Derivou o nome Mar de Tiberíades ([Jo 6.1; 23; 21.1](#)) da cidade de Tiberíades em sua margem sudoeste. Por volta de 26 d.C. Herodes Antípatas, filho de Herodes, o Grande, construiu a cidade perto das fontes quentes de Amato junto ao mar e a nomeou em homenagem ao imperador. Nos

Evangelhos, “o mar” geralmente identifica o Mar da Galileia. Seu nome hebraico moderno é Yam Kinneret.

Localização

O mar encontra-se na seção inferior do Vale do Jordão, a cerca de 96,5 quilômetros ao norte de Jerusalém, localizada em uma série de montanhas. As montanhas da Alta Galiléia ficam a noroeste do lago e atingem uma altura de 4.000 pés (1.219,2 metros) acima do nível do mar, enquanto as montanhas a leste e oeste sobem cerca de 2.000 pés (609,6 metros). No oeste, sul e leste está a Decápolis.

No canto noroeste do lago, a parede da montanha se achata na rica planície de Genesaré, e no leste, a 2.000 pés (609,6 metros) acima do nível do mar, dá lugar ao fértil El Batila, no nordeste, onde o Jordão deságua no mar. Na época do NT, o Mar da Galileia era cercado pelas cidades de Cafarnaum, Betsaida, Corazim, Magdala, Tiberíades e outras.

O mar é parte integral do rio Jordão, que o alimenta com água do Monte Hermon, que tem seu topo coberto de neve (com mais de 9.000 pés, ou 2.743,2 metros, acima do nível do mar) e das montanhas do Líbano. Em seu curso de 104,6 quilômetros, do Mar da Galiléia ao Mar Morto, o rio Jordão desce 179,8 metros (590 pés), uma média de cerca de 1,7 metros por quilômetro.

Descrição

O lago tem aproximadamente 20,9 quilômetros de comprimento e 9,7 quilômetros de largura (12,1 quilômetros em seu ponto mais largo, oposto a Magdala). Encontra-se quase 700 pés (213,4 metros) abaixo do Mar Mediterrâneo e sua maior profundidade é de 200 pés (60,9 metros). Sua forma se assemelha a uma harpa, e alguns estudiosos pensam que o nome Chinereth vem de uma palavra hebraica que significa “harpa”. O clima é semitropical. Por causa deste clima, combinado com as nascentes de enxofre em Tiberíades, tornou-se um resort para o qual pessoas doentes viajavam. O lago abunda em peixes, então a pesca se tornou uma indústria importante ([Mt 4.18-22](#); [Mc 1.16-20](#); [Lc 5.9-11](#)). Tempestades repentinas e violentas ([Mt 8.23-27](#); [Mc 4.35-41](#); [Lc 8.22-25](#)), causadas pela colisão do ar quente e frio, ocorrem regularmente.

Importância

A maioria dos eventos da vida de Jesus ocorreu na Galileia, especialmente ao redor de Genesaré, a área mais densamente povoada da Palestina. Diz-se que ele viveu em Cafarnaum ([Mt 4.13](#)), e ele fez muitos milagres lá ([11.23](#)). Porque a área no oeste do lago era um resort de saúde, Jesus encontrou muitas pessoas enfermas lá e as curou ([Mc 1.32-34](#); [6.53-56](#)). Outras ocorrências importantes em relação ao mar foram o Sermão do Monte, tradicionalmente perto de Cafarnaum ([Mt 5.1ss](#); cf. [8.1, 5](#)); o afogamento dos porcos na região dos gadarenos ([8.28-34](#)); a maldição em Corazim ([11.21](#)); o acalmamento do mar ([8.23-27](#); [Mc 4.35-41](#); [Lc 8.22-24](#)); e Jesus andando sobre a água ([Mt 14.22-23](#); [Mc 6.45-51](#); [Jo 6.16-21](#)).

Ver também Galileia; Palestina.

Mar de fundição

Nome alternativo para a pia no templo do rei Salomão em [1 Reis 7.23](#). Veja Mar de bronze; Pia; Tabernáculo; Templo.

Mar de fundição

Nome alternativo para o tanque no templo do rei Salomão ([1Rs 7.23](#)). Veja Mar de bronze; Tanque; Tabernáculo; Templo.

Mar de Quinerete

Nomes antigos para o Mar da Galileia. Veja Mar da Galileia.

Mar do Arabá

Um nome alternativo para o Mar Morto. Este corpo de água é chamado de “Mar de Arabá” porque está localizado dentro da área da terra de Israel chamada Arabá ([Dt 3.17](#); [4.49](#); [Js 3.16](#); [12.3](#); [2Rs 14.25](#)).

Veja Mar Morto.

Mar do Oriente

Outro nome para o Mar Salgado, ou Mar Morto. O nome vem da localização do mar na fronteira oriental da terra de Israel ([Ez 47.18](#); [Jl 2.20](#); [Zc 14.8](#)).

Veja Mar Morto.

Mar Egeu

O Mar Egeu é parte do Mar Mediterrâneo. Está situado entre a Grécia a oeste e ao norte, e a Turquia a leste. A grande ilha de Creta delimita seu limite sul. A nordeste, o Egeu se conecta ao Mar Negro através do Estreito de Dardanelos e do Mar de Mármaras.

O Mar Egeu tem cerca de 320 quilômetros de largura e 640 quilômetros de comprimento, possuindo centenas de ilhas, incluindo Lesbos e Patmos ([Ap 1.9](#)). O mar provavelmente recebeu o nome de Egeu, um rei de Atenas e pai de Teseu na mitologia grega.

O apóstolo Paulo passou muito tempo na região do Egeu durante suas segunda e terceira viagens missionárias. As três principais cidades modernas no Egeu são Atenas (com seu porto de Pireu), Tessalônica (Tessalônica bíblica) na Grécia, e Esmirna (Esmirna bíblica) na Turquia.

Mar Grande

Veja Mar Mediterrâneo.

Mar Mediterrâneo

Um grande corpo de água que faz fronteira com a fronteira oeste da Palestina, também conhecido como o Grande Mar ([Nm 34.7](#); [Js 9.1](#); [Ez 47.10,15](#)).

O tamanho do Mar Mediterrâneo

O mar tem aproximadamente 3.533 quilômetros de comprimento, de Gibraltar ao Líbano. Sua largura varia de 965 a 1.609 quilômetros. Tem uma profundidade máxima de 4,3 quilômetros. O mar inclui cinco mares menores: o Adriático, Egeu, Jônico, Líigure e Tirreno.

A costa do Mar Mediterrâneo

A costa leste é, em sua maior parte, reta. Da Baía de Iskenderun, no norte, até el-Arish, no sul, são cerca de 724 quilômetros. Possui poucas baías profundas ou promontórios. Ao longo da costa da Síria até Beirute, há penhascos rochosos que se erguem diretamente da água. Em Acco, o terreno inclina-se suavemente em direção à planície de Esdraelon. O Monte Carmelo avança para a água como uma ponta. Ao sul do Monte Carmelo, o terreno torna-se plano em uma área chamada vale de Sarom. Esta área plana continua ao sul nas planícies da Filístia. A partir daí, a costa curva-se suavemente até alcançar o Delta do Nilo.

A costa siro-fenícia possuía vários bons portos na antiguidade. O mar desempenhou um papel importante no desenvolvimento daquela região. Bíblos era uma potência marítima antes de 1000 a.C. Tiro e Sidom eram conhecidas por sua força no mar após 1000 a.C. Quando os romanos assumiram o controle da Palestina em 63 a.C., eles utilizaram tanto o mar que o chamaram de "Nosso Mar".

Israel e o Mar Mediterrâneo

Embora Israel estivesse próximo ao Mar Mediterrâneo, eles não o utilizavam muito para fins comerciais ou militares. Havia várias razões para isso:

25. Os israelitas eram agricultores e pastores que se dedicavam à terra em vez do mar.
26. Eles passaram a maior parte do tempo conquistando e protegendo suas terras, deixando pouco tempo para atividades marítimas.
27. O mar era controlado pela Fenícia e, em menor grau, pela Filístia. Desde a época do Êxodo, os Fenícios controlavam a costa norte, desde o Orontes, no norte, até Jope, no sul. Os Filisteus controlavam a costa sul durante grande parte da história de Israel. Em determinado momento, Salomão tinha uma frota de navios em Eziom-Geber no Mar Vermelho ([1Rs 9.26-27](#)). Josafá também tinha uma frota nessa área ([22.48](#)).

- 28.** Havia poucos portos naturais na costa de Israel. Alguns portos existiam em Asquelom, Dor, Jope e Acco. Durante o tempo dos reis, Israel só podia usar o porto de Jope. Quando o rei Salomão construiu o templo, trabalhadores trouxeram madeira do Líbano para Jope de navio e depois a transportaram para Jerusalém por terra.

O Mar Mediterrâneo no Novo Testamento

Jesus visitou a área costeira uma vez. Ele foi para "o distrito de Tiro e Sidom", onde curou a filha de uma mulher siro-fenícia que tinha um espírito maligno ([Mt 15.21](#)). O apóstolo Paulo frequentemente viajava pelo Mar Mediterrâneo durante suas jornadas missionárias, de Cesareia, na costa palestina, até Puteóli, na costa da Itália.

Sob o domínio romano, muitas pessoas usavam o mar para viajar. Comerciantes, funcionários do governo, soldados e professores frequentemente viajavam pelo mar. Paulo e outros primeiros cristãos utilizavam tanto as estradas romanas quanto as rotas marítimas para compartilhar as boas-novas sobre Jesus em todo o mundo mediterrâneo.

Mar Morto

Um grande lago de água salgada onde o Rio Jordão termina. A cultura ocidental o chamou de "Mar Morto" desde o período grego. No entanto, no Antigo Testamento, é frequentemente chamado de "Mar de Sal" ([Gn 14.3](#); [Nm 34.3,12](#); [Dt 3.17](#); [Js 3.16](#); [12.3](#); [15.2,5](#); [18.19](#)). O lago contém uma grande quantidade de sal, um recurso valioso nos tempos antigos. A Bíblia também chama o Mar Morto de:

- O Mar do Arabá ([Dt 3.17](#); [4.49](#); [Js 3.16](#); [12.3](#); [2Rs 14.25](#))
- O Mar Oriental ([Ez 47.18](#); [Jl 2.20](#); [Zc 14.8](#))

Outros escritores antigos referem-se ao Mar Morto como:

- O Mar de Sodoma
- O Mar de Asfalto
- O Mar de Ló

O Novo Testamento não menciona o mar.

Onde o Mar Morto está localizado?

O Mar Morto está localizado em um vale profundo chamado Vale do Jordão. Este vale também é conhecido como o Vale do Rift porque se encontra em uma longa fenda na superfície da terra. Esta fenda é a mais longa e profunda do seu tipo no mundo. Começa nas Montanhas Taurus, no sul da Turquia, e continua por vários países: Síria, Líbano e Palestina. Em seguida, estende-se pelo Golfo de Ácaba e pelo Mar Vermelho, chegando finalmente a Moçambique, no Leste da África, onde é chamado de Grande Vale do Rift Africano.

O vale varia em largura de 3 a 24 quilômetros . Em seu ponto mais profundo, perto da costa do Mar Morto, o vale desce a 396 metros (1.300 pés) abaixo do nível do mar. Isso o torna o lugar mais baixo na Terra que não está submerso.

Qual é a extensão do Mar Morto?

O Mar Morto possui uma forma retangular. De norte a sul, estende-se por cerca de 85 quilômetros, desde onde o Rio Jordão entra até as salinas de Sebkha no sul. Tem aproximadamente 16 quilômetros de largura. Penhascos íngremes e rochosos se erguem em ambos os lados do mar.

Uma porção de terra chamada Península de Lisan divide o Mar Morto em duas partes. Esta península se estende por cerca de 14 quilômetros a partir da costa leste. A parte norte é maior e mais profunda. Seu ponto mais profundo está na área nordeste, atingindo cerca de 396 metros de profundidade. A parte sul é mais rasa, com água entre 1 e 9 metros de profundidade.

De onde o Mar Morto recebe sua água?

O Mar Morto recebe sua água de várias fontes. O Rio Jordão é a principal fonte. A água também vem de quatro ou cinco riachos que fluem o ano todo e muitos riachos sazonais (chamados de wadis). Cerca de 6,4 milhões de toneladas métricas (7 milhões de toneladas) de água fluem para o Mar Morto a cada dia. No entanto, essa água só pode sair por evaporação, já que o mar não tem saídas.

A região ao redor do Mar Morto é extremamente seca, recebendo apenas de 5 a 13 centímetros de chuva por ano. O clima é extremamente quente, especialmente no verão, quando as temperaturas podem atingir 52 graus Celsius. Esse calor faz com que grande parte da água evapore, frequentemente criando uma névoa densa que dificulta a visibilidade.

Por que o Mar Morto é tão salgado?

A água que flui para o Mar Morto já é muito salgada. Esses riachos passam por solos que contêm minerais como nitrogênio e enxofre. Fontes subterrâneas sob o mar adicionam mais minerais à água, incluindo bromo, magnésio e cálcio. As margens possuem grandes depósitos de enxofre e nascentes de petróleo.

Na parte sudeste do mar, há um enorme depósito de sal-gema. A parte visível tem 91 metros de espessura, mas isso é apenas o topo de uma formação de sal muito maior. Toda a formação tem cerca de 1.371 metros de profundidade e se estende por cerca de 8 quilômetros. Também há cristais de sal no fundo do mar.

Todos esses fatores tornam o Mar Morto extremamente salgado. Sua água contém cerca de 26 por cento de sal, enquanto a água do oceano comum tem apenas 3,5 por cento de sal. Isso faz do Mar Morto o maior corpo de água salgada da Terra. A água é tão salgada que nenhum peixe ou planta pode viver nela, e o teor de sal continua aumentando.

Nos tempos antigos, as pessoas valorizavam o Mar Morto por duas coisas principais: seu sal e uma substância especial chamada betume. O betume é uma substância preta natural, semelhante ao alcatrão, que se forma quando o óleo endurece após ser exposto ao ar. As pessoas o utilizavam para impermeabilizar objetos.

Durante o período do Novo Testamento, um grupo de pessoas chamado nabateus controlava o comércio de betume do Mar Morto. Eles vendiam esse betume para o Egito, onde era usado para preservar corpos mortos (um processo chamado mumificação). Alguns historiadores acreditam que a Rainha Cleópatra do Egito queria controlar a área do Mar Morto para dominar esse importante comércio de betume.

O Mar Morto na Bíblia

Sodoma e Gomorra

Hoje, a área do Mar Morto parece vazia e sem vida. Isso corresponde ao que sabemos sobre sua história. De acordo com [Gênesis 19](#), é aqui que as antigas cidades de Sodoma e Gomorra foram destruídas. O Monte Sedom, a grande montanha de sal no canto sudeste do mar, recebe seu nome da cidade de Sodoma.

Um arqueólogo chamado Nelson Glueck encontrou evidências de que há cerca de 5.000 anos (por volta de 3000 a.C.), existiam até 70 cidades na área ao redor do Monte Sedom. Os estudiosos têm diferentes teorias sobre como Sodoma e Gomorra foram destruídas. Alguns acreditam que foi causado por uma erupção vulcânica. Outros pensam que bolsões de solo rico em petróleo sob a superfície explodiram espontaneamente.

Nesta área, há muitos pilares altos feitos de sal. As pessoas costumam chamar esses pilares de "esposa de Ló" por causa da história bíblica em que a esposa de Ló se transformou em uma estátua de sal.

O Mar Morto como refúgio

O deserto vazio ao redor do Mar Morto tem sido um refúgio para muitas pessoas ao longo da história. Davi, que mais tarde se tornou rei de Israel, escondeu-se lá de seus inimigos ([1Sm 23.29-24.22](#)). Mais tarde, um grupo religioso chamado essênios viveu em Qumran, perto do mar, para estudar e orar em paz. Durante a segunda rebelião judaica contra Roma, combatentes judeus também usaram essa área para se esconder.

O Mar Morto na profecia

O profeta Ezequiel escreveu sobre um tempo futuro quando o Mar Morto mudaria ([Ez 47.1-12](#); compare [Zc 14.8](#)). Ele disse que um dia, as águas salgadas se tornariam doces, e o mar que não pode sustentar vida estaria cheio de seres vivos.

Mar Morto

Veja Mar Morto.

Mar Oriental

Mar Oriental é um nome alternativo para o Mar Morto usado em algumas Bíblias em português em [Ezequiel 47.18](#).

Veja Mar Morto.

Mar Salgado

Veja Mar Morto.

Mar Vermelho

O braço do Oceano Índico se estende para o noroeste, situado entre os continentes da África e da Ásia. É um corpo de água longo e estreito, com cerca de 2.172,2 quilômetros de comprimento e uma largura média de 289,6 quilômetros. Está limitado a leste pela Península Arábica, enquanto sua costa africana inclui Egito, Sudão, Eritreia e Etiópia. No noroeste, a península do Sinai avança para o mar, com o Golfo de Suez a oeste e o Golfo de Aqaba a leste. No extremo noroeste do Golfo de Suez está a cidade de Suez e a conexão aquática com o Mar Mediterrâneo através do Canal de Suez. Na ponta do Golfo de Acaba está o porto israelense de Eilat e o único porto jordaniano, Acaba. As águas deste mar são extremamente ricas em vida aquática; os peixes e outras formas de vida animal do Mar Vermelho poderiam suprir grande parte das necessidades alimentares desta parte do mundo. Existem poucas cidades, poucas boas estradas e pouca terra arável adjacente ao Mar Vermelho.

No Antigo Testamento, em hebraico, o Mar Vermelho é chamado de "Mar de Juncos" ou "Mar de Caniços", mas as traduções em português geralmente usam "Mar Vermelho", seguindo a Septuaginta. Essa extensão de água pode ser diferente do que é conhecido hoje como o Mar Vermelho. No Novo Testamento, as únicas referências ao Mar Vermelho por esse nome estão na defesa de Estevão perante o conselho ([At 7.36](#)) e no capítulo dos "heróis da fé" ([Hb 11.29](#)).

A travessia do Mar Vermelho pelos israelitas na época do êxodo é um dos eventos mais celebrados da história hebraica e tem sido lembrado pelo povo judeu até os dias de hoje. O local dessa travessia é muito debatido, mas onde quer que tenha ocorrido, é evidente que a água era profunda demais para atravessar a pé e a distância muito grande para

nadar. Era profunda o suficiente para cobrir todo o exército egípcio e larga o bastante para afogar todos eles. Confrontados pelo mar e perseguidos de perto pelas tropas de elite e pela habilidosa carregagem do melhor exército do mundo naquela época, os israelitas foram libertados pela intervenção direta do Senhor, que usou um vento leste para abrir um canal para sua passagem no leito do mar (veja [Êx 14.10-31](#)).

Quando o Senhor subjugou as forças egípcias no mar, a libertação dos israelitas da ameaça egípcia foi completa. Esta vitória foi celebrada com cânticos ([Êx 15.1-21](#)) e foi frequentemente lembrada nos relatos das obras do Senhor em favor de Israel (veja [Is 4.23; 24.6-7; Sl 106.7-9; 136.13-15](#)). Até mesmo o povo de Jericó ouviu o que Deus fez no Mar Vermelho e o medo caiu sobre eles ([Is 2.9-10](#)).

A rota seguida por Israel correu paralela à margem oriental do Golfo de Suez por uma certa distância. Depois de saírem de Elim, acamparam ao lado do mar ([Nm 33.9-11](#)). Em seguida, viraram para o interior em direção ao Monte Sinai.

Do Sinai, eles seguiram para o nordeste, paralelamente ao Golfo de Ácaba, o mais próximo possível e certamente tocando o Mar Vermelho em Eziom-Geber ([Nm 33.35](#)). Após o fracasso em entrar em Canaã a partir de Cades-Barneia e sua derrota em Horma, eles viraram para o sul até o ponto em que o Monte Seir se aproxima do Golfo de Ácaba (cf. [Dt 2.8](#)).

A fronteira mais ao sul da Terra Prometida é indicada como o Mar Vermelho ([Êx 23.31](#)). O reino de Salomão se estendia até o Golfo de Ácaba, pois em Eziom-Geber, perto de Elote, ele construiu uma frota de navios que foram para Ofir, de onde trouxeram ouro e outras mercadorias preciosas e exóticas ([1Rs 9.26-28](#); cf. [2Cr 8.17-18](#)). Mais tarde, Josafá tentou fazer o mesmo, mas seus navios naufragaram em Eziom-Geber ([1Rs 22.48](#); [2Cr 20.36-37](#)).

Veja também Éxodo, O; ÉXODO, Livro de.

Mar Vermelho

Veja Mar Vermelho.

Mara

Uma nascente (uma fonte natural de água que surge do solo) onde a água era amarga demais para beber. Mara foi o primeiro lugar onde os israelitas acamparam depois de atravessarem o mar Vermelho ([Ex 15.23](#); [Nm 33.8–9](#)). Hoje, muitos estudiosos acreditam que Mara ficava localizada em um lugar agora chamado 'Ain Hawarah. É um tanque de água amarga na planície costeira oriental do golfo de Suez. Fica cerca de 70,8 quilômetros a sudeste de Suez e oito quilômetros a noroeste de 'Ain Gharandel. Fica ao sul de Wadi Amarah, um leito de rio seco cujo nome pode vir do antigo nome Mara.

Veja também Peregrinações no deserto.

Marco

Pedra inscrita que indicava um limite de campos, distritos ou nações ([Gn 31.51–52](#)). Na maioria dos países do Oriente Próximo, a remoção de um marco era um crime grave; em Israel, era uma violação da lei de Moisés ([Dt 19.14](#); [27.17](#)). Remover marcos ("marcos de divisa" NTLH) poderia ser interpretado como mudar costumes e leis antigas ([Pv 22.28](#); [23.10](#); cf. [Jó 24.2](#)).

Consulte também Inscrições.

Marcos, Evangelho De

Segundo livro do NT, provavelmente escrito por João Marcos de Jerusalém em algum momento entre 60 e 68 d.C.

Resumo

- Autor, Data, Proveniência
- Distintivos
- Estrutura
- Ocasão, Propósito, Teologia
- Conteúdo

Autor, Data, Proveniência

Nosso testemunho mais antigo sobre quem escreveu o segundo Evangelho vem de Pápias (ca. 60–130), autor de muitas exposições dos ensinamentos de Jesus, nas quais ele relata várias tradições do "Ancião João" (possivelmente identificado com o apóstolo João, embora isso não

seja de forma alguma certo). Em um ponto, Pápias afirma: "O Ancião costumava dizer isso também: Marcos se tornou o intérprete de Pedro e escreveu com precisão, embora não na ordem, tudo o que [Pedro] se lembrava sobre as coisas ditas e feitas pelo Senhor". (Esta citação foi preservada pelo escritor do quarto século Eusébio de Cesareia em sua *História Eclesiástica* 3.39.15). Não é preciso duvidar da confiabilidade básica desta declaração. Marcos — quase certamente identificado com João Marcos de [Atos 12.12](#) (veja também [1Pe 5.13](#)) — era um discípulo de Pedro, e o segundo Evangelho deve sua existência, pelo menos em parte, às reminiscências do apóstolo. No entanto, não se conclui que alguém tenha caracterizado adequadamente o trabalho de Marcos se isso é tudo o que é dito. Por exemplo, a qualificação de Pápias, "embora não em ordem", indica que Marcos não pretendia escrever uma biografia cronológica. Além disso, Pápias continua a comentar (de acordo com uma interpretação de suas palavras ambíguas) que Marcos (ou Pedro?) adaptou o material à situação de ensino e que, portanto, Marcos está absolvido de qualquer carga (implícita) de imprecisão. Parece que desde os tempos antigos, os cristãos apelaram para os propósitos e circunstâncias da escrita de Marcos, a fim de explicar os problemas na harmonização do material encontrado nos vários Evangelhos.

Outras declarações de escritores cristãos no segundo, terceiro e quarto séculos parecem dependentes do testemunho de Pápias, mas alguns dados adicionais que eles fornecem podem possuir valor independente. Por exemplo, um documento bastante antigo (data incerta) conhecido como o Prólogo Anti-Marcionita afirma que Marcos escreveu seu Evangelho em algum lugar da Itália após a morte de Pedro (em meados dos anos 60), e muitos estudiosos consideram esse testemunho confiável. Ainda assim, a possibilidade de que Marcos tenha composto seu trabalho antes do martírio de Pedro não pode ser descartada completamente.

Pápias não diz nada específico sobre quando o Evangelho foi escrito. Uma pequena minoria de estudiosos data Marcos logo após 70 d.C. Outra minoria sugere uma data nas décadas de 40 ou 50 com base em um fragmento de papiro descoberto em Qumran chamado 7Q5. (De acordo com José O'Callaghan, o fragmento, que foi datado por volta de 50–68 d.C., deve ser identificado como [Marcos 6.52–53](#)). Este fragmento contém apenas 20 cartas de um lado, tornando a reconstrução de Marcos muito incerta. Poucos estudiosos estão

convencidos de que o texto é Marcos; alguns pensam que faz parte de 1 Enoque ou Zacarias. Uma impressionante maioria dos estudiosos data Marcos nos anos 60, onde os conservadores geralmente preferem os primeiros anos dessa década. Por que esta preferência? Se a teoria da prioridade de Marcos for aceita, então claramente Marcos foi escrito antes de Lucas; e uma vez que Lucas é normalmente datado pelos conservadores por volta de 62 d.C., Marcos não pode ser posterior a 60 ou 61 d.C. Esta linha de argumento, embora forte, não é decisiva. Em primeiro lugar, Lucas não pode ser datado com completa certeza. Segundo, a visão de que Mateus e Lucas usaram Marcos (a pressuposição de trabalho da maioria dos estudiosos) é apenas uma hipótese, e que sofre oposição vigorosa de alguns escritores. Terceiro, uma tradição que remonta ao segundo século (veja acima) que Marcos escreveu seu Evangelho *após* a morte de Pedro, não antes de 64 d.C. Quarto, uma visão persuasiva sobre a ocasião deste Evangelho assume que a perseguição de Nero (64 d.C.) havia começado. (De acordo com uma visão diferente da ocasião, Marcos foi escrito após o início da revolta judaica em 66 d.C.). Portanto, embora uma datação no início dos anos 60 permaneça possível, não exige comprometimento.

Com relação à autoria do segundo Evangelho, parece não haver nenhuma razão convincente para negar o relatório de Pápias de que Marcos (sem dúvida o João Marcos de [Atos 12.12](#)) derrubou as reminiscências de Pedro e que essas se tornaram a base de sua obra. Alguns estudiosos argumentam que o Evangelho contém imprecisões geográficas (por exemplo, não temos evidências de uma região chamada Dalmanuta, [Mc 8.10](#)) e que um nativo de Jerusalém como Marcos teria sido mais confiável em suas informações. No entanto, os problemas topográficos em Marcos, embora reais, não precisam ser interpretados como imprecisões (a atual ignorância de um lugar chamado Dalmanuta dificilmente é uma prova conclusiva de que não existiu). Além disso, em outros aspectos (p. ex., [14.54.66](#)), o Evangelho revela um conhecimento impressionante dos detalhes locais. Muitos escritores também apontam fragmentos de informações que suportam um contexto de Pedro, como a cura da sogra de Pedro ([1.30-31](#)). Em suma, a evidência interna, embora esteja aquém da prova, não prejudica de modo algum a tradição preservada por Pápias. Uma geração atrás, a confiabilidade do testemunho de Pápias era quase universalmente aceita. Esta situação mudou um pouco, mas até mesmo aqueles estudiosos que

adotam uma atitude céтика em relação a esta tradição admitem que isso *pode* ser verdade.

À medida que a atenção se volta para a procedência do Evangelho, a tarefa se torna mais difícil. A tradição que remonta ao segundo século afirma o que já pode estar implícito por Pápias — a saber, que Marcos escreveu seu Evangelho em Roma. Embora alguns estudiosos tenham sugerido outras possibilidades, como a Galileia e Antioquia, essas não se mostraram satisfatórias. Marcos passou algum tempo em Roma, e algumas características no Evangelho (como os termos latinos no grego e a explicação dos costumes judaicos, como em [7.3-4](#)), enquanto não provam nada, certamente estão em consonância com uma origem romana. Além disso, uma visão persuasiva da ocasião que deu origem ao Evangelho assume um pano de fundo de perseguição em Roma.

Distintivos

Uma série de características de Marcos o separou dos outros Evangelhos. Por exemplo, uma palavra geralmente traduzida como “imediatamente” ocorre mais de 40 vezes em Marcos e apenas uma dúzia de vezes no resto do NT. Embora esta característica possa ser interpretada como um simples “maneirismo”, em consonância com o estilo despretensioso e coloquial de Marcos, certamente contribui para o rápido fluxo de sua narrativa, que, concentrando-se mais na atividade de Jesus do que em seus sermões (em contraste com Mateus e Lucas), muda de cena para cena com quase nenhum pausa. Uma vez que o Evangelho também é bastante breve (Lucas é quase duas vezes mais longo), pode-se se perguntar se o autor pretendia que ele fosse lido de uma só vez; mesmo que lido em voz alta, isso levaria apenas cerca de uma hora e meia. De qualquer forma, pode haver pouca dúvida de que o trabalho transmite um senso de urgência.

Outras características, no entanto, provam-se mais significativas. Alguém não familiarizado com a história de Jesus que leu Marcos pela primeira vez, sem dúvida, seria surpreendido por seu início bastante abrupto. Após uma breve cláusula que se destaca como uma espécie de título ([1.1](#)), Marcos continua descrevendo brevemente o ministério de João Batista. Então ele introduz Jesus como vindo de Nazaré sem nos dizer nada, seja qual for sua vida anteriormente. Além disso, mais de um terço do livro (incluindo a chamada narrativa de Paixão) é dedicado à última semana de Jesus. Esses e outros fatores dão à obra uma nota de mistério, acentuada

pelo fato de que, em vários pontos, Marcos chama a atenção para o medo ou espanto que tomou conta daqueles que entraram em contato com Jesus ([2.12](#); [4.41](#); [5.15,33,42](#); [6.51](#); [9.6](#); e várias outras passagens, especialmente as palavras estranhas de [10.32](#)). Além disso, se alguém assumir que o Evangelho originalmente terminou com [16.8](#), Marcos desejava deixar seus leitores com o mesmo senso de admiração que os discípulos experimentaram na ressurreição de Jesus.

Mas como alguém explica este medo e espanto? A resposta clara de Marcos é que Jesus, embora verdadeiramente um homem, também é divino. Enquanto o Evangelho de Marcos exibe a humanidade de Jesus Cristo ([1.41](#); [3.5](#); [8.12](#); [10.14](#)), sua principal ênfase é na divindade do Senhor. De fato, Marcos introduz seu livro referindo-se a Jesus como “o Filho de Deus” (uma frase omitida em alguns manuscritos, no entanto), uma posição que é reconhecida tanto pelos demônios ([3.11](#); [5.7](#)) quanto pelo próprio Deus ([9.7](#)). O que pode muito bem ser o verdadeiro clímax do Evangelho ocorre em [15.39](#), onde Marcos escreve que um gentio, um centurião romano, ao ouvir o clamor de morte de Jesus, exclamou: “Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus!”

Estrutura

O autor organizou seu Evangelho de acordo com um plano simples. Os primeiros oito capítulos resumem a natureza do ministério público de Cristo alternando histórias que mostram sua crescente popularidade com histórias que enfatizam a desaprovação dos líderes judeus. Esta primeira metade do livro, enquanto indica algumas das tensões criadas pela vinda de Jesus, dá a impressão básica de sucesso e otimismo geral. Uma mudança significativa então atinge o leitor no final do capítulo [8](#), especialmente começando com o verso [31](#). Em Cesareia de Filipe, Pedro acabou de confessar que Jesus é o Messias, e agora, pela primeira vez, Jesus revela que, como Messias, ele deve morrer. Os discípulos ficam perplexos e desanimados e seu pessimismo aumenta à medida que esse pensamento lhes é trazido repetidas vezes ([9.31](#); [10.32-34](#); [14.17-25](#)). No final, eles abandonam seu mestre ([14.50](#)).

De forma interessante, esta nota pessimista é antecipada na parte anterior do Evangelho em três pontos: [3.6](#) (os inimigos de Jesus tramam sua morte); [6.6](#) (infidelidade em Nazaré); e [8.21](#) (falta de compreensão nos discípulos). Alguns estudiosos sugerem que Marcos usou esses três versos para

indicar as primeiras três divisões de seu livro. Além disso, outros estudiosos observam que duas curas de homens cegos ([8.22-26](#); [10.46-52](#)) parecem fornecer a abertura e a conclusão de uma seção que enfatiza a cegueira espiritual dos discípulos. Uma pista mais estrutural é [14.1](#), que marca claramente a seção final do Evangelho.

Ocasião, Propósito, Teologia

Alguns estudiosos pensam que Marcos pode ter estado combatendo uma seita herética que enfatizava os milagres de Jesus e o via puramente como alguém que fazia maravilhas divinas. Embora esta visão não tenha ganhado aceitação como originalmente formulada, vários escritores veem o Evangelho como um corretivo teológico. Ralph Martin, que liga Marcos muito de perto com Paulo, sugere que o evangelista está se opondo a alguns grupos heréticos que distorceram a mensagem de Paulo colocando ênfase exclusiva em Cristo como uma figura *celestial* (cf. as visões que o próprio Paulo se opõe em Colossenses). Marcos responde a essas aberrações enfatizando, nas palavras de Martinho, “o paradoxo da vida terrena de Jesus em que o sofrimento e a justificação formam um ritmo de duas batidas”. Mesmo que alguém decida que esta reconstrução, também, seja bastante especulativa, pode, no entanto, manter certos elementos como válidos.

Outros estudiosos, como H. Kee, colocam ênfase no contexto apocalíptico de Marcos. Kee e outros ligam este elemento à revolta judaica de 66 d.C., mas o compromisso com esta conexão histórica específica é desnecessário para apreciar o grande significado de [Marcos 13](#) (o texto apocalíptico de Jesus) para aqueles leitores originais do Evangelho que podiam estar passando por perseguição.

Talvez a reconstrução mais satisfatória ligue este Evangelho à perseguição de Nero em meados dos anos 60. Marcos, por exemplo, é o único Evangelho que registra que Jesus, depois de ser levado para o deserto, se encontrou na companhia de animais selvagens ([1.13](#)). Este detalhe, de acordo com William Lane, “estava cheio de significado especial para aqueles chamados para entrar na arena onde eles ficavam impotentes diante da presença de bestas selvagens”. Esta interpretação, embora não isenta de problemas, tem a vantagem de ter em conta a maior parte dos dados disponíveis. Primeiro, é compatível com a forte tradição que afirma a origem da obra de Marcos a Roma. Segundo, Marcos fala distintamente com aqueles que sofrem perseguição introduzindo-os

rapidamente à prisão de João e vários outros detalhes. Terceiro, relacionado a isso está a ênfase de Marcos no discipulado. Os cristãos que enfrentaram perseguição devem ter sido tentados a relaxar os padrões (4.17–19). Quarto, dada esta situação geral, dificilmente se pode duvidar do significado da mensagem apocalíptica de nosso Senhor no capítulo 13, destinada a encorajar os discípulos no meio de suas provações, lembrando-os da glória do porvir. Finalmente, o claro interesse de Marcos pela missão gentílica se encaixa com as necessidades da Roma pagã. Os cristãos sofredores não podem se dar ao luxo de esquecer a sociedade incrédula em que vivem. À luz desta responsabilidade específica, Marcos assegura aos seus leitores o que até o centurião romano começou a reconhecer — certamente Jesus é o Filho de Deus (15.39).

Conteúdo

O desenvolvimento da narrativa de Marcos pode ser apresentado em seis grandes divisões dentro de uma estrutura dupla:

Introdução (1.1–13)

Parte I: Popularidade e Oposição (1.14–8.21)

1. A autoridade de Jesus e a inimizade dos fariseus (1.14–3.6)

2. A resposta das pessoas (3.7–6.6a)

3. O mal-entendido dos discípulos (6.6b–8.21)

Parte II: Trevas e Morte (8.22–15.47)

4. A missão do Messias e a cegueira dos discípulos (8.22–10.52)

5. Ministério final (11.1–13.37)

6. A narrativa de Paixão (14.1–15.47)

Conclusão (16.1–8)

Embora dificilmente se possa afirmar que este esboço corresponde exatamente ao plano original do autor (Marcos pode não ter conscientemente elaborado um esboço detalhado), a divisão em seis partes fornece um ponto de partida útil para um resumo interpretativo do conteúdo.

A autoridade de Jesus e a inimizade dos fariseus (1.14–3.6)

Imediatamente após a parte introdutória (1.1–13), que descreve o ministério de João Batista, bem como o batismo e a tentação de Jesus, Marcos abre o corpo da obra com uma declaração sumária (vv.

14–15). Nesses dois versos, ele parece sugerir que o ministério público de Jesus, caracterizado pela proclamação de que o reino de Deus está prestes a ser inaugurado, foi ocasionado pela prisão de João. Isso é seguido pelo chamado dos primeiros discípulos (vv. 16–20) e depois por um complexo de histórias (vv. 21–38), todos os quais relatam incidentes que ocorreram em Cafarnaum, aparentemente dentro de um período de 24 horas: instrução na sinagoga seguida pela cura de um endemoninhado; a cura da sogra de Pedro; numerosas outras curas à noite; oração em um lugar solitário. A declaração de que Jesus prosseguiu a expandir seu ministério em toda a província da Galileia (v. 39) é seguida pela história da cura de um leproso (vv. 40–45). A seguir encontramos um grupo muito importante de incidentes (2.1–3.6), todos eles se concentrando nos conflitos de Jesus com os líderes judeus: a cura e o perdão de um paralítico; o chamado de Levi, que teve o jantar que (com a participação de Jesus, bem como dos odiados coletores de impostos) ocasionou algumas disputas, principalmente sobre a questão do jejum; e duas histórias significativas sobre o comportamento adequado no sábado.

A Resposta das Pessoas (3.7–6.6a)

Marcos abre esta segunda seção como abriu a primeira: uma declaração resumida (as curas de Jesus à beira do lago — 3.7–12) seguida pela nomeação oficial de 12 apóstolos (vv. 13–19). Então segue uma seção que se concentra nos tipos de acusações trazidas contra Jesus por sua própria família e pelos escribas (vv. 20–22), levando a uma resposta falando sobre Satanás, a blasfêmia contra o Espírito Santo e no que constitui a verdadeira participação em sua família (vv. 23–35). A maior parte do capítulo 4 é dedicada às parábolas de Jesus do reino — o semeador, a semente que cresce secretamente, o grão de mostarda — e inclui declarações sobre a natureza e propósito de seus ensinamentos (4.10–12, 21–25, 33–34). À noite, Jesus e seus discípulos partiram para atravessar o Mar da Galileia, levando ao acalmar da tempestade (vv. 35–41), à cura do endemoninhado geraseno do outro lado do lago (5.1–20) e, em seu retorno a Cafarnaum, à cura de uma mulher com hemorragia e à ressurreição da filha de Jairo (vv. 21–43). A seção conclui com a visita de Jesus à sua cidade natal, Nazaré, e a rejeição que ele sofreu lá (6.1–6a).

O mal-entendido dos discípulos (6.6b–8.21)

A terceira seção começa com duas passagens introdutórias: o envio dos 12 (6.6b–13) e a história

da morte de João Batista (vv. [14-29](#)). Quando os discípulos voltam, Jesus decide buscar um pouco de descanso, mas as multidões os seguem; então Jesus ensina e alimenta os 5.000 (vv. [30-44](#)) e, depois de atravessar o lago (vv. [45-52](#), o que inclui a caminhada de Jesus sobre a água), ele realiza numerosas curas dentro e ao redor de Genesaré (vv. [53-56](#)). Então segue uma controvérsia com os fariseus sobre o ritual de lavagem das mãos ([7.1-8](#)), e este incidente leva à afirmação de Cristo da autoridade da palavra de Deus sobre a tradição humana (vv. [9-13](#)) e a algumas instruções gerais sobre a verdadeira pureza (vv. [14-23](#)). As próximas histórias descrevem a retirada de Jesus da Galileia, primeiro para Tiro, onde a filha de uma mulher gentia é curada (vv. [24-30](#)), depois para a Decápolis, onde ele cura um surdo-mudo (vv. [31-37](#)) e alimenta uma multidão de quatro mil ([8.1-10](#)). A demanda dos fariseus por um sinal (vv. [11-12](#)) leva à advertência de Jesus contra o “fermento” dos fariseus, uma declaração mal compreendida pelos discípulos (vv. [13-21](#)).

A Missão do Messias e a Cegueira dos Discípulos (8.22-10.52)

Ainda longe da Galileia, mas agora na cidade vizinha de Betsaida, Jesus cura um homem cego ([8.22-26](#)). Ele então leva seus discípulos para o norte em direção a Cesareia de Filipe, que prepara o cenário para a confissão de Pedro (vv. [27-30](#)). Este reconhecimento da parte dos discípulos (dos qual Pedro é de fato um representante) leva Jesus a profetizar sua morte, mas a rejeição de Pedro em aceitar a profecia suscita uma repreensão e instrução sobre o discipulado (vv. [31-38](#)). O fracasso dos discípulos em entender a necessidade da morte de Cristo fornece o contexto para a Transfiguração ([9.1-8](#)), que assegura a Pedro, João e Tiago que o reino de Deus de fato virá (nota v. [1](#)); além disso, o próprio Pai os ordena a acreditar na profecia de Jesus (v. [7](#)). Após algumas palavras sobre a ressurreição e sobre a vinda de Elias (vv. [9-13](#)), Marcos relaciona a cura de um menino possuído por um demônio (vv. [14-29](#)). De volta à Galileia, uma segunda profecia da morte de Jesus (vv. [30-32](#)) é seguida, infelizmente, por uma conversa trivial entre os discípulos sobre quem é o maior (vv. [33-37](#)). Apropriadamente, encontram-se algumas instruções adicionais sobre o discipulado (vv. [38-50](#)). Marcos escreve a seguir que Jesus deixou a Galiléia pela última vez e começou sua jornada em direção ao sul. Durante esta jornada, Jesus proferiu ensinamentos sobre o divórcio e sobre os privilégios espirituais das

crianças ([10.1-16](#)), então conheceu o jovem rico (vv. [17-22](#)), um incidente que leva a outras palavras sobre discipulado (vv. [23-31](#)). Uma terceira profecia da morte de Jesus (vv. [32-34](#)) é novamente seguida por um comportamento egoísta da parte dos discípulos, neste caso um pedido ambicioso de Tiago e João (vv. [35-40](#)). O incidente produz indignação entre o resto dos discípulos, exigindo assim outra repreensão de seu mestre, que ele mesmo veio para servir e morrer (vv. [41-45](#)). A seção termina como começou — relatando a cura de um homem cego, Bartimeu de Jericó nesta história (vv. [46-52](#)).

Ministério Final (11.1-13.37)

Esta seção parece naturalmente se dividir em três subseções equilibradas. A primeira ([11.1-26](#)) inclui três eventos: a Entrada Triunfal, a figueira que murchou e a purificação do templo. A segunda subseção ([11.27-12.44](#)) é especialmente importante, pois aqui é encontrada a série final das controvérsias de Jesus com os líderes judeus. Os tópicos abordados são a fonte da autoridade de Jesus ([11.27-33](#)), a parábola dos lavradores ímpios ([12.1-12](#)), a legitimidade do imposto de César (vv. [13-17](#)), a negação da ressurreição dos saduceus (vv. [18-27](#)), o principal mandamento (vv. [28-34](#)) e a pergunta sobre o filho de Davi (vv. [35-37](#)). Esta subseção termina com uma advertência contra os escribas e com a história da pequena quantia da viúva (vv. [38-44](#)). A terceira subseção (cap. [13](#)) é dedicada completamente ao sermão do Monte das Oliveiras, com suas profecias de destruição, calamidades, perseguições, enganadores e justificação final. O discurso termina com várias admoestações para se manter alerta.

A Narrativa da Paixão (14.1-15.47)

Esta seção final, que é introduzida por uma denúncia da trama dos sacerdotes ([14.1-2](#)), pode ser dividida em duas subseções. A primeira relaciona os eventos que levaram ao julgamento de Jesus (vv. [3-52](#)). Eles incluem a unção de Jesus (vv. [3-9](#)), a traição de Judas (vv. [10-11](#)), os incidentes relacionados com a Última Ceia (vv. [12-31](#)), a cena no Getsêmani (vv. [32-42](#)) e a prisão (vv. [43-52](#)). A segunda subseção relata o julgamento de Jesus diante dos judeus (vv. [53-65](#)), as negações de Pedro (vv. [66-72](#)), o julgamento diante de Pilatos ([15.1-15](#)), a crucificação (vv. [16-41](#)) e o sepultamento (vv. [42-47](#)).

O Evangelho conclui de forma um pouco misteriosa, mas não menos triunfante, com a

notícia de que Jesus ressuscitou dos mortos ([16.1-8](#)). Os primeiros manuscritos gregos sobreviventes, geralmente considerados como os mais confiáveis, terminam no verso [8](#); a maioria dos manuscritos, no entanto, inclui 12 versos adicionais que relatam as aparições de Jesus aos seus discípulos.

Veja também Jesus Cristo, Vida e Ensinamentos de; Marcos, João; Mateus, Evangelho de; Lucas, Evangelho de; Evangelhos sinópticos.

Marfim

Substância dentina opaca, frequentemente mencionada com metais preciosos e gemas na Bíblia, também em escritos antigos do Oriente Próximo. O marfim era usado para pentes, pequenas caixas, frascos e outros artigos cosméticos; para estatuetas e amuletos; para jogos; e para a ornamentação de artigos de mobiliário, edifícios e talvez até navios ([Ez 27.6](#)). É frequentemente mencionado nos anais de conquista egípcios e assírios como parte dos despojos de guerra. Alguns excelentes exemplos de trabalho com marfim podem ser encontrados na famosa coleção de Tutancâmon.

Na Bíblia, o marfim é mencionado como adorno do trono de Salomão ([1Rs 10.18; 2Cr 9.17](#)) e de camas no tempo de Amós ([Am 6.4](#)). Ambas as referências provavelmente se referem a embutidos de marfim. Os palácios de marfim de [1 Reis 22.39](#), [Salmo 45.8](#) e [Amós 3.15](#), no entanto, podem se referir a formas de decoração além de embutidos. Se [Ezequiel 27.6](#) realmente implica que os navios eram decorados com marfim é discutível, já que essa passagem faz parte do quadro geral de Tiro como um navio extravagante. Os artigos de marfim que os mercadores da terra não podem mais vender a Babilônia ([Ap 18.12](#)) incluem objetos menores do tipo encontrado em vários sítios arqueológicos (Megido, Samaria, Ninrude).

Originalmente, o marfim estava disponível no norte da Síria, onde os monarcas assírios caçavam elefantes. No entanto, na época de Salomão, ele era importado ([1Rs 10.22; 2Cr 9.21](#)), provavelmente do leste (Índia) ou do sul (África), enquanto os navios de Társis podem representar a capacidade marítima dos navios em vez da origem do marfim. Tiro recebia seu marfim em comércio das “terras do litoral” ([Ez 27.15](#)).

Maria

Um nome popular entre as mulheres judias no primeiro século. O Novo Testamento menciona seis ou sete mulheres diferentes chamadas Maria.

29. Maria, a mãe de Jesus. De acordo com as narrativas do nascimento de Jesus em Mateus e Lucas, Maria era uma jovem virgem judia. Ela provavelmente pertencia à tribo de Judá. Enquanto estava noiva de José (de descendência davídica da tribo de Judá), foi descoberto que ela estava grávida. Isso ocorreu porque ela se submeteu ao Espírito Santo ([Mt 1.18-25; Lc 1.26-38](#)). O casal se casou e viveu inicialmente em Nazaré da Galileia. Depois, viajaram para Belém (cidade natal de José) para um censo. Jesus nasceu em Belém ([Mt 2.1; Lc 1.5; 2.4-5](#)). Mateus nos informa que logo após o nascimento, a família teve que ir para o Egito para escapar de Herodes ([Mt 2.13-14](#)). Mais tarde, a família residiu novamente em Nazaré ([Mt 2.23; Lc 2.39](#)).

Temos pouca informação adicional sobre Maria. Ela certamente era uma mãe preocupada, como visto em suas palavras firmes para Jesus em [Lucas 2.48](#). Mais tarde, ela demonstrou grande consideração pela habilidade de Jesus no casamento em Caná ([Jo 2.1-4](#)). Ela tinha vários outros filhos e filhas para cuidar. Ela apareceu aos pés da cruz, e Jesus pediu ao “discípulo que ele amava” que cuidasse dela em seu luto ([Jo 19.25-27](#)). Após a ressurreição, ela e os irmãos de Jesus estavam entre os discípulos que receberam o Espírito no Pentecostes ([At 1.14](#)). Nenhuma menção adicional é feita sobre ela.

A canção de louvor de Maria em [Lucas 1.46-55](#) (chamada “O Magnificat”) mostra sua humildade e confiança na vontade de Deus. Ela é verdadeiramente “bendita entre as mulheres” ([Lucas 1.42](#)).

30. Maria, a mãe de Tiago e José, é conhecida por vários nomes. Em cada relato, ela aparece entre as discípulas fiéis de Jesus. Ela esteve na cruz e testemunhou o túmulo vazio. Mateus a chama de "Maria, a mãe de Tiago e de José" ou apenas "a outra Maria" ([Mt 27.56.61; 28.1](#)). Marcos usa alguns nomes para ela. Primeiro, ele a chama de "Maria, que era mãe de José, e de Tiago, o mais moço". Segundo, ele a chama de "Maria, a mãe de José". Terceiro, Marcos a chama de "Maria, a mãe de Tiago" ([Mc 15.40.47; 16.1](#)). No Evangelho de João, ela é "Maria, a esposa de Clopas" ([Jo 19.25](#)). Ela pode ser uma Maria separada. A tradição diz que esta Maria era tia de Jesus. Clopas era irmão de José (*História Eclesiástica* de Eusébio 3.11).

31. Maria Madalena. Sabemos pouco sobre essa mulher. Seu nome indica que ela era de Magdala, na Galileia. Em algum lugar na Galileia, ela encontrou Jesus. Ele expulsou sete demônios dela. Ela então se juntou ao grupo de discípulos e seguiu Jesus onde quer que ele fosse ([Lc 8.2](#)). Ela o seguiu até Jerusalém, ao pé da cruz, quando todos os discípulos homens haviam fugido ([Mc 15.40; Jo 19.25](#)). Ela observou o sepultamento de Jesus ([Mc 15.47](#)). Ela testemunhou os eventos em torno da ressurreição.

[Mateus 28.1](#), [Marcos 16.1](#) e [Lucas 24.10](#) a mencionam junto com as outras mulheres que foram ao túmulo. João afirma que ela foi a primeira entre essas mulheres a descobrir o túmulo vazio, a primeira a relatar aos discípulos e a primeira a ver o Cristo ressuscitado enquanto permanecia junto ao túmulo após todas as outras terem partido ([Jo 20.1-2.11-18](#)). Esta fiel discípula, no entanto, não foi autorizada a tocar seu Senhor ([Jo 20.17](#)).

32. Maria de Betânia. Esta Maria da Judeia era irmã de Marta e Lázaro. Sabemos três fatos sobre ela. Primeiro, ela era uma seguidora tão devota de Jesus que negligenciou suas tarefas domésticas para ouvi-lo ([Lc 10.38-42](#)). Jesus aprovou isso. Segundo, ela aparentemente ficou chateada com Jesus quando ele não veio curar seu irmão antes que ele morresse ([Jo 11.20.28-33](#)). Finalmente, antes de Jesus morrer, ela o unggiu com um unguento caro enquanto ele festejava em sua casa em Betânia ([Mt 26.6-13; Mc 14.3-9; Jo 12.1-8](#)).

33. Maria, mãe de João Marcos. Esta mulher aparece apenas uma vez nas Escrituras ([At 12.12](#)). Sua casa era o local de reunião da igreja. Como aparentemente era grande e ela tinha servos, era uma mulher rica. Provavelmente era viúva, já que nenhum marido é mencionado. Em sua casa, a igreja orou por Pedro, e Pedro foi até lá após ser libertado da prisão. Seu filho João Marcos viajou com Paulo e provavelmente com Pedro também.

34. Maria de Roma. Em [Romanos 16.6](#), Paulo saúda uma mulher em Roma chamada simplesmente "Maria, que tem trabalhado muito por vocês". Em algum momento, ela esteve na Grécia ou na Ásia Menor, talvez sendo forçada a sair de Roma com Áquila e Priscila ([At 18.2](#); por volta de 49 d.C.). Enquanto estava lá, ela conheceu Paulo. É possível que ela tenha se tornado cristã através dele. Ela trabalhou arduamente com ele em seu trabalho de evangelismo ou cuidando da igreja. Uma data provável para o livro de Romanos é 56 d.C.. Por essa data, ela já havia retornado a Roma. Ela foi honrada pelo elogio que Paulo fez a ela e aos outros que trabalharam com eles vivendo em Roma.

Marido

Veja Vida familiar e relações.

Marinheiros

Homens treinados em barcos à vela no mar. O povo de Israel não era geralmente marítimo e limitava suas atividades nas águas do Mar da Galileia e o rio Jordão. Ocasionalmente, eles podem ter tido contato com grandes navios ([Gn 49.13](#); [Jz 5.17](#)). Salomão tinha uma frota de navios em Eziom-Geber no Golfo de Acaba ([1Rs 9.26-28](#); [2Cr 8.17-18](#); [9.21](#)). Josafá, também, tinha uma frota em Eziom-Geber ([1Rs 22.48](#); [2Cr 20.35-37](#)).

O NT frequentemente menciona navios e marinheiros — os numerosos barcos de pesca na Galileia ([Mt 14.22](#); [Mc 1.19](#); [3.9](#); [Lc 5.2](#); [Jo 6.19.22-24](#); [21.8](#)) e os grandes navios, como o que Paulo viajou para Roma ([Atos 27.6-44](#)). Marinheiros ou navegadores são mencionados em [Atos 27.27.30](#). O termo “marinheiro” (NTLH) refere-se a um navegador ([Ez 27.9.27-29](#); [Jn 1.5](#)).

Veja também Viagem.

Más

O quarto filho de Arã ([Gn 10.23](#)), um descendente de Sem. Ele é chamado de Mesaque em [1 Crônicas 1.17](#). Veja Mesaque #2.

Masai

Sacerdote que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio ([1Cr 9.12](#)).

Masreca

Lar de um rei edomita chamado Samlá ([Gn 36.36](#); [1Cr 1.47](#)).

Massá

Sétimo filho de Ismael e neto de Abraão ([Gn 25.14](#); [1Cr 1.30](#)). Seus descendentes habitaram o noroeste da Arábia. Tiglate-Pileser III menciona essas pessoas, juntamente com os habitantes de Tema (cf. [Gn 25.15](#)) e outros que foram governados por

ele e lhe pagaram tributo. O povo de Tema provavelmente era descendente do irmão de Massá, Tema.

A forma Massá faz parte dos títulos de [Provérbios 30.1](#) e [31.1](#). O artigo definido o precede em [30.1](#) e pode ser traduzido como “as palavras solenes” (NTLH) ou “o oráculo” (ARC). É frequentemente usado em passagens proféticas no sentido ominoso do julgamento iminente de Deus ([Is 13.1](#); [Na 1.1](#); [Hb 1.1](#)).

Massá e Meribá

Massá e Meribá foram dois lugares onde os israelitas reclamaram por não terem água durante sua jornada pelo deserto. Em hebraico, Massá significa “colocar à prova” e Meribá significa “encontrar falha, contenda” ([Ex 17.7](#)). Em Refidim, os israelitas não tinham água para beber. Deus disse a Moisés para golpear uma rocha, e dela saiu água. Moisés deu a este lugar dois nomes (Massá e Meribá) porque o povo testou Deus duvidando que Ele proveria para eles.

A Bíblia menciona Massá quatro vezes ao falar sobre como os israelitas se rebelaram contra Deus ([Dt 6.16](#); [9.22](#); [33.8](#); [Sl 95.8](#)).

Em contraste, [Nm 20.13.24](#); [27.14](#); e [Dt 32.51](#) situam Meribá perto de Cades no deserto de Zim. Lá, Moisés feriu a rocha duas vezes para produzir água. [Sl 81.7](#) e [Dt 33.8](#) sugerem que Deus estava testando os israelitas durante esses eventos.

Veja também Meribá.

Matana

Em algumas Bíblias em português, a grafia é “Mataná”. Um lugar onde os israelitas acamparam depois que Deus os tirou do Egito. Eles vieram aqui enquanto viajavam para o norte ao longo do lado leste do Mar Morto, movendo-se do rio Arnom em direção à terra governada por Seom, o rei dos amorreus ([Nm 21.18-19](#)). Hoje, não sabemos exatamente onde ficava Matana, mas é provável que seja em um lugar agora chamado Khirbet el-Medeiyineh, perto de um vale chamado Wadi eth-Themed.

Matar

Veja Direito Civil e justiça; Direito penal e punição; Mandamentos, Os Dez.

Mateus (Pessoa)

Filho de Alfeu; um cobrador de impostos por profissão; escolhido por Jesus para ser um dos 12 apóstolos; creditado com a autoria do Evangelho de Mateus.

Mateus está listado em cada uma das quatro listas dos 12 ([Mt 10.3](#); [Mc 3.18](#); [Lc 6.15](#); [At 1.13](#)). Além dessas listas, Mateus é mencionado apenas no relato de seu chamado ([Mt 9.9](#); [Mc 2.13-14](#); [Lc 5.27](#)). Antes de seu chamado apostólico, os Evangelhos se referem a Mateus como Levi ([Mc 2.14](#); [Lc 5.27](#); compare com [Mt 9.9](#)). A identificação de Levi como Mateus não deixa sombra de dúvida. É improvável que Mateus fosse o irmão de Tiago, o Menor, cujo pai também chamava Alfeu ([Mt 10.3](#)), uma vez que este fato teria sido mencionado no registro das Escrituras, como é nos casos de Pedro e André e os filhos de Zebedeu.

Mateus serviu ao rei Herodes Antípaso em Cafarnaum da Galileia, coletando tarifas sobre mercadorias que atravessavam a estrada de Damasco para o Mar Mediterrâneo. Para trabalhar nesta capacidade, Mateus teria sido um homem educado, familiarizado com a língua grega, bem como o aramaico nativo, qualificando-o assim para escrever o Evangelho de Mateus. Como cobrador de impostos, Mateus pode ter sido um homem de riqueza, mas esta profissão também o fez ser desprezado pelos judeus e considerado entre as pessoas mais baixas. Os fariseus consistentemente colocavam os cobradores de impostos no mesmo nível dos pecadores ([Mt 11.19](#); [Mc 2.16](#); [Lc 7.34](#); [15.1](#)).

Mateus foi chamado enquanto ele estava trabalhando em sua cabine de coletoria de impostos. Jesus passou pela estrada e disse-lhe: "Segue-me" ([Mc 2.14](#)). Mateus deixou tudo e o fez ([Lc 5.28](#)). Imediatamente, ele deu a Jesus um grande banquete em sua casa, e uma grande multidão de seus colegas cobradores de impostos e outros estavam lá para apreciá-lo. Foi nesta festa que os fariseus e seus escribas fizeram a conhecida queixa "Por que vocês comem e bebem com cobradores de impostos e pecadores?" ([Lc 5.30](#)), essa informação está numa nota de rodapé da Bíblia em inglês NLT).

Não é certo quando Mateus foi chamado, mas é provável que os primeiros seis discípulos estivessem presentes naquele dia, uma vez que os fariseus se queixaram com os discípulos de Cristo durante a festa de Mateus. Ao contrário dos primeiros homens que Jesus chamou, Mateus não era originalmente um seguidor de João Batista.

Mateus, Evangelho De

Primeiro Evangelho e primeiro livro do NT.

Resumo

- Autor
- Data e Origem
- Propósito
- Conteúdo

Autor

Em lugar algum o texto de Mateus identifica claramente o autor. No entanto, assim como a igreja antiga, podemos atribuir a autoria a Mateus, o apóstolo. Ele era conhecido como Levi (veja [Mc 2.14](#); [Lc 5.27-29](#)). Antes de Jesus o chamar, ele era um cobrador de impostos ([Mt 9.9ss](#)). É interessante notar que Mateus se chamou de cobrador de impostos, enquanto nenhum dos outros escritores dos Evangelhos o fez. Talvez ele tenha feito isso para mostrar quão grande ascendência lhe foi concedida quando o Senhor o chamou, pois os cobradores de impostos eram desprezados e considerados as pessoas mais baixas. O próprio Evangelho carrega a impressão de um conhedor de moeda, pois o escritor do Evangelho fala especificamente sobre um imposto de duas dracmas ([Mt 17.24](#)), uma moeda de quatro dracmas (v. 27) e os vários talentos ([18.24](#); [25.15ss](#)).

Data e Procedência

Os estudiosos estão divididos sobre a data em que Mateus foi escrito principalmente porque ainda há debate sobre qual Evangelho foi escrito primeiro: Mateus ou Marcos. Se Marcos foi escrito antes de Mateus, então Mateus estava muito endividado com Marcos por uma grande quantidade de material, e vice-versa. Aqueles que argumentam a favor da prioridade de Mateus o fazem com base em que o Evangelho de Mateus foi (1) reconhecido na igreja primitiva como o primeiro Evangelho, (2) escrito para aqueles que primeiramente precisavam de

um relato escrito — os judeus, e (3) colocado em primeiro lugar no cânon do NT. Se precedeu ou veio depois de Marcos, a maioria dos estudiosos está certa de que foi escrito antes da destruição de Jerusalém (70 d.C.) porque o templo é mencionado como ainda de pé ([Mt 24.15](#)). Irineu indicou que Mateus escreveu este Evangelho enquanto Pedro e Paulo estavam em Roma. Isso faria o tempo da composição nos anos 60.

Propósito

Apologética

Mateus escreveu para uma comunidade de cristãos judeus de língua grega, localizada em um centro como Antioquia na Síria. A comunidade foi cercada e assediada por judeus hostis às reivindicações de Jesus e da comunidade cristã.

Mateus escreveu como um judeu para judeus. Em Jesus de Nazaré, Mateus afirma, o AT alcançou seu objetivo designado. Jesus é o Messias da expectativa de Israel. No capítulo de abertura, Mateus o identifica como “o filho de Davi, o filho de Abraão” ([1.1](#)), de fato como “Deus conosco” (v. [23](#)). Em capítulos posteriores, Jesus é revelado como o Filho do Homem de [Daniel 7](#) e o Servo Sofredor de [Isaías 53](#). Ao longo do livro ([Mt 1.22-27.10](#)), os eventos da vida de Jesus são representados como o “cumprimento” das profecias do AT. Ele vem para oferecer a salvação do pecado a Israel ([1.21](#)). No entanto, os judeus o rejeitaram como seu Messias, e assim se colocaram na posição mais perigosa ([11.20-24](#); [21.33-46](#)). Uma explicação para a rejeição de Israel a Jesus é o fracasso da liderança religiosa judaica em preparar as pessoas para sua vinda. Na linguagem mais forte, Mateus denuncia os mestres da lei e os fariseus. Eles abandonaram a Palavra de Deus em favor de suas próprias tradições (cap. [15](#)).

Ensinando a Igreja

Mateus também escreveu como cristão para cristãos. Ele apresenta Jesus como um novo Moisés, de fato como Yahweh encarnado, expondo sua própria lei para seu povo (cap. [5](#)), agora recém-constituído em torno de sua pessoa sob a liderança dos apóstolos ([10.2-4](#); [16.18-19](#); [23.8-10](#)). Se a igreja cristã quiser funcionar corretamente, o ensino do Messias sobre uma série de questões morais e espirituais deve ser tomado com a máxima seriedade (caps. [5-7](#), [18](#)). Para ajudar a este propósito, Mateus toma a forma de um livro teológico ou um manual para a igreja, para instruir

o povo de Deus sobre a pessoa e a obra de Jesus. Que esses ensinamentos podem ser mais pronta e firmemente compreendidos, Mateus os apresenta de uma maneira altamente organizada e memorável. Para facilitar o aprendizado do material, ele organiza os ensinamentos de Jesus em cinco grandes discursos (interligados com porções narrativas) nos quais ensinamentos do mesmo tipo são agrupados (p. ex., cap. [10](#) consiste em uma incumbência aos missionários, e o capítulo [13](#) consiste em sete parábolas do reino). Os principais temas teológicos de Mateus podem ser identificados como o *Filho* de Deus (Jesus é Yahweh encarnado, “Deus conosco”), o *reino* de Deus (em Jesus, Deus está invadindo a história para inaugurar seu governo final), a *salvação* de Deus (como o rei-servo, Jesus veio para “salvar seu povo de seus pecados”, [1.21](#)) e o *povo* de Deus (Jesus veio para construir sua igreja, uma comunidade redimida composta de judeus e gentios).

Conteúdo

A Vinda do Salvador (1.1-2.23)

Seu nome revela sua missão: “Jesus” ([1.1](#)) significa “Yahweh salva”. Ele é “o filho de Abraão”, que vem para realizar as antigas promessas de Deus aos judeus e gentios ([Gn 12.1-3](#)). Ele é “Cristo [ou Messias]”, o filho de Davi ([Mt 1.1](#)), que vem para inaugurar o reino de Deus ([4.17](#)). Mais do que isso, como evidenciado tanto pela profecia ([1.22-23](#)) quanto pela natureza de sua concepção (vv. [18-20](#)), ele é “Deus conosco” — que agora vem para “salvar seu povo de seus pecados” (v. [21](#)). Como filho de Davi, e de acordo com a profecia, ele nasce em Belém ([2.1-6](#)). Atraídos pela estrela do Messias de Israel (cf. [Nm 24.17](#)), os gentios vêm para adorá-lo ([Mt 2.1-12](#)). Quando Herodes busca destruí-lo, Jesus encontra refúgio em uma terra gentia; o chamado de Deus de seu Filho do Egito marca o início de uma poderosa obra salvadora — nada menos do que um novo êxodo sob Jesus, o novo Moisés (vv. [13-20](#)). Tendo nascido na mais humilde das circunstâncias, Jesus agora vem viver em Nazaré (vv. [21-23](#)).

Os começos do ministério (3.1-4.25)

Em face do julgamento que Jesus está prestes a realizar (como evidência da chegada do reino), João Batista chama Israel ao arrependimento ([3.1-12](#)). A submissão de Jesus ao batismo de João, e a voz do céu, mostram-no como um Rei que serve aos seus súditos tomando seus pecados sobre si (vv. [13-17](#)). Como Israel no êxodo, Jesus é levado para o deserto

para um período de testes (4.1). Quando o diabo busca afastá-lo tanto de Deus quanto de sua missão designada, Jesus vence dependendo de Deus e de sua Palavra (vv. 1-11). Voltando para a Galileia, Jesus deliberadamente se estabelece em território com habitantes judeus e gentios (vv. 12-16) e começa um ministério de pregação (como João, ele chama para o arrependimento diante do reino que desperta), ensino (ele chama seus primeiros discípulos) e cura (vv. 17-25).

O Sermão no Monte (5.1-7.29)

Assim como Moisés subiu ao Sinai para receber a lei de Deus para Israel, assim Jesus — tanto como o novo Moisés quanto como Deus encarnado — subiu à montanha para expor sua instrução para os cidadãos do reino de Deus (5.1-2). Ele começa com o *evangelho* (não a lei), declarando que Deus certamente salvará aqueles que — assediados pelo pecado — confiam na misericórdia de Deus, obedecem aos seus mandamentos e anseiam por ele estabelecer seu governo justo na terra (vv. 3-12). Para esse fim, os discípulos são um preservativo (sal) e uma testemunha (luz) em uma sociedade pecaminosa (vv. 13-16). Como aquele que veio não para abolir a Lei e os Profetas, mas para trazê-los ao cumprimento (isto é, para inaugurar a nova era para a qual o AT apontava — v. 17), Jesus chama seus discípulos à obediência constante à lei de Deus como agora exposta pelo próprio Legislador (v. 18-20). Os mandamentos de Deus abrangem desejos internos, bem como ações externas, não devem ser diluídos ou racionalizados, e requerem uma obediência mais radical do que nunca, agora que o fim chegou (vv. 21-48). Em sua dádiva, oração e jejum, os discípulos devem combater a hipocrisia pela centralidade em Deus e esquecimento de si mesmo (6.1-18). A Oração do Senhor (vv. 9-13) clama a Deus para honrar seu nome estabelecendo seu governo na terra, e para perdoar, proteger e prover para seus filhos. Dada esta oração, e dada a visão centralizada em Deus da realidade dos discípulos (vv. 19-24), não há causa para ansiedade (vv. 25-34). Os discípulos devem discernir sem julgar (7.1-6), e depender de Deus para o poder necessário para amar os outros (6.7-12). Tendo concluído sua exposição da lei (5.21-7.12), Jesus agora chama futuros discípulos para segui-lo (7.13-14), adverte contra os falsos mestres (vv. 15-20) e insiste que os verdadeiros discípulos fazem a vontade de Deus (vv. 21-23).

A Autoridade de Jesus (8.1-9.38)

Tendo dado sua autoridade à expressão *verbal* no ensino (7.28-29), Jesus agora lhe dá expressão *visível* em uma série de milagres de cura, revelando-se novamente como o servo de Isaías (8.17). Ele cura um leproso, o servo de um centurião e uma mulher com hemorragia por sua palavra (8.1-13; 9.20-22). Seu toque dissipa uma febre e ressuscita uma pessoa morta (8.14-15; 9.23-25). Uma combinação de palavra e toque cura os cegos (9.27-31). Como “Deus conosco”, Jesus exige por fidelidade incondicional (8.18-22). Embora não tenha sequer a proteção natural de que desfrutam os animais (v. 20), ele demonstra sua soberania sobre o mundo natural — e, portanto, sua divindade — acalmando a tempestade (v. 23-27). Em confrontos diretos com demônios, ele mostra sua superioridade sobre eles (8.28-34; 9.32-33). Exercendo a própria autoridade de Deus, ele declara pecados perdoados (9.1-8) e chama os pecadores ao arrependimento e ao discipulado (vv. 9-13). A alegria sobre a inauguração do reino é misturada com o desejo de sua consumação (vv. 14-17). O resumo de 9.35-38 ecoa 4.23-25, lembra os capítulos 5-7 e se prepara para o próximo grande discurso.

A Ordem de Jesus aos Missionários (10.1-42)

Em resposta às orações que ele ordenou, Cristo agora investe 12 discípulos com autoridade apostólica e os envia para seu campo de colheita (9.37-10.4). O discurso fala tanto da missão imediata dos apóstolos (10.5-15) quanto da missão mais ampla da igreja (vv. 16-42). Por enquanto, os apóstolos devem se concentrar em evangelizar os judeus (v. 6), em preparação para a missão aos gentios (28.19). Os “dignos” são aqueles que acolhem os apóstolos e sua mensagem; os “indignos”, aqueles que os rejeitam (10.11-15). Na missão mais ampla, com certeza haverá perseguição (vv. 16-19, 24-25), mas isso realmente ajudará o testemunho (vv. 17-23). Deus salvará seus missionários fiéis (vv. 19-23), mas julgará aqueles que os oprimem e que repudiam a Cristo (vv. 26-39). Uma recompensa certa aguarda tanto o arauto quanto o destinatário da mensagem (vv. 37-42).

Cristo, o Senhor (11.1-12.50)

O julgamento que João previu já está em andamento; a posição de alguém no último julgamento seria determinada por sua resposta às palavras e obras de Jesus (11.2-6). Como seu

arauto, Jesus se depara com hostilidade e indiferença generalizadas (vv. [7-19](#)). Dada a finalidade da graça que assiste ao seu ministério, aqueles que o rejeitam sofrerão o julgamento mais severo (vv. [20-24](#)). No entanto, há outros — os humildes, os sobreacarregados, os ensináveis — que aprendem (por revelação de Deus, o Pai, e Deus, o Filho) que o “Senhor do céu e da terra” também é o Deus “manso e humilde” que vem para dar descanso àqueles que confiam nele (vv. [25-30](#)). Como aquele que inaugura a nova era ([12.6](#)), Jesus afirma que ele é o Senhor do sábado (vv. [1-8](#)). O verdadeiro descanso ([11.29](#)) vem para aqueles que vêm a Jesus.

Vendo Jesus como o destruidor do sábado, os fariseus atribuem seus poderes milagrosos a Satanás ([12.22-24](#)). Pelo contrário, diz Jesus, o governo que ele está inaugurando está esmagando o império de Satanás (vv. [25-29](#)). Rejeitar esta verdade com plena consciência do que alguém está fazendo é cometer o pecado imperdoável contra o Espírito Santo (vv. [30-32](#)); as palavras dos acusadores de Jesus os expõem como pessoas destinadas à condenação (vv. [33-37](#)). O sinal solicitado do céu não será dado. A ressurreição de Jesus é o único sinal de que eles precisam.

As Parábolas do Reino (13.1-58)

Este, o terceiro dos cinco grandes discursos de Mateus, contém sete parábolas. Na parábola do semeador, quatro tipos de solo — duro, raso, obstruído e frutífero — ilustram as várias respostas à pregação de Jesus ([13.3-9,18-23](#)). Como aqueles que receberam a proclamação do reino de Jesus ([4.17](#)), os discípulos recebem mais luz, mas as multidões devem aceitar essa proclamação inicial antes que mais luz seja dada ([13.10-17,34-35](#)). Tanto na parábola do joio (vv. [24-30,36-43](#)) quanto na parábola da rede (vv. [47-50](#)), Jesus assegura aos seus discípulos que o julgamento final separará os verdadeiros crentes dos falsos, e adverte contra julgamentos precipitados e prematuros (cf. [7.1-5](#)). As parábolas da mostarda e do fermento ([13.31-33](#)) contrastam a pequenez da inauguração do reino com a plenitude de sua consumação. As parábolas do tesouro escondido e da pérola (vv. [44-46](#)) descrevem o reino como um valor que supera todos os outros (cf. [6.33](#)). Assim iluminados por Jesus, os discípulos têm novos tesouros para adicionar aos seus antigos ([13.51-52](#)). O povo de Nazaré, pelo contrário, ecoa a falta de compreensão das multidões e a hostilidade dos fariseus (vv. [53-58](#)).

Conflito Espiritual (14.1-16.12)

Em [14.1-12](#), a pregação de João expõe a fraqueza de Herodes, e a decapitação de João antecipa a crucificação de Jesus (cf. [17.12](#)). O verdadeiro rei não é Herodes, mas Jesus. Ele é soberano sobre a própria natureza ([14.13-36](#)) — Deus encarnado, “Deus conosco”, que alimenta a multidão de famintos no deserto (como Deus uma vez forneceu o maná) e anda sobre o mar e acalma-o (veja [Sl 89.9](#)). Pedro é um modelo da fé, do medo e da dependência total dos cristãos em Jesus ([Mt 14.28-31](#)). Os fariseus e mestres da lei parecem adorar a Deus, mas, na verdade, são devotos às suas próprias tradições, que eles oferecem não como suplementos, mas *comoravais* da Palavra de Deus ([15.1-9](#)). Nos versos [10-20](#), Jesus ensina que a lei cerimonial, separada da lei moral, se torna um ritual vazio, e que a antiga distinção entre alimentos puros e impuros ([Lv 11](#)) é agora tão obsoleta quanto a distinção entre judeus e gentios. Para ressaltar o ponto, Jesus entra em território pagão, cura um cananeu ([15.21-28](#)) e alimenta uma multidão de gentios (vv. [29-39](#)). Os fariseus e saduceus, apesar de todas as suas diferenças, estão unidos em sua oposição a Jesus ([16.1-12](#)).

A Vinda da Salvação (16.13-17.27)

Indo além das estimativas respeitosas, mas inadequadas, das multidões, Pedro confessa Jesus como “o Cristo, o Filho do Deus vivo” — um reconhecimento da divindade de Jesus concedido pela revelação divina ([16.13-17](#); cf. [11.25-26](#)). Como é Deus, o Filho, que possui e constrói a igreja, Satanás e a morte são vítimas em vez de vencedores. Jesus construirá sua igreja na confissão de Pedro de que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo. A proibição e a permissão dos apóstolos da entrada na igreja (“ligar” e “desligar”, respectivamente) depende da decisão prévia do céu (isto é, a revelação do ensino apostólico de Deus). Em face da confissão de Pedro e das persistentes falsas noções de messianismo ([16.20,23](#)), Jesus agora (pela primeira vez) prevê seus sofrimentos e glória vindoura (vv. [21-28](#)). Em antecipação a essa glória, Jesus é transfigurado diante de certos discípulos; Moisés e Elias se juntam a Deus, o Pai, ao testemunhar o esplendor único de Deus, o Filho ([17.1-8](#)). Jesus então demonstrou seu poder combatendo os poderes demoníacos (vv. [14-18](#)) e exibiu sua autoridade escolhendo pagar o imposto do templo usando meios milagrosos (vv. [24-27](#)).

Grandezza no Reino (18.1–35)

Neste, o quarto dos cinco grandes discursos de Mateus, Jesus se concentra no caráter e nas atitudes dos membros da igreja. Ele chama seus seguidores para *se tornarem e acolherem os mais humildes* (18.1–5). Os líderes são especialmente ordenados a lidar duramente consigo mesmos, mas gentilmente com aqueles sob sua guarda (vv. 6–9). Lembrando-se do amor do Pai pelos pecadores, os cristãos devem fazer todos os esforços (tanto por oração quanto por iniciativa pessoal) para restaurar os irmãos ofensores, sendo a excomunhão o último recurso (vv. 10–20). Os membros da igreja que realmente entendem a incrível graça do Pai nunca pararão de oferecer perdão e compaixão àqueles que os prejudicam (vv. 21–35).

Instruções no caminho para Jerusalém (19.1–20.34)

Dadas as ordenanças de criação de Deus, diz Jesus, o próprio divórcio nunca é *ordenado*; só é *permitido* no caso do pecado — isto é, onde o laço conjugal já foi rompido através da infidelidade (19.1–9). Como em 5.17–48, Jesus chama seus seguidores à obediência radical (19.10–12). Além de instruir os discípulos a se tornarem como crianças (18.1–4), Jesus abraça as próprias crianças com seu amor (19.13–15). Ele apela da mesma forma ao jovem rico (vv. 16–22); mas o homem, embora fiel aos mandamentos sobre o amor ao próximo, está muito ligado a sua riqueza para se dar sem reservas a amar a Deus. No entanto, aqueles que abandonam tudo para seguir Jesus receberão riqueza incalculável no reino que está por vir (vv. 27–30). A base para tais bênçãos não está no mérito humano, mas na surpreendente generosidade do Deus gracioso (20.1–16). Ninguém — nem mesmo os ricos — está além do poder de sua graça. Mas Deus oferece salvação gratuita com grande custo para si mesmo (vv. 17–19). Confrontando a competitividade e ambição entre seus seguidores, Jesus os ensina que a verdadeira grandeza não está em dominar os outros, mas em servi-los (vv. 20–34), como será supremamente demonstrado em sua morte como “um resgate por muitos” (v. 28).

Confrontos em Jerusalém (21.1–22.46)

Como Rei-Servo (cf. 3.17), e como Messias destinado ao sofrimento (cf. 16.16–21; 20.28), Jesus entra em Jerusalém não montado num cavalo de guerra, mas montado num jumentinho, com o propósito não de declarar guerra aos seus inimigos,

mas entregar-se a eles — e assim alcançar seu triunfo através da derrota (21.1–11). Como Senhor do templo, ele exige que seu comércio seja interrompido e que se torne (como Deus ordenou) um lugar de adoração para todos, incluindo os doentes, os jovens e os estrangeiros (21.12–17; cf. Mc 11.17). Ele supera aqueles que se negam a reconhecer a fonte celestial de sua autoridade e de João (Mt 21.23–27). De forma dramática e devastadora, primeiro visivelmente (amaldiçoando a figueira — vv. 18–22) e depois verbalmente (nas três parábolas de 21.28–22.14), Jesus pronuncia julgamento sobre aqueles judeus que se negaram a reconhecê-lo como Messias e Filho de Deus. De agora em diante, o verdadeiro povo de Deus são aqueles que acreditam em Jesus, sejam judeus ou gentios. Ele chama seu povo para jurar sua lealdade suprema a Deus. Na resurreição, o que mais importa é o relacionamento de alguém com Deus (22.23–33). De fato, aquele que ama a Deus com todo o seu ser e seu próximo como a si mesmo, guardou os dois mandamentos fundamentais do AT (vv. 34–40). De agora em diante, submeter-se a Deus significa reconhecer corretamente Jesus; ele é de fato o filho de Davi (Mt 1.1), mas ele é supremamente o Senhor de Davi — o Filho exaltado de Deus (22.41–46; cf. 16.16).

Ais dos escribas e fariseus (23.1–39)

Cinco razões são declaradas para a denúncia de Jesus dos líderes religiosos judeus. Primeiro é sua hipocrisia: sua prática contradiz seu ensino (23.1–4), sua pureza externa esconde a podridão interior (vv. 25–28), e eles parecem defender a causa de Deus, mas são, na verdade, inimigos dos servos de Deus (vv. 29–36). O segundo é o orgulho que provoca sua hipocrisia (23.5–12). Terceiro é sua exploração e sua influência maligna sobre aqueles que estão sob seu comando (vv. 13–15). Quarto é sua predisposição com as minúcias da lei para negligenciar seus assuntos mais importantes (vv. 16–24). Quinta é sua responsabilidade pelo terrível julgamento que toda a nação está prestes a experimentar (vv. 33–39).

A Vinda do Fim (24.1–25.46)

A introdução a este, o quinto e último dos grandes discursos de Mateus, deixa claro que há a conexão mais próxima (tanto para Jesus quanto para seus discípulos) entre a destruição de Jerusalém e o fim dos tempos (24.1–3). Jesus primeiramente caracteriza o tempo entre seu primeiro advento e seu retorno: haverá catástrofes naturais, guerras

internacionais, a ascensão dos falsos messias, a perseguição do povo de Deus e a proclamação universal do evangelho do reino (vv. [4-14](#)). Então Jesus fala da catástrofe que em breve cairá sobre a nação judaica (como já predito em [22.7](#); [23.38](#)), terminando na destruição de Jerusalém e seu templo em 70 d.C. ([24.15-25](#)). Alguns tempo depois (mas após um intervalo conhecido apenas por Deus, o Pai — v. [36](#)), o Filho do Homem voltará em grande glória, em meio a sinais apocalípticos, para reunir seu povo (v. [26-31](#)). A geração presente não desaparecerá antes que o julgamento caia sobre Israel (vv. [15-25](#)), então deixemos os ouvintes atentos (vv. [32-35](#)). O mesmo aviso se aplica à vinda mais remota do Filho do Homem (vv. [36-51](#)): tanto a certeza do evento quanto a incerteza de seu tempo exigem por vigilância e fidelidade no intervalo, pois esse evento trará salvação e julgamento. Para deixar a lição clara, Jesus conta as parábolas das virgens sábias e tolas ([25.1-13](#)) e dos talentos (vv. [14-30](#)). A parábola conclusiva das ovelhas e cabras (vv. [31-46](#)) fala da necessidade urgente de dar a resposta correta aos “irmãos” — isto é, os mensageiros — de Cristo; aqueles que alimentam, vestem e se importam com os mensageiros de Cristo testificam assim de sua recepção da mensagem dos apóstolos e de seu Senhor (cf. [10.40-42](#)).

O Caminho para Gólgota (26.1-27.26)

Como que, em resposta à própria previsão de Jesus, os principais sacerdotes e os anciãos tramam seu plano assassino ([26.1-5](#)), que em breve seria ajudado por Judas (vv. [14-16](#)). A unção em Betânia (vv. [6-13](#)) testifica a extravagância do amor e a iminência da morte. Na refeição de Páscoa (vv. [17-30](#)), sinalizando para qual sacrifício o novo êxodo ocorre (cf. [2.15](#)), Jesus interpreta sua morte próxima como um sacrifício expiatório para o perdão dos pecados ([26.26-28](#); cf. [1.21](#)) e antecipa o dia da vitória final sobre o pecado e a morte no reino consumado ([26.29](#)). A agonia de Jesus no Getsêmani (vv. [36-46](#)) expressa seu horror por tomar os pecados de seu povo sobre si. Por um ato estupendo de obediência filial, ele submete sua vontade ao Pai, para que as Escrituras possam ser cumpridas ([26.54](#); cf. [Is 53](#)). Como o servo de Deus destinado a sofrer, Jesus resiste às tentativas de frustrar sua prisão ([26.47-56](#)). A suprema corte dos judeus (o Sinédrio) e seu mais alto oficial religioso (o sumo sacerdote) condenam Jesus como um blasfemador porque ele se atreve a se identificar como “o Cristo, o Filho de Deus” ([26.57-68](#); cf. [16.16](#)). Como se juntasse ao repúdio da corte,

Pedro — em realização da profecia de Jesus ([26.31-35](#)) — nega o conhecimento de Jesus (vv. [69-75](#)). A desilusão de Judas encontra expressão no suicídio ([27.3-10](#)). Os judeus entregam Jesus a Pilatos, o governador romano (vv. [1-2](#)), só ele tendo autoridade para pronunciar a sentença de morte. Sabendo que a acusação de blasfêmia não terá importância para Pilatos, os judeus agora representam Jesus como uma ameaça para César. No final, Pilatos não responde às acusações e evidências específicas, mas sim à pressão da multidão e à ameaça de tumulto (vv. [11-25](#)). Ele liberta Barrabás e entrega Jesus para ser crucificado (v. [26](#)).

A Morte de Jesus (27.27-66)

Após seu tratamento humilhante nas mãos dos soldados romanos, Jesus é levado para o lugar da execução; enfraquecido pelos espancamentos, ele necessitava de ajuda ([27.27-32](#)). Ele rejeita o narcótico oferecido para que ele possa manter sua mente limpa (v. [34](#)). Ele sendo morto com malfeiteiros (v. [38](#)) testifica o propósito de sua morte (cf. [1.21](#)). Um fluxo constante de abuso é lançado contra ele, em desrespeito blasfemo à verdade da inscrição “Este é Jesus, o Rei dos judeus” ([27.37-44](#)). Finalmente, das trevas, Jesus profere o grito de abandono; agora é revelado o horror final (aquele o qual sua alma sofreu no Getsêmani), a agonia suprema do portador do pecado — o abandono do Filho amado pelo Pai (vv. [45-49](#)). Tendo clamado em voz alta (cf. [Jo 19.30](#)), Jesus morre ([27.50](#)). Imediatamente, os efeitos salvadores de sua morte se tornam evidentes (vv. [51-53](#)): pecadores, agora perdoados, têm acesso ao Deus santo (o véu do templo está rasgado), e há esperança de ressurreição para aqueles que morreram. Como no início ([2.1-12](#)), os gentios em vez de judeus confessam Jesus ([27.54](#); contrastando [26.63-65](#)). A cuidadosa atenção de José ao sepultamento de Jesus contrasta com as tentativas em andamento dos principais sacerdotes e fariseus de resistir ao poder de Jesus ([27.57-66](#)).

O Triunfo do Salvador (28.1-20)

Em meio a grande glória, poder e alegria, a vitória do Salvador sobre a morte é anunciada e atestada ([28.1-7](#)). O Jesus ressuscitado aparece primeiro às mulheres que ficaram com ele durante sua crucificação ([28.8-10](#); cf. [27.61](#); [28.1](#)). A resposta dos judeus ao relatório dos guardas sinaliza seu crescente desespero diante da realidade irresistível ([28.11-15](#)). Encontrando-se com os 11

discípulos na montanha na Galileia (vv. [16–20](#)), Jesus, o novo Moisés, continua suas instruções. Ele agora revela o propósito evangelístico para o qual Mateus tem preparado os leitores desde o início do seu Evangelho. Os apóstolos devem discipular todos os povos batizando-os no nome do Deus trino e ensinando-os a obedecer a tudo o que Jesus ordenou. Os apóstolos saem na certeza de que Jesus — como Senhor — está sobre eles, e que Jesus — como Emanuel — está com eles até o fim dos tempos.

Veja também Jesus Cristo, Vida e Ensinamentos de; Lucas, Evangelho de; Marcos, Evangelho de; Mateus (Pessoa); Evangelhos Sinópticos.

Matias

Matias foi um discípulo de Jesus mencionado pelo nome apenas em [Atos 1.23–26](#). O Senhor o escolheu para substituir Judas Iscariotes como um dos doze apóstolos.

Pouco depois de Jesus subir ao céu (sua ascensão), Pedro disse que precisavam de outro apóstolo. Havia dois requisitos para o novo apóstolo:

- 35. A pessoa deve ter seguido Jesus desde o momento do seu batismo até a sua ascensão.
- 36. A pessoa deve ter visto Jesus após a sua ressurreição.

O grupo de crentes sugeriu dois homens que atendiam a esses requisitos: José, chamado Barsabás (também conhecido como Justo), e Matias.

Em seguida, eles lançaram sortes (alguns estudiosos acreditam que podem ter votado em vez disso). Seja qual for o método que usaram, Matias tornou-se o próximo apóstolo.

Mais tarde, o grupo de apóstolos cresceu para incluir outros, como Paulo, Andrônico e Júnia. A Bíblia nunca menciona Matias novamente após sua seleção. No entanto, a tradição diz que ele pregou na Judeia e acabou sendo morto por apedrejamento pelas autoridades judaicas.

Veja também Apóstolo, Apostolado.

Matrede

Mãe de Meetabel, a esposa do Rei Hadade (Hadar) de Edom ([Gn 36.39](#); [1Cr 1.50](#)).

Matusalém

O filho de Enoque, pai de Lameque e avô de Noé através da linhagem de Sete ([Gn 5.21–27](#); [1Cr 1.3](#)). Algumas versões da Bíblia em português coloca o nome como "Metusalém" (e.g., ARC, ARA). Matusalém viveu 969 anos. Ele é a pessoa mais velha registrada na Bíblia. Sua ancestralidade está incluída no registro de Lucas dos ancestrais de Jesus ([Lc 3.37](#)).

Veja também a Ancestralidade de Jesus Cristo.

Me-Zaabe

O pai de Matrede e o avô de Meetabel, a esposa do rei edomita Hadar (ou Hadade) ([Gn 36.39](#); [1Cr 1.50](#)).

Medã

Terceiro filho de Abraão com sua segunda esposa, Quetura ([Gn 25.2](#); [1Cr 1.32](#)).

Medade

Um ancião de Israel que profetizou durante a jornada dos israelitas pelo deserto. Deus deu a ele e a outro líder chamado Eldade mensagens especiais para compartilhar com o povo. Josué ficou preocupado quando os viu transmitindo as mensagens de Deus, mas Moisés disse a Josué que isso era bom e que eles tinham o direito de compartilhar o que Deus lhes havia dito ([Nm 11.26–27](#)).

Medeba

Medeba era uma cidade moabita na fértil planície a nordeste do Mar Morto. Ficava a cerca de 40 quilômetros ao sul de Filadélfia (atualmente a moderna Amã). Estava a 9,7 quilômetros ao sul de Hesbom, situada na estrada romana que levava até Queraque.

Neste local, os amorreus derrotaram Moabe ([Nm 21.30](#)). Mais tarde, Israel derrotou Seom, rei dos amorreus, em Medeba. Os israelitas deram esta cidade à tribo de Rúben ([Js 13.9,16](#)). O rei Davi derrotou um exército arameu neste lugar. Os arameus haviam sido contratados pelos amonitas para lutar contra as forças de Davi ([1Cr 19.7](#)).

De acordo com a Pedra Moabita (uma inscrição antiga em pedra), a cidade foi uma vez controlada pelos reis israelitas Onri e Acabe. No entanto, quando o rei Mesa trouxe Moabe de volta ao poder no século oitavo a.C., ele reconstruiu Medeba e outras cidades moabitas. Medeba é mencionada nas profecias de Isaías contra Moabe ([Is 15.2](#)). Mais tarde, os reis Jorão e Josafá tentaram, mas não conseguiram capturar esta cidade.

Mediar, Mediador

O ato de um intermediário, ou especialista em coisas divinas, não para negociar acordo ou concessão, mas, para se aproximar de Deus em nome de outros e, assim, transmitir o conhecimento e a segurança desejados ante a autoridade divina.

No Antigo Testamento

A voz de Jó, ansiando por tal mediador (traduzido aqui da LXX): “Deus não é um mortal como eu, então eu não posso argumentar com ele ou levá-lo a julgamento. Se ao menos houvesse um mediador que pudesse nos unir, mas não há nenhum. O mediador poderia fazer Deus parar de me açoitar, e eu não viveria mais no terror de sua punição. Então, eu poderia falar com ele sem medo, mas eu não posso fazer isso em minha própria força” ([Jó 9.32-35](#)).

Mais familiar é a mediação da instrução sobre o caráter e vontade divinos. A aliança mosaica foi dada através da mediação dos anjos e de Moisés ([Êx 20.18-21; Dt 33.2; At 7.53; Gl 3.19](#); contraste [Hb 6.13-17](#), onde Deus, agindo sozinho, “mediou” um juramento). Os termos da lei da aliança foram expostos por profetas que “permaneciam no conselho de Deus”, e por sacerdotes que comunicavam a mente de Deus por oráculo, sorte sagrada e pronunciavam bênção ([Dt 10.8; 33.8-10; 2Cr 15.3; Jr 23.10-11, 18-22, 31-34; Mq 3.11; Ml 2.7](#)).

Mais familiar é a mediação litúrgica do sacerdote, seja por Moisés ([Êx 24.4-8](#)) ou por uma pessoa

nomeada e treinada nos rituais de culto ([28.1](#)). Por causa da ênfase de Israel na santidade de Deus, expiação sacrificial ou “cobertura” do pecado, era uma analogia, em grande parte, baseada na mediação sacerdotal. O sacerdote representava diante de Deus a penitência, confissão e orações do povo por perdão, levando os nomes das tribos nos ombros e peitoral, e representava Deus, por sua vez, assegurando seu favor, perdão e proteção (veja [Hb 5.1-4; 7.27-10.11](#)).

No Novo Testamento

Era natural que a missão de Jesus fosse descrita em termos mediatoriais, e como a de um profeta falando em nome de Deus aos humanos, primeiramente, tornando conhecido a Deus ([Mc 6.15; 8.28](#)). Onde aplicado a Jesus, o título “mediador” se refere, principalmente, à sua instituição de uma nova aliança, estabelecendo o novo relacionamento de Deus com as pessoas ([Hb 8.6; 9.15; 12.24](#)). O outro exemplo é [1 Timóteo 2.5](#), onde a singularidade de Deus requer um único mediador inigualável, a saber, Cristo.

Esta última referência menciona a entrega de Cristo como “um resgate por todos”. Esta função essencialmente sacerdotal é o tema de Hebreus. Cristo como Filho de Deus, divinamente nomeado, sem pecado, em sofrimento, tentado, compassivo e obediente, é exclusivamente qualificado para ser Sumo Sacerdote de seu povo. Como sacerdote, ele oferece um sacrifício perfeito e vive para sempre para interceder por aqueles que se aproximam de Deus através dele. Este ministério mediador coloca Jesus à “mão direita de Deus”. Sua intercessão pelas pessoas é mencionada também em [Romanos 8.34](#) e, provavelmente, em [1 João 2.1](#), onde os antigos comentaristas gregos, neb e outras fontes autoritativas entendem “paracleto”, aqui, aplicado a Jesus. Seu sacrifício mediador é mencionado em Mateus ([Mt 26.28](#)), João ([Jo 1.29](#)), Romanos ([Rm 3.25](#)) e 1 João ([1Jo 1.7; 2.2; 4.10](#)).

Ainda mais significativo é a obstinação, em todos os lugares no NT, de que o conhecimento do homem de Deus, salvação e esperança vêm somente por Cristo. Despojado de sua glória por nossa causa, ele morreu e ressuscitou “por nós”; nossa paz, acesso a Deus, reconciliação, expiação do pecado, graça, verdade, oração e “todas as bênçãos espirituais” são “através dele”, “nele”, “através de seu sangue” e “em seu nome”. O propósito de Deus se concentra nele; ele mediou na Criação e na redenção ([Cl 1.15.22](#)); nele toda a plenitude de Deus habita, e a face de Cristo revela a glória de Deus. Ninguém

conhece o Pai, exceto o Filho e aqueles a quem o Filho o revela; ninguém vem ao Pai exceto através dele; nem há salvação em qualquer outro.

A mediação de Cristo é o cumprimento e o fim de toda a mediação entre Deus e a humanidade. O livro de Hebreus inicia com a afirmação de que Cristo supera a todos os outros mediadores — anjos, Moisés, o sacerdócio Aarônico. Seu sacerdócio é atemporal, como o de Melquisedeque. Seu sacrifício é único, “de uma vez por todas”, e por ele fomos consagrados a Deus “por todos os tempos”. A aliança que ele estabeleceu entre Deus e as pessoas oferece melhores promessas, sacrifício, santuário e esperança ([Hb 7.19; 8.6; 9.1, 11–15](#)). A mediação de Cristo é incomparável, supera as demais formas de medição de modo que nunca pode ser substituída; ele é sacerdote sem igual e para sempre (cf. [1Tm 2.5](#)).

Sem utilizar a analogia sacerdotal, João enfatiza a mesma verdade. O abismo entre divino e humano foi cruzado, decisiva e finalmente, pela Encarnação. Em vez de ficar entre Deus e o homem, Cristo une ambos dentro de si ao se tornar homem. Mediando no início na Criação, Cristo é o próprio Verbo que, ao lado de Deus, medeia a mente de Deus, incorpora a mensagem de Deus e transmite o poder de Deus. Ninguém viu Deus em qualquer evento, mas, como Filho único e divino, Jesus “desvenda” Deus ([Jo 1.18](#)). Do lado humano, Jesus ora pelos discípulos (cap. [17](#)), oferece obediência perfeita, dá sua vida por seu rebanho e oferece o sacrifício puro que carrega o pecado do mundo.

Veja também Reconciliação.

Medicina E Prática Médica

O campo do conhecimento que lida com o diagnóstico, tratamento e prevenção de doenças, bem como as substâncias reais usadas para diagnosticar, tratar ou prevenir doenças.

A medicina como um ramo do conhecimento recebeu pouca atenção do povo hebreu nos tempos do AT, em contraste com as culturas vizinhas encontradas na Mesopotâmia e no Egito, onde o conhecimento médico tinha um lugar proeminente. Na biblioteca do rei Assírio Assurbanípal estão 800 tábulas relacionadas com a medicina. A partir desses escritos, pode ser visto que a medicina naquela época era uma mistura de religião, adivinhação e demonologia. Sua farmacopeia era extensa e incluía agentes como fezes de cachorro e

urina humana. As operações cirúrgicas eram realizadas por alguns médicos. Um método incomum de diagnóstico praticado na Babilônia era inspecionar o fígado de um animal recém-morto e compará-lo com um modelo de argila de um fígado de um animal normal. As diferenças entre os dois eram usadas para diagnosticar a condição do paciente. Um exemplo interessante disso, e de adivinhação, é encontrado em [Ezequiel 21.21](#).

A arte da medicina era mais avançada no Egito do que na Mesopotâmia, dependendo mais da lógica e da observação. O papiro de Edwin Smith é o tratado cirúrgico mais antigo conhecido. Aborda uma variedade de fraturas, deslocações, feridas, tumores e úlceras. Curativo adesivo, sutura cirúrgica e cauterização eram usados nos tratamentos. O coração era reconhecido como o centro do sistema circulatório, e o pulso era observado. O papiro de Ebers lida com problemas da medicina interna e seu tratamento. Os enemas eram uma forma popular de terapia, e sua *matéria médica* continha uma variedade de remédios, que iam de óleo de rícino à gordura animal e areia quente. Outros papéis lidam com problemas ginecológicos e contêm fórmulas e diversos encantamentos mágicos. A mumificação era uma arte altamente desenvolvida; José teve seu pai Jacó embalsamado ([Gn 50.2](#)).

A perspectiva do povo hebreu nos tempos do AT em relação às doenças era completamente diferente da de seus vizinhos pagãos. Eles não acreditavam nas superstições pagãs ou deuses e, consequentemente, não desenvolveram um conhecimento médico semelhante aos egípcios e babilônios. Em vez disso, os hebreus consideravam a doença como um julgamento de Deus ([Ex 15.26; Dt 28.22,35.60–61; Jo 9.2](#)) e a recuperação também era atribuída a Deus ([Ex 15.26; Sl 103.3](#)). De acordo com esta filosofia, a confiança do rei Asa nos médicos, em vez de em Deus é mencionada de forma reprobatória em [2 Crônicas 16.12](#). Portanto, embora o tratamento médico estivesse disponível em Israel, seu uso e desenvolvimento eram menos avançados do que nas terras vizinhas.

A contribuição mais significativa que os hebreus deram à medicina foi nas medidas higiênicas descritas na Lei, particularmente em [Levítico 11–15](#). Embora tivessem uma significância primordialmente religiosa, elas indubitavelmente melhoraram o nível geral de saúde e bem-estar físico do povo. O sacerdote hebreu não era o equivalente do médico-sacerdote encontrado em outras culturas. Embora se esperasse que o

sacerdote hebreu determinasse quais condições físicas tornavam uma pessoa ceremonialmente impura, não há indícios nas Escrituras de que ele tratava doenças.

A única operação cirúrgica mencionada nas Escrituras é a circuncisão. Isso era realizado pelos hebreus para fins religiosos, em vez de fins médicos, e não era feito por um médico, mas pelo chefe da casa ou por outra pessoa ([Êx 4.25](#)). Em [Ezequiel 30.21](#), a referência ao tratamento de uma fratura do braço imobilizando-o e colocando uma tala com um curativo de rolo.

O atendimento obstétrico era feito por mulheres que eram parteiras experientes ([Gn 35.17](#)). Em [Gênesis 38.27-30](#), há um relato do nascimento de gêmeos complicado por uma apresentação transversa. Este é um problema difícil para até mesmo a obstetra mais qualificada, e o fato de a mãe e ambos os bebês terem sobrevivido fala muito sobre a habilidade dessa parteira. Em [Êxodo 1.15-21](#), o uso de cadeiras de parto é mencionado. Este era um dispositivo para segurar a mulher em uma posição favorável para dar à luz o bebê.

Nos tempos do NT, a medicina grega tinha uma influência dominante no mundo mediterrâneo. Embora a prática da medicina ainda estivesse em um estado primitivo, Hipócrates e outros médicos gregos de seus dias estabeleceram as bases para a medicina moderna rejeitando explicações mágicas de doenças e através da observação minuciosa tentaram fornecer uma base racional para o tratamento médico. De [Marcos 5.26](#), sabe-se que havia médicos disponíveis em Israel. De fato, os rabinos ordenaram que todas as cidades deveriam ter pelo menos um médico, e alguns rabinos praticavam a medicina.

Alguns remédios específicos são ocasionalmente mencionados na Bíblia. As mandrágoras eram usadas como uma substância afrodisíaca ([Gn 30.14](#); [Ct 7.13](#)). Quando Jó foi afigido com feridas generalizadas, ele removeu a pele desvitalizada com um pedaço de cerâmica e sentou-se em cinzas ([Jó 2.7-8](#)). As cinzas teriam um efeito de secar as feridas que estavam sendo drenadas, dando a este tratamento uma base racional para seu uso. Jeremias se refere de maneira retórica ao bálsamo em Gileade, indicando seu uso medicinal ([Jr 8.22](#); [46.11](#)). A natureza exata ou o uso deste bálsamo não é conhecida. Quando Ezequias estava mortalmente doente, ele foi instruído por Isaías a colocar pasta de figos na ferida ([2Rs 20.7](#)). Isso provavelmente não deve ser considerado um tratamento, assim como o mergulho sete vezes no

Jordão por Naamã ou a aplicação de barro nos olhos do cego pelo Senhor. O efeito terapêutico da alegria na mente encontrado em [Provérbios 17.22](#) está de acordo com as crenças modernas de saúde mental.

O uso medicinal do vinho é registrado várias vezes nas Escrituras. Sua capacidade de mudar o humor é aludida em [Provérbios 31.6](#), e aparentemente o vinho azedo oferecido ao Senhor na cruz tinha a intenção de aliviar seu sofrimento através de sua propriedade analgésica ([Jo 19.29](#)). Paulo sugere a Timóteo que ele use um pouco de vinho para seu estômago e outras enfermidades ([1Tm 5.23](#)). É significativo que Paulo tenha dito “um pouco” porque os farmacologistas hoje concordam que o vinho em quantidades moderadas auxilia na digestão e ajuda no fluxo de sangue; no entanto, quantidades excessivas são prejudiciais à saúde de várias maneiras. O bom samaritano usou óleo e vinho para tratar os ferimentos do homem ferido ([Lc 10.34](#)). Por causa de seu conteúdo alcoólico, o vinho teria uma ação antisséptica, mas, ao mesmo tempo, tenderia a coagular a superfície da ferida exposta e permitir que as bactérias prosperassem sob o coágulo. O óleo, devido ao seu efeito emoliente, tenderia a neutralizar esse efeito colateral indesejável do vinho e também seria calmante devido à sua ação de revestimento. Um curativo era então aplicado, e o paciente era levado para um lugar de repouso.

Em [Apocalipse 3.18](#), a igreja de Laodiceia é admoestada a usar colírio. Uma vez que Laodiceia era famosa por um pó usado para olhos fracos e doentes, esta ilustração é apropriada para advertir esta igreja sobre sua falta de visão espiritual.

Veja também Doença; Médico; Praga.

Médico

Alguém qualificado em medicina. O médico tratava e restaurava feridas e administrava medicamentos aos doentes. Na antiga Israel, o diagnóstico e tratamento de pessoas doentes era oficialmente o interesse dos sacerdotes, embora muitas pessoas não profissionais praticassem a arte de curar nas pequenas cidades e aldeias. O rei Asa buscou ajuda médica para seus pés ([2Cr 16.12](#)). Jeremias inqueriu sobre médicos em Gileade ([Jr 8.22](#)). Jó se queixou de que seus amigos eram médicos inúteis ([Jó 13.4](#)). A medicina científica e o treinamento cauteloso dos médicos aguardavam a ascensão da medicina grega, que nos tempos do NT assistia

escolas médicas estabelecidas em vários países no mundo greco-romano. Coleções notáveis de instrumentos cirúrgicos vieram de lugares como Pompeia. O NT se refere a uma série de doenças, e a palavra “médico” ocorre várias vezes nos Evangelhos ([Mt 9.12](#); [Mc 2.17](#); [5.26](#); [Lc 4.23](#); [5.31](#); [8.43](#)). Lucas é mencionado especialmente como um médico querido ([Cl 4.14](#)). Os médicos nem sempre eram capazes de realizar uma cura ([Mc 5.26](#); [Lc 8.43](#)), mas Jesus, o curador, teve sucesso onde outros falharam.

Veja também Medicina e Prática Médica.

Medo

Um sentimento emocional de ansiedade ou medo sobre algo ruim que pode acontecer no futuro. Algumas pessoas acham que o medo é o que leva os outros à religião, mas a verdadeira religião envolve o desejo de se aproximar de Deus, não apenas o medo. As pessoas geralmente não querem se aproximar de alguém ou algo de que têm medo.

Na Bíblia, medo significa mais do que apenas sentir-se assustado ou apavorado. Embora isso faça parte de seu significado, especialmente ao falar sobre o temor de Deus, também inclui um senso de reverência e profundo respeito por Deus.

Há um lugar para o medo no sentido de estar ansioso ou preocupado, especialmente em relação a Deus. A Bíblia diz: “É coisa terrível cair nas mãos do Deus vivo” ([Hebreus 10.31](#)). Jesus ensinou que devemos temer a Deus porque Ele tem o poder de punir o pecado e destruir as pessoas completamente ([Lucas 12.4-5](#)).

O medo pode ajudar as pessoas a entenderem quão profundamente falhas são suas almas e o quanto precisam do perdão de Deus. O primeiro exemplo desse tipo de medo está em [Gênesis 3](#), onde Adão e Eva se esconderam de Deus após desobedecê-Lo. O medo deles fazia sentido porque sabiam que mereciam julgamento pelo que fizeram. O medo vem naturalmente como resultado do pecado ([Gênesis 3.10](#); [4.13-14](#); [Provérbios 28.1](#)).

A Bíblia dá muitos exemplos de pessoas profundamente ansiosas, como Caim, Saul, Acaz e Pilatos. O medo apodera-se dos ímpios ([Jó 15.24](#)), surpreende os hipócritas ([Isaías 33.14](#)) e domina os malfeitos ([Salmo 73.19](#)). Suas vidas, sem fé, estão cheias de medo ([Apocalipse 21.8](#)). Quando Deus agiu contra o exército de Faraó, eles ficaram paralisados de medo ([Êxodo 15.16](#)). O amigo de Jó,

Bildade, descreveu as pessoas como sendo levadas de joelhos pelo julgamento de Deus ([Jó 18.11](#)).

O medo pode tanto impedir as pessoas de agir quanto fazê-las se comportar de maneiras que não fariam de outra forma. Isso é especialmente verdadeiro para pessoas que não estão totalmente comprometidas com Deus.

- Saul desobedeceu a Deus porque tinha medo do que as pessoas pensariam ([1 Samuel 15.24](#))
- Os pais do homem cego que Jesus curou estavam com medo de falar por Jesus porque temiam os líderes judeus ([João 9.22](#))
- Na parábola dos talentos, o medo de um homem o impediu de cumprir seu dever ([Mateus 25.25](#))

Jesus Cristo, através de Sua morte, ressurreição e obra contínua para os crentes no céu, é aquele que liberta as pessoas do medo. O apóstolo Paulo disse aos romanos ([Romanos 8.15](#)) que quando se tornaram cristãos, receberam o Espírito Santo, não como um espírito de medo e escravidão, mas como o espírito de adoção. Isso significa que agora podiam chamar Deus de “Abba” (um termo aramaico usado por crianças judias para se referir a seus pais). Esta é a mesma palavra que Jesus usou para falar com Seu Pai e os cristãos, porque são parte da família de Deus, também podem usar esta palavra ao falar com Deus ([Gálatas 4.6](#)). Aqueles que recebem o amor de Deus têm uma força poderosa para afastar seus medos ([1 João 4.18](#)).

O medo desnecessário pode prejudicar o trabalho do povo de Deus. Deus avisou Jeremias para não ter medo de seus oponentes ([Jeremias 1.8](#)) porque, se ele cedesse ao medo, Deus permitiria que problemas viessem sobre ele ([Jeremias 1.17](#)). Deus deu comandos semelhantes de coragem a Ezequiel, que viveu na mesma época que Jeremias, e a muitos outros ([Josué 1.7-9](#); [Ezequiel 2.6](#)). Mesmo pessoas piedosas podem ser tentadas a temer e às vezes podem se sentir sobrecarregadas ([Salmo 55.5](#)). É por isso que Deus frequentemente diz ao Seu povo para não ceder ao medo ([Isaías 8.12](#); [João 14.1.27](#)). Em vez disso, eles são encorajados a colocar suas preocupações nas mãos de seu Redentor, que se importa profundamente com Seu povo ([1 Pedro 5.7](#)). A fé é a chave para superar o medo, como Isaías diz: “Tu conservarás em perfeita paz aquele cuja mente está firme, porque ele confia em Ti”

([Isaías 26.3](#)). Os salmistas também enfatizam o papel da fé em derrotar o medo ([Salmos 37.1; 46.2; 112.7](#)).

A verdadeira fé envolve profundo respeito por Deus, conhecido como "temor de Deus" na Bíblia. Compreender o poder de Deus é fundamental para uma fé significativa ([Salmos 5.7; 89.7](#)). Os cristãos estão livres de temer:

- Pessoas ([Hebreus 13.6](#));
- Morte ([2.15](#));
- Vida em geral ([2 Timóteo 1.6-7](#)).

No entanto, eles devem sempre respeitar a Deus. Este respeito traz sabedoria ([Salmos 111.10](#)) e orientação ([Efésios 5.21; Filipenses 2.12](#)). Amar a Deus leva a esse temor através do estudo das Escrituras ([Provérbios 2.3-5](#)).

Os antigos israelitas mostravam reverência seguindo os mandamentos de Deus ([Deuteronômio 6.2](#)). Cornélio e sua família foram chamados de "tementes a Deus" por seu respeito ([Atos 10.2](#)). A verdadeira reverência leva a boas ações e vida santa ([2 Coríntios 7.1](#)). Este temor traz alegria ([Salmo 2.11](#)) e vida ([Provérbios 14.27](#)). É mais valioso do que riquezas ([Provérbios 15.16](#)). Deus se deleita naqueles que O respeitam ([Salmo 147.11](#)).

Medos, Média, Meda

Um povo que falava línguas indo-europeias vivia nas terras altas de um antigo país chamado Média, agora parte do Irã. Eles eram intimamente relacionados aos persas. Escritores antigos frequentemente confundiam os dois, chamando-os de "medos".

Os Medos tinham uma pátria específica nas Montanhas Zagros, a uma altitude de 914 a 1.524 metros. Sua capital era Ecbátana (atual Hamadan), localizada em uma importante rota comercial da Mesopotâmia. O clima fresco de verão de Ecbátana a tornava um refúgio para os reis persas.

O que sabemos sobre os medos?

Não temos registros escritos dos próprios medos sobre sua história e cultura. Em vez disso, aprendemos sobre eles a partir do que outros povos antigos escreveram. Os gregos, neobabilônios e assírios escreveram sobre os medos. Os escritos neobabilônios mencionam

especialmente os medos porque tanto os medos quanto os caldeus ajudaram a destruir o Império Assírio. Também podemos aprender mais sobre eles a partir de um historiador grego chamado Heródoto. Pode haver mais informações em antigas tábua de argila com escrita em forma de cunha (chamada cuneiforme).

Incursões e conquistas assírias

Um governante assírio chamado Rei Salmanaser III escreveu sobre os medos que viviam perto de um lugar chamado Ecbátana no século IX a.C. No entanto, os historiadores não sabem exatamente quando os medos se mudaram para essa área pela primeira vez.

Salmaneser liderou uma incursão nas terras dos medos para capturar seus valiosos cavalos. Esses cavalos eram famosos por serem alguns dos melhores do mundo antigo. Por muitos anos, os reis assírios continuaram essas incursões. Eles tinham dois motivos principais: obter mais desses excelentes cavalos e manter as rotas comerciais seguras para os mercadores.

Durante o século VIII a.C., vários reis assírios, incluindo Adad-nirari, Tiglate-Pileser III e Sargão II, afirmaram ter conquistado as terras medas. O Antigo Testamento menciona que durante as campanhas militares de Sargão, ele deslocou grupos de pessoas, incluindo alguns israelitas, para essas regiões ([Rg 17.6; 18.11](#)).

Os medos e a queda da Assíria

Quando Esar-Hadom governou a Assíria de 681 a 669 a.C., ele esperava que os medos pagassem tributo conforme acordado em seu tratado. No entanto, os medos perceberam que a Assíria estava enfraquecendo. Em 631 a.C., decidiram agir. Eles se uniram aos citas e cimerianos para desafiar o poder assírio.

O Império Assírio continuou a enfraquecer sob ataques repetidos. Fraortes liderou uma série de batalhas bem-sucedidas que eventualmente resultaram em grandes vitórias. Em 612 a.C., os medos capturaram a importante cidade de Nínive. Dois anos depois, em 610 a.C., eles também tomaram a cidade de Harâ.

Cixares fortalece os medos

Cixares, o líder das forças medas, formou um exército forte e bem organizado. Com seus aliados, capturaram cidades-chave e expandiram sua influência pelo norte da Assíria. Em 585 a.C., eles

até fizeram paz com a Lídia, demonstrando seu crescente poder na região.

Ciro unifica os medos e os persas

Os elamitas desempenharam um papel importante nas dinâmicas de poder em mudança do antigo Oriente Médio. Em 550 a.C., Ciro de Anshan derrotou Astíages e assumiu o controle da região. Ciro era singular, com origens familiares tanto persas quanto medas. Ele capturou Ecbátana, a capital da Média, e assumiu o título de "rei dos medos".

Ciro uniu os medos e os persas ([Dn 6.8.15](#)). Ele integrou suas leis e tradições e concedeu aos medos posições importantes no governo. De fato, as pessoas frequentemente usavam as palavras "medos" e "persas" quase de forma intercambiável ([Et 1.19](#); [Dn 8.20](#)). Juntos, desempenharam um papel crucial na captura da cidade de Babilônia ([Is 13.17](#); [Jr 51.11.28](#); [Dn 5.28](#)).

Medos na Bíblia

Dario era de uma família meda ([Dn 9.1](#)). Quando ele se tornou o governante da Babilônia, as pessoas frequentemente o chamavam de "o medo" por causa de sua ascendência meda ([Dn 11.1](#)) desde o momento em que assumiu como governante da Babilônia. Durante seu governo, e mais tarde durante o reinado de Dario II (409 a.C.), ocorreram muitas rebeliões e períodos de agitação.

[Ester 1.3-7](#) descreve os grandes banquetes e os luxuosos salões do palácio que pertenciam à realeza meda. Após os Medos perderem seu poder, eles foram governados pelos sírios (Selêucidas) e depois pelos partas. Em uma parte do Novo Testamento, partas, medos e elamitas são mencionados juntos ([At 2.9](#)). Depois disso, "Média" tornou-se apenas um termo geográfico. O povo não apareceu mais na história como um grupo separado de pessoas.

Meetabel

37. Uma filha de Matrede e esposa do rei Hadar de Edom nos tempos pré-israelitas ([Gn 36.39](#); [1Cr 1.50](#)).

38. O avô de Semaías. Tobias e Sambalate contrataram Semaías para desacreditar Neemias, assustando-o para que fugisse para o templo ([Ne 6.10](#)).

Mel

Xarope doce produzido pelas abelhas ([Iz 14.8](#)), sejam selvagens ([1Sm 14.25-26](#)) ou domesticadas (aparentemente assim em [2Cr 31.5](#)). As vezes, no entanto, pode se referir ao xarope grosso de uva (como em árabe) ou xarope de tâmara (como descrito por Josefo). O mel era considerado uma das necessidades da vida ([Eclo 39.26](#)); não se deve, no entanto, comer demais ([Pv 25.16.27](#)). Fazia parte da dieta de João Batista ([Mc 1.6](#)) e do Emanuel ([Is 7.15](#)). Sua exclusão, juntamente com o fermento, das ofertas de grãos ([Lv 2.11](#)) é, sem dúvida, porque é suscetível à fermentação. Sua doçura se tornou uma metáfora familiar ([Iz 14.18](#); [Sl 19.10](#); [Ap 10.9-10](#)).

Veja também Alimentação e preparação de alimentos.

Melquisedeque

Uma figura bíblica misteriosa cujo nome significa "rei da justiça". Melquisedeque foi tanto um sacerdote quanto um rei. Nós o conhecemos pela primeira vez em [Gênesis 14.18-20](#). Ele também é mencionado em [Salmo 110.4](#) e [Hebreus 5.10; 6.20; 7.1-17](#).

Melquisedeque em Gênesis 14.18-20

O rei Qedorlaomer e outros três reis da Mesopotâmia atacaram cinco cidades perto do Mar Morto. Durante essa batalha, eles capturaram Ló, sobrinho de Abraão, junto com sua família e todos os seus bens ([Gn 14.1-12](#)). Abraão reuniu seus homens e perseguiu os atacantes. Ele os derrotou e resgatou Ló e sua família, trazendo de volta tudo o que havia sido levado ([Gn 14.13-16](#)).

Quando Abraão voltou da batalha, os reis da região do Mar Morto vieram agradecê-lo. Melquisedeque, o rei de Salém (um nome antigo para Jerusalém), também veio ao encontro de Abraão (cp. [Sl 76.2](#)). Melquisedeque trouxe pão e vinho e abençoou Abraão, pois era um sacerdote do "Deus Altíssimo" ([Gn 14.18](#)).

O nome "Deus Altíssimo" ('El 'Elyon em hebraico) refere-se ao único Deus verdadeiro que criou o céu e a terra. Isso era diferente dos falsos deuses que o povo cananeu adorava (cp. [Gn 14.22](#); [Sl 7.17](#); [47.2](#); [57.2](#); [78.56](#)). Melquisedeque sabia que Abraão adorava esse mesmo Deus verdadeiro ([Gn 14.22](#)).

Melquisedeque louvou a Deus por ajudar Abraão a vencer a batalha. Abraão demonstrou que aceitava o papel de Melquisedeque como sacerdote de Deus de duas maneiras: ele aceitou os presentes e a bênção de Melquisedeque, e deu a Melquisedeque um décimo de tudo o que havia recuperado. Em contraste, Abraão recusou aceitar presentes do rei de Sodoma porque não queria ser associado àqueles que adoravam falsos deuses.

Não sabemos exatamente como Melquisedeque veio a conhecer o verdadeiro Deus. Ele pode ter aprendido sobre Deus através de histórias transmitidas desde o tempo do dilúvio de Noé. Ou, como Abraão, Deus pode ter falado diretamente com ele e afastado-o da adoração a falsos deuses. O que sabemos de [Hebreus 7.3](#) é que Melquisedeque era diferente de outros sacerdotes. Ele não se tornou sacerdote porque seu pai era sacerdote, mas de uma maneira especial que a Bíblia não explica completamente.

Melquisedeque em [Salmo 110.4](#)

Neste salmo, o Rei Davi escreveu sobre alguém maior do que ele mesmo, alguém que ele chamou de "Senhor" (v. 1; cp. [Mc 12.35-37](#)). Davi não estava escrevendo sobre si mesmo ou qualquer outro rei de seu tempo. Ele estava escrevendo sobre o Prometido Messias que viria no futuro. Este Messias seria tanto o Filho de Deus quanto um descendente de Davi.

Em [Salmo 110.4](#), Davi diz ao Messias: "Você será sacerdote para sempre, na ordem do sacerdócio de Melquisedeque". O significado completo desta promessa é explicado mais tarde no livro de Hebreus.

Melquisedeque em [Hebreus 5.6-11; 6.20-7.28](#)

O livro de Hebreus explica por que o papel de Jesus como sacerdote é superior ao dos sacerdotes que vieram da família de Arão. Ele compara Jesus a Melquisedeque para demonstrar isso. Aqui estão três maneiras como eles são semelhantes:

39. Tanto Jesus quanto Melquisedeque são "Reis da Justiça" e "Reis da Paz" ([Hb 7.1-2](#)).

40. Ambos se tornaram sacerdotes de uma maneira especial, não porque nasceram em uma família sacerdotal ([Hb 7.3](#)).

41. Ambos servem como sacerdotes para sempre ([Hb 7.3](#)).

Melquisedeque foi maior que Abraão (o pai de Levi) porque Melquisedeque deu presentes a Abraão, o abençoou e recebeu dízimos dele ([Hb 7.4-10](#)). O rei Davi escreveu que um novo tipo de sacerdote como Melquisedeque viria, mostrando que os sacerdotes que vieram da família de Levi não podiam fazer tudo o que o povo de Deus precisava ([Hb 7.11-19](#)). Deus fez uma promessa especial sobre Jesus ser esse tipo de sacerdote, o que Deus não havia feito para os sacerdotes levíticos ([Hb 7.20-22](#)). Ao contrário dos sacerdotes levíticos que morreram e tiveram que ser substituídos, esse novo sacerdócio duraria para sempre ([Hb 7.23-25](#)).

Alguns estudiosos da Bíblia sugeriram que Melquisedeque pode ter sido Jesus aparecendo no Antigo Testamento antes de nascer como humano (isso é chamado de "Cristofania"). Eles pensam assim porque [Hebreus 7.3](#) diz que não há registro dos pais, ancestrais, nascimento ou morte de Melquisedeque.

No entanto, este versículo é melhor compreendido como significando que Melquisedeque se tornou sacerdote de uma maneira especial. Deus o escolheu diretamente, ao contrário dos levitas, que se tornaram sacerdotes por nascerem em certas famílias. Melquisedeque era uma imagem ou exemplo do que Jesus seria como sacerdote mais tarde.

O livro de Hebreus diz que Melquisedeque era "como o Filho de Deus" ([Hb 7.3](#)). Isso mostra que Melquisedeque era parecido com Jesus, mas não era realmente Jesus.

Veja também Hebreus, Carta aos; Sacerdotes e Levitas.

Memorial

Um memorial é algo que nos ajuda a recordar certas pessoas ou eventos. Tanto na linguagem cotidiana quanto na bíblica, "lembra", "lembraça", e "memorial" estão intimamente conectados. As palavras hebraicas e gregas para "memorial" no Antigo e Novo Testamentos

derivam de verbos que significam "lembrar". Para entender "memorial", devemos primeiro conhecer o significado bíblico de "lembrar".

Significado bíblico de "lembrar"

No uso cotidiano, "lembrar" significa recordar o passado. "Memorial" refere-se a algo que mantém uma memória viva. No entanto, na Bíblia, "lembrar" muitas vezes tem um significado mais profundo. Não significa apenas pensar sobre o passado. Significa lembrar de uma forma que muda como alguém se sente, pensa ou age agora. Por exemplo, [Gênesis 8.1](#) diz que Deus "lembrou-se de Noé". Isso significa que ele agiu em favor de Noé, não apenas que pensou nele. Inclui essa ideia, com certeza, mas mais do que isso, significa que Deus está agindo em favor de Noé. De maneira semelhante, quando [Gênesis 30.22](#) diz que Deus "lembrou-se de Raquel", significa que ele estava prestes a responder à sua oração por um filho após um longo tempo de espera.

Memorial no Antigo Testamento

O Antigo Testamento frequentemente instrui os israelitas a se lembrarem das grandes coisas que Deus fez por eles ([Sl 77.11; 78.7; 105.5](#)). Não se tratava apenas de recordar o passado, mas de viver no presente com fé, conscientes do que Deus já havia realizado. Esquecer os feitos passados de Deus frequentemente levava Israel a se afastar dele ([Sl 78.11,42; 106.7,13,21-22](#)).

Observando como a palavra "memorial" é frequentemente usada para significar lembrança ativa. Um exemplo claro é como ela é usada em conexão com a Páscoa. Em [Êxodo 12.14](#), a Páscoa é chamada de "memorial". Assim, não se tratava apenas de lembrar o Êxodo do Egito como um evento histórico. Era um momento para os israelitas viverem no presente. Eles deveriam lembrar-se da libertação de Deus do pecado e da escravidão.

Da mesma forma, [Josué 4.7](#) descreve a colocação de doze pedras no Rio Jordão como um "memorial". Este memorial ajudou os israelitas a se lembrarem de como Deus os ajudou a cruzar para Canaã. Este memorial deveria ser "para o povo de Israel para sempre". Ele lembrava o povo de como Deus os havia salvado no passado. Essa memória foi destinada a dar-lhes coragem quando enfrentassem tempos difíceis no futuro.

Outro exemplo são as "piedras memoriais" na vestimenta especial do sumo sacerdote chamada

"éfode" ([Êx 28.12,29; 39.7](#)). Essas pedras eram para trazer os nomes dos filhos de Israel perante o Senhor. Elas não eram apenas para lembrar Deus dos israelitas, mas simbolizavam sua preocupação contínua com o bem-estar deles.

O termo "memorial" é usado de forma diferente em relação à oferta de cereais em [Levítico 2.2,16](#). Aqui, "memorial" significa a parte da oferta de cereais queimada no altar. O restante era para alimentar os sacerdotes. O memorial representa toda a oferta. Este memorial não é apenas uma lembrança para Deus, mas é visto como parte da própria oferta.

Memorial no Novo Testamento

O Novo Testamento usa "memorial" e "lembrança" com menos frequência. No entanto, eles têm um significado especial em uma instância. Quando Jesus estabeleceu a Ceia do Senhor, a Páscoa do Novo Testamento, ele disse: "Este é o Meu corpo, dado por vocês; façam isso em memória de Mim" ([Lc 22.19](#)). A Ceia do Senhor é um memorial do sofrimento e morte de Cristo. Não se trata apenas de recordar um evento histórico, mas de lembrar de uma forma que faz os crentes serem gratos e os afeta hoje.

Menasom

Um cristão que vivia em Jerusalém ([At 21.16](#)). Ele nasceu na ilha de Chipre e foi seguidor de Jesus por muitos anos. Quando Paulo e seus companheiros de viagem chegaram a Jerusalém, Menasom os recebeu e ofereceu hospedagem como seus convidados.

Mendigo

Aquele que pede caridade, especialmente aquele que vive de mendigar, um mendicante.

As referências bíblicas para pedir esmolas estão limitadas a tais verbos hebraicos como "buscar" ou "pedir", e, como um substantivo, "os pobres e necessitados"; no NT, os termos gregos se referem a ser "pobre" ou "miserável", e para aqueles que "pedem mais". Os mendigos que pediam de maneira recorrente eram desconhecidos no tempo de Moisés, uma vez que a lei fazia ampla provisão para tomar conta dos pobres.

A legislação mais antiga ([Dt 15.11](#)) exigia o cuidado com aqueles que eram pobres. Havia regulamentos

como o ano do sábado, o ano de perdão para os endividados ([Lv 25](#)). Naquele ano, os produtos da terra eram deixados para os pobres e destituídos ([Êx 23.11](#)), e todas as dívidas eram canceladas ([Dt 15.1](#)). O dever de emprestar generosamente aos pobres era incentivado (vv. [7-11](#)), e os trabalhadores contratados eram protegidos ([24.14-15](#)). O propósito era que “não deveria haver mais pobres entre vocês” ([15.4](#)). De fato, nos primeiros dias do assentamento israelita, todos os israelitas desfrutavam de um padrão de vida semelhante.

Em escavações em Tirza perto de Nabulus, o tamanho e os arranjos das casas do século dez a.C. são todos iguais. No século oitavo a.C., há um contraste impressionante, com casas no mesmo local claramente divididas nos bairros mais ricos e mais pobres da cidade. A revolução social entre esses dois séculos foi associada com a ascensão da monarquia israelita e o crescimento de um clã de oficiais que ganharam lucros privados de suas posições. Os profetas condenaram o fato de que a riqueza era adquirida de forma ilícita e mal distribuída em seus dias (p. ex., [Is 5.8; Os 12.8; Am 8.4-7; Mq 2.2](#)). O profeta Amós denunciou credores que não sentiam pena dos pobres ([Am 2.6-8; 8.6](#)). No entanto, em todo o AT, não há essencialmente nenhuma referência aos mendigos. Durante o período intertestamentário, no entanto, a esmola tornou-se um importante dever religioso.

No NT, mendigar parece ser comum. No ministério de Jesus, as referências são feitas a um mendigo cego ([Jo 9.8-9](#)), a cego Bartimeu ([Mc 10.46-52](#)) e a Lázaro, um mendigo piedoso contrastado com um homem rico ([Lc 16.19-31](#)). Os apóstolos Pedro e João encontraram um mendigo aleijado perto do portão “Formoso”, ou Nicanor, em Jerusalém ([Atos 3.1-11](#)). Jesus condenou a demonstração extravagante de esmolas ([Mt 6.1-4](#)), mas enfatizou a importância de dar aos pobres pelos motivos certos ([Mt 5.42-48](#)). Na época de Jesus, Jerusalém havia se tornado um centro para mendigos, provavelmente porque a esmola, na Cidade Santa, era então considerada como especialmente meritória. A mendicância em Jerusalém se concentrava ao redor dos lugares sagrados. O tanque de Betezata era um lugar de cura, e os doentes, cegos, coxos e paralisados estavam lá para mendigar, bem como entrar nas águas para cura ([Jo 5.2-9](#)).

Na comunidade cristã primitiva, a primeira organização de oficiais foi feita para fornecer uma distribuição justa de fundos aos pobres ([Atos 4.32-](#)

[35; 6.1-6](#)). No primeiro dia de cada semana, alguma parte da renda de cada cristão deveria ser alocada aos necessitados ([11.27-30; Rm 15.25-27; 1Co 16.1-4](#)). Possivelmente a pobreza da Palestina foi agravada pela pesada tributação romana; os coletores de impostos, bem como os mendigos são destacados nas narrativas do Evangelho. Também foi sugerido que a ascensão dos zelotes estava intimamente associada com o fator social da pobreza; os zelotes revolucionários eram, em sua maioria, formados por aqueles chamados de “escória” da sociedade, de acordo com o historiador judeu Josefo. Em 66 d.C., os zelotes queimaram os arquivos de Jerusalém, sem dúvida pretendendo destruir os registros de suas dívidas mantidas lá. Josefo relata que antes da destruição romana de Jerusalém, gangues de mendigos estavam aterrorizando toda a cidade. *Veja Esmolas; Os pobres.*

Menorá

Lâmpada ou candelabro no tabernáculo. Refere-se ao candelabro de sete braços que iluminava o tabernáculo: essas sete lâmpadas iluminavam em frente ao candelabro ([Nm 8.2](#)). No templo de Salomão, havia dez desses candelabros, cinco de cada lado diante do santuário interno ([1Rs 7.49](#)). O design da lâmpada original foi concebido por Bezalel, filho de Uri e neto de Hur, da tribo de Judá, um homem cheio do Espírito de Deus e excelente artesão ([Êx 31.1-4](#)). Bezalel também foi responsável por projetar os outros utensílios para o tabernáculo.

[Êxodo 25.31-40](#) e [37.17-24](#) nos fornecem detalhes sobre a lâmpada e suas decorações. Feita de uma única peça de ouro puro e ornamentada com flores de amêndoas e botões em forma de maçãs, consistia em um eixo central que se ramificava em três braços de cada lado. Acima de cada ramo ficava uma taça estreitada em um bico para segurar o pavio e o azeite especial.

Arqueólogos desenterraram tigelas de barro com sete bicos, que datam do período médio da Idade do Bronze. Segundo Josefo, o eixo central ficava fixado a uma base, e dele se estendiam ramos esguios colocados como dentes de um tridente — com o final de cada um forjado em uma lâmpada. O relato de Josefo sobre a lâmpada do templo coincide bem com o de Zacarias em sua visão do templo restaurado após o exílio ([Zc 4.2-3](#)). Vários fac-símiles chegaram até nós a partir de achados arqueológicos, assim como a famosa escultura da

menorá com alguns dos outros utensílios do templo no arco de Tito em Roma. A menorá no painel em Roma difere da descrição de Josefo, sendo um objeto maciço com braços grossos carregados por cinco homens de cada lado.

De acordo com [Êxodo 37.24](#), o peso da menorá era de um kikar em ouro puro. Isso equivale a um talento babilônico, que é calculado para pesar 34 quilos. Mas em [Êxodo 25.39](#), parece que esse peso incluía acessórios, como apagadores, bandejas, etc. (cf. [2Cr 4.22](#)). Há também outra discrepância em relação à base da lâmpada. No painel do arco de Tito, o pedestal consiste em dois níveis e é retangular, enquanto arqueólogos descobriram desenhos antigos da lâmpada que terminam em um tripé. Os estudiosos estão indecisos sobre qual é o mais original, e há várias teorias para explicar a diferença. Na tradição mística judaica, a menorá simboliza a árvore da vida, os sete planetas e os sete dias da criação.

No NT, o candelabro no livro de Apocalipse é uma continuação da tradição do templo, com referência especial a [Zacarias 4.2.11](#). Por uma associação de ideias, refere-se ao testemunho das sete igrejas, a Cristo, que é a Luz do Mundo, e a Deus, que é a fonte de toda luz ([Ap 1.12-13.20; 2.1; 11.4](#)).

Mensageiro

Aquele que carrega uma mensagem, um arauto. A palavra "mensageiro" é usada na Bíblia de quatro maneiras.

1. A palavra é usada para mensageiros carregando mensagens de uma pessoa para outra. Tais mensageiros podem trazer notícias ([2Sm 11.22](#)), pedidos ou demandas ([1Sm 11.3; 16.19](#)), ou agir como enviados de uma nação para outra ([Is 37.9](#)). No NT, lemos sobre mensageiros das igrejas ([2Co 8.23; Fp 2.25](#)). A bênção de um bom mensageiro é mencionada em [Provérbios 25.13](#): "Os mensageiros fiéis são tão refrescantes quanto a neve no calor do verão. Eles revivem o espírito de seu empregador"

2. A palavra é usada para mensageiros trazendo mensagens de Deus. Israel foi planejado para ser o mensageiro de Deus, mas muitas vezes se mostrava cego e surdo ([Is 42.19](#)). Profetas ([Ag 1.13](#)) e sacerdotes ([Ml 2.7](#)) eram mensageiros de Deus. Deus enviou muitos desses mensageiros para seu povo, mesmo que eles fossem muitas vezes ignorados ([2Cr 36.15-16](#)). Em [Malaquias 3.1](#),

temos a profecia de um mensageiro especial: "Vejam! Estou enviando meu mensageiro, e ele preparará o caminho diante de mim. Então o Senhor que você está buscando de repente virá para seu Templo. O mensageiro da aliança, a quem vocês buscam com tanta ansiedade, certamente está chegando" Este verso é citado no NT em [Mateus 11.10](#), [Marcos 1.2](#) e [Lucas 7.27](#) como realizado em João Batista.

3. Tanto no AT quanto no NT, a palavra mais comum para "mensageiro" também é a palavra para "anjo". Os anjos de Deus são distintamente seus mensageiros. *Veja Anjo*.

4. A palavra é usada em um sentido metafórico, como em [Provérbios 16.14](#), "A ira de um rei é como mensageiros da morte", e em [2Coríntios 12.7](#), onde a doença física constante de Paulo é chamada de "mensageiro de Satanás para atormentá-lo".

Mente

A mente é o que nos ajuda a pensar, lembrar e tomar decisões. Ela também abrange nossos sentimentos e crenças. Diferentes culturas ao longo da história compreenderam a mente de maneiras distintas.

Na língua hebraica do Antigo Testamento, não há uma única palavra que signifique exatamente o que queremos dizer com "mente". No entanto, os pensadores gregos antigos escreveram muito sobre a mente e a viam como uma parte crucial do que nos torna humanos.

A mente no Antigo Testamento

Como o Antigo Testamento não tinha uma palavra específica para a mente humana, os tradutores para o português usaram outras palavras dependendo do contexto. Eles utilizam palavras como "alma", "espírito" ou "coração". Portanto, as diferenças exatas entre esses termos são difíceis de definir.

Uma pessoa é uma alma, com um espírito e um coração. Qualquer um desses termos pode referir-se à mente. Isso indica que a ideia comum de usar a mente para pensar e o coração para sentir não é encontrada no Antigo Testamento.

Enquanto "mente" significa os pensamentos de uma pessoa, a ideia principal de "mente" no Antigo Testamento é que significa o coração ([1Sm 2.35; Ez 11.5; 20.32](#)). O coração frequentemente inclui toda

a pessoa interior e muitas vezes se relaciona com a mente. Nesses casos, relaciona-se principalmente com a vontade e a memória ([Is 46.8; 65.17](#); [Jr 3.16](#)).

A mente no Novo Testamento

A forma básica de pensar hebraica continua nas histórias do Evangelho. A ideia de mente aparece raramente. Quando usada, é principalmente com o coração — por exemplo, os pensamentos do coração ([Lc 1.51](#)). Os únicos outros usos de “mente” aparecem no grande mandamento: “Ame o Senhor seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de toda a sua mente” (cp. [Mt 22.37](#); [Mc 12.30](#); [Lc 10.27](#)).

Todos os evangelistas concordam que Jesus acrescentou “de todo o seu entendimento” a [Deuteronômio 6.5](#). Em Marcos, no entanto, a pessoa que responde a Jesus repete o mandamento, mas usa uma palavra para “entendimento” em vez de “mente” ([Mc 12.33](#)).

Com os escritos de Paulo, entra-se no mundo grego. Paulo via a mente como diferente do espírito do homem. Ela pode entender e raciocinar ([1Co 14.14-19](#)). É o centro da inteligência. Em outros lugares, “mente” é usada de forma mais ampla para incluir todo o estado mental e moral de uma pessoa ([Rm 12.2](#); [Ef 4.23](#)). As ações de uma pessoa vêm das tendências de sua mente. Se uma pessoa é boa ou má depende do estado da mente.

O estado de uma pessoa depende do que ou de quem controla a mente. [Romanos 8.6-7](#) fala sobre a mente de uma pessoa ser controlada pela carne ou pelo Espírito. A pessoa cuja mente é controlada pela carne é má. A mente controlada pelo Espírito leva ao bem.

Outras partes falam sobre a tendência da mente de uma pessoa ser controlada pelo deus deste mundo ([2Co 4.4](#)). Pessoas cujas mentes são controladas pelo “deus deste mundo” terão mentes obscurecidas. Elas não serão capazes de entender o mundo como ele realmente é ([3.14](#)). É como uma cobertura sobre o entendimento de alguém. Mas o Senhor pode abrir as mentes das pessoas. Por exemplo, Jesus abriu as mentes dos discípulos que caminharam com ele na estrada de Emaús para que pudessem entender as Escrituras ([Lc 24.45](#)).

Para Paulo, o ato de conversão é visto como “renovação da mente” ([Rm 12.2](#); [Ef 4.23](#)). Em ambos os casos, o processo é aquele em que Deus assume o controle da mente de uma pessoa através do Espírito Santo. O Espírito guia os pensamentos dessa pessoa no caminho certo. Assim, a pessoa

renovada recebe o poder de fazer julgamentos de valor corretos. Tais pessoas têm novas mentes para fazer julgamentos espirituais ([1Co 2.15-16](#)).

Veja também Homem; Coração; Alma.

Merari, merarita

Em hebraico, árabe e acádio, a palavra *Merari* significa “amargo”, “bebida amarga” ou “ser amargo”. Em ugarítico, significa “fortalecer, abençoar”. A maioria das pessoas entendeu o nome como significando “fel” ou “amargura” com base em seu significado hebraico. No entanto, o significado ugarítico “fortalecer, abençoar” também se encaixa no pensamento hebraico. Quando usado como nome de pessoa, provavelmente significa “força” ou “bênção”. Este significado faz mais sentido em muitas referências bíblicas.

Para Merari, o terceiro filho de Levi, o significado “força” ou “bênção” parece mais adequado devido à sua importância e ao papel de sua família. Seria estranho para o filho mais novo ter um nome que significa “fel” ou “amargura” quando ele tinha a maior responsabilidade e recebeu a maior recompensa por seu serviço.

A Bíblia menciona Merari, o filho de Levi, muitas vezes. Ele era o mais jovem dos três filhos de Levi ([Gn 46.11](#); [Ex 6.16-19](#); [Nm 3.17-20,33](#); [1Cr 6.1](#)). Ele foi o pai de dois filhos, Mali e Musi ([Ex 6.19](#); [Nm 3.20](#)). Os filhos de Merari tinham a importante tarefa de carregar as armações, barras, pilares, bases, vasos e acessórios do tabernáculo ([Nm 3.36-37](#); [4.31-33](#); [7.8](#); [10.17](#); [Is 21.7,34,40](#)). Seus descendentes são conhecidos como Meraritas. Crônicas menciona a família de Merari muitas vezes, mostrando quão importantes eles eram ([1Cr 6; 9](#); [15; 23; 26](#); [2Cr 29; 34](#)).

Veja também Sacerdotes e levitas; Levi, Tribo de.

Mercado, Feira

Lugar para a compra e venda de bens na antiguidade. Geralmente, os mercados do antigo Oriente Próximo seriam muito parecidos com os bazares ao ar livre que ainda se pode ver em qualquer cidade em todo Israel, Grécia e Turquia.

O mercado dos tempos do NT, conhecido como a ágora, era um lugar para comprar e vender bens ([Mc 7.4](#)); um lugar para as crianças brincarem ([Mt](#)

[11.16](#); [Lc 7.32](#)); um lugar para ociosos e para os homens que buscam trabalho ([Mt 20.3](#)); um lugar onde eventos públicos, incluindo curas, ocorreram ([Mc 6.56](#)); o centro da vida pública e discussão ([Atos 17.17](#)); e um lugar onde os julgamentos eram realizados ([16.19](#)).

Meretriz

Veja Prostituta, Prostituição.

Meretriz

Veja Prostituta, prostituição.

Meribá

42. Um nome de lugar que significa "contenda" ou "conflito". É nomeado por um lugar em Horebe, perto de Refidim (Wadi Feiran). Lá, Israel contendeu com Moisés por água no início das peregrinações pelo deserto ([Êx 17.7](#)). Este é provavelmente o lugar referido em [Deuteronômio 33.8](#) e [Salmo 95.8](#) e também é chamado de Massá.

43. Outro lugar onde Israel contendeu com Moisés por água. Fica perto de Cades-Barneia, no Deserto de Zin. Deus novamente providenciou água de uma rocha ([Nm 20.13,24; 27.14](#)); também chamado de Meribate-Cades em [Deuteronômio 32.51](#). Este evento ocorreu perto do final do tempo dos israelitas no deserto. As águas de Meribá foram chamadas de "água de conflito" porque Deus ficou zangado com Moisés e Arão lá. Eles não seguiram as instruções exatas de Deus para falar à rocha. Em vez disso, Moisés — que estava frustrado com a teimosia do povo — feriu a rocha duas vezes com seu cajado. O escritor do salmo nos diz que Deus testou Israel neste lugar ([Sl 81.7](#)), e a rebelião de Israel levou Moisés a pecar ([Sl 106.32](#)). Meribá de Cades é mencionada como estando na fronteira sul de Israel ([Ez 47.19; 48.28](#)).

Veja também Massá e Meribá.

Mês

Veja Calendários, Antigos e modernos.

Mesa dos pães da presença

Um móvel no tabernáculo e no templo sobre o qual o pão da presença era colocado ([Êx 25.23-30](#)).

Veja Pão da presença.

Meseque

Ortografia da NTLH para um neto de Noé, no [Salmo 120.5](#). *Veja Meseque #1.*

Meseque

1. Filho de Jafé e neto de Noé ([Gn 10.2](#)). Seus descendentes são geralmente mencionados em conexão com Tubal, Gogue ou Magogue ([Sl 120.5](#);

[Ez 27.13; 32.26; 38.2–3; 39.1](#)). Eles são chamados de Muski nos registros assírios e habitavam as montanhas ao norte da Assíria durante os reinados de Tiglate-Pileser I (1115–1102 a.C.), Salmaneser III (859–824 a.C.) e Sargão (722–705 a.C.). O povo de Meseque é caracterizado como agressivo e pagão, comerciantes de bronze e escravos com Tiro.

2. Filho de Sem de acordo com [1 Crônicas 1.17](#), mas mencionado como Más na passagem paralela em [Gênesis 10.23](#). Este último é geralmente aceito.

Mesopotâmia

O nome grego para a terra entre os rios Tigre e Eufrates. Hoje, a área é chamada de al-Jazira, "a ilha", pelos árabes.

Mesopotâmia, que significa "entre os rios", é aplicada à terra próxima aos rios Tigre e Eufrates até o Golfo Pérsico. A maior parte está no Iraque, mas algumas partes estão na Síria e na Turquia.

Mesopotâmia foi importante para a história do Antigo Testamento. Muitas das histórias em [Gênesis 1–11](#) foram ambientadas lá. O jardim do Éden estava na Mesopotâmia porque [Gênesis 2.10–14](#) menciona dois rios perto do Éden: o Eufrates e o Tigre.

Quem viveu na Mesopotâmia?

Não sabemos muito sobre as culturas pré-históricas da Mesopotâmia. Os períodos históricos são nomeados pelas cidades mais importantes (como Ur e Isin-Larsa) ou pelas dinastias governantes (como Ur III).

O sul da Mesopotâmia é conhecido como Suméria. Os sumérios tinham uma cultura única e falavam uma língua muito diferente do resto da Mesopotâmia. O sumério era escrito em uma série de sinais em forma de cunha (chamados cuneiformes), muito parecido com as outras línguas da Mesopotâmia.

Mais ao norte estava o distrito chamado Acádia (também conhecido como Agade). Os acádios também eram semitas. Mais ao norte ao longo do Tigre estava a terra da Assíria. Mais a oeste estava a Síria (também conhecida como Arã). Entre a Assíria e a Síria estava Mitani.

Diferentes partes da Mesopotâmia ganhariam poder em diferentes épocas. Mesopotâmia se tornaria parte de diferentes impérios, como:

- Hitita;
- Assírio;
- Babilônico;
- Persa;
- Grego (também conhecido como Helenístico);
- Romano.

Mesopotâmia na Bíblia

O Antigo Testamento chama a Mesopotâmia de "Aram-naharaim", significando "Aram dos dois rios". Abraão enviou seu servo a Aram-naharaim para encontrar uma esposa para Isaque ([Gênesis 24.10](#)). Alguns sugerem que os "dois rios" eram o Eufrates e um ramo do Eufrates chamado Cabur. As histórias sobre Jacó não usam o termo Aram-naharaim, mas chamam a região de "Padã-Arã", "o campo [ou jardim] de Aram" ([Gênesis 28.2](#)).

Balaão, filho de Beor, era de Petor na Mesopotâmia ([Deuteronômio 23.4](#)). Durante o período dos juízes, Cusã-Risataim, o rei da Mesopotâmia, oprimiu Israel por oito anos até que Deus os salvou através de Otniel ([Juízes 3.8–10](#)).

Quando os amonitas pensaram que Davi invadiria sua terra porque haviam insultado seus embaixadores, contrataram carros de guerra da Mesopotâmia para fortalecer suas forças ([1 Crônicas 19.6](#)).

No Novo Testamento, Mesopotâmia é mencionada apenas duas vezes. Pessoas da Mesopotâmia estavam presentes no dia de Pentecostes ([Atos 2.9](#)). Estevão, em sua defesa perante o Sinédrio, afirma que Abraão viveu na Mesopotâmia antes de se mudar para Harã ([Atos 7.2](#); veja [Gênesis 11.31](#)).

Messa (Lugar)

A NTLH transcreve como "Mesa". Local no sul da Arábia que define a fronteira ocidental do território onde os descendentes de Joctã se estabeleceram ([Gn 10.30](#)). Sua localização é desconhecida. Alguns sugerem que Messa era uma cidade portuária situada ao longo das costas orientais do Mar Vermelho, nas proximidades do que é o moderno Iêmen; outros a colocam ao longo das margens noroeste do Golfo Pérsico, perto da região de Mesene.

Messias

Título derivado do hebraico, *mashiach*, um adjetivo verbal que significa “ungido”. Junto com seu equivalente no NT, *christos* (Cristo), se refere a um ato de consagração pelo qual um indivíduo é separado para servir a Deus e depois ungido com óleo. A raiz *verbal(mashach)* também transmite esta ideia.

A prática de Israel de ungir cerimonialmente com óleo está presente em vários contextos. Os sacerdotes eram regularmente ungidos antes de seu serviço divinamente dado no altar do sacrifício ([Lv 4.3](#)). Embora haja evidências de uma unção literal de profetas ([1Rs 19.16](#)), isso não parece ter sido uma prática padrão. A unção de Saul e Davi por Samuel estabeleceu o ato como um pré-requisito significativo para os reis hebreus antes de assumirem suas posições de liderança real. O rei era especialmente considerado o ungido do Senhor e, como tal, era visto como tendo uma posição segura diante dos homens ([1Sm 12.14](#); [2Sm 19.21](#)) e Deus ([Sl 2.2](#); [20.6](#)). Junto com numerosas profecias messiânicas, esses procedimentos ajudaram a informar os judeus do Ungido, por excelência, que eventualmente viria para trazer salvação a Israel.

Concluindo os 13 artigos de fé hebraica atribuídos a Moisés Maimônides (século 13 d.C.) está a declaração ainda encontrada em muitos livros de oração hebraicos: “Eu acredito com um coração perfeito que o Messias virá; e embora sua vinda seja adiada, eu ainda esperarei pacientemente por sua rápida aparição”.

Messias no Antigo Testamento

A esperança judaica para o advento do Messias se desenvolveu dinamicamente a partir do período do reinado de Davi, quando foi profetizado que seu reino duraria até o fim dos tempos ([2Sm 7.16](#)). Foi dito a Israel que, através dos descendentes de Davi, seu trono exerceria um domínio sem fim sobre toda a terra ([2Sm 22.48-51](#); [Jr 33](#)). É com este aspecto da salvação messiânica que as mentes judaicas tradicionalmente estavam preocupadas (cf. [At 1.6](#)).

Entre rabinos ortodoxos, nunca houve uma falta de conjectura sobre os detalhes do ministério do Messias. Ao mesmo tempo, os rabinos aplicaram nada menos que 456 passagens das Escrituras à sua pessoa e salvação. A preocupação com o Messias é evidente no tratado *Sinédrio* (Talmude

Babilônico), onde as passagens afirmam que o mundo foi criado para ele e que todos os profetas profetizaram sobre seus dias (*Sinédrio* 98b, 99a). Em geral, a ortodoxia ainda mantém sua antiga crença no reinado do Messias em Jerusalém, a reconstrução do templo e o restabelecimento do sacerdócio e do sacrifício.

Enquanto o judaísmo posterior olhou para o Messias como uma figura escatológica que reinará no fim dos tempos, o pensamento judaico moderno largamente abandonou a noção tradicional de um Messias pessoal em favor da crença em uma era messiânica. O judaísmo liberal predominante prevê o mundo finalmente aperfeiçoado através da influência dos ideais judaicos gêmeos de justiça e compaixão. Tal convicção, ignorando a situação dos seres humanos caídos e o ensino das Escrituras, substitui o pensamento humanista pela milagrosa intervenção celestial.

Enquanto a origem do Messias está firmemente ligada à casa de Davi ([2Sm 7.14](#); [Os 3.5](#)), a promessa por um Messias foi dada muito antes de Davi viver. Na verdade, a esperança pelo Messias está implícita na primeira promessa do estabelecimento do reino de Deus. Dirigido a Satanás, [Gênesis 3.15](#) declara que Deus colocará hostilidade entre a serpente e a mulher até que, na plenitude do tempo, a “semente” da mulher infligir um golpe fatal na cabeça da serpente.

A natureza da profecia messiânica é progressiva; cada profecia lança mais luz sobre o assunto. Isso ocorre, por exemplo, respeitando o conceito de “semente”: o Messias deve nascer de uma mulher ([Gn 3.15](#)), através da linhagem de Sem ([9.26](#)) e especificamente através de Abraão ([22.18](#)). No entanto, mesmo tão tardio quanto [Gênesis 22.18](#), a “semente” não é claramente apresentada como uma pessoa, uma vez que *zerah* (semente) pode indicar um objeto singular ou plural. Ainda menos aparente nesses estágios iniciais da profecia messiônica está a natureza do “sofrimento” que está para ocorrer. No entanto, a ideia de o Messias ser esmagado por causa do pecado está implícita no pronunciamento de Gênesis, assim como a violência associada a esse ato. Líder entre os profetas messiânicos, Isaías dá uma gama completa ao axioma de que o Ungido deve suportar um sofrimento extensivo ([Is 53.1](#)). Sob a figura “o Servo do Senhor”, quatro “cânticos do servo” delineiam a missão do futuro libertador ([Is 42.1-7](#); [49.1-9](#); [50.4-11](#); [52.13-53.12](#)). Embora seja verdade que Isaías não liga explicitamente o título Messias com o Servo do Senhor, identificar ambas

as figuras como uma e a mesma pessoa é justificável. Ambas as figuras são ungidas de forma única ([61.1](#)); cada uma traz luz aos gentios ([55.4](#); cf. [49.6](#)); nenhum é pretensioso em sua primeira aparição ([7.14-15; 11.1](#); cf. [42.3; 53.1](#)); e o título do “ramo” davídico repousa sobre ambos ([11.1-4](#)). Igualmente significativos são os fatos duplos de sua humilhação e exaltação ([49.7; 52.13-15](#)). Os estudiosos judeus da era cristã inicial no Targum aramaico nos profetas parafraseiam [Isaías 42.1](#): “Eis meu Servo Messias” e começam [Isaías 53](#): “Eis que meu Servo Messias prosperará”. Embora Ciro possa ser mencionado como “ungido”, nenhum trabalho salvífico final é atribuído a ele ([45.1-5](#)). Israel, embora eleito e amado por Deus ([41.8](#)), é mal equipado como servo de Deus para trazer sua obra redentora para a humanidade ([42.18](#)). O colapso da dinastia de Davi aponta eloquentemente para a necessidade de Israel de um monarca ungido que curará a apostasia e desobediência ([Ex 33.5; Os 4.1](#)). Cada vez mais, a história do AT apresenta o fracasso moral abrangente de Israel. Seu problema, que ele compartilha com a humanidade, só pode ser resolvido pela criação de uma aliança cuja certeza e ponto focal seja tanto um Salvador pessoal como um Senhor soberano ([Jr 31.31-34](#)). O advento de tal campeão vive na promessa registrada de um rebento do tronco da árvore caída de Jessé, que trará a luz da vida ao povo ignorante de Deus ([Is 9.2; 11.1](#)).

É difícil fugir da ideia de que o conceito de servidão e humildade pertence à esfera da realeza ([Zc 9.9](#)). O conceito de Messias cumprindo os ofícios complementares de sacerdote e rei é incontrovertido ([Sl 110.1-4](#)); um rei-sacerdote sofredor é muito menos óbvio. Alguns entre os escritores talmúdicos aparentemente reconheceram a probabilidade de que o Messias teria que sofrer. No Talmude Babilônico, tratado *Sinédrio* 98b, o Messias é dito como tendo que suportar doenças e dor. Entre as orações para o Dia da Exiação podem ser encontradas as palavras de Eleazar ben Qalir (talvez tão tardio quanto 1000 d.C.): “Nosso Messias justo se afastou de nós; estamos aterrorizados, e não há ninguém que nos justifique. Ele carrega nossas iniquidades e o jugo de nossas transgressões, e é ferido por nossas transgressões. Ele carrega sobre seus ombros nossos pecados para encontrar perdão para nossas iniquidades. Que sejamos curados por suas feridas”. De modo semelhante, o Rabi Eliyya de Vidas escreve: “O significado de ‘Ele foi ferido por nossas transgressões, esmagado por nossas iniquidades’, é que, uma vez que o Messias carrega nossas

iniquidades, que produzem o efeito de Ele ser esmagado, segue-se que quem não admitir que o Messias sofra assim por nossas iniquidades, ele mesmo deve suportar e sofrer por elas”. Por tudo isso, é altamente duvidoso que alguém imaginasse que o Messias realizaria sua obra salvadora por meio de sua própria morte (cf. [Is 53.12](#)). Quando a especulação rabínica falhou em harmonizar satisfatoriamente os fatos paradoxais de humilhação e exaltação, alguns levantaram a hipótese de que Deus enviaria um Messias para sofrer, bem como um Messias para reinar. Biblicamente, é evidente que a terrível provação de sofrimento do Ungido é apenas o prelúdio necessário para a glória infinita. Ele é retratado não apenas como um grande rei ([52.13; 53.12](#)), mas também como humilde ([53.2](#)), humilhado ([52.14](#)), rejeitado ([53.3](#)) e suportando as consequências da rebelião da humanidade (vv. [5-6](#)). No entanto, ele é levantado para interceder por, e abençoar ricamente, seu povo (v. [12](#)). O Messias, tendo realizado essa obediência completa que Adão e Israel falharam em alcançar, trará Israel e as nações de volta a Deus ([42.18-19; 49.3.6](#)).

Os escritos de Daniel contêm dados messiânicos importantes. Daniel é único porque ele fala ousadamente do “Messias, o Príncipe” ([Dn 9.25](#)), o identifica como o “Filho do Homem” ([7.13](#)) e diz que ele sofre (“cortado”, [9.26](#)). Esta declaração do corte (isto é, morte) do Messias torna possível sua obra de expiação ([9.24](#)). A doutrina de uma expiação substitutiva vicária é a única doutrina de expiação encontrada na Bíblia (cf. [Lv 17.11](#)). Israel entendeu que suportar o pecado significava suportar as consequências, ou penalidade, pelo pecado (cf. [Nm 14.33](#)). A mesma substituição penal é evidente no princípio de funcionamento do sacrifício expiatório do Messias. Ele é o substituto da vítima para quem é transferido o sofrimento devido ao pecador. Tendo a penalidade sido assim suportada vicariamente, o suplicante é totalmente perdoado.

O [Salmo 22.1](#) registra o grito de lamento do Messias que carregava a penalidade do homem pelo pecado (cf. [Mt 27.46](#)) quando ele se torna pecado em nome de seu povo ([2Co 5.21](#)). No entanto, seu grito, “Meu Deus”, indica um relacionamento íntimo que não pode ser radicalmente rompido. Mais uma vez o motivo da humilhação messiânica antes da grande exaltação está em vista ([Sl 22.27](#)). Nos chamados “salmos reais” (p. ex., 2; 72; 110), é o intercessor sacerdotal que também é ordenado para agir como monarca e juiz.

Jeremias leva o retrato um passo adiante. Aquele que capacitará os seres humanos a entrar em uma aliança salvífica com Deus transmite a justiça imputável de Deus: o Messias, o ramo justo de Deus, se torna “o Senhor, nossa Justiça”. Paradoxalmente, sob a lei ninguém poderia ser crucificado que não fosse culpado de pecado ([Dt 21.22](#)). Mas é Cristo, o justo, que foi crucificado, minando assim para sempre qualquer suposta confiança legalista ([Dt 21.23](#); [Gl 3.13](#)). Mais do que perdoados, os crentes são considerados justos nele ([Jr 23.5-6](#)).

Enquanto o local de nascimento do Messias estava bem estabelecido ([Mq 5.2](#)), sua divindade era um assunto altamente contestado. Embora poucos no antigo Israel contestassem a crença em um Messias sobre-humano, é duvidoso que alguém o imaginasse como “Deus conosco” no sentido mais pleno da expressão (cf. [Hb 1.3](#)).

Messias no Novo Testamento

Os escritores do NT apresentam a imagem de que aquele que era filho de origens sobrenaturais ([Is 7.14](#); [Mc 5.2](#)) carregava todo o peso da divindade ([Is 9.6](#); [Fp 2.6](#); [Cl 1.19](#)). Ele é o Filho de Deus, digno de receber a adoração de todas as pessoas ([Sl 45.6-7](#); cf. [Hb 1.8-9](#)).

Os judeus da Palestina do primeiro século sabiam que a promessa messiânica seria realizada na vinda de alguém como Moisés ([Dt 18.18](#)). Os paralelos entre Jesus e Moisés são abundantes. Como mediadores, inovadores e propagadores de novas fases da vida espiritual para o povo, eles são insuperáveis. Especificamente, ambos são milagrosamente poupadados na infância ([Ex 2](#); [Mt 2.13-23](#)); ambos renunciam a uma corte real por uma questão de servir ao povo de Deus ([Fp 2.5-8](#); [Hb 11.24-28](#)); ambos exibem intensa compaixão pelos outros ([Nm 27.17](#); [Mt 9.36](#)); ambos têm comunhão “face a face” com Deus ([Ex 34.29-30](#); [2Co 3.7](#)); e cada um é mediador de uma aliança de redenção ([Dt 29.1](#); [Hb 8.6-7](#)). Mas, como Lutero observa: “Cristo não é Moisés”. Na análise final, Moisés é apenas um servo doméstico; o Messias é o criador e mestre de todas as coisas ([Hb 3.3-6](#); cf. [Jo 1.1-2.18](#)).

As genealogias familiares são importantes nas Escrituras. Os rabinos concordaram com a necessidade absoluta da linhagem davídica do Messias baseada em [Oseias 3.5](#) e [Jeremias 30.9](#). O anúncio angelical imediatamente estabelece a linhagem correta para Jesus ([Lc 1.32-33](#); cf. [2.4](#)), assim como a de Mateus ([Mt 1.1-17](#)). A lista de

Lucas, como a de Mateus, estabelece a descendência real exclusiva verificando Jesus como Messias ([Lc 3.23-38](#)). Embora variações ocorram entre as duas genealogias, há uma solidariedade firme enfatizando uma ancestralidade dentro da linhagem messiânica única. Totalmente ciente do foco messiânico das Escrituras ([Jo 5.46](#); [8.56](#)), Jesus reconheceu a si como o Cristo em numerosas ocasiões. Ele aceitou o título vindo do cego Bartimeu ([Mc 10.46-48](#)); das multidões quando ele entrou em Jerusalém ([Mt 21.9](#)); das crianças no templo (v. [15](#)); e em outros contextos também ([Mt 16.16-18](#); [Mc 14.61-62](#); [Lc 4.21](#); [Jo 4.25-26](#)). No entanto, ele advertiu seus discípulos para não anunciar seus atos poderosos como Messias antes de sua ressurreição ([Mt 17.9](#); cf. [Lc 9.20-21](#)). Devido à noção comumente mantida (mas falsa) de que o papel do Messias era primariamente o de um libertador político, Jesus realmente evitou o uso desse termo e preferiu se identificar como “o Filho do Homem”. Não era de forma alguma assumido que ambas as designações se referiam à mesma pessoa (cf. [Mc 14.61-62](#)). Tomando essencialmente da visão de Daniel de um conquistador celestial ([Dn 7.13-14](#)), Jesus consistentemente empregou este título menos conhecido e o encheu com o verdadeiro caráter e escopo da salvação messiânica. O ensino de Jesus a este respeito permitiu que seus discípulos corrigissem suas visões errôneas sobre sua missão ([Mt 16.21-23](#)). Na plenitude dos tempos, eles viriam a vê-lo não apenas como Messias, mas também como o tema de todo o AT ([Mt 5.17](#); [Lc 24.27,44](#); [Jo 5.39](#); cf. [Hb 10.7](#)). Quando Jesus expôs as Escrituras começando com a Torá ([Lc 24.27](#)), ele o fez como a exegese viva de Deus, a Palavra encarnada ([Jo 1.14,18](#)). A exposição messiânica legítima é encontrada em uma série de textos, como [Salmos 2; 16; 22; 40; 110](#); [Isaías 7.14; 9.6; 11.1; 40.10-11; 50.6; 52.13-53.12; 61.1; 63.1-6](#); [Jeremias 23.5-6; 33.14-16](#); [Ezequiel 34.23; 37.25](#); [Daniel 9.24-27](#); [Os 11.1](#); [Miqueias 5.2](#); [Zacarias 9.9; 11.13](#); [12.10](#); [13.7](#); [Malaquias 3.1](#); [4.2](#).

O messianismo de Jesus é firmemente proclamado por todos os quatro evangelistas ([Mt 1.1](#); [Mc 1.1](#); [Lc 24.26](#); [Jo 20.31](#)). Pedro em Pentecostes, Filipe diante do eunuco etíope, e Apolo em debate aberto argumentam de forma convincente que Jesus é o Messias ([Atos 2.36](#); [8.35](#); [28.28](#)). Pedro diz que ele foi “feito” tanto Senhor quanto Cristo ([2.36](#)), significando que a ressurreição o confirma como tal. Da mesma forma, o apóstolo Paulo fala da ressurreição de Jesus como uma declaração patente de seu direito inalienável ao título ([Rm](#)

[1.4](#)). Para o ex-fariseu e ex-perseguidor da igreja, “Jesus, o Cristo” é o próprio coração e alma da pregação de Paulo. Nada é digno de ser comparado com a glória do Messias; tudo perde a cor em comparação a ela ([Fp 3.5-10](#)). A paixão avassaladora do apóstolo é que outros conheçam a plenitude de Deus na pessoa de seu único Filho ([Ef 3.14-19](#)).

O Espírito Santo nas Escrituras fala de Jesus com apelativos abrangentes — Santo, Juiz, Justo, Rei, Filho de Deus e Senhor — mas esses não são exaustivos. Nele, todas as linhas da previsão messiânica convergem; ele é critério pela qual sua validade é firmemente estabelecida. O Senhor Jesus Cristo é o próprio coração e substância dessa aliança, através da qual pessoas pecadoras podem ser reconciliadas com um Deus santo ([Is 42.6](#); [Jo 14.6](#)). Jesus o Messias de Israel, Deus encarnado, cumpre exaustivamente a profecia, o tipo e o símbolo — todas as sombras de sua vinda. Portanto, todos devem confiar nele, a fonte de toda a graça, o único tesouro permanente ([Mt 12.21](#); [Jo 1.16-17](#); [Cl 2.3](#)). Ungido como profeta, ele nos leva a toda a verdade ([Jo 6.14](#); [7.16](#)); como sacerdote, ele intercede por nós ([Hb 7.21](#)); e como rei, ele reina sobre nós ([Fp 2.9-10](#)).

Veja também Exiação; Ramo; Cristologia; Jesus Cristo, Vida e Ensinamentos de; Redentor, Redenção; Filho de Deus; Filho do Homem.

Mestre

Palavra usada para traduzir cinco palavras hebraicas diferentes e sete termos gregos diferentes, com raiz comum que aponta para o significado de proprietário ([Is 1.3](#)), ancião ([Dn 1.3](#)), soberano ([1Pe 2.18](#)), professor ([Lc 6.40](#)), superintendente ([Lc 5.5](#)), senhor ([Gn 39.3](#)), patrão ([Jz 19.11](#)), rabino ([Mc 9.5](#)) e capitão ([Atos 27.11](#)); muitas vezes usado para descrever Jesus.

Uma das palavras gregas, *kurios*, tem múltiplos significados com implicações importantes para interpretação. De vários modos significa senhor ([Lc 14.21](#)), mestre ([Mt 6.24](#)), senhor ([Atos 25.26](#)) e o Senhor Deus ([Ef 6.9](#)). Geralmente, o contexto indica claramente o significado específico pretendido.

Mestre

Os mestres conservavam os valores e a educação de uma nação e os passavam a cada nova geração. Nos

tempos do Antigo Testamento, os primeiros mestres eram muitas vezes os pais ([Deuteronômio 6.7-20-25](#); [11.19-21](#)). Líderes como Moisés e Arão foram encarregados de ensinar o povo ([Levítico 10.11](#)). Depois, os sacerdotes e levitas tinham uma função de ensino ([Deuteronômio 24.8](#); [33.8-10](#); [2 Crônicas 17.7-9](#); [Esdras 44.23](#); [Miqueias 3.11](#)). O próprio Deus foi considerado como um mestre ([Salmos 25.8.12](#); [27.11](#); [32.8](#); [86.11](#); [Isaías 2.3](#)).

No Novo Testamento, o substantivo grego para “mestre” e o verbo “ensinar” são amplamente utilizados. João Batista foi chamado de mestre ([Lucas 3.12](#)). O termo é usado mais de 30 vezes para se referir a Jesus ([Mateus 4.23](#); [5.2](#); [7.29](#); [9.35](#); [11.1](#); [Marcos 1.21](#); [2.13](#); [4.1-2](#); [6.2-6.34](#); [Lucas 4.15.31](#); [5.3](#); [6.6](#); [João 6.59](#); [7.14-28](#); e assim por diante). As pessoas reconheciam seu ensino como autoritativo ([Mateus 7.29](#); [Marcos 1.22](#); [Lucas 4.32](#)). Mesmo quando Jesus tinha 12 anos, ele conversava de uma maneira profunda com os mestres da lei no templo ([Lucas 2.46](#)). Esses homens eram muitas vezes associados aos fariseus ([5.17](#)). Gamaliel era um fariseu e um mestre da lei ([Atos 5.34](#)). O termo “rabí” era muitas vezes usado para denotar mestre. O rabino era considerado com grande honra. Na igreja primitiva, o mestre era amplamente reconhecido ([Atos 13.1](#); [1 Coríntios 12.28-29](#); [Efésios 4.11](#); [2 Timóteo 1.11](#); [Tiago 3.1](#)).

Metretas

Medição de cerca de 38 litros. Em [João 2.6](#), metretas é a tradução da ARC e outras Bíblias para essa medida líquida grega. Veja Pesos e Medidas.

Metusael

Em alguns idiomas como o inglês, há diferenças em como escrever o nome “Metusael”, que pode ser escrito como “Metusael” ([Gênesis 4.18](#)). Veja Metushael.

Metushael

Filho de Meujael e pai de Lameque na linhagem de Caim ([Gn 4.18](#)). A forma de escrita tradicional nas Bíblias em português é “Metusael”. Metushael é uma variação do nome usado em algumas versões de Bíblia em outros idiomas.

Meujael

Um filho de Irade e o pai de Metusael, na linha familiar de Caim ([Gn 4.18](#)).

Mezuzá

Uma palavra hebraica que significa a estrutura vertical de uma porta ou portão. A Bíblia menciona essa palavra cerca de 20 vezes no Antigo Testamento. Durante a primeira Páscoa, os israelitas colocaram o sangue do cordeiro na *mezuzah* de suas casas ([Êx 12.7.22-23](#)).

Em [Deuteronômio 6.9](#) e [11.20](#), Deus instruiu o povo hebreu a escrever seus mandamentos nas portas de suas casas e nos portões da cidade. Os judeus ainda seguem essa prática hoje. Toda casa judaica possui um pequeno recipiente feito de metal ou madeira preso ao batente da porta, aproximadamente na altura do ombro. Este recipiente, conhecido como *mezuzá*, contém um pequeno pedaço de pergaminho. Em um lado do pergaminho estão escritas as palavras de [Deuteronômio 6.4-9](#) e [11.13-21](#). No outro lado está escrita a palavra Shaddai, que é o nome hebraico para Deus Todo-poderoso.

Do lado de fora do recipiente da *mezuzá* está a letra hebraica *shin*, que é a primeira letra do nome Shaddai. Quando uma pessoa judia devota entra ou sai de casa, ela toca a *mezuzá* e depois beija os dedos. Ao mesmo tempo, ela repete as palavras do [Salmo 121.8](#): "O Senhor guardará a sua saída e a sua entrada, desde agora e para sempre".

Miamim

1. Sacerdote que ministrou durante o tempo de Davi ([1Cr 24.9](#)).
2. O filho de Parós, que foi encorajado por Esdras a se divorciar de sua esposa estrangeira durante o período pós-exílico ([Ed 10.25](#)).
3. Um dos sacerdotes que assinou a aliança de Esdras durante o período pós-exílico ([Ne 10.7](#)).
4. Sacerdote que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio ([Ne 12.5](#)).

Mibsão

1. Um dos filhos de Ismael e o fundador de uma tribo que leva seu nome ([Gn 25.13](#); [1Cr 1.29](#)).
2. Filho de Salum e pai de Misma ([1Cr 4.25](#)).

Mibsar

Chefe de Edom ([Gn 36.42](#); [1Cr 1.53](#)). O nome significa "fortaleza". Eusébio conecta Mibsar com Mibsara, uma grande cidade em Edom.

Micael

O nome Micael significa "Quem é como Deus?". Dez homens diferentes chamados Micael aparecem na Bíblia, além de um que é descrito como um arcanjo.

44. O pai de um dos espiões enviados por Moisés a Canaã ([Nm 13.13](#)).
45. Um gadita mencionado nas listas daqueles que se estabeleceram na terra de Basã ([1Cr 5.13-14](#)).
46. Um segundo gadita chamado Micael também é mencionado na lista ([1Cr 5.13-14](#)).
47. Um antepassado de Asafe, um cantor do templo nos dias de Davi ([1Cr 6.40](#)).
48. O principal homem de Issacar nas listas do templo ([1Cr 7.3](#)).
49. Um benjamita mencionado nas listas do templo ([1Cr 8.16](#)).
50. Um homem de Manassés que se juntou a Davi em Ziclague quando ele estava fugindo de Saul ([1Cr 12.20](#)).
51. O pai de Onri, um alto oficial político nos dias do rei Davi ([1Cr 27.18](#)).
52. O filho do rei Josafá de Judá ([2Cr 21.2](#)).
53. O pai de Zebadias, um homem que retornou com Esdras a Jerusalém após o exílio na Babilônia ([Ed 8.8](#)).

54. Um anjo que aparece no Antigo Testamento, no Novo Testamento e em escritos judaicos do período entre essas duas partes da Bíblia. [Daniel 10.13](#) diz que "o príncipe do reino da Pérsia" procurou se opor ao propósito de Deus. Miguel (variação do nome Micael), "um dos principais príncipes", lutou contra esse espírito maligno ao lado do Senhor ([Dn 10.21](#)). Seu conflito em favor de Israel é mencionado ainda em [Daniel 12.1](#).

O livro de Enoque descreve Miguel como um dos quatro ou dos sete anjos especiais chamados "arcangels" (Enoque 9.1 e 40.9 listam quatro; 20.1-7 listam sete). No livro de Enoque, no Rolo da Guerra dos Manuscritos do Mar Morto e em outras literaturas intertestamentárias, Miguel é descrito como um guerreiro que luta pela causa dos justos ou como o protetor de Israel.

O livro de Judas nos conta sobre uma época em que Miguel discutiu com o diabo sobre o que aconteceria com o corpo de Moisés após sua morte ([Jd 1.9](#); compare [2Pe 2.10-11](#); veja também a referência ao "arcanjo" em [1Ts 4.16](#)). Esta história vem de "A assunção de Moisés" (um escrito que contava histórias sobre o que aconteceu com Moisés após sua morte).

A única outra referência a Miguel no Novo Testamento é [Apocalipse 12.7-8](#): "Então, houve uma guerra no céu: Miguel e seus anjos lutaram contra o dragão, e o dragão e seus anjos revidaram. Mas o dragão não foi forte o suficiente, e não mais se encontrou lugar no céu para ele e seus anjos".

Veja também Anjo.

Miclore

1. Residente de Gibeão, filho do benjamita Jeiel e pai de Simeia ([1Cr 8.32; 9.37-38](#)).

2. Oficial no exército de Davi que serviu sob o comando de Dodai ([1Cr 27.4](#)), de acordo com alguns manuscritos.

Micneias

Levita da segunda ordem que foi porteiro e músico durante o reinado de Davi ([1Cr 15.18,21](#)).

Mictam

Título em [Salmos 16](#) e [56 – 60](#) (veja NTLH), possivelmente também do salmo de recuperação de Ezequias, [Isaías 38.9](#). O significado preciso do termo é incerto. Sua semelhança com a palavra acádica "cobrir, expiar" sugere que o título pode significar um salmo de expiação ou pecado coberto. Outras sugestões incluem um salmo de dificuldades ou mistérios.

Veja também Música.

Midiā, midianita

Pessoa, lugar ou povo, este último vivendo na borda leste de Gileade, Moabe e Edom ao sul, no noroeste da Arábia. Eles tinham poucos, se é que tinham, assentamentos permanentes.

Midiā e seus descendentes aparecem de forma proeminente apenas na história inicial de Israel, em conexão com Abraão ([Gn 25.1-6](#)), José ([37.25-36](#)), Moisés ([Êx 2.15-31](#)), Balaão ([Nm 22.1-6; 25; 31.1-20](#)), e Gideão ([Jz 6.1-8.28](#)).

Midiā era o meio-irmão mais novo de Isaque, o quarto de seis filhos nascidos de Quetura, com quem Abraão se casou quando já era idoso ([Gn 25.1-2](#); cf. [23.1-2](#); [24.67](#); [1Cr 1.32](#)). Ao chamar Midiā e seus irmãos completos de "os descendentes de Quetura" ([Gn 25.4](#); [1Cr 1.32-33](#)), a Bíblia cuidadosamente os distingue de Isaque, o filho de Sara, que era aquele através de quem a promessa de Deus a Abraão seria cumprida ([Gn 12.1-3](#); [17.15-21](#)). De fato, Abraão e os israelitas consideravam esses outros filhos como não tendo mais direitos de herança do que os filhos de uma concubina ([Gn 25.5-6](#); [1Cr 1.31](#)).

Expulsos da família de Abraão por causa de Isaque, tornaram-se povos seminômades dos desertos a leste e ao sul da Palestina ([Gn 25.5-6](#)).

A terra de Midiā

De localização incerta, Midiā estava provavelmente ao sul de Edom, no lado leste do que hoje é chamado de Golfo de Ácaba. O geógrafo alexandrino Ptolomeu (segundo século d.C.) menciona uma cidade chamada Modiana na costa e uma Madiana a 41,8 quilômetros no interior (moderna el-Bed') nesta região, uma identificação apoiada pelo historiador judeu Josefo (primeiro

século d.C.) e pelo historiador da igreja cristã Eusébio (início do quarto século).

No início dos tempos do Antigo Testamento, Midiã parece ter sido a terra na borda dos desertos que faziam fronteira com Gileade, Moabe e Edom, estendendo-se ao sul até o leste do Sinai.

No tempo de José, alguns clãs midianitas provavelmente viviam no deserto na região da Transjordânia ao norte, adjacente a Gileade ou Basã, pois faziam parte de uma caravana ismaelita que viajava pela rota comercial de Damasco, atravessando Gileade, passando por Dotã até o Egito ([Gn 37.17,25–28,36](#)).

Quando Moisés fugiu do Faraó, ele se estabeleceu em Midiã e eventualmente casou-se com Zípora, a filha de um sacerdote midianita ([Ex 2.15–22](#)). Moisés pediu ao seu parente midianita Hobabe para atuar como guia de Horebe a Cades-Barneia ([Dt 1.19](#)); Hobabe conhecia bem o deserto de Parã ([Nm 10.11–12,29–31](#)), embora sua própria terra e parentes estivessem em outro lugar (v [30](#)).

No episódio de Balaão e suas consequências sangrentas ([Nm 22.31](#)), um grupo significativo de midianitas parece ter vivido na fronteira oriental de Moabe. O rei moabita Balaque, que estava sob o domínio do rei amorita chamado Seom ([21.26–30](#); [Jr 48.45](#)), discutiu a ameaça israelita com os anciões de Midiã, e uma delegação conjunta foi enviada a Balaão ([Nm 22.2–7](#)). Em Acácia, nas campinas de Moabe ([Nm 22.1; 25.1](#)), um israelita conheceu e casou-se com uma princesa midianita ([Nm 25.6–18; 31.8](#)). Os reis midianitas eram considerados reis fantoches do Rei Seom ([Is 13.21](#)). Todos os indícios são de que clãs midianitas viviam nas proximidades, nas fronteiras de Moabe. Como Moabe está ao norte de Edom, a referência a uma vitória edomita sobre Midiã ([Gn 36.35](#)) pode indicar uma incursão ao norte pelos midianitas no território edomita.

A invasão midianita que Gideão repeliu tinha todas as características de uma invasão do Leste. Portanto, parece que, enquanto "a terra de Midiã" é um termo que pode se referir a um território ao sul de Edom, os midianitas estavam vivendo em uma área muito mais ampla — em terras marginais — a leste de Moabe e Edom e ao sul de Edom, no leste do Sinai e noroeste da Arábia.

Midim

Uma das seis cidades no deserto a oeste do Mar Morto atribuída à tribo de Judá como herança, localizada entre Bete-Arabá e Secaca ([Is 15.61](#)).

Midrash

Transliteração para o português de uma palavra hebraica que ocorre duas vezes em 2 Crônicas. Em [2 Crônicas 13.22](#) refere-se à fonte literária usada para registrar o reinado do rei Abias, de Judá (913–910 a.C.) como o "midrash" do profeta Ido. O texto de [2 Crônicas 24.27](#) menciona, em conexão com o reinado do rei Joás, de Judá (835–796 a.C.), o "midrash" do livro dos reis.

Embora estas sejam as únicas vezes que midrash é mencionado em Crônicas, elas se encaixam em um padrão de referências a fontes literárias. Por exemplo, Crônicas frequentemente cita *O Livro dos Reis de Israel e Judá* ou algo semelhante (e.g. [2Cr 16.11; 20.34; 27.7; 33.18](#)). É provável que o título em [2 Crônicas 24.27](#) que incorpora o termo "midrash" seja apenas um título variante de uma fonte principal. Novamente, Crônicas frequentemente alude a várias fontes proféticas; o profeta Ido, de outra forma desconhecido, também aparece em uma obra chamada *As Visões de Ido, o Vidente*, em conexão com o reinado de Jeroboão I, de Israel (930–909 a.C.; [2Cr 9.29](#)), e também *Nos Relatos de Semaías, o Profeta*, com referência ao rei Roboão, de Judá (930–913 a.C.; [2Cr 12.15](#)). Aqui, também, é provável que uma única obra profética seja rotulada com nomes diferentes.

Mas o que exatamente o termo "midrash" significava para o autor de Crônicas? A versão grega antiga o traduziu simplesmente como "livro, escrita", e é provável que não significasse nada além disso. O verbo hebraico subjacente significa inquirir ou estudar e, consequentemente, o substantivo poderia significar "um resultado de pesquisa, um estudo". Alternativamente, pode significar "comentário" no sentido de uma apresentação da história a partir de uma certa perspectiva.

Apartando-se dessas instâncias em Crônicas, o outro uso importante para o AT é seu significado como um procedimento ou produto de interpretação do texto bíblico, que eventualmente foi incorporado aos comentários judaicos chamados Midrashim. Na literatura de Qumran, midrash aparece no sentido geral de "interpretação

da lei". Porém, na literatura rabínica posterior, tornou-se um termo técnico para uma coleção de ensinamentos tradicionais dos rabinos organizados em ordem de capítulo e versículo dos livros bíblicos. O objetivo geral desses estudos era aplicar o texto antigo às circunstâncias contemporâneas de várias maneiras.

Veja também Talmude.

Mifcade, Porta de

Tradução da versão ARC para a porta da Inspeção ("Portão da Guarda", NTLH), uma porta da cidade no nordeste de Jerusalém, em [Neemias 3.31](#). Veja Porta da Inspeção.

Migdal-El

Uma das cidades fortificadas pertencentes à tribo de Naftali ([Js 19.38](#)).

Migdal-Gade

Aldeia de Judá localizada no distrito de Sefelá, de Laquis ([Js 15.37](#)). Talvez seja identificável com Khirbet el-Mejdeleh, a sudeste de Tell el-Nuweir.

Migdol

Uma cidade no delta oriental do Baixo Egito. Migdol aparece na história do Êxodo entre dois lugares chamados Pi-Hairote e Baal-Zefom ([Ex 14.2](#); [Nm 33.7](#)). O Êxodo é a história de como os antigos israelitas deixaram o Egito, onde foram escravos por muitos anos.

Os estudiosos têm opiniões diferentes sobre a localização de Migdol. Alguns acreditam que a rota do Êxodo foi para o sul, nas montanhas do Sinai, e acham que esses três locais ficavam em algum lugar perto de Suez. Outros, que pensam que o mar de Juncos era o lago Serbonítico, acreditam que este Migdol é o mesmo lugar mencionado por Jeremias. Jeremias escreveu sobre os judeus vivendo em Migdol quando foram forçados a deixar sua terra natal no sexto século a.C. ([Jr 44.1](#); [46.14](#)).

Este Migdol deve ser o mesmo lugar mencionado em Ezequiel, onde marca o extremo norte do Egito, oposto a Sinim no extremo sul ([Ez 29.10](#); [30.6](#)). Os

estudiosos não concordam se Migdol se refere a um único local ou a dois lugares distintos.

Fontes fora da Bíblia também mencionam Migdol. Por exemplo, o papiro Anastasi 5.19 (um texto egípcio para treinamento de escribas) menciona Migdol junto com Sucote em uma mensagem sobre escravos fugitivos. O relevo mural de Seti I mostra Migdol como uma fortaleza entre Sillo (Sele) e outros fortes do norte do Sinai. O itinerário Antonino (um guia de estradas romano) coloca Magdolo entre Pelúsio e Sele. Esta informação sugere que Migdol era provavelmente Tell el-Heir, a 19,3 quilômetros ao norte.

Migrom

Local onde Saul descansou sob uma romãzeira, perto de Gibeá ([1Sm 14.2](#)); também mencionado como parte da linha de marcha dos assírios ([Is 10.28](#)). A primeira referência é a um local ao sul de Micmás, e a segunda é provavelmente ao norte de Micmás. Alguns estudiosos, no entanto, tentam identificar ambos com o local ao sul de Micmás, embora isso seja duvidoso.

Milagre

Um ato divino pelo qual Deus se revela às pessoas. A definição clássica de milagre assume que é contrário à lei natural, mas isto é um equívoco por duas razões. Primeiro, muitos dos milagres da Bíblia usaram a natureza em vez de contorná-la (p. ex., o vento que dividiu o Mar Vermelho, [Ex 14.21](#)). Segundo, não há mais um conceito de "leis naturais absolutas"; em vez disso, um fenômeno que não é prontamente explicável pode refletir leis que os cientistas ainda não entendem completamente. Nas Escrituras, o elemento da fé é crucial; uma abordagem natural não pode provar ou refutar a presença do "milagre". O momento e o conteúdo do processo podem ser milagrosos, mesmo que o evento possa parecer natural. O significado revelador também é importante. Em todos os casos, Deus realizou o milagre não apenas como uma "maravilha" para inspirar admiração, mas como um "sinal" para atrair as pessoas para si.

O vocabulário dos milagres

No AT, os dois termos principais são "sinal" e "maravilha", que muitas vezes ocorrem juntos (p. ex., nove vezes apenas em Dt, [4.34](#); [13.1](#); etc). Mais

de um termo hebraico é usado para “maravilhas” — um que se refere a ele como um ato de poder sobrenatural e outro como estando além da compreensão do homem. No geral, eles são usados como sinônimos para os atos providenciais de Deus dentro da história. O “sinal” se refere a um ato que ocorre como um símbolo ou garantia do controle de Deus sobre os eventos e como uma revelação da presença de Deus ao seu povo.

O NT usa o mesmo idioma básico, “sinais e maravilhas”, com a mesma força geral (cf. [Mt 24.24](#); [Mc 13.22](#); [Jo 4.48](#); [At 2.43](#)). Um terceiro termo é aquele para “poder” ou milagre, e isso se torna o termo predominante nos Evangelhos sinópticos. Significa o próprio ato poderoso pelo qual Deus é revelado em Cristo. Um quarto termo é “obra”, que, juntamente com “sinal” é preferido no Evangelho de João. Este termo é usado em João para mostrar que em Jesus, a obra do Pai é revelada. Embora os termos sejam muitas vezes sinônimos (os primeiros três ocorrem juntos em [Rm 15.19-20](#); [2Ts 2.9](#); [Hb 2.4](#)), eles designam três aspectos diferentes dos milagres. “Sinais” apontam para o significado teológico de milagre como uma revelação de Deus; “poder”, para a força por trás do ato; “obra”, para a pessoa por trás dele; e “maravilha”, para seu efeito incrível sobre o observador.

Milagres no Antigo Testamento

Para o hebreu, um milagre era nada mais nada menos do que um ato de Deus. Portanto, a própria natureza era um milagre ([Jó 5.9-10](#); [Sl 89.6](#); [106.2](#)), e um ato de bondade ou vitória sobre os inimigos é descrito dessa maneira ([Gn 24.12-27](#); [1Sm 14.23](#)). A ordem natural está totalmente sob o controle de Yahweh, então um milagre era observável não por causa de sua natureza sobrenatural, mas por causa de seu caráter como parte da revelação divina. Esta conexão com a história da salvação é crucial, pois Israel em todos os momentos tentou se proteger contra um desejo pelo espetacular. [Deuterônômio 13.1-4](#) adverte contra a aceitação de uma maravilha como autenticando um profeta; em vez disso, a autenticação deve vir do fato de que ele adora a Yahweh.

Milagres no AT são restritos a períodos críticos da história redentora. Muitos debateram o ato da Criação como o primeiro milagre, mas na realidade não é apresentado como tal no relato de Gênesis. Um milagre é mostrado por seu significado revelador e/ou sua conexão com pontos cruciais na história do povo de Deus — o êxodo, a conquista do

Jordão, a batalha contra a adoração enganosa de Baal do período profético. A criação é caracterizada por um tema principal: uma crônica dos começos. Os milagres de Gênesis — cegando os habitantes de Sodoma, o Dilúvio, Babel — todos significam a ira de Deus sobre aqueles que se voltaram contra ele. Este é o outro lado da história redentora, o julgamento de Deus sobre aqueles que não são seu povo.

Os milagres do relato do êxodo têm dois focos: as pragas representam o poder absoluto de Yahweh sobre os deuses do Egito, e os milagres do deserto mostram a atenção e proteção absolutas de Deus para seu povo. As pragas são especialmente interessantes porque cada uma é dirigida a um dos deuses do Egito e revela Yahweh como o único soberano. O tema básico é encontrado em [Êxodo 7.5](#) e é repetido ao longo do relato (cf. [7.17](#); [8.6,18](#); [9.14-16,29](#); [12.12](#)): “Quando eu mostrar aos egípcios meu poder e os forçar a deixar os israelitas irem, eles perceberão que eu sou o Senhor”. A este respeito, eles foram dirigidos não apenas aos egípcios, mas também aos israelitas, que precisavam saber que seu Deus os vindicaria contra os egípcios. Isso é confirmado no principal milagre, a travessia do Mar Vermelho. As próprias pragas mostram um aumento gradual na severidade.

Os milagres do deserto estão intimamente conectados ao tema básico das narrativas de peregrinação, o julgamento de Israel em tempos de necessidade desesperada e a proteção providencial de Deus de seu povo quando eles se voltam para ele. A organização básica das histórias diz respeito à própria necessidade, o que leva à queixa de Israel; isso é seguido pela intercessão de Moisés e depois pela intervenção soberana de Deus. Os milagres são intercalados com outras histórias que contam da punição de Deus quando o murmúrio das pessoas o prova. O milagre é a autorreveção de Deus em relação a seu envolvimento nas necessidades de seu próprio povo; Israel deve então responder, e sua resposta determina sua bênção ou punição nas mãos de Yahweh.

Os milagres ficam visivelmente ausentes no período da monarquia unificada. Este foi um tempo de autossuficiência, quando Deus trabalhou através da monarquia e não interveio diretamente na vida da nação. A razão é que as esperanças escatológicas de Israel haviam sido realizadas e concretizadas na presença da Cidade Santa e do templo.

Foi diferente durante o período profético. Nas vidas de Elias e Eliseu, milagres eram predominantes. Este foi um tempo de apostasia, e sob o reinado de Acabe e Jezabel, a nação se voltou para o paganismo e a adoração de Baal. A própria existência da religião hebraica parecia estar ameaçada, e assim os tempos exigiam medidas extraordinárias. Aqui a natureza maravilhosa dos milagres é mais evidente do que em qualquer outro lugar no AT. Há alusões conscientes aos milagres do êxodo, talvez olhando para Elias como um novo Moisés reinstituindo a verdadeira adoração de Yahweh. Paralelos são vistos no desafio aos sacerdotes de Baal ([1Rs 18](#); cf. [Êx 7](#)); a revelação de Deus no Monte Horebe com o vento, terremoto e fogo ([1Rs 19](#); cf. [Êx 19](#)); e a separação do Jordão ([2Rs 2:10-14](#); cf. [Êx 14](#)). Muitos dos milagres tinham a intenção de demonstrar a impotência de Baal, como a seca, a competição no Monte Carmelo e o sustento milagroso provido por Deus. Novamente, as ações de Deus dentro da história faziam parte de sua autorrevelação, a vindicação de seus mensageiros e a punição de seus inimigos.

Milagres são raros nos escritos dos profetas, talvez devido à forma de proclamação dos escritos (isto é, eles lidaram com mensagens em vez de ações). As duas principais exceções (além da restauração de Ezequias narrada em [Is 38](#)) são Jonas e Daniel. Em Jonas, o milagre é endereçado não aos ninivitas, mas aos israelitas, que são chamados de volta para suas obrigações da aliança como os porta-vozes de Yahweh. Em Daniel, a direção é invertida, e a situação é a mesma que em Êxodo ou Reis. Os milagres são dirigidos aos babilônios e persas e têm os mesmos focos dos eventos anteriores do êxodo e das crônicas de Elias-Eliseu, isto é, a supremacia de Yahweh sobre os deuses estrangeiros e a vindicação de seus mensageiros. Este é o terceiro e último tempo de crise e ilustra o principal uso teológico de milagres no AT.

Milagres no Novo Testamento

A presença do miraculoso tem um propósito semelhante no NT; ocorreu em um ponto de crise na história da salvação para autenticar a presença de Deus em atos históricos. Difere, no entanto, na medida em que é transcendido pela presença do próprio Filho de Deus, que é ele mesmo o maior milagre de todos. Deus agora não apenas agiu na história; ele entrou na história e a transformou para si mesmo. Os paralelos com os eventos do êxodo são óbvios e mostram que os milagres de Jesus pavimentaram o caminho para a entrada da

nova aliança da mesma maneira que os milagres de êxodo prepararam para a antiga.

O entendimento de Jesus

Jesus enfatizou a conexão entre seu ministério de milagres, especialmente a expulsão de demônios (exorcismo) e a vinda do reino de Deus. Como no AT, os milagres significam a presença de Deus, mas aqui isto é mais direto e também sinaliza a inauguração de seu reino ([Mt 12:28](#)). Como tal, então, os milagres de exorcismo significam a prisão de Satanás e a instituição do reino de Deus ([Mc 3:23-27](#)). Ao mesmo tempo, todos os milagres significam o amanhecer da era da salvação, como expresso no discurso inaugural de Jesus em Nazaré ([Lc 4:18-21](#), de [Is 61:1-2](#)).

No entanto, esses milagres não são sinais automáticos para o agir de Deus; eles devem ser interpretados pela fé. Jesus estava bem ciente da presença de outros milagres em seus dias ([Mt 12:27](#)) e assim enfatizou a presença da fé nos milagres de cura ([Mc 5:32](#); [10:52](#)). Esta fé deve ser dirigida para a presença de Deus no evento e no próprio Jesus. A necessidade da fé também ajuda a entender a rejeição de Jesus de fornecer aos seus contemporâneos um “sinal” ([Mc 8:11-12](#)); milagres nunca poderiam “provar” a presença de Deus. Para uma melhor compreensão da conexão entre fé e milagres, é melhor notar o retrato individual de cada evangelista do uso teológico de milagres.

Milagres em Marcos

Marcos, o primeiro dos quatro Evangelhos a ser escrito, tem sido frequentemente chamado de “Evangelho de ação” por causa de sua ênfase nos atos de Jesus, em vez de seu ensino. Isso também é verdade em relação aos milagres de Jesus, pois Marcos os contém mais proporcionalmente do que qualquer um dos outros. Há cinco grupos ou cinco tipos de milagres em Marcos. O primeiro grupo se concentra na autoridade de Jesus sobre demônios ([Mc 1:21-39](#)). O segundo diz respeito à autoridade de Jesus sobre a lei e ao conflito com seus oponentes ([1.40-3.6](#)). Eles resultam em fama, mas ocasionam sua rejeição em permitir que sua verdadeira identificação como Filho de Deus seja conhecida. O terceiro grupo ([3.7-30](#)) contém exorcismos e a controvérsia de Belzebu, centrando-se em seu poder sobre Satanás. O quarto grupo ([4.35-6.43](#)) contém milagres especialmente poderosos (o acalmar da tempestade, o endemoninhado Gadereno, a ressurreição da filha

de Jairo) e provavelmente se concentra nos discípulos, à medida que Jesus lhes revela o significado do reino e procura superar sua própria fraqueza espiritual. O quinto e último grupo ([6.30–8.26](#)) continua o tema da incompreensão dos discípulos e prepara o caminho para a Paixão, com a mensagem sobre o pão, cegueira e o julgamento de Deus.

Os milagres em Marcos se concentram no conflito, primeiro com os adversários de Jesus e depois com seus próprios discípulos. Enquanto os milagres são anunciantes do reino de Deus, seu propósito é forçar um encontro com o verdadeiro significado de Jesus. Eles não mostram Jesus como um operador de milagres helenístico; na verdade, eles levam apenas ao espanto e depois à descrença naqueles que não têm fé. A personalidade de Jesus foi escondida e só pode ser entendida à luz da cruz. Os milagres não são provas, mas poderes; Deus não se autentica através deles, mas se mostra aos que têm olhos para ver.

Milagres em Mateus

O de Mateus é o Evangelho de ensino, onde o diálogo tem precedência sobre a ação. Mateus comprime a narrativa de Marcos a fim de abrir espaço para o material didático. Portanto, sua ênfase está nas implicações teológicas da fé, em vez de nos resultados que elas contêm. Os grupos de milagres de Mateus são isométricos em comparação às passagens de ensino, de acordo com sua prática geral de combinar porções narrativas e organizá-las em torno de seções didáticas. O primeiro grupo (caps. [8–9](#)) combina milagres do primeiro, segundo e quarto grupos de Marcos e enfatiza o significado de Jesus como o servo de Yahweh que exerce poder soberano e perdoa pecados. O segundo tema ensina o discipulado e mostra a fé despertada nos discípulos e seu envolvimento no ministério de Jesus. O segundo grupo (capítulo [12](#)) se concentra em sua autoridade sobre a lei (o homem com a mão paralisada) e sobre Satanás (a controvérsia de Belzebu). O terceiro grupo (capítulos [14–15](#)) é paralelo ao quinto grupo de Marcos, mas tem um propósito diferente. Em vez de despertar conflito, os discípulos são vistos de forma positiva, ativamente envolvidos na obra do Mestre. Então os discípulos se tornam o meio pelo qual o ministério de Jesus é continuado. Portanto, os discípulos estão envolvidos como “aprendizes” (o significado de “discípulo”) em seu ministério milagroso.

Milagres em Lucas

Lucas-Atos é notável e extremamente importante porque estabelece, além de qualquer disputa, a crença da igreja primitiva de que estava em absoluta continuidade com Jesus e estava continuando a obra de Deus no mundo. A principal ênfase de Lucas está na história da salvação, e assim um de seus principais métodos estilísticos para mostrar esta conexão direta são os atos milagrosos. Especialmente esclarecedor aqui é [At 9.32–42](#), onde em dois milagres de cura Pedro duplicou os milagres do Senhor (o paralítico Eneias, [Lc 5.18–26](#); a ressurreição de Dorcas, [Lc 8.49–56](#)).

A partir deste aspecto, Lucas também retorna ao interesse de Marcos na ação mais do que o ensino. No entanto, Lucas vai ainda mais longe do que Marcos, pois os milagres validam Jesus mais diretamente. O primeiro grupo segue o discurso inaugural ([4.18–22](#)), que em si apresenta os atos milagrosos como sinais de autenticação para a personalidade de Jesus. Eles se concentram no poder e autoridade de Jesus (vv. [31–41](#)) e validam o poder de Deus em Jesus ([5.17; 8.39](#)), bem como a fé em Jesus (vista no motivo de “louvor”, [5.25; 7.16](#); etc., mas especialmente em [At 9:35; 13.12; 19.17](#)). A presença de “temor” nos milagres é uma resposta humana por ter testemunhado o poder de Deus ([Lc 5.26; 7.16; 8.35–37; 24.5](#)). O chamado para os discípulos ocorre na presença de milagres ([5.1–11](#), na pesca milagrosa; vv. [27–28](#), após a cura do paralítico acamado).

Portanto, Lucas vê os milagres como tendo significado redentor. No entanto, isso não é contrário à imagem de Marcos. Lucas ainda evita imaginar Jesus como um mero operador de maravilhas; Jesus ainda se nega a satisfazer a curiosidade das pessoas por um sinal externo ([Lc 11.29–32](#); cf. também [9.9](#)), e na parábola do homem rico e Lázaro ([16.19–31](#)), ele ensina que o coração incrédulo nunca pode ser convencido por tais eventos. No entanto, eles podem levar ao arrependimento ([10.13–16](#)).

Milagres em João

João é o mais diretamente teológico dos evangelistas, e milagres são caracteristicamente dados uma vividez joanina distinta. Nos Sinópticos, milagres são “atos de poder” que significam a entrada do reino de Deus neste mundo através de Jesus; assim, Jesus estabelece a derrota de Satanás e o controle soberano de Deus da história. João, no entanto, não contém exorcismos, e os milagres são

vistos como “sinais”. Ao mesmo tempo, milagres fazem parte da categoria maior de “obras” (o outro termo para milagres usado em João), pelas quais Jesus mostra a presença do Pai em si mesmo ([Jo 10.32,37–39; 14.10](#)) e eles dão testemunho de Jesus como o enviado ([5.36; 10.25,38](#)).

João seleciona apenas sete “sinais miraculosos” de muitos outros ([20.30](#)) e os utiliza como parte do desenvolvimento temático na respectiva seção de cada. Por exemplo, transformar a água em vinho é um ato messiânico, significando o derramamento da bênção do reino no ministério de Jesus, o Messias (cap. [2](#)); a multiplicação dos pães baseia-se no “pão da vida” e aponta para o banquete messiânico como espiritualmente presente em Jesus (cap. [6](#)).

A natureza paradoxal dos milagres nos Sinópticos é ainda maior em João. Ele dá mais ênfase à natureza maravilhosa dos eventos, fornecendo detalhes como a impressionante quantidade de água transformada em vinho ([2.6](#), aproximadamente 454,2 litros); a distância sobre a qual o poder de cura de Jesus opera ([4.46](#), quase 32,2 quilômetros); a duração do tempo em que o homem de Betesda havia sido aleijado ([5.5](#), 38 anos; cf. [9.1](#), onde o homem havia nascido cego); a quantidade de pão necessária para alimentar os 5.000 ([6.7](#) onde Filipe disse que 200 denários, ou salários diários, não teriam comprado o suficiente); e a prova da morte de Lázaro ([11.39](#); ele já havia começado a apodrecer). João tem um grande interesse no miraculoso. No entanto, ao mesmo tempo, há ainda maior ênfase na insuficiência dos milagres para a fé. Os milagres como “sinais” têm valor salvador e apontam para o verdadeiro significado de Jesus, mas estão relacionados com uma fé sendo despertada e em si são insuficientes ([2.11; 4.50](#)). Eles têm força cristológica, olhando para a filiação de Jesus e a autenticação do Pai dele, mas são baseados na decisão soteriológica do indivíduo. Como “sinais”, eles contêm a própria presença de Deus em Jesus, a realidade espiritual da “visão” e “vida” que ele traz ([9.35–38; 11.24–26](#)). No entanto, seu propósito é dividir o público e confrontá-lo com a necessidade de decisão. Resultam em dois grupos — aqueles que buscam compreensão e aqueles que consideram apenas os aspectos externos. Alguns se negam a considerar os sinais, e assim os rejeitam ([3.18–21; 11.47–50](#)), enquanto outros os veem superficialmente como meras maravilhas e falham em ver neles o verdadeiro significado de Jesus ([2.23–25; 4.45](#)). Por outro lado, alguns os vêem com os olhos da fé e passam a uma compreensão de sua personalidade

([2.11; 5.36–46; 11.42](#)). Em João, a fé mais elevada de todas é aquela que não precisa de estímulo externo ([20.29](#)).

Milagres no Resto do Novo Testamento

Além de Atos, várias passagens no NT falam do valor dos milagres. Paulo em [2 Coríntios 12.12](#) e [Romanos 15.18–19](#) os considerava como “sinais – dons”, que autenticavam a autoridade divina do “verdadeiro apóstolo”. Ele listou cura e milagres como “dons do Espírito” específicos em [1 Coríntios 12.9–10](#). Em [Gálatas 3.5](#), ele os considerou evidência da presença do Espírito. O autor da carta aos Hebreus em [2.4](#) disse “Deus deu testemunho” da verdadeira mensagem de salvação através de milagres. Portanto, na era apostólica, os milagres dos servos de Deus eram vistos mais diretamente como sinais de autenticação da ação de Deus em seus mensageiros.

Veja também Sinal; Dons Espirituais.

Milalai

Participante na dedicação do muro de Jerusalém que foi reconstruído ([Ne 12.36](#)).

Milca

1. Filha de Harã e meia-irmã de Naor, que se tornou esposa de Naor ([Gn 11.29](#)). Ela deu a Naor oito filhos ([22.20–23](#)). Através de seu filho Betuel, ela foi avó de Rebeca ([24.15–47](#)).

2. Uma das cinco filhas de Zelofeade. Como Zelofeade não tinha filhos, suas filhas pediram a Moisés que lhes permitisse receber a herança de seu pai em Manassés ocidental após a morte dele ([Nm 26.33; 27.1–11; 36.5–13; Js 17.3–4](#)).

Milcom

O deus nacional dos amonitas. Ele é mais conhecido como Moleque ou Moloque, como aparece em algumas traduções da Bíblia. A adoração a esse falso deus incluía a terrível prática de sacrificar crianças no fogo. Este tipo de adoração era estritamente proibido aos israelitas ([Lv 18.21; Jr 32.35](#)).

O rei Salomão construiu um local para adorar Moloque ([1Rs 11.5,33](#)). Mais tarde, o rei Josias

destruiu esse local ([2Rs 23.13](#)). Moloque é traduzido como "rei" em [2 Samuel 12.30](#) e [1 Crônicas 20.2](#).

Veja também Amom, Amonitas.

Milênio

Um termo bíblico que significa "mil anos". Origina-se de uma antiga palavra latina. Na Bíblia, o milênio refere-se a um período em que Cristo reinará por 1.000 anos.

O principal ensinamento sobre o milênio aparece em [Apocalipse 20.1–6](#). Nesta passagem, a palavra grega para mil é usada cinco vezes. A ideia de um reinado de mil anos também pode ser apoiada por passagens como [Atos 3.19–21](#) e [1 Coríntios 15.23–26](#). Essas passagens falam de um tempo futuro quando Cristo governará e restaurará todas as coisas. Esta doutrina é ensinada diretamente apenas no livro de Apocalipse. As pessoas têm ideias diferentes sobre o que isso significa e quanto importante é. Existem três principais interpretações: amilenista, pós-milenista e pré-milenista.

Amilenista

A primeira maneira de entender o milênio é a visão amilenista. O prefixo 'a-' significa 'não', então amilenista significa que não há um período literal de mil anos em que Cristo reinará na terra. Em vez disso, essa visão considera o milênio como simbólico. As pessoas que defendem essa visão acreditam:

- O milênio está ocorrendo agora, no nosso tempo presente
- O poder de Satanás já é limitado (é isso que 'amarrado' significa em Apocalipse)
- A igreja está experimentando o milênio agora de forma espiritual

No entanto, há alguns problemas com essa visão. Um problema principal é como ela explica as duas ressurreições mencionadas em [Apocalipse 20](#). A mesma palavra grega é usada para "ressurreição" duas vezes:

- O primeiro em [versículo 4](#) é interpretado como uma ressurreição espiritual.
- O segundo em [versículo 5](#) como uma ressurreição física

A própria passagem não indica que o escritor pretendia uma diferença de significado. Assim, a posição amilenista é frequentemente acusada de espiritualizar de forma inadequada o significado da Bíblia.

Outra perspectiva sobre a posição amilenista é que o reinado de mil anos de Cristo é uma expressão simbólica do domínio ilimitado de Cristo, em oposição a um reinado literal de 1.000 anos.

Pós-milenista

A segunda visão é pós-milenista. O prefixo 'pós-' significa 'depois', então pós-milenista significa que Cristo retornará após o período de mil anos. As pessoas que têm essa visão acreditam:

- A propagação do Cristianismo dará início ao milênio
- À medida que mais pessoas se tornam cristãs, o mundo gradualmente se tornará mais pacífico.
- Este momento de paz poderia ser:
 - Algo que ocorrerá no futuro, ou
 - Algo que começou quando Jesus veio pela primeira vez e ainda continua até hoje

A ideia principal é que a maioria das pessoas no mundo se tornará cristã antes de Cristo retornar. Todas as versões dessa visão concordam em um ponto principal: Cristo não volta até *depois* que os mil anos estejam concluídos. Não é a Segunda Vinda de Cristo e sua presença visível que traz o milênio. Em vez disso, a disseminação do Cristianismo cria esse tempo de paz.

Pré-milenista

A terceira forma de entender o milênio é chamada de visão pré-milenista. O prefixo 'pré-' significa 'antes', então pré-milenista significa que Cristo retornará antes do início do período de mil anos. As pessoas que defendem essa visão acreditam:

- Cristo retornará à Terra primeiro
- Então, ele iniciará seu governo de mil anos
- As pessoas poderão vê-lo e seu poder
- Ele trará paz à terra durante esse tempo

O pré-milenista interpreta as visões do livro do Apocalipse em sequência, uma após a outra. Primeiro, ocorre o retorno de Cristo no capítulo 19. Isso é seguido pelo aprisionamento de Satanás por mil anos e a primeira ressurreição dos santos para reinarem com Cristo por mil anos (20.1-6). Em seguida, há a liberação de Satanás e a batalha daqueles enganados contra Cristo e seu povo, culminando na destruição final do diabo (vv. 7-10). Os enganados são referidos como "Gogue e Magogue". Depois, vem o relato do julgamento final e a última ressurreição (vv. 11-15). Finalmente, ocorre o novo céu e nova terra (cap. 21).

O pré-milenista afirma com convicção que esta ordem dos eventos significa que o reinado milenar de Cristo é um evento real e futuro que ocorre após o retorno de Cristo. Os pré-milenistas não acreditam em nenhuma das variações do amilénismo ou do pós-milenismo, que veem o milênio na era atual da igreja antes do retorno de Cristo ou mesmo no futuro antes de Cristo voltar. Os pré-milenistas sustentam que essas visões não explicam adequadamente a ordem dos eventos em Apocalipse.

Além do argumento literário, há o ponto teológico de que a posição pré-milenista coloca o verdadeiro triunfo de Cristo dentro da história. Ou seja, a vitória que a igreja acredita ter sido alcançada através da morte de Cristo na cruz será tornada visível para o mundo e para as forças do mal no retorno e reinado de Cristo na terra. Isso não é fé em um triunfo meramente espiritual ou celestial, mas fé de que Deus intervirá genuinamente no curso do mundo para trazer justiça e paz.

No entanto, a visão pré-milenista enfrenta um grande problema. A Bíblia não responde a algumas perguntas importantes, como:

- Como Cristo e seus seguidores, que foram ressuscitados da morte, governarão a terra?
- Como eles irão interagir com pessoas comuns que ainda vivem vidas humanas normais?
- Como isso pode acontecer antes de Deus criar o novo céu e a nova terra?

Como essas perguntas permanecem sem resposta, muitos estudiosos da Bíblia preferem interpretar Apocalipse 20 usando a visão amilenista ou pós-milenista.

Veja também Escatologia; Julgamento; Ressurreição; Apocalipse, Livro de; Segunda Vinda de Cristo.

Mileto

Uma importante cidade grega antiga localizada onde o rio Meandro encontra o mar, no sudoeste da Ásia Menor.

História antiga

Os habitantes de Creta construíram esta cidade pela primeira vez entre 1339 e 1288 a.C. A cidade tornou-se parte do Império Hitita. Descobertas arqueológicas mostram que, após ser destruída por um incêndio, o povo construiu uma muralha protetora ao redor de Mileto no século 13 a.C.

Por volta de 650 a.C., o reino da Lídia atacou Mileto. Um líder militar chamado Rei Giges então assumiu o controle da cidade. Mesmo sob seu domínio, o povo de Mileto construiu novas cidades em outros lugares. Uma dessas novas cidades foi Abidos, que eles construíram perto de uma parte estreita do mar chamada Dardanelos. O povo de Mileto estabeleceu mais de 70 novos assentamentos ao longo do Mar Negro. A mais importante dessas novas cidades foi chamada Sinope. Através de todas essas conexões, Mileto tornou-se um importante centro comercial. Seus comerciantes viajavam para muitos portos estrangeiros, vendendo móveis e tecidos feitos de lá.

Cultura

Como muitos outros centros gregos, a cidade tinha seu próprio poeta que era famoso em sua época. Apenas alguns versos de sua poesia permanecem hoje. Phocylides escreveu: "Uma pequena cidade

sobre uma rocha, com ordem, é melhor do que a loucura em Nínive". Ele também disse: "Toda virtude se resume na justiça".

Mileto também foi o berço da filosofia e da investigação científica. O filósofo Tales previu um eclipse em 585 a.C. Seu discípulo, Anaximandro, sugeriu que os seres humanos evoluíram de criaturas marinhas. No entanto, a cidade enfrentou muitos problemas porque dois grupos de pessoas (os ricos e os trabalhadores) frequentemente lutavam entre si. Por volta de 495 a.C., o Império Persa capturou e destruiu grande parte da cidade. Mesmo depois que Alexandre, o Grande, mais tarde assumiu o controle de Mileto, a cidade nunca voltou a ser tão importante quanto antes.

Mileto na Bíblia

Nos tempos do Novo Testamento, Mileto era conhecida, mas não era um centro importante para os primeiros cristãos. O apóstolo Paulo parou lá durante sua última viagem missionária ([At 20.15-17](#)). Enquanto estava em Mileto, Paulo pediu aos líderes da igreja de Éfeso que se encontrassem com ele lá. Ele os incentivou a cuidar bem dos crentes em suas igrejas (vv. [28-35](#)). Depois disso, Paulo navegou para Tiro. Mais tarde, Paulo deixou seu amigo doente Trófimo em Mileto ([2Tm 4.20](#)).

Milha

Medição de distância. Uma milha romana era um pouco menor do que a milha inglesa que mede 1,6 quilômetros. *Veja Pesos e medidas.*

Milhano, milhafre

Ave de rapina considerada impura pela lei ([Lv 11.14](#); [Dt 14.13](#)). A maioria das Bíblias em português traduzem como milhano. A NVI traduz como "milhafre" e a NTLH como "açores". *Veja Aves.*

Milo

55. Uma muralha de terra ou fortificação mencionada em [Juízes 9.6,20](#). Estava localizada em ou perto de Siquém.

Veja Bete-Milo.

56. Uma fortaleza ou muro defensivo que fazia parte da cidade de Davi em Jerusalém ([2Sm 5.9](#); [1Cr 11.8](#)). O rei Salomão mais tarde reconstruiu ou ampliou essa fortificação ([1Rs 9.15](#); [11.27](#)).

Dois reis de Judá tiveram conexões importantes com Milo:

- Alguns dos servos de Joás o mataram na "casa de Milo" ([2Rs 12.20](#)).
- O rei Ezequias fortaleceu Milo quando o rei Senaqueribe da Assíria ameaçou invadir Jerusalém ([2Cr 32.5](#)).

Mina

Um peso de vinte onças (aproximadamente 566 gramas) usado na medição de metais preciosos, assim como de outras substâncias. *Veja Pesos e medidas.*

Minerais e metais

Um "mineral" é uma substância que ocorre naturalmente, geralmente um minério que precisa ser extraído e processado antes que o metal possa ser obtido. Um "metal" é um elemento químico, como ferro ou cobre, que está livre de contaminação por outros materiais. Metais em sua forma pura geralmente não ocorrem na natureza, embora existam exceções.

Na Palestina, a mineração e a fundição são artes antigas, praticadas muito antes da chegada dos israelitas. A extração de pedras adequadas, como o sílex, para a fabricação de ferramentas remonta à Idade da Pedra; a extração de pedra para construção também é um ofício antigo. Em particular, metais como ouro nativo, cobre e ferro meteórico eram conhecidos e utilizados no Oriente Médio antes de 4000 a.C. De 4000 a 3000 a.C., a prata nativa tornou-se conhecida, assim como os minérios de cobre e chumbo. A arte da fundição foi provavelmente descoberta quase por acidente, resultando na produção de ligas como o bronze. Em seguida, a redução do ferro oxidado foi descoberta. De 3000 a 2000 a.C., foram feitos avanços importantes. Sulfetos de cobre e óxidos de estanho

foram reduzidos a metal, e o estanho metálico e o cobre tornaram-se itens importantes de comércio.

Entre os anos 2000 e 1000 a.C., os foles começaram a ser usados para fornos, e o ferro foi extraído de seus minérios e forjado. A arte de fazer latão a partir de cobre e zinco foi descoberta por volta de 1500 a.C., mas só se tornou significativa um pouco mais tarde. O bronze, conhecido há muitos séculos, era às vezes feito com um alto teor de estanho para formar espelhos de speculum. Nessa época, os israelitas estavam estabelecidos na terra e o reino foi consolidado. De 1000 a.C. até o início da era cristã, a produção de metais, especialmente ferro, expandiu-se consideravelmente. Uma forma de aço foi desenvolvida e usada para armas e ferramentas.

Na época de Davi e Salomão, os israelitas haviam aprendido muitas habilidades na preparação e trabalho com metais. Sob Davi, Edom, com seus ricos depósitos de cobre e ferro, foi conquistado ([2Sm 8.13-14](#)) e houve muita atividade na fundição de metais no Vale do Jordão ([1Rs 7.13-14.45-46](#)). Nessa atividade, Salomão contou com a assistência de Hirão, um artesão fenício. A tradição israelita associaava as origens da metalurgia com Tubalcaim ([Gn 4.22](#)), que é dito ter forjado todos os tipos de ferramentas de bronze e ferro. [Deuteronômio 8.9](#) refere-se à presença de ferro e cobre na terra para a qual Israel estava indo.

Embora os israelitas eventualmente tenham desenvolvido seus próprios processos de metalurgia, é evidente em [1 Samuel 13.19-22](#) que, pelo menos em uma ocasião, nos dias de dominação filisteia, eles foram obrigados a ter suas ferramentas agrícolas feitas por seus inimigos. Da mesma forma, a fabricação de vasos de culto para o templo de Salomão foi supervisionada por artesões fenícios ([1Rs 7.13-50](#)).

Minerais, metais e pedras preciosas também eram itens importantes de comércio. Israel nunca foi uma terra rica nesses produtos e foi obrigada a importar uma grande variedade deles. A visita da Rainha de Sabá foi em parte diplomática e em parte para comércio ([1Rs 10.2.10-11](#)).

Metais e pedras preciosas também estavam entre os espólios levados pelos invasores, notavelmente, mas não exclusivamente, pelos egípcios e assírios. Esses itens estavam em constante demanda, pois eram necessários para a agricultura, para a fabricação de armas de guerra e para a manufatura de joias e itens de adorno pessoal.

Minerais

Um mineral é uma substância inorgânica com composição química e estrutura definidas, ocorrendo às vezes sozinho ou combinado com outros. "Minério" refere-se a qualquer mineral ou agregado mineral que contenha compostos químicos de metais em quantidade e qualidade suficientes para tornar a extração do metal comercialmente lucrativa. O elemento essencial, o metal, ocorre na natureza como um composto químico, como sulfeto, óxido, carbonato ou algum outro composto, embora os sulfetos e óxidos sejam os mais comuns. Os minerais exibem uma variedade de propriedades, como cor, brilho, forma cristalina, clivagem, fratura, dureza e densidade, que ajudam na sua identificação e exercem controle sobre os usos comerciais e industriais do mineral específico.

Metais

Um metal em sua forma pura é um elemento quimicamente puro com propriedades físicas específicas, como densidade, resistência à tração, estrutura cristalina, ponto de fusão, ductilidade e condutividade. Os metais formam ligas com outros metais, mas esse processo compromete sua pureza. Tanto no mundo antigo quanto no moderno, as ligas são extremamente importantes.

Para obter um metal puro, o minério que contém o metal deve ser fundido — um processo conhecido como metalurgia. No antigo Israel, metais puros eram amplamente utilizados — entre eles estavam ouro, prata, ferro e chumbo. No entanto, ligas como bronze e latão eram ainda mais amplamente utilizadas.

Metalurgia e extração de metais

O método de produção de ferro forjado duro foi descoberto pelos hititas da Ásia Menor por volta de 1300 a.C. e foi adotado pelos filisteus ([1Sm 13.19-20](#)). No início, o ferro obtido de fornos simples era retirado e martelado para expulsar a escória ([Dt 4.20; 1Rs 8.51; Jr 11.4](#)). Mais tarde, a adição de carbono produziu uma forma inicial de aço.

O minério de sulfeto de chumbo é aquecido com cal em um fluxo de ar, formando uma escória com partículas de rocha. Em seguida, o ar é cortado e a temperatura é aumentada. Finalmente, o chumbo flui livremente.

O AT refere-se à mineração de prata ([Jó 28.1](#)), ao refino do metal ([Zc 13.9; Ml 3.3](#)), à fusão de metais sucateados ou sobras de joalheiros ([Ez 22.20-22](#)),

e a múltiplos refinamentos em um cadiño ([Pv 17.3; 27.21](#)) para produzir prata refinada ([1Cr 29.4; Sl 12.6; Pv 10.20](#)).

Metais especiais

Embora várias passagens do Antigo Testamento sugiram que a ciência da metalurgia era conhecida nos tempos bíblicos, há relativamente poucas evidências arqueológicas disponíveis. As plantas de processamento eram pequenas e usadas para o tratamento de cobre e ferro. O registro arqueológico está longe de ser completo, mas a impressão geral é de que os minérios metálicos eram comparativamente raros na Palestina; as importações devem ter sido consideráveis. No entanto, numerosos moldes para fundição de ferramentas agrícolas e militares foram descobertos em escavações. Evidentemente, algum metal refinado estava disponível localmente, mas talvez a maior parte dele fosse importada. O metal era então aquecido e despejado no molde apropriado de cerâmica ou barro.

Existem muitas referências a metais na Bíblia, especialmente a ouro, prata, ferro e chumbo. Embora o cobre fosse amplamente utilizado, normalmente estava na forma de suas ligas, bronze e latão. Existem relativamente poucas referências ao estanho como tal, embora fosse usado na fabricação de bronze. Da mesma forma, o zinco, embora usado na fabricação de latão, não é mencionado na Bíblia.

O ouro é mencionado centenas de vezes no AT e no NT, mais frequentemente do que qualquer outro metal. Muitas vezes é mencionado junto com a prata, e na maioria dos casos a prata é mencionada primeiro, refletindo uma época em que o ouro era menos valorizado.

O ouro era utilizado na fabricação de ornamentos para uso pessoal ([Gn 24.53; 41.42; Ex 3.22; 11.2; 12.35](#)). O ouro tinha importância na adoração tanto em Israel quanto entre os não-israelitas. Referências a deuses pagãos aparecem em várias passagens ([Ex 20.23; 32.2-4; Sl 115.4; Is 2.20; 30.22; 31.7; 40.19; 46.6; Os 8.4](#)). Parece que o ouro era derretido e posteriormente gravado para que as réplicas pudessem ser chamadas tanto de imagens fundidas ([Ex 32.24](#)) quanto de imagens esculpidas. O tabernáculo e o templo usaram uma grande quantidade de ouro. A arca de madeira era coberta por dentro e por fora com ouro ([25.11](#)). Outras peças de madeira eram revestidas com ouro ([25.11; 1Reis 6.20-22,30](#)).

Os vasos e utensílios usados no tabernáculo e no templo eram feitos de "ouro puro": os querubins ([Êx 25.18; 37.7](#)), o propiciatório ([25.17; 37.6](#)), o candelabro ([Êx 25.31; Zc 4.2](#)), vários vasos ([Êx 25.38; 2Rs 24.13](#)), correntes para carregar o éfode ([Êx 28.14](#)) e os sinos na túnica do sumo sacerdote. A coroa, o éfode e o peitoral do sumo sacerdote também eram de ouro ([39.2-30](#)). As ofertas coletadas para a fabricação de tais artigos no deserto incluíam pratos de ouro pesando 1 quilo e 380 gramas ([Nm 7.86](#)). O templo, mais ricamente adornado, aparentemente usou mais ouro do que o tabernáculo ([1Rs 6.20-28; 1Cr 29.2-7; 2Cr 3.4-4.22](#)). O número de referências específicas ao ouro no tabernáculo e no templo é muito grande para mencionar todas aqui. A grande quantidade de ouro usada no templo era atraente para invasores, que despojavam o templo de seu ouro e o levavam como saque ([1Rs 14.26; 2Rs 16.8; 18.14; 24.13; 25.15; 2Cr 12.9](#)).

O ouro tinha valor comercial. Era importado nos dias de Salomão, e até 23 mil quilos eram trazidos para Israel anualmente ([1Rs 10.14](#)). Hirão de Tiro deu a Salomão 4 mil quilos de ouro ([9.14](#)), possivelmente como um empréstimo. Certamente, Salomão usou muito ouro no templo ([10.16-17](#)). O ouro também era útil para subornar um inimigo ([2Rs 16.8](#)) ou simplesmente como tributo ([18.14](#)). Evidências disso também vêm dos anais assírios, onde o tributo tomado de várias terras frequentemente incluía ouro.

A posse de ouro não era em si algo ruim, mas a preocupação com sua acumulação era condenada ([Jl 28.15-17; Pv 3.14; 8.10,19; 16.16](#)). A posse de sabedoria e o conhecimento de Deus eram de maior valor do que a posse de muito ouro ([Sl 19.10; 119.72,127; Pv 20.15](#)). Jó rejeitou a confiança no ouro ([Jl 31.24](#)). O ouro não salvaria um homem no dia do julgamento ([Sf 1.18](#)).

No Novo Testamento, o ouro era considerado perecível ([Tg 5.3; 1Pe 1.18](#)) e um fardo desnecessário para carregar ([Mt 10.9; At 3.6](#)). O uso de um anel de ouro certamente não era uma medida do valor de um homem ([Tg 2.2](#)); de fato, tanto Paulo quanto Pedro o proibiram ([1Tm 2.9; 1Pe 3.3](#)).

O uso do ouro em si não era uma medida de piedade. Os anciões de [Apocalipse 4.4](#) usavam coroas de ouro, mas a grande prostituta estava "adornada com ouro" ([Ap 17.4](#)), assim como a cidade prostituta Babilônia ([18.16](#)). Em contraste, há algumas declarações positivas no NT sobre o valor do ouro ([3.18](#)). Os magos trouxeram ouro

para o menino Jesus como um símbolo de seu caráter real ([Mt 2.11](#)), e a Cidade Santa, a nova Jerusalém, era uma cidade de ouro, clara como vidro ([Ap 21.18](#)).

No Antigo Testamento, a prata é mencionada em várias situações. Sendo um metal precioso, uma vez considerado mais valioso que o ouro, era regularmente usado no comércio para pagamentos de dívidas. Pequenos pedaços de prata eram pesados em uma balança contra um peso padrão. Abraão comprou a caverna em Macpela como local de sepultamento para Sara por 400 barras de prata e pesou o “dinheiro” de acordo com o valor atual do peso com o comerciante ([Gn 23.15-16](#)). Os irmãos de José receberam 20 peças de prata como pagamento por José ([Gn 37.28](#)), e Benjamim recebeu um presente em dinheiro de José em peças de prata ([Gn 45.22](#)).

Existem outros exemplos de pagamento em prata por mercadorias ou serviços ([Gn 20.16](#); [Êx 21.32](#); [Lv 27.16](#); [Is 24.32](#); [Jz 17.10](#); [2Sm 24.24](#); [Ne 7.72](#); [Jó 28.15](#); [Is 7.23](#); [46.6](#); [Am 2.6](#); [8.6](#)). A prata era uma medida da riqueza de um homem ([Gn 13.2](#); [24.35](#); [Êx 25.3](#); [Nm 22.18](#); [Dt 7.25](#); [Sf 1.18](#); [Ag 2.8](#); [Zc 6.11](#)). Um comentário incomum em [1 Reis 10.21](#) observa que nos dias de Salomão “não era considerada como qualquer coisa”, aparentemente porque era tão abundante. Era regularmente tomada como espólio ([Is 6.19](#); [7.21](#); [1Rs 15.18](#)). Às vezes, o copo de um homem importante era feito de prata ([Gn 44.2](#)). Às vezes, também, uma coroa real era feita de ouro e prata ([Zc 6.11](#)). Era importante na fabricação de ornamentos pessoais ([Gn 24.53](#); [Êx 3.22](#); [12.35](#)), e um exemplo é dado de ornamentos de ouro cravejados com prata ([Ct 1.11](#)).

O processo de refinar a prata foi usado como uma metáfora para testar os corações das pessoas ([Sl 66.10](#); [Is 48.10](#)), e o embaçamento e a deterioração da prata eram uma imagem da desintegração do caráter de alguém ([Is 1.22](#); [Jr 6.30](#)). A Palavra de Deus é retratada como prata “pura” refinada e purificada em uma fornalha. Apesar do grande valor da prata, a sabedoria a supera ([Jó 28.15](#); [Pv 3.14](#); [8.19](#); [10.20](#); [16.16](#); [22.1](#); [25.11](#)).

Cobre nativo é mencionado em [Deuteronômio 8.9](#), embora a referência possa ser a um de seus minérios. Mais comumente, referências bíblicas são ao latão, a liga de cobre e zinco. No entanto, a análise química de ferramentas e implementos à base de cobre durante as idades do Bronze médio e tardio (c. 2000–1200 a.C.) mostra que o material era bronze. Referências a latão em algumas bíblias são, na verdade, a bronze.

Nos tempos do NT, o cobre na forma de ligas (bronze e latão) era amplamente utilizado. A cunhagem de moedas de bronze era bem conhecida e este pode ser o sentido de [Mateus 10.9](#). A moeda da viúva era uma pequena moeda de bronze, o leptôn. Utensílios e vasos de bronze eram bem conhecidos ([Ap 9.20](#); [18.12](#)). A referência a “o barulho de um sino” (NTLH) em [1 Coríntios 13.1](#) pode na verdade ser ao latão, que era uma liga brilhante e reluzente, usada em instrumentos musicais. Na visão de João em Apocalipse ([Ap 1.15](#); [2.18](#)), o Filho do Homem tinha pés de bronze refinado (NTLH).

A Idade do Ferro começou na Palestina por volta de 1200 a.C., ou seja, nos dias dos juízes, embora o ferro nativo já fosse conhecido no Egito no período pré-dinástico. Evidências arqueológicas sugerem que a fundição de minério de ferro foi descoberta pelos hititas por volta de 1400 a.C. Os filisteus parecem ter introduzido o ferro na Palestina por volta de 1300 a.C. Nos dias de Moisés, um encontro com os midianitas resultou em muito tributo, entre os quais o ferro é mencionado ([Nm 31.22](#)). Quando Israel capturou Jericó, os despojos incluíam ferro ([Is 6.24](#)). A meia tribo de Manassés também tomou espólios, incluindo ferro ([22.8](#)). Nos dias dos juízes, os cananeus estavam equipados com carros de ferro ([Is 17.16-18](#); [Jz 1.19](#); [4.3](#)).

Essas primeiras referências indicam a chegada do ferro no início da Idade do Ferro. Os filisteus tinham um monopólio local em seu uso ([1Sm 13.19-21](#)), e seu poderoso guerreiro Golias estava armado com uma lança de ferro ([17.7](#)). No entanto, não demorou muito para que Israel aprendesse a usar o ferro ([2Sm 12.31](#); [23.7](#)). Evidentemente, na época de Salomão, o ferro era amplamente utilizado, pois os construtores do templo foram proibidos de usar ferramentas de ferro ([1Rs 6.7](#)). O falso profeta Zedequias, nos dias de Acabe, usou chifres de ferro para avançar contra a Síria enquanto falava de sua derrota ([22.11](#)).

O profeta Isaías no século VIII a.C. referiu-se ao ferro ([Is 10.34](#)), e Jeremias mais tarde mencionou o metal em vários lugares ([Jr 1.18](#); [6.28](#); [11.4](#); [15.12](#); [17.1](#); [28.13-14](#)). Ezequiel fez uso de uma placa de ferro em uma de suas ações simbólicas ([Ez 4.3](#)), referiu-se ao ferro em sua descrição de fundição ([22.18,20](#)), e listou-o como uma mercadoria para comércio ([27.12,19](#)). O profeta Amós falou de instrumentos de debulha de ferro ([Am 1.3](#)). Miquéias usou o ferro como símbolo de poder militar ([Mq 4.13](#)). O livro de Daniel faz várias

referências a ele ([Dn 2.33–35,40–45](#); [4.15,23](#); [7.7,19](#)).

Na época romana, armas de ferro eram os instrumentos comuns de guerra. Portões de ferro eram usados para fechar prisões ([At 12.10](#)), e em um uso simbólico, poderosos governantes eram ditos governar com uma vara de ferro ([Ap 2.27; 9.9](#); [12.5](#); [19.15](#)). O termo "ferro" também era usado em algumas expressões metafóricas. A fundição de ferro era um símbolo de teste e sofrimento ([Dt 4.20](#); [1Rs 8.51](#); [Jr 11.4](#); [Ez 22.18](#)), um pilar de ferro era simbólico de força ([Jr 1.18](#)), e uma vara de ferro de governo severo ([Sl 2.9](#); [Ap 2.27](#); [12.5](#); [19.15](#)).

Veja também Caldeireiro; Ourives; Ferreiro; Pedreiro; Alvenaria; Prateiro; Pedras Preciosas.

Mini

Reino mencionado em [Jeremias 51.27](#), ao lado de Ararate e Asquenaz, como agressor contra Babilônia. O povo de Mini aparece pela primeira vez em inscrições assírias durante o reinado de Salmanaser III (858–824 a.C.), que saqueou e subjugou o povo. Eles habitavam entre o lago Urmia e o lago Van, ao norte da Babilônia, e são identificados com o povo manneu, frequentemente associado aos urarteus (Ararate) em manuscritos assírios. Os mini eram súditos inquietos. Eles se revoltaram contra a Assíria em 716 e 715 a.C. e houve novas agitações no reinado de Assurbanípal (669–627 a.C.). Após a queda de Nínive diante dos babilônios em 612 a.C., os mini desapareceram dos registros extrabíblicos.

Miniamim

1. Levita que ajudou Coré, filho de Imna, com a distribuição da "contribuição reservada para o Senhor" entre os sacerdotes nas cidades de Judá ([2Cr 31.14–15](#)).
2. Chefe de uma casa sacerdotal durante a era pós-exílica ([Ne 12.17](#)). Ele também era chamado de "Miamim" ([12.5](#)).
3. Participante na dedicação do muro de Jerusalém ([Ne 12.41](#)).

Ministro, Ministério

Um ministro é uma pessoa que serve aos outros, especialmente em atividades religiosas, como pregação, ensino ou fornecimento de cuidado espiritual. Ministério é o ato de servir ou o trabalho que um ministro realiza, podendo incluir liderança, ensino, ajuda aos outros e outras formas de serviço dentro de uma comunidade religiosa. O termo "ministério" também pode se referir de forma mais ampla ao trabalho da igreja como um todo.

Veja Bispo; Corpo de Cristo; Igreja; Diácono, Diaconisa; Ancião; Ordenar, Ordenação; Presbítero; Sacerdócio; Dons espirituais.

Minite

Uma das 10 cidades conquistadas por Jefté em sua vitória sobre os amonitas ([Jz 11.33](#)). A cidade era um centro de comércio de trigo ([Ez 27.17](#)).

Miriã

57. Uma filha de Amrão e Joquebede e irmã de Arão e Moisés ([Êx 15.20](#); [Nm 26.59](#); [1Cr 6.3](#)). Miriã aparece pela primeira vez nas Escrituras como uma jovem. Sua tarefa era vigiar o berço de seu irmão bebê, escondido nos juncos do rio Nilo ([Êx 2.4](#)). Seus pais elaboraram um plano ([Hb 11.23](#)) para escapar da ordem do Faraó de afogar todos os meninos hebreus ao nascer ([Êx 1.22](#)). Miriã demonstra coragem, preocupação e sabedoria quando a princesa egípcia encontra seu irmão ([Êx 2.5–6](#)). Ela toma a iniciativa e se oferece para encontrar uma ama de leite para a criança. Quando aceitam seu plano, ela chama sua mãe ([Êx 2.7–8](#)).

Miriã é mencionada pelo nome pela primeira vez depois que os israelitas cruzaram o Mar Vermelho ([Êx 15.20](#)). Ela é chamada de "profetisa" e, junto com seus irmãos, foi designada como líder de Israel ([Mq 6.4](#)). Após o exército egípcio se afogar no mar, ela liderou as mulheres de Israel em um cântico de louvor com dança e instrumentos musicais ([Êx 15.21](#)).

Mais tarde, Miriã trouxe vergonha sobre si mesma ao sentir ciúmes de Moisés. Junto com Arão, ela reclamou de Moisés devido à sua maior influência entre o povo e porque ele havia se casado com uma mulher cuxita ([Nm 12.1-2](#)). Por causa desse ataque contra o líder escolhido por Deus, Miriã foi atingida pela lepra ([Nm 12.10](#)). Moisés, no entanto, orou por sua cura ([Nm 12.9-13](#)). Ela foi restaurada à saúde, mas somente após passar sete dias vergonhosos fora do acampamento enquanto todo o Israel esperava para continuar sua jornada ([Nm 12.14-15](#)). Este triste evento é o último registrado na vida pública de Miriã. Ela morreu perto do fim das peregrinações no deserto em Cades e foi enterrada lá ([Nm 20.1](#)).

- 58.** Uma filha de Merede, que era um descendente de Esdras da tribo de Judá ([1Cr 4.17](#)).

Mirma

Filho de Saaraím e Hodes, da tribo de Benjamim ([1Cr 8.10](#)).

Mirra

Uma cidade portuária na costa sul da Ásia Menor, na província da Lícia, identificada com a moderna Demre na Turquia. De acordo com [Atos 27.5-6](#), Paulo e sua escolta militar pararam aqui por um curto período. Eles trocaram de navio em sua jornada para Roma, onde Paulo iria a julgamento perante César.

Mirra

Uma resina de goma perfumada obtida de vários arbustos ou pequenas árvores, usada em perfumes e incensos.

A maioria das referências bíblicas à mirra provavelmente se refere a *Commiphora myrrha*. No entanto, a Bíblia também pode se referir a *Commiphora kataf*, já que cresce na mesma região e é semelhante. Ambas as árvores são nativas da Arábia, Etiópia e da costa leste africana da Somália. Essas árvores produzem uma substância gomosa que compõe a maior parte da mirra vendida comercialmente.

Ambas as espécies são arbustos baixos e espessos, ou pequenas árvores, com galhos grossos, rígidos e cheios de espinhos. Elas crescem em áreas rochosas, especialmente em colinas de calcário.

Nas culturas orientais, a mirra é altamente valorizada como substância aromática, perfume e medicamento. Os antigos egípcios a queimavam em seus templos e a usavam para preservar seus corpos mortos. Os judeus também usavam mirra para preparar corpos para o sepultamento ([Jo 19.39](#)). O povo hebreu valorizava muito a mirra como perfume ([Sl 45.8](#)).

Misã

O filho de Elpaal, da tribo de Benjamim, que ajudou a construir Ono e Lode com suas cidades ([1Cr 8.12](#)).

Misael

- 59.** Filho de Uziel ([Ex 6.22](#)). Junto com seu irmão Elzafã, Moisés o chamou para levar os corpos de Nadabe e Abiú. Deus havia matado Nadabe e Abiú porque eles não seguiram as regras de Deus para o altar ([Lv 10.1-5](#)).

- 60.** Um que estava ao lado de Esdras quando a lei foi lida ([Ne 8.4](#)).

- 61.** O nome hebraico de um dos amigos de Daniel na Babilônia ([Dn 1.6](#)). Misael, Daniel e dois outros permaneceram fiéis a Deus ([Dn 1.11,19](#)). Quando ele se recusou a seguir a ordem do rei, os homens de Nabucodonosor o jogaram em uma fornalha ardente. Mas Deus o salvou das chamas ([Dn 3](#)). Seu nome babilônico era Mesaque ([Dn 1.7](#)).

Veja também Sadraque, Mesaque e Abednego.

Misal

Cidade levítica no território de Aser ([Js 19.26; 21.30](#); [1Cr 6.74](#)). Veja Cidades levíticas.

Misericórdia

Uma qualidade divina pela qual Deus cumpre fielmente suas promessas e mantém seu relacionamento de aliança com seu povo escolhido, apesar de sua indignidade e infidelidade ([Dt 30.1-6](#); [Is 14.1](#); [Ez 39.25-29](#); [Rm 9.15-16,23](#); [11.32](#); [Ef 2.4](#)).

O significado bíblico de misericórdia é extremamente rico e complexo, como evidenciado pelo fato de que várias palavras hebraicas e gregas foram usadas para expressar o conceito. Consequentemente, há muitos sinônimos empregados na tradução para expressar as dimensões de significado envolvidas, como “gentileza”, “benignidade”, “bondade”, “graça”, “favor”, “piedade”, “compaixão” e “amor constante”. Proeminente no conceito de misericórdia está a disposição compassiva de perdoar os ofensores ou adversários e ajudar ou poupar os em sua triste situação.

Significado teológico

No cerne do conceito de misericórdia está o amor de Deus, que é livremente manifesto em seus atos salvadores graciosos em nome daqueles a quem ele se comprometeu em relacionamento de aliança. No AT, era seu povo escolhido, Israel, a quem ele elegeu para ser seu e a quem ele mostrou misericórdia ([Ex 33.19](#); [Is 54.10](#); [63.9](#)). Deus persistentemente tolera seu povo desobediente e rebelde e continuamente os busca para atraí-los de volta para si. O salmista descreve Deus como um pai que tem pena de seus filhos que o reverenciam e confiam ([Sl 103.13](#)). Oseias retrata Deus como um pai amoroso que olha do céu com um coração compassivo por seu povo revoltado e rebelde ([Os 11](#); cf. [Jr 31.20](#)). Ele também considera Israel como uma esposa infiel e adúltera a quem Deus ama como um marido fiel, apesar de sua condição apóstata e pecaminosa ([Os 1-3](#); cf. [Is 54.4-8](#)). Isaías descreve Deus como uma mãe que tem compaixão pelo filho de seu ventre ([Is 49.15](#)). Essas imagens revelam a misericórdia de Deus de maneiras ricas e diferentes. Outras dimensões incluem perdão e restauração para o favor ([2Rs 13.23](#); [Is 54.8](#); [Il 2.18-32](#); [Mi 7.18-20](#)), e libertação da angústia e perigos ([Ne 9.19-21](#); [Sl 40.11-17](#); [69.16-36](#); [79.8-9](#); [Is 49.10](#)).

Por causa do que Israel, como nação da aliança, havia aprendido sobre o amor constante e a fidelidade de Deus, os judeus devotos instintivamente levantaram suas vozes em petição

por misericórdia divina e perdão em tempos de necessidade, eloquentemente expresso nos salmos penitenciais ([Sl 6; 32; 38; 51; 102; 130; 143](#)), bem como outras passagens do AT ([Êx 34.6](#); [Ne 9.17](#); [Sl 57; 79; 86; 123](#); [Is 33.1-6](#); [Dn 9.3-19](#); [Il 2.13](#)). É a lembrança da misericórdia de Deus que dá à pessoa arrependida a esperança e a garantia do favor divino e da reconciliação com o Senhor ofendido.

No NT, uma palavra grega muito descritiva é usada para a misericórdia de Jesus para com os necessitados ([Mt 9.36](#); [14.14](#); [20.34](#)). Isto expressa sua piedade e compaixão por meio de um verbo intenso literalmente traduzido “ser movido nas entradas”. Os hebreus consideravam as entradas como o centro das emoções, especialmente o da bondade mais carinhosa. Jesus foi descrito como profundamente comovido em seu sentimento interior de benevolência para com os necessitados e agindo para aliviar seu sofrimento — para curar ([Mt 20.34](#); [Mc 1.41](#)), para ressuscitar os mortos ([Lc 7.13](#)) e para alimentar os famintos ([Mt 15.32](#)).

O conceito do AT de misericórdia de Deus expresso em sua fidelidade ao povo da aliança é encontrado também no NT ([Lc 1.50,54,72,78](#); [Ef 2.4](#); [1Tm 1.2](#); [1Pe 1.3](#); [2.10](#)). O uso mais característico da misericórdia no NT é o da provisão de Deus de salvação para a humanidade em Jesus Cristo ([Rm 11.30-32](#); [Ef 2.4](#)). Deus é “o Pai das misericórdias” ([2Co 1.3](#)), que ele concede àqueles que acreditam em seu Filho. É porque ele é “tão rico em misericórdia” que ele salvou aqueles que estão espiritualmente mortos e condenados por seus pecados ([Ef 2.4-6](#)). É pela misericórdia de Deus que alguém é perdoado e concedida a vida eterna ([1Tm 1.13-16](#)).

A responsabilidade das pessoas de mostrar misericórdia aos outros

Porque Deus estendeu livremente sua misericórdia, independentemente de dignidade ou fidelidade, as pessoas devem responder mostrando misericórdia aos outros, mesmo que elas não mereçam ou busquem. De fato, as pessoas são ordenadas a serem misericordiosas, especialmente com os pobres, necessitados, viúvas e órfãos ([Pv 14.31](#); [19.17](#); [Mi 6.8](#); [Zc 7.9-10](#); [Cl 3.12](#)). Deus considera a misericórdia mais do que o sacrifício ritual ([Mt 9.13](#)). A misericórdia de Deus em Cristo efetivamente coloca as pessoas sob a obrigação de agir em relação aos outros como o próprio Deus agiu em relação a elas. O Senhor fez da misericórdia um fundamento para seu ensino ([Mt 5.7](#); [9.13](#); [12.7](#); [23.23](#); [Lc 6.36](#); [10.37](#); [Tg 3.17](#)). Sua vinda foi

antecipada e anunciada no contexto da misericórdia que caracterizaria sua missão ([Lc 1.50,54,72,78](#)).

Os membros da igreja cristã devem mostrar compaixão e interesse prático uns pelos outros. Eles devem dar ajuda e alívio, amor e conforto uns aos outros, como Cristo livremente deu a eles em sua necessidade. O apóstolo Tiago ensina a natureza essencial de tais boas obras como sendo da própria essência da fé genuína ([Tg 2.14-26](#)). Foi misericórdia que o bom samaritano teve para com o homem que foi espancado e roubado, que foi escolhido pelo Senhor para uma recomendação especial ([Lc 10.36-37](#)). Ser cheio de misericórdia é uma virtude distinta dos cidadãos do reino do céu ([Mt 5.7](#)).

Veja também Deus, Ser e Atributos de; Graça; Amor.

Misgabe

Tradução da ARC para um lugar em Moabe ([Ir 48.1](#)), traduzido como "fortaleza poderosa" na NTLH.

Mishná

Uma coleção de interpretações da lei. De acordo com a tradição rabínica, essas interpretações foram dadas a Moisés quando ele recebeu a lei de Deus no Monte Sinai. Elas foram transmitidas oralmente por gerações.

Esta "tradição oral" é a "lei" à qual Jesus se referiu em [Mateus 15.1-9](#). Por volta de 200 d.C., o rabino Judá completou o trabalho que o rabino Akiva começou por volta de 120 d.C. Esta tradição oral foi então escrita e chamada de Mishná. A palavra "Mishná" vem de um verbo que reflete a forma como o material era repetido oralmente de professor para discípulo por muitas gerações.

A Mishná é dividida em seis "ordens". Cada ordem é dividida em seções chamadas "tratados", que são ainda divididas em capítulos. As seis ordens abrangem áreas legais específicas:

62. **Sementes:** leis agrícolas, começando com um tratado sobre as orações diárias.
63. **Festivais:** festas, dias de jejum e regulamentos do sábado.

64. Mulheres: leis sobre casamento e família.

65. Lesões: direito civil e penal, juntamente com normas éticas.

66. Coisas sagradas: leis rituais e atividades do sacerdócio.

67. Purificações: leis sobre pureza ritual.

A Mishná serve como um comentário sobre a lei do Antigo Testamento. Ela forma a base para o Guemará e o Talmude, que são comentários e discussões adicionais sobre a Mishná e a lei.

Veja também Guemará; Talmude.

Mísia

Uma região no noroeste da Ásia Menor (que agora é a moderna Turquia). A área tem uma longa história. Em 133 a.C., Mísia tornou-se parte do Império Romano dentro da província da Ásia. Por cerca de 150 anos antes de se juntar ao Império Romano, Mísia fazia parte do reino de Pérgamo. O relato de viagem em [Atos 16.7-8](#) indica que o apóstolo Paulo passou por essa região. Isso foi em sua segunda viagem missionária, mas ele não pregou lá.

Veja também Pérgamo, Pergamos.

Misma

1. Filho de Ismael, neto de Abraão e pai de uma tribo árabe ([Gn 25.14; 1Cr 1.30](#)).

2. O filho de Mibsão da tribo de Simeão ([1Cr 4.25-26](#)). Sua omissão em [Gênesis 25](#) e inclusão na genealogia de 1 Crônicas pode indicar que ele nasceu após Jacó ter mudado sua família para o Egito ou que ele representava uma tribo árabe que se afiliou a Simeão quando a tribo de Simeão se expandiu para o sul ([1Cr 4.38-43](#)).

Mismaná

Guerreiro da tribo de Gade que se juntou a Davi em Ziclague na sua luta contra o rei Saul ([1Cr 12.10](#)).

Mispa

Um nome hebraico que significa "torre de vigia". Mispa designa pelo menos seis locais diferentes mencionados no Antigo Testamento e nos Apócrifos (um conjunto de textos antigos não incluídos na Bíblia Hebraica, mas aceitos por alguns grupos cristãos).

- 68.** Um lugar em Gileade onde Jacó e Labão fizeram uma aliança ([Gn 31.49](#)). Eles ergueram um monte de pedras para marcar as fronteiras entre seus territórios.
- 69.** Um lugar referido como "a terra de Mispa" ([Js 11.3](#)) ou o "vale de Mispa" ([Js 11.8](#)). Ficava perto do Monte Hermom, onde os heveus viviam.
- 70.** Uma cidade em Judá, perto de Laquis, mencionada em [Josué 15.38](#).
- 71.** Um lugar na área tribal de Benjamim ([Js 18.26](#)). Os israelitas se reuniram aqui para guerrear contra a tribo de Benjamim ([Jz 20.1; 21.1](#)). Isso ocorreu depois que os homens de Gibeá abusaram e mataram a concubina de um levita visitante. Foi aqui que Samuel convocou todo o Israel para orar por vitória sobre os filisteus ([1Sm 7.5-8](#)). Mais tarde, Samuel convocou uma assembleia em Mispa para declarar Saul como rei ao povo. Aqui ele também instruiu o povo e o rei nos caminhos do reino ([10.17-25](#)).

No tempo do rei Asa, Mispa era uma cidade fortificada na fronteira entre Israel e Judá ([1Rs 15.22](#)). Após a destruição de Jerusalém em 586 a.C., Mispa tornou-se a residência de Gedalias, o governador ([2Rs 25.23-24; Jr 40.10](#)). Ismael da "linhagem real" matou Gedalias lá ([Jr 41.3](#)). Dois dias depois, Ismael assassinou um grupo de viajantes que estavam indo para Jerusalém. Essas pessoas estavam levando suas ofertas para o templo em ruínas. Ele jogou seus corpos em uma cisterna que Asa havia construído séculos antes.

No período entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento, Mispa continuou a ser um importante centro religioso. Judas Macabeu convocou o povo em Mispa, "porque Israel anteriormente tinha um lugar de oração em Mispa" ([1Mc 3.46](#)).

72. A casa de Jefté. Daqui, ele liderou os israelitas na batalha contra os amonitas. Ele voltou aqui para cumprir seu voto ([Jz 10-11](#)). É possível que este seja o mesmo lugar que Ramate-Mispa de [Josué 13.26](#). Muitos o identificam com Khirbat Jal'd.C., ao sul do Jaboque.

- 73.** Uma cidade em Moabe para a qual Davi fugiu de Saul ([1Sm 22.3](#)).

Mispar, Misperete

Um dos homens que retornou com Zorobabel à Palestina após o cativeiro babilônico ([Ed 2.2](#)); alternativamente chamado de Misperete em [Neemias 7.7](#).

Misraeus

Descendentes de Calebe e membros da família de Quiriate-Jearim, da tribo de Judá ([1Cr 2.53](#)).

Misrefote-Maim

Um dos lugares mais ao norte para os quais os israelitas perseguiram os exércitos cananeus em fuga, derrotados nas águas de Merom ([Js 11.8](#)). Misrefote-Maim, que significa "lugar de queima perto das águas", definia parte da fronteira da terra que ainda precisava ser possuída por Israel durante os dias de Josué ([13.6](#)). Com toda probabilidade, Misrefote-Maim é idêntico ao conjunto de nascentes em Khirbet el-Musheirifeh, perto do Mar Mediterrâneo, cerca de 32 quilômetros ao sul de Sidom e 10 quilômetros ao norte de Tiro, na base de Ras en-Nakrah.

Mistério

Conselho, ou plano secreto, que Deus compartilha apenas com seu povo. Na maioria das passagens bíblicas, está relacionado com o sábio conselho de Deus em sua direção da história para seu destino. A aplicação mais específica e significativa do conceito de mistério é o plano de Deus sobre a morte de Cristo. Não se refere a um segredo que Deus não está disposto a contar ou a algo tão obscuro que

não poderia ser entendido, mesmo que fosse contado.

As passagens nas quais seu significado teológico é mais claramente visto (entre mais de 30 ocorrências nas Escrituras) são [Daniel 3.18–28; 4.6](#) (Septuaginta); [Mateus 13.11](#); [Marcos 4.11](#); [Lucas 8.10](#); [Romanos 11.25; 16.25](#); [1 Coríntios 2.7; 4.1; 15.51](#); [Efésios 1.9; 3.3–6.9–12](#); [Colossenses 1.26–29; 2.2](#); [2 Tessalonicenses 2.7](#); [1 Timóteo 3.9,16](#); [Apocalipse 1.20; 10.7; 17.5–18](#).

Nas passagens em Daniel, a ênfase está na revelação que Deus deu a Daniel sobre o conteúdo e significado do sonho do rei Nabucodonosor sobre o futuro. É importante notar aqui que o sonho era sobre o que Deus ia fazer. Nenhum homem sábio, encantador, mágico ou adivinho poderia explicá-lo, mas “há um Deus no céu que revela mistérios” ([Dn 2.28](#)).

Estudos acadêmicos nos últimos anos determinaram que semelhantes são encontrados em outros escritos judaicos, incluindo os Manuscritos do Mar Morto. A ênfase está nas decisões que Deus tomou sobre o futuro, especialmente o fim dos tempos. O mundo luta com questões como o problema do mal (isto é, por que, se Deus é bom e poderoso, as pessoas ainda sofrem?). O crente se identifica com esses problemas, mas sabe que Deus tem seus planos providenciais e que um dia ele tornará todas as coisas claras. A maneira como Deus trará vindicação para aqueles que são injustiçados neste mundo e julgamento para aqueles que fazem o que é errado faz parte do conteúdo do “mistério” e era uma grande ênfase nos escritos na época de Cristo. Deus controla os assuntos do universo. As nações eventualmente realizarão seus propósitos.

[Mateus 13.11](#), [Marcos 4.11](#) e [Lucas 8.10](#) fazem parte das parábolas do reino. O próprio reino está relacionado com a culminante obra final de Deus na história. Isso é visto em algumas das imagens das parábolas, como a colheita, que simboliza o julgamento futuro. Portanto, a palavra “mistério” é apropriada e significativa aqui. No contexto imediato, Jesus está explicando por que ele usa parábolas. Elas tanto ilustram vividamente a verdade quanto escondem a verdade daqueles que não são receptivos a ela. Portanto, a palavra “mistério” (plural em Mt e Lc) descreve o significado interior do ensino de Jesus sobre o reino. Aqueles que aceitam a mensagem conhecerão seu significado; aqueles que não perderão não apenas o significado, mas

aparentemente também a oportunidade de ouvir e responder à mensagem da salvação ([Mt 13.12–15](#)).

Outro aspecto desta passagem está na pergunta não feita sobre por que, se o Messias veio, o mal ainda persiste no mundo. Os servos em uma das parábolas queriam arrancar as ervas daninhas, simbolizando o mal ou pessoas malignas, mas foram instruídos a permitir que eles crescessem até o tempo da colheita — isto é, o julgamento ([Mt 13.24–30](#)). A persistência do mal no mundo e a maneira como Deus eventualmente lidará com isso é um dos “mistérios”.

[Romanos 11.25](#) ocorre em uma grande seção (caps. 9–11) que lida com o povo de Israel e seu futuro. Mais uma vez, a questão diz respeito a um problema presente e sua futura resolução. Neste caso, o problema é a incredulidade de Israel. O endurecimento de Israel durante o tempo presente é chamado de “mistério” ([Rm 11.25](#)). Os propósitos de Deus não serão frustrados, no entanto, “e assim todo o Israel será salvo” (v. [26](#)). Esta ênfase nos propósitos de Deus está intimamente entrelaçada com o conceito do “mistério” e é a base para toda esta passagem.

[Romanos 16.25](#) é mais amplo em seu escopo, conectando a “revelação do mistério escondido por longas eras passadas” com o “evangelho e a proclamação de Jesus Cristo”. Aqui, o foco está mais perto no significado da morte de Cristo.

A “sabedoria secreta” de Deus é mencionada em [1 Coríntios 2.7](#). O contexto é a mensagem da cruz que Paulo prega. Esta mensagem é loucura para aqueles que se consideram sábios, mas estão perdidos, e é a “loucura” do que é pregado que traz salvação aos crentes ([1.18–25](#)). Paulo não tenta proclamar a “sabedoria” mundana, mas ele declara uma “mensagem de sabedoria” para aqueles que são espiritualmente maduros ([2.6](#)). Para eles, ele fala a “sabedoria secreta”, ou literalmente, “sabedoria em um segredo” (v. [7](#)). Esta passagem conecta claramente o conceito básico de “mistério” como o conselho de Deus com a morte de Cristo como os meios de salvação. Também conecta mistério com o processo da história (“os governantes desta era”) e com a varredura dos propósitos de Deus dos tempos do AT para o futuro. O verso [10](#) enfatiza o fato de que Deus de fato revelou esses mistérios a nós.

Em [1 Coríntios 4.1](#), Paulo novamente fala do contexto de um contraste entre a sabedoria de Deus e a do mundo ([3.18–23](#)). Ele fala não apenas de coisas secretas ou mistérios, mas também

introduz o conceito de mordomia. A ele foi confiada a revelação do mistério de Deus e deve ser fiel em seu ministério de declará-lo. Este tema reaparecerá em [Efésios 3.2-6](#).

Paulo retorna para o relacionamento de mistério e o fim dos tempos em [1 Coríntios 15.51](#). A passagem anterior ([2.9-16](#)) mostrou que o conhecimento humano não pode prever o que Deus planejou, mas Deus revelou este mistério aos crentes. Um aspecto principal deste mistério revelado é a maneira pela qual os fiéis serão trazidos à presença de Deus: “Eis aqui! Eu lhes digo um mistério. Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, em um momento, num abrir e fechar de olhos, na última trombeta” ([15.51-52](#)). As outras referências ao mistério em 1 Coríntios ocorrem no amplo contexto dos capítulos [12-14](#) que lidam com dons espirituais, que incluem receber revelação divina, então o termo “mistérios” em [13.2](#) e [14.2](#) é apropriado.

Efésios abre com uma série de declarações sobre o propósito de Deus na história, terminando na liderança universal de Cristo ([Ef 1.10](#)). Essas declarações incluem termos como “escolhido”, “destinado”, “vontade”, “propósito”, “plano” e “conselho”. Esta é claramente a gama de ideias associadas com a palavra “mistério” nos escritos judaicos antigos, e essas ideias lançam luz sobre o uso da expressão resumida por Paulo: “Pois ele nos deu a conhecer... o mistério de sua vontade” (v. [9](#), ARA).

Parte do propósito de Deus era formar um corpo de crentes, reconciliados consigo mesmo e uns com os outros através da cruz ([Ef 2.14-18](#)). Neste corpo, os crentes judeus e gentios foram feitos membros de um corpo e compartilham juntos na promessa em Cristo Jesus, uma nova fase do plano revelado de Deus, que Paulo aqui chama de “mistério” ([3.6](#)). Como observado acima, o próprio Paulo tem a responsabilidade de ministrar fielmente a verdade deste “mistério” ([3.2-5](#); cf. [1Co 4.1-5](#)).

Colossenses continua a mostrar o senso de responsabilidade de Paulo em relação a este “mistério”, que agora é identificado com a “palavra de Deus” ([Cl 1.25-29](#)). Mais uma vez, há a ideia do período da história ligado com o mistério conhecido apenas por revelação: “o mistério que foi mantido escondido por eras e gerações, mas agora é revelado aos santos” (v. [26](#)). Como em Efésios, a igreja é o lugar para a operação do mistério de Deus, “que é Cristo em vós, a esperança da glória” (v. [27](#)). Este Cristo é proclamado em sabedoria, para que os crentes possam alcançar a

conclusão madura nele (v. [28](#)). Os crentes colossenses são convidados a orar por Paulo enquanto ele prega este “mistério” ([4.3](#)).

É deixado claro em [1 Timóteo 3.16](#) que o “mistério da piedade” inclui os elementos básicos associados ao “mistério”, como sua manifestação no mundo e vindicação final. No entanto, este grande plano de Deus não se desenrola sem oposição. Em conexão com a vinda do fim dos tempos, Paulo novamente menciona um mistério. Desta vez, é um mistério sombrio, chamado de “misteriosa maldade” ([2Ts 2.7](#)). Uma força maligna semelhante, “Babilônia, a Grande, a Mãe das Prostitutas”, é introduzida no livro de Apocalipse com a palavra “mistério” ([Ap 17.5](#)). Talvez a ideia seja que há forças contrárias a Deus cujo funcionamento são impossíveis para os seres humanos entenderem. A verdade e poder de Deus, no entanto, prevalecerão sobre elas, enquanto ele traz seu próprio mistério, seu sábio conselho, ao cumprimento.

[Apocalipse 10.6-7](#) declara este cumprimento. As eras de espera em perplexidade, de suportar o mal, acabaram, como o anjo anuncia: “Não haverá mais atraso!” Finalmente chegou o tempo em que “o mistério de Deus será cumprido”. Observe a qualidade dinâmica do mistério neste contexto. Não é apenas a verdade estática, mas algo que pode ser “cumprido”. Este grande clímax na história está de acordo com a revelação anterior de Deus “aos seus servos, os profetas”. O mistério, então, é o sábio conselho de Deus, que tanto guia a história quanto é revelado em seu apogeu. Expressa a resposta de Deus ao problema do mal e à oposição vã dos poderes malignos. Declara o significado do evento central na história, a morte de Cristo, e revela os resultados da ressurreição na transformação final de todos os crentes na vinda de Cristo.

Mistério da iniquidade

Frase usada pelo apóstolo Paulo para descrever um poder ou força sem lei que ameaça o mundo. A expressão é encontrada apenas em [2 Tessalonicenses 2.7](#) e deve ser considerada à luz de seu contexto.

Evidentemente, alguns membros da igreja em Tessalônica estavam convencidos de que Cristo já havia retornado ([2Ts 2.1-2](#)). Para contrariar essa crença, Paulo descreve alguns dos eventos que devem ocorrer antes do retorno de Cristo. Esses eventos giram em torno da vinda do “homem da

iniquidade”, uma figura maligna que se senta no templo de Jerusalém e proclama ser Deus (vv. [3-4](#)). Embora o homem da iniquidade esteja atualmente sendo restringido, o mal que ele perpetrará já está em ação (v. [6](#)). Paulo chama esse mal de “o mistério da iniquidade”.

A identidade do homem da iniquidade, o restritor e o conteúdo do mistério da iniquidade têm sido objeto de muito debate. Entre as sugestões feitas, as três seguintes predominam:

1. O mistério da iniquidade é a tirania do Império Romano, e o homem da iniquidade é um futuro imperador romano que está sendo impedido de chegar ao poder pelo atual governante romano. Em apoio a essa posição, afirma-se que os escritos apocalípticos judaicos da época de Paulo consideravam Roma como a essência do mal. Além disso, aproximadamente 10 anos antes da escrita de *2 Tessalonicenses*, Calígula, o imperador romano, ordenou que sua estátua fosse erguida e adorada no templo de Jerusalém (*Antiguidades de Josefo* 18.8.2-6; *Guerra* 2.10.1-5).

2. O mistério da iniquidade é a religião do Judaísmo, e o homem da iniquidade é o sumo sacerdote que é restringido pela pregação apostólica. No entanto, é duvidoso que Paulo teria considerado o Judaísmo sob essa perspectiva (cf. [Rm 9.1-5](#)).

3. A teologia dispensacional identifica o mistério da iniquidade como todo o curso do mal, consumado na figura do Anticristo (o iníquo) e atualmente contido pelo Espírito Santo. Nesse contexto, é difícil estabelecer uma base bíblica para o Espírito Santo ser “removido” ([2Ts 2.7](#)).

Veja também Anticristo; Escatologia; Segunda vinda de Cristo; Tessalonicenses, Primeira Carta aos; Tessalonicenses, Segunda Carta aos.

Mitā

Cidade de Josafá, um dos poderosos guerreiros de Davi ([1Cr 11.43](#), NTLH). Outras traduções o descrevem como “o mitenita”.

Mitca

Um dos locais temporários de acampamento dos israelitas durante suas peregrinações no deserto. [Números 33.28-29](#) menciona-o como estando entre Tera e Hasmona.

Veja também Peregrinações no deserto.

Mitilene

Uma cidade principal na ilha de Lesbos, no Mar Egeu, perto da costa noroeste da Ásia Menor. Mitilene era um porto marítimo com dois portos. Inicialmente, foi construída em uma pequena ilha separada de Lesbos.

Nos tempos do Novo Testamento, uma estrada elevada através de um estreito trecho de água conectava-a à ilha principal. [Atos 20.14](#) identifica Mitilene como um dos locais de parada noturna onde Paulo e seus companheiros de viagem se hospedaram. Isso ocorreu enquanto viajavam de navio em direção a Jerusalém.

Mitos da criação

Histórias religiosas explicando a origem e a ordem do universo. Partes de alguns mitos de criação mesopotâmicos têm uma semelhança próxima com os relatos bíblicos da Criação e dos tempos mais antigos.

Histórias explicando a criação eram conhecidas em todo o antigo Oriente Próximo. Muitas eram baseadas em histórias originárias da Suméria, uma das primeiras civilizações mesopotâmicas. Embora agora comumente consideradas como explicações fantasiosas e até mesmo divertidas para o porquê das coisas serem como eram, os mitos parecem ter cumprido uma importante função social. Os povos antigos acreditavam que suas recitações em festivais religiosos tinha poder mágico para revitalizar a natureza e a sociedade. As histórias da criação asseguravam aos adoradores que o estado original de ordem criado pelos deuses continuaria a superar as forças do caos que ameaçavam doença, ruína, esterilidade e morte.

Resumo:

- Mitos de criação sumérios
- Mitos de criação acadianos
- Mitos de criação egípcios
- Mitos da criação e Gênesis

Mitos de criação sumérios

Os sumérios floresceram no sul da Mesopotâmia entre 4000 e 3000 a.C. Embora não fossem semitas,

sua cosmologia influenciou os semitas (vários povos que habitavam a Palestina, Fenícia, Assíria e Arábia), que eventualmente adotaram as principais divindades sumérias. Cerca de 5.000 tábua e fragmentos inscritos com uma variedade de obras literárias sumérias foram descobertos. Embora a maioria dessas tábua tenha sido inscrita no início do período pós-sumério (c. 1750 a.C.), as composições pertencem a pelo menos a segunda metade do terceiro milênio (2500–2000 a.C.). Até agora, nenhum relato sumério tratando diretamente da origem do universo foi descoberto. O que se sabe sobre suas noções de criação foi obtido em parte de breves passagens espalhadas por sua literatura, especialmente nas introduções a poemas, onde os escribas sumérios costumavam escrever várias linhas tratando da criação. Além disso, nove mitos sobreviveram sobre os deuses que organizaram o universo, criaram os seres humanos e estabeleceram a civilização.

A religião suméria, como a de todos os povos antigos do Oriente Próximo, exceto os israelitas, era um politeísmo naturalista: eles adoravam como deuses as forças naturais que governavam a fertilidade (chuva, vento, nuvens, sol, lua, rios, mares, e assim por diante). Consequentemente, as pessoas entendiam a origem do universo (cosmogonia) como acompanhando as origens dos deuses (teogonia).

Céu e Terra

Em um catálogo de deuses sumérios, a deusa do mar Nammu é descrita como "a mãe, que deu à luz o céu e a terra". Em outro texto, ela é descrita como "a mãe, a ancestral, que deu à luz todos os deuses". Evidentemente, os sumérios viam o mar primordial como a causa primeira e o motor inicial de todas as coisas, acreditando que "o céu e a terra" foram de alguma forma gerados naquele mar. Além disso, em sua visão, os principais componentes do universo eram céu e terra; seu termo para universo era uma palavra composta que significava "céu-terra" (exatamente como no versículo de abertura do livro de Gênesis, onde "céu e terra" designam todo o universo organizado). Antes de Enlil, o deus do ar, separá-los, céu-terra era concebido como uma montanha cuja base era a terra e cujo topo era o céu.

Enlil, chamado de "o rei do céu e da terra" ou "o rei de todas as terras", era o mais importante dos deuses sumérios. Seu trabalho criativo na organização da terra é celebrado em "A Criação da picareta", que descreve sua modelagem e

dedicação desse valioso instrumento agrícola. Em uma parte, diz:

"Enlil, que faz brotar a semente da terra,
Tomou cuidado para afastar o céu da terra,
Tomou cuidado para afastar a terra do céu.
...Ele trouxe a picareta à existência, o 'dia' surgiu.
Ele introduziu o trabalho, decretou o destino.
Sobre a picareta e a cesta, ele direciona o 'poder'".
Assim Enlil separou o céu da terra, fez plantas crescerem e criou a ferramenta para a agricultura.

Civilização

O deus da água Enki também era o deus do abismo e da sabedoria. Embora Enlil tenha elaborado os "planos" para o universo, Enki fez a maior parte do trabalho para realizá-los. Seus esforços foram além de moldar o mundo natural, iniciando os aspectos mais importantes da cultura e civilização. Em "Enki e a ordem do mundo", o deus da água segue para as margens do Tigre e do Eufrates, os dois rios que irrigam o vale arenoso da Mesopotâmia, e os enche com chuvas e ventos vivificantes. Depois, preparando a terra para o cultivo, ele "transforma o terreno montanhoso em campos, ...dirige o arado e... jugo, ...abre os sulcos sagrados e faz crescer o grão no campo cultivado". Em seguida, o deus lança as fundações de casas, estabulos e currais, e os constrói. Ele fixa as "fronteiras" e estabelece pedras de demarcação. Finalmente, ele inventa a tecelagem, chamada de "aquiilo que é tarefa da mulher". Tendo organizado a terra, Enki confia cada lugar e elemento a uma divindade especial.

Éden sumério

Outro mito, "Enki e Ninhursag: Um mito do paraíso", tem uma remota semelhança com a história bíblica do Jardim do Éden. O mito parece ocorrer antes da criação de animais ou humanos em Dilmun, uma terra no Leste onde os deuses residem — "pura", "limpa", "muito brilhante", e provavelmente sem doença ou morte. Tendo enchedo essa terra com campos frutíferos, Enki sucessivamente engravidou três deusas: Ninhursag, "a mãe da terra"; Nammu, sua filha por essa união; e Ninkurra, sua neta por Nammu.

Ninhursag parece usar o sêmen de Enki para criar oito novas plantas. Evidentemente, elas são "frutos proibidos", pois quando Enki as come, Ninhursag o amaldiçoa e deixa o jardim, acrescentando: "Até que ele esteja morto, não olharei para ele com o

olho da vida". Sob a maldição, o jardim definhava e os deuses lamentavam. Enlil, o rei dos deuses, parece incapaz de lidar com a situação. Enki está morrendo. A raposa, evidentemente já presente em Dilmun, salva a situação atraindo Ninhursag de volta a Dilmun, onde ela cura Enki e revive o jardim.

A criação dos humanos

Considerada a mãe de todos os deuses, Ninhursag pode ter personificado a Terra. Em "A Criação do Homem", ela desempenha um papel importante junto com Enki.

Tendo surgido antes de haver carne ou pão para comer, os deuses enfrentam um dilema:

"Eles não conheciam o comer do pão,
Não conhecia o vestir de roupas,
Comeram plantas com a boca como ovelhas,
Bebeu água da vala".

Para aliviar essa situação, Enlil e Enki criam um deus do gado e uma deusa do grão. O gado e o grão de repente abundam, mas os deuses são incapazes de utilizá-los. Ainda é necessário algo para cuidar dos animais e transformar o grão em pão. Os deuses reclamam com Enki e ordenam que ele crie servos para cuidar de suas necessidades.

Vindo em seu auxílio, Enki pega "argila que está sobre o abismo" e, com Ninhursag, supervisiona sua modelagem em seres humanos que são colocados a serviço dos deuses, especialmente para fazer pão para eles. Em uma festa depois, Enki e Ninhursag ficam bêbados e ineptamente criam vários tipos humanos anormais, incluindo a mulher estéril e o eunuco. Mas, inteiros ou falhos, homem e mulher são a argila do abismo e estão relacionados por natureza ao caos.

Mitos de criação acadianos

As culturas babilônica e assíria, ambas semíticas, compartilhavam a língua acádica, o que as distinguiam dos sumérios não semíticos e linguisticamente diferentes. De longe, o mito de criação mais familiar do antigo Oriente Próximo é o épico de criação babilônico conhecido como *Enuma Elish* (a partir de suas palavras iniciais). Ele trata explicitamente da criação do universo e contém alguns paralelos com o relato bíblico. Uma versão assíria posterior do mito substituiu apropriadamente o deus nacional Assur pelo deus Marduque da Babilônia.

No *Enuma Elish*, a raça humana é feita do sangue de Kingu, líder de uma horda rebelde contra o deus criador Marduque. Consequentemente, no mito babilônico, homem e mulher estão novamente relacionados ao caos. Em outro mito preservado em um fragmento da Babilônia Antiga, a humanidade é feita do sangue de um deus morto:

"Deixe [homem] aparecer!
Aquele que servirá a todos os deuses,
Que ele seja formado de argila,
seja animado com sangue!
Enki abriu a boca,
dizendo aos grandes deuses....
Deixe-os matar um deus.
Com sua carne e seu sangue...
deixe Ninhursag misturar argila".

De acordo com outro mito acádio, os deuses criaram o homem como um ser perverso, apresentando-lhe fala distorcida, mentiras e falsidades.

Mitos de criação egípcios

O mito egípcio tradicional da criação (encontrado, por exemplo, no ritual de dedicação de uma pirâmide real ou no *Livro dos Mortos*) relata que antes da criação havia um vazio aquoso, acompanhado por escuridão, falta de forma e invisibilidade. Esse caos aquoso tinha o nome de Num, "o Grande deus que surgiu por si mesmo... o pai dos deuses". O vazio se acalma, deixando o monte primevo de terra com o deus criador Atum ("totalidade") sobre ele. Atum traz à existência o restante do universo e atribui lugares e funções às suas partes.

Em um detalhe semelhante aos mitos mesopotâmicos, o deus do ar Shu separa céu-terra levantando a deusa do céu Nut do deus da terra Geb e colocando-se entre os dois.

O mito de criação egípcio mais significativo é a chamada "Teologia menfita" (ca. 2700 a.C.), que buscava mover a capital egípcia para Mênfis, alegando ser o local do monte de criação original. Em vez de descrever a criação em termos puramente físicos, esse mito concebe o universo como surgindo através da mente ("coração") e da fala de comando ("língua") do deus criador. Segundo esse mito, então, uma vontade inteligente controlava o universo.

Mitos da criação e Gênesis

O relato de Gênesis sobre a Criação difere dos mitos pagãos de pelo menos duas maneiras. Primeiro, os relatos diferem em seu propósito. Os mitos pagãos serviam principalmente para preservar a vida e a sociedade por meio de recitações mágicas. Embora o relato bíblico tenha implicações para a vida e a sociedade, ele serve principalmente para ensinar um povo da aliança sobre Deus e é desprovido de quaisquer reivindicações ou poderes ocultos.

Em segundo lugar, os relatos diferem em sua qualidade. A narrativa da Criação em Gênesis apresenta uma teologia direta com um mínimo de adornos. Contada como uma história, soa verdadeira mesmo em uma era de descobertas científicas, quando as pessoas estão acostumadas a explorações mecanicistas dos fenômenos naturais. Uma pessoa inteligente e bem-informada pode aceitar Gênesis como uma declaração autoritativa do significado e propósito da natureza e, com base nisso, viver uma vida de devoção ao Criador divino. Em contraste, os mitos de criação apresentam uma teologia degradada e uma moralidade ainda mais degradada. Os mitos mais antigos, que podem atrair praticantes modernos das “ciências ocultas” por várias razões, são simplesmente inacreditáveis como verdade religiosa. Os deuses dos mitos antigos foram enterrados nos escombros de civilizações há muito extintas ou transmutados nos deuses das religiões politeístas modernas; o Deus da Bíblia continua vivo.

A forma literária de [Gênesis 1–3](#) mostra que não é teologia; ou seja, não faz declarações analíticas sobre Deus. No entanto, apresenta uma visão de Deus distintamente diferente dos deuses dos mitos pagãos. Deus está presente “no princípio”. Ele é único; ele cria com um propósito único, sem ser desafiado. Em contraste, os mitos pagãos retratam o início como impessoal e caótico. O caos evolui para um cosmos, do qual os deuses emergem por acaso. O desenvolvimento subsequente do céu e da terra é visto como uma luta de poder cósmica entre deuses rivais. Novamente, o Criador em Gênesis é diferente e “maior” do que os céus e a terra que ele cria. Os deuses pagãos são materiais e feitos do mesmo material cósmico que o mundo; o mundo é maior do que eles.

As antropologias bíblica e pagã também são significativamente diferentes. Em Gênesis, homem e mulher são criaturas distintas do Criador, embora carreguem sua “imagem”. Eles são criados com o propósito de governar a terra como agentes de Deus e, portanto, recebem responsabilidades

claras. Na mitologia pagã, os seres humanos vêm da mesma substância que os deuses, embora os humanos estejam mais intimamente relacionados ao caos do que aos deuses que os formaram. Os deuses pagãos fizeram os humanos como escravos para cuidar das necessidades materiais dos deuses, então os deuses os tratam com desprezo ou indiferença. A visão de mundo do Oriente Próximo não era apenas pessimista, mas também fatalista. Os seres humanos, longe de serem responsáveis ou significativos, recebiam ao nascer um Destino inexorável que não podiam superar.

O melhor que a maioria dos habitantes do Oriente Próximo poderia esperar era uma vida relativamente próspera e regular antes de seu fim inevitável, e para isso pensavam que precisavam manipular suas divindades através da recitação e reencenação dos mitos antigos. Gênesis, por outro lado, como parte do ensino maior do AT, buscava trazer a comunidade humana para um relacionamento vivo, pessoal e de aliança com Deus.

Veja também Criação.

Mitos de dilúvio

Veja Épico de Gilgamesh.

Mitra

A tradução presente na NTLH para turbante. Um turbante é um tipo de cobertura para a cabeça, usado pelo sumo sacerdote de Israel, em [Êx 28.4](#).

Veja Os sacerdotes e levitas.

Mitredate

1. Nome do tesoureiro do rei Ciro, da Pérsia, que foi encarregado dos vasos sagrados para entregar ao príncipe judeu Sesbazar enquanto os exilados se preparavam para retornar a Jerusalém ([Ed 1.8](#)).

2. Oficial persa situado em Samaria que, junto com outros, escreveu uma carta ao rei Artaxerxes, da Pérsia, protestando contra a restauração da cidade e das muralhas de Jerusalém ([Ed 4.7](#)).

Miza

Um filho de Reuel e um chefe de um clã edomita ([Gn 36.13.17; 1Cr 1.37](#)).

Mizar

Uma pequena colina aparentemente situada no norte da Palestina, no planalto de Transjordânia, perto do Monte Hermom ([Sl 42.6](#)).

Mizraim

Uma palavra hebraica para a terra do Egito e/ou seu povo. No entanto, alguns estudiosos sugerem que Mizraim se refere a um local na fronteira de Edom ou no norte da Síria.

[Gênesis 10.6](#) identifica Mizraim (Egito) como um dos filhos de Cam que se estabeleceram ao sul de Canaã. [Gênesis 10.14](#) e [Isaías 11.11](#) distinguem Mizraim de Patrusim (Alto Egito). Alto Egito é a metade sul do Reino Unido do Egito. Existem quase 700 referências conhecidas a Mizraim. No entanto, na maioria das referências, não há distinção entre as duas partes do reino. O termo refere-se ao território egípcio.

Veja também Egito, Egípcio.

Moabe, Moabitas

Nome de um pequeno reino no centro de Transjordânia e também de seus habitantes. A terra de Moabe estava situada no planalto elevado imediatamente a leste do Mar Morto; a escarpa da fenda do Jordão formava uma fronteira eficaz entre Moabe e Judá. A fronteira norte de Moabe mudava de acordo com o poder militar do reino, com a região de Hesbom formando o limite norte de Moabe em períodos de força, e o Rio Arnom (atual Wadi el-Mojib) funcionando como a fronteira norte em tempos de fraqueza. A fronteira oriental do reino era formada pela borda do deserto sírio, já que este último demarcava a zona agrícola de Moabe. Ao sul, Moabe era separado de Edom pelo Rio Zered (atual Wadi el-Hesa). Assim, mesmo em seu auge, o antigo Moabe abrangia um território relativamente pequeno, medindo apenas cerca de 96 quilômetros de norte a sul por cerca de 32 quilômetros de leste a oeste.

A maior parte de Moabe é uma planície suavemente ondulada, dividida por numerosos desfiladeiros. Atravessando o coração de Moabe está a Estrada Real, uma rota que provavelmente teve importância militar e comercial ao longo da história desta região ([Nm 21.21-22; Iz 11.17](#)). O planalto sempre foi famoso por suas abundantes pastagens ([2Rs 3.4](#)), e o solo e o clima de Moabe são bastante adequados para o cultivo de trigo e cevada.

Origem e história

De acordo com [Gênesis 19.37](#), os moabitas descendem de Moabe, o filho de Ló com sua filha mais velha. [Deuteronômio 2.10-11](#), uma passagem cujo contexto se relaciona aos moabitas na época da invasão hebraica, menciona que os habitantes pré-moabitas dessa região eram os Emim, mas a conexão entre os descendentes de Ló, os Emim e os ocupantes de Moabe na época da invasão hebraica não é identificada. Até agora, não há informações específicas sobre o estabelecimento do reino moabita propriamente dito, que existiu de cerca de 1300 a.C. a 600 a.C. O conhecimento desse período da história e cultura moabita é derivado de fontes arqueológicas e textuais, incluindo textos egípcios, assírios e do Antigo Testamento.

Antes da passagem dos israelitas pela Transjordânia, os moabitas haviam perdido o controle da terra ao norte de Arnom e estavam dominados por Seom, o rei amorita que governava em Hesbom ([Nm 21.13.26](#)). Tendo sido recusada a permissão para viajar através de Edom e Moabe ao longo da Estrada Real, os hebreus derrotaram Seom em uma de suas campanhas militares mais celebradas. Temendo que Israel pudesse conquistar sua terra, o rei Balaque de Moabe declarou guerra contra os hebreus ([Nm 22.6; Jos 24.9](#)) e contratou o adivinho mesopotâmico, Balaão, para pronunciar uma maldição sobre seus inimigos ([Nm 22-24](#)). As tribos de Rúben e Gade se estabeleceram no território de Seom, e o Arnom formou a fronteira entre Israel e Moabe (cap. [32](#)). A partir do tempo da apostasia dos israelitas em Sitim (cap. [25](#)), o planalto moabita ao norte de Arnom foi uma fonte de contenda entre Moabe e Israel.

Até seu assassinato por Eúde, o rei moabita Eglom oprimiu as tribos hebraicas em ambos os lados do Jordão ([Iz 3.12-30](#)). Nos dias de Jefté, o norte de Moabe estava novamente sob controle israelita ([11.26](#)). Obviamente, como o livro de Rute indica,

também houve períodos em que Moabe e Israel viveram em paz.

Durante os reinados de Saul e Davi, do final do século XI até meados do século X a.C., Moabe e Israel estavam em guerra, com Israel geralmente levando a melhor ([1Sm 14.47](#); [2Sm 8.2](#)). O harém de Salomão incluía mulheres moabitas, e ele também construiu um altar elevado para Quemos, o principal deus dos moabitas ([1Rs 11.17](#)). Após a divisão da monarquia israelita em 930 a.C., Moabe experimentou um breve período de independência, mas isso terminou quando Onri e Acabe dominaram os moabitas e seu rei, Messa, durante o século IX a.C. (A famosa Pedra Moabita, que descreve o conflito de Messa com a dinastia Omrida, e vários textos mais curtos demonstram que a língua de Moabe estava intimamente relacionada ao hebraico do AT). O conflito entre Moabe e seus vizinhos (e.g., Israel, Judá, Edom e, mais importante, Assíria) continuou até que o rei babilônico Nabucodonozor destruiu o reino moabita no início do século VI a.C. ([Ez 25.8-11](#)). Este conflito está documentado na literatura assíria, que indica que Moabe se tornou um vassalo assírio no final do século VIII a.C., e no AT ([2Rs 3; 10.32-33; 13.20; 24.2](#)). De fato, a inimizade entre Moabe, Israel e Judá é especialmente evidente em uma série de oráculos proféticos dirigidos contra os moabitas ([Is 15-16; Jr 9.25-26; 48; Am 2.1-3; Sf 2.8-11](#)). Estas passagens chamam a atenção para algumas das principais cidades da antiga Moabe (Nebo, Medeba, Hesbom, Dibon, Ar, Quir e Horonaim).

Após a conquista babilônica, a região de Moabe caiu sob controle persa e foi ocupada por vários povos árabes, mais notavelmente os Nabateus. Embora um estado moabita nunca tenha sido restabelecido, pessoas de ascendência moabita foram reconhecidas nos tempos finais do AT ([Ed 9.1; Ne 13.1,23](#)), já que a comunidade judaica pós-exílica estava preocupada em observar a lei registrada em [Deuteronômio 23.3-6](#). Em 106 d.C., a região de Moabe tornou-se parte da província romana da Arábia. A pesquisa arqueológica acrescentou muito ao conjunto de informações que se relacionam à história e cultura moabita desde os períodos pré-históricos até os otomanos.

Religião

Durante o terceiro e segundo milênios a.C., a religião moabita provavelmente era semelhante à praticada pelos cananeus, embora a religião de Moabe eventualmente tenha se desenvolvido em

um sistema relativamente distinto. Embora outros deuses fossem adorados pelos moabitas, Quemos era seu deus nacional. O AT refere-se aos moabitas como “povo de Quemos” ([Nm 21.29; Jer 48.46](#)), e a aparição frequente de “Quemos” em nomes pessoais moabitas aponta para o status elevado desse deus. Em geral, as dúzias de referências a Quemos na Pedra Moabita o retratam como um deus da guerra que lidera seu povo contra seus inimigos.

Orientação divina e favor eram buscados, e adivinhos e oráculos eram respeitados ([Nm 22-24](#)). Um sacerdócio ([Jr 48.7](#)) e um sistema sacrificial ([Nm 22.40-23.30; 25.1-5; 2Rs 3.27; Jr 48.35](#)) eram aspectos importantes da religião moabita. Nenhum santuário moabita foi descoberto, mas sua existência é mencionada na Pedra Moabita e no AT ([1Rs 11.7; 2Rs 23.13](#)). Túmulos ricamente decorados, como os encontrados em Dibom, indicam a crença dos moabitas na vida após a morte.

Veja também Deidades e religião cananeia; Pedra Moabita.

Moadias

Chefe de uma família de sacerdotes pós-exílicos, cuja casa era liderada por Piltai durante os dias de Joaquim, o sumo sacerdote ([Ne 12.17](#)); alternativamente chamado de Maadias no versículo 5. *Veja Maadias.*

Mobília

Itens de cultura material usados em casas, palácios e templos. Por causa de sua proximidade geográfica com outras nações, Israel tinha amplo contato com culturas vizinhas. Pesquisas históricas têm paralelos entre a mobília de Israel e os de outras tribos e países.

Palestina nos tempos do Antigo Testamento

As passagens do AT fornecem a maioria das informações sobre móveis na antiga Palestina, embora também haja dados arqueológicos significativos. Há muitas referências a camas no AT, usando pelo menos três substantivos hebraicos. Jacó é retratado sentado na cama ([Gn 48.2](#)) e morrendo em sua cama ([49.33](#)). Moisés ameaçou que os sapos invadiriam o quarto e a cama do faraó egípcio ([Ex 8.3](#)). Mical, a filha de Saul, colocou uma

efígie na cama de Davi ([1Sm 19.11-17](#)) quando Saul enviou mensageiros para capturá-lo. O rei Davi condenou a prática de matar uma pessoa indefesa dormindo na cama ([2Sm 4.7.11](#)). O profeta Elias colocou um menino morto em sua cama e o reviveu ([1Rs 17.19](#)).

O rei Acabe ficou aborrecido em sua cama ([1Rs 21.4](#)), e o rei Acazias deitou doente em sua cama ([2Rs 1.4-6.16](#)). O profeta Amós criticou os ricos que se deitavam em camas de marfim e se esticavam em seus sofás ([Am 6.4](#)). O profeta Ezequiel falou simbolicamente da desobediência de Jerusalém como uma prostituta sentada em um sofá imponente com o incenso e óleo do Senhor em uma mesa próxima ([Ez 23.41](#)). Isaías prometeu que os justos descansariam em suas camas ([Is 57.2](#)) e também falou dos injustos colocando suas camas entre falsos adoradores (vv. [7-8](#)). O salmista inundou sua cama de lágrimas ([Sl 6.6](#)), e Provérbios se refere a um preguiçoso em sua cama ([Pv 26.14](#)).

“Mesa” no AT se refere tanto à mesa do templo para o pão da Presença quanto à mesa usada em palácios ou casas para refeições, ou banquetes. O rei Adonibezeque mandou seus cativos lutarem por restos de comida sob sua mesa ([Jz 1.7](#)). O filho deficiente de Jônatas, Mefibosete, teve permissão para se sentar à mesa de Davi ([2Sm 9.7.10-13; 19.28](#)). A mesa de Salomão é descrita várias vezes ([1Rs 2.7; 4.27](#)). A rainha de Sabá ficou especialmente impressionada com a comida e o serviço de mesa no palácio de Salomão ([10.5](#)). Os profetas frequentemente se referem às mesas ([Is 21.5; 28.8; 65.11; Ez 40.39-43](#)). As poucas referências a cadeiras descrevem pessoas reclinadas às refeições e indicam sofás em vez de cadeiras reais ([Am 6.4](#)).

Há numerosas menções de tronos, incluindo os do faraó ([Gn 41.40; Ex 11.5](#)), Davi ([2Sm 3.10; 7.13](#)), Salomão ([1Rs 10.18](#)), os reis de Israel e Judá ([1Rs 22.10](#)) e Deus ([1Rs 22.19; Sl 9.4, 7; 11.4; 93.2](#)). Os escritores do AT às vezes indicam tronos decorados com marfim ([1Rs 10.18](#)).

O caráter exato da mobília na Palestina é difícil de determinar. Baixos-relevos e pinturas nas paredes são mais comuns entre os vizinhos de Israel. As escavações em Jericó, no entanto, desenterraram algumas pistas arqueológicas valiosas. As tumbas da Idade do Bronze produziam mesas, bancos e caixas razoavelmente bem preservadas, permitindo um estudo de métodos de marcenaria antiga. Uma variedade de pequenas caixas de bugigangas mostra evidências de marchetaria de ossos e decoração entalhada. Algumas grandes

placas de madeira podem ter sido camas. Embora principalmente em estilos cananeus, os móveis refletem a mobília doméstica usada em Israel nos séculos a seguir.

Grego e romano

Os historiadores são bastante informados sobre móveis gregos por causa da abundância de vasos decorados, baixos-relevos, estatuetas de bronze e terracota e descrições literárias. Essa evidência arqueológica indica que a mobília grega foi influenciada pelas civilizações anteriores. A imagem é geralmente de uma relativa simplicidade, longe das salas confusas e lotadas das civilizações posteriores.

Os gregos faziam vários tipos de assentos: (1) o trono, muitas vezes com encosto, pernas de várias formas e braços; (2) a cadeira mais leve encostada com apoios para os braços; (3) o banco de quatro pés; (4) o banco dobrável com pernas cruzadas que lembram os modelos egípcios; e (5) o banco. Representações que regularmente aparecem em monumentos que datam do oitavo ao segundo século a.C. ligam cadeiras gregas aos protótipos egípcios e assírios.

Os gregos usavam sofás para dormir e para se reclinar para as refeições. Banquinhas para os pés eram usados para descansar os pés ou como um degrau para sofás mais altos. Como pernas de cadeira, as pernas do sofá variavam em estilo. Algumas eram talhadas na forma de pernas de animais, algumas eram torneadas, algumas eram retangulares. Por volta do sexto século a.C., as pernas eram projetadas acima da estrutura. Tais projeções mais tarde se tornaram cabeceiras e apoios de pés. Nos tempos helenísticos, esses apoios de cabeça e apoios de pés eram talhados e carregados de medalhões de bronze em alto-relevo, representando crianças, sátiro e animais. As pernas torneadas substituíram as retangulares. Os sofás eram normalmente em madeira, embora os sofás de bronze e mármore sejam conhecidos.

As mesas eram usadas durante as refeições para apoiar pratos e alimentos e eram removidas após a refeição. Elas eram feitas de madeira, bronze e mármore e normalmente tinham quatro pernas, mas mesas de três pernas eram usadas ocasionalmente. Baús, grandes e pequenos, serviam para armazenar roupas, joias e outros artigos. Eles eram normalmente de madeira, embora alguns fossem de bronze.

Roma

A mobília romana manteve muitos padrões gregos. A erupção do vulcão Vesúvio em 79 d.C. preservou peças reais da mobília romana em seu fluxo de lava.

Cadeiras com encosto eram mais pesadas do que suas contrapartes gregas e amplamente usadas. Havia vários tipos de bancos: o banquinho dobrável, principalmente de madeira, embora às vezes de metal; e um banquinho decorativo recém-desenvolvido, muitas vezes de bronze, que era apoiado por quatro pernas arredondadas ornamentadas com arabescos.

Uma variedade de sofás estava em uso. Alguns seguiam modelos gregos, mas outros eram de invenção romana. Excelentes exemplos de estruturas de cama de bronze foram preservados. Presumivelmente, tiras entrelaçadas de couro ou cabos eram esticados na moldura. Ouro, prata, casco de tartaruga, ossos e decoração de marfim eram usados juntamente com o trabalho de folheado em madeira rara. Mais tarde, sofás na Itália e em outras terras tinham encosto e lados altos. Os romanos parecem ter usado mesas muito mais do que os gregos. Elas aparecem muitas vezes como suportes permanentes para vasos e outros bens. As mesas eram normalmente retangulares com quatro pernas, mas os fabricantes de mesa também construíam algumas com três pernas, ou até mesmo apoiadas em um único suporte. Os tampos de mesas redondos e pernas de animais se tornaram populares a partir do quarto século a.C. Mesas e bancos de madeira simples e sem decoração eram usados em cozinhas e oficinas. Mesas ao ar livre eram geralmente de mármore com pernas de animais entalhadas ou figuras decorativas de animais e monstros.

Havia vários baús e caixas em uso diário. As prateleiras e armários se tornaram muito mais populares do que nos tempos gregos.

Palestina nos tempos do Novo Testamento

A natureza da mobília no NT é provavelmente melhor entendida em relação aos modelos romanos contemporâneos. O NT se refere a camas em várias passagens. As pessoas trouxeram um paralítico deitado em sua cama para Jesus ([Mt 9.2,6](#); [Lc 5.18](#)). Quando os apóstolos entraram no pátio de Salomão, as pessoas trouxeram os doentes para eles em camas ([Atos 5.15](#)). O filho doente de uma mulher siro-fenícia estava deitado em uma cama ([Mc 7.30](#)). Jesus falou de colocar uma lâmpada em um candelabro e não colocá-la sob

uma cama ([Mc 4.21](#); [Lc 8.16](#)), e descreveu o que aconteceria com as pessoas na cama quando o Dia do Senhor viesse ([Lc 17.34](#)). Em outra parábola, Jesus falou de uma pessoa necessitada implorando por pão à meia-noite para um amigo que já estava na cama com sua família ([Lc 11.7](#)). As camas dos pobres e doentes provavelmente eram apenas paletes ou colchões ([Mc 6.55](#); [Jo 5.8](#)). Quando as pessoas se reclinavam às refeições, elas ficavam deitadas em um sofá ([Jo 13.23](#)).

Há inúmeras referências do NT a mesas. Jesus mencionou migalhas caindo da mesa de um homem rico ([Mt 15.27](#); [Mc 7.28](#); [Lc 16.21](#)). Jesus derrubou as mesas dos cambistas no templo ([Mt 21.12](#); [Mc 11.15](#)). Jesus sentou-se com seus discípulos a uma mesa para a refeição de Páscoa ([Lc 22.21](#)) e prometeu aos seus discípulos que eles se sentariam à sua mesa no reino de Deus. Os apóstolos foram dispensados de servir às mesas para pregar ([Atos 6.2](#)).

A lâmpada doméstica é mencionada várias vezes ([Mt 25.1](#); [Mc 4.21](#)). Lâmpadas domésticas de terracota foram encontradas em abundância em escavações.

Módio

Medida seca equivalente a aproximadamente um alqueire.

Moedas

Peças de metal usadas e aceitas como meio de troca. Uma moeda tem um peso específico e possui algum tipo de autenticação para torná-la facilmente reconhecível. A palavra "moeda" originalmente se referia a um carimbo ou cunho em forma de cunha usado para "golpear" o metal em branco. As primeiras moedas podem ter sido cunhadas no final do oitavo século a.C.

Resumo

- As primeiras moedas na Palestina
- Moedas dos Macabeus até Herodes Agripa I
- Moedas romanas na época do Novo Testamento

As primeiras moedas na Palestina

Somente na época de Dario, o Grande (Dario I da Pérsia, 521–486 a.C.), uma cunhagem oficial patrocinada pelo governo tornou-se comum na

Palestina. Essas primeiras moedas eram dáricos de ouro em forma oval, juntamente com algumas moedas de prata.

“Dram” é outro termo para o dárico de ouro persa. É mencionado em [Esdras 2.68-69](#) (ARC), onde a caravana de Zorobabel ofereceu sessenta e um mil dáricos de ouro para a reconstrução do Templo. Esta passagem é a primeira menção de uma moeda real na Bíblia.

Quase ao mesmo tempo em que as moedas persas se tornaram comuns na Palestina, os amplamente populares tetradracmas de prata (peças de quatro dracmas) de Atenas começaram a chegar aos centros mercantis das costas fenícia, israelita e filisteia. Arqueólogos as desenterraram em tesouros por toda a região do Mediterrâneo oriental. Elas continuaram a ser usadas durante o período persa, que durou até que o Império Persa fosse conquistado por Alexandre, o Grande, entre 334 e 330 a.C. A moeda era espessa e pesada em aparência, mas, sendo de prata de alta qualidade, estava em grande demanda para o comércio internacional. Presumivelmente, os comerciantes gregos descobriram que podiam obter as importações asiáticas mais desejadas em troca dessa forma específica de moeda.

O didracma de prata, ou meia-dracma, em uso geral no Império Grego a partir do quarto século a.C., continuou durante os tempos romanos. Após as conquistas de Alexandre, as moedas gregas foram usadas em todo o Império Macedônio, desde a atual Iugoslávia até o Paquistão. Elas foram quase certamente empregadas para fins comerciais na Judeia, por exemplo.

Os siclos dos centros comerciais fenícios de Tiro e Sidom, que contribuíram substancialmente para a oferta monetária no período persa, continuaram a ser aceitos na Judeia mesmo após a conquista alexandrina. Um siclo típico de Sidom era de prata e retratava as muralhas e fortificações do porto de Sidom, com um navio ancorado e dois leões saltitantes em primeiro plano. Um siclo típico de Tiro mostrava o deus Baal usando uma tiara. Ele estava montado em um hipocampo (cavalo alado com cauda de peixe) no mar, com um peixe ou golfinho abaixo. O reverso mostrava uma coruja do tipo egípcio voltada para a direita, além de um cajado de pastor e um flagelo, ambos insígnias reais no Egito. O estáter (ou tetradracma) encontrado pelo discípulo Pedro na boca de um peixe e usado para pagar o imposto do Templo por ele e por Jesus pode ter sido uma moeda de Tiro ([Mt 17.27](#), ARC).

O talento, que representava um certo peso de ouro ou prata, era um meio comum de troca antes do desenvolvimento da cunhagem. Durante o período dos Macabeus, João Hircano salvou a cidade de Jerusalém da destruição em 133 a.C. pagando um resgate de um tesouro de 900 anos armazenado no sepulcro de Davi. Três mil talentos de prata foram enviados ao rei selêucida Antíoco VII Sidetes em troca de sua promessa de retirar suas tropas. O tesouro saqueado do Templo pelos romanos em 66 d.C. é registrado como sendo de 17 talentos. Em talentos de ouro, essa soma representaria o equivalente ao preço de compra de cerca de 15 grandes casas em uma cidade moderna ocidental.

Moedas dos Macabeus a Herodes Agripa I

Embora uma dinastia judaica nativa tenha assumido o governo da Terra Santa, muitos anos se passaram antes que qualquer moeda judaica natural do país fosse cunhada. Presumivelmente, os habitantes continuaram a usar a moeda de Tiro, Egito e do Império Selêucida para suas transações comerciais. Anteriormente, acreditava-se que os siclos de prata com imagens do cálice e do cacho de romã datavam do reinado de Simão Macabeu (142-134 a.C.); no entanto, descobertas arqueológicas mais recentes provam que essas moedas datam da primeira revolta judaica (66-70 d.C.).

Quando chegou a hora de emitir as primeiras moedas judaicas, os fabricantes de cunhos enfrentaram vários problemas. Não havia uma casa da moeda disponível, e nenhuma pessoa local era habilidosa em projeto ou gravação de cunhos. As moedas em circulação no Oriente Próximo naquela época, que mostravam um alto grau de projeto e artesanato, cada uma trazia o retrato de um governante ou de um deus. Para os judeus, fazer tais moedas significaria contrariar o segundo mandamento: “Não farás para ti imagem de escultura” ([Ex 20.4](#), ARC). Somente bem mais tarde, na época romana, foi cunhada na Palestina uma moeda com o retrato de um imperador Romano.

A cunhagem mais antiga da dinastia Hasmoneana (o nome régio dos Macabeus) foi o pequeno lepton de bronze (plural, lepta) de João Hircano I (134-104 a.C.), filho de Simão Macabeu. O anverso mostrava duas cornucópias com uma romã entre elas. Essa imagem simbolizava a fertilidade que Deus havia concedido à terra. O reverso continha uma inscrição dentro de uma coroa: “João, o sumo sacerdote e a comunidade dos judeus”. Pequenos lepta de bronze do reinado de Alexandre Janeu, filho de Hircano I, foram encontrados em grande

número. Eles eram evidentemente muito procurados para transações no Templo, onde cambistas convertiam a moeda gentia dos adoradores visitantes na moeda judaica mais aceitável. Sem dúvida, os lepta hasmoneus foram as moedas que Jesus espalhou sobre o pavimento do Pátio dos Gentios quando ele virou as mesas dos cambistas ([Mt 21.12](#); [Jo 2.15](#)). O lepton, ou “centavo”, de bronze ou cobre, valendo 1/400 de um síclo, foi mencionado por Jesus em outra ocasião. Ele elogiou a oferta de duas moedas de uma viúva ao tesouro do Templo com o comentário de que os ricos “deram do que estava sobrando. Porém ela, que é tão pobre, deu tudo o que tinha para viver” ([Mc 12.44](#), NTLH).

Herodes I chegou ao poder na Judeia sob o patrocínio de Marco Antônio e garantiu a lealdade dos judeus pró-Hasmoneus ao se casar com Mariamne, neta de Hircano II, em 38 a.C. Herodes foi autorizado a cunhar suas próprias moedas de bronze. Embora tivesse liberdade para introduzir inovações, os lepta de Herodes seguiram a tradição de forma bastante fiel. Os lepta traziam uma âncora com letras significando “Do Rei Herodes”. O reverso apresentava cornucópias duplas com uma romã (ou papoula) entre elas. Herodes também cunhou uma grande moeda de bronze com o que parece ser um capacete macedônio no anverso e um tripé esbelto no reverso, junto com uma inscrição do nome de Herodes. Outros projetos que ele utilizou incluíam trigo, águias e coroas. Ele não emitiu moedas de prata, confiando, em vez disso, nos suprimentos disponíveis de moedas de prata de Tiro, Síria, Ásia Menor, Grécia e Roma.

Após a morte de Herodes em 4 a.C., seu filho Herodes Arquelau assumiu o controle. As moedas desse período traziam um cacho de uvas pendurado com uma inscrição grega, e no reverso, um capacete macedônio com duas plumas. As uvas eram uma alusão a Israel como a vinha do Senhor ([Is 5](#)).

Quando Herodes Antipas iniciou seu governo, também em 4 a.C., ele não tinha autoridade na Judeia ou Samaria. Essa parte do antigo reino judaico foi colocada sob o controle de governadores romanos, ou procuradores, nomeados diretamente pelo próprio Imperador. O mais conhecido dos procuradores romanos da Judeia foi Pôncio Pilatos (26–36 d.C.). Sua cunhagem de bronze apresentou algumas inovações ousadas; seus desenhos incluíam representações de instrumentos usados na religião romana, como a vara do áugure (semelhante a um

cajado de pastor em forma) e uma concha usada em conexão com o caldo preparado em sacrifícios. O reverso trazia uma coroa envolvendo a data do reinado de 30–31 d.C. Os dois lepta colocados no tesouro do Templo ([Lc 21.2](#)) poderiam ter sido lepta emitidos por Pilatos ou seu predecessor. Mais provavelmente, no entanto, eram os lepta hasmoneus de Hircano ou Janeu, que estavam livres de qualquer influência pagã romana.

Herodes Agripa I (37–44 d.C.), neto de Herodes, o Grande, continuou a tradição familiar de se aproximar dos senhores romanos. Muitos lepta de Herodes Agripa foram encontrados, mostrando um guarda-chuva cônico com franjas (talvez simbolizando sua proteção real ao povo da Palestina), além de uma inscrição grega indicando seu reinado. O reverso mostrava um cacho amarrado de três espigas de trigo e trazia o ano do reinado como legenda.

Moedas romanas na época do Novo Testamento

O “as” romano entrou em circulação por volta de 348 a.C. como uma moeda de bronze com a figura de um animal. A moeda foi nomeada em homenagem ao peso romano de uma libra, equivalente a 340 gramas no nosso sistema moderno. Na época do nascimento de Cristo, o “as” romano cunhado para uso nas províncias asiáticas trazia a cabeça do Imperador Augusto, com uma coroa de louros no verso. Um quadrante de bronze menor, ou um quarto de “as”, também foi cunhado pelos romanos.

Outra moeda de bronze encontrada na moeda grega e romana era o assarion, cunhado pela primeira vez no primeiro século a.C., mas ainda em uso no período cristão. Um tipo era estampado com uma esfinge alada, com uma ânfora no reverso. Ainda se debate se a moeda descrita como um “ceitil” na ARC era de fato um assarion grego ou um “as” ou quadrante romano. A moeda é mencionada quatro vezes no NT, mas familiarmente na pergunta “Não se vendem dois pardais por um ceitil?” (veja [Mt 5.26](#); [10.29](#); [Mc 12.42](#); [Lc 12.6](#); NTLH “moedinhas”).

A palavra traduzida como “um dinheiro por dia” em algumas Bíblias em português (e.g. NTLH, ARC) é a forma grega de “denário”, o salário diário normal para um trabalhador nos tempos do NT. Na parábola dos trabalhadores na vinha, por exemplo, o mestre concordou em pagar a cada homem “uma moeda de prata” pelo trabalho do dia ([Mt 20.2](#), NTLH; ARC “um dinheiro por dia”). “Dois

dinheiros" foi o valor pago ao estalajadeiro pelo bom samaritano ([Lc 10.35](#), ARC).

Quando o denário, ou "moeda de prata", é reconhecido como o salário normal de um dia, o espanto dos discípulos de Jesus ao se esperar que encontrassem comida para 5.000 pessoas é melhor compreendido. Eles exclamaram que "duzentas moedas de prata" de comida não alimentariam tal multidão ([Jo 6.7](#), NTLH); essa quantia representava mais de seis meses de trabalho.

Como era de se esperar, a cunhagem de moedas de prata e ouro em circulação na Palestina durante o tempo de Cristo e pelo restante do primeiro século d.C. vinha principalmente de Roma. No entanto, as moedas de prata maiores, referidas como tetradracmas ou estáteres no NT, vinham do Egito, Fenícia ou Antioquia. A moeda de prata mais frequentemente mencionada no NT era o denário romano ou a dracma grega. Como poucas dracmas foram encontradas em escavações datadas do primeiro século, é possível que o termo fosse usado na linguagem popular para se referir ao denário (plural, denários), que tinha aproximadamente o mesmo tamanho que a dracma grega média. Na verdade, poucas cidades gregas foram autorizadas por seus dominadores romanos a continuar cunhando dracmas.

O Imperador Augusto emitiu um decreto para que todo o mundo romano fosse recenseado ([Lc 2.1-2](#)) em um censo em todo o império, por volta da época em que Jesus nasceu (6 ou 5 a.C.). Durante seu longo reinado (27 a.C.-14 d.C.), Augusto autorizou uma grande variedade de denários. Eles geralmente carregavam sua imagem no anverso com a inscrição "Augusto, filho do divino" (isto é, filho de Júlio César, que havia recebido honras divinas pelo Senado Romano).

Em [Mateus 22.19](#), Jesus pediu àqueles que tentavam enganá-lo com uma pergunta para mostrar-lhe uma moeda usada para pagar o imposto do governo. Eles lhe entregaram um denário com o retrato e a inscrição de César ([Mt 22.21](#)). Essa moeda poderia ter sido um denário de Augusto, que havia morrido cerca de 16 anos antes, ou de Tibério (14-37 d.C.), que estava então no trono. O denário de prata de Tibério dizia "Tibério César Augusto, filho do divino Augusto". O reverso mostrava a sacerdotisa máxima da ordem vestal, com uma tocha flamejante na mão, sentada em seu trono voltada para a direita. O título "pontifex maximus" referia-se a Tibério em vez de à sacerdotisa.

Veja também Minerais e metais; Dinheiro; Casa de câmbio.

Moedinha, Centavo

1. Moedinha é a tradução em algumas versões da Bíblia para uma pequena moeda. Uma moeda de cobre que era igual a um décimo sexto do denário de prata ([Mt 10.29](#); [Lc 12.6](#)). Um denário era o salário de um dia.

2. O "centavo" é a tradução usada para outra moeda. Uma moeda que vale um quarto do #1 acima, ou um sessenta e quatro avos do denário ([Mt 5.26](#); [Mc 12.42](#)).

Veja também moedas; dinheiro.

Mofo

Crescimento superficial em matéria orgânica ou plantas vivas causado por fungos. O mofo era provocado por um fungo comum na Palestina, *Puccinia graminis*, e era visto como uma punição divina por desobediência. O significado original da palavra hebraica é "amarelo-esverdeado pálido".

Moinho

Um moinho é composto por duas pedras circulares (chamadas de mós) usadas para moer grãos em farinha. Arte antiga e locais do Oriente Médio mostram a moagem de grãos com mós. Estas datam do período Neolítico (cerca de 8300-4500 a.C.). Os primeiros moinhos eram manuais. A tecnologia melhorou ao longo do tempo, mas o princípio básico permaneceu o mesmo. Uma pedra inferior segurava o grão, enquanto uma pedra superior, movida sobre a pedra inferior, moía o grão em farinha. Em hebraico, a palavra para "moinho" refere-se a essas duas partes essenciais.

Tipos de moinhos

74. O tipo mais antigo de moinho era o **moinho de sela**. Consistia em uma pedra base áspera, que era ligeiramente côncava, e uma pedra de esfregar convexa. A pedra base variava de 45 a 76 centímetros de diâmetro, com uma extremidade mais espessa que a outra. Em hebraico, era chamada de "parte inferior" ou "pedra de moinho inferior" ([Jó 41.24](#)). A pedra superior, conhecida como "parte do cavaleiro" ou "pedra de moinho superior" ([Jz 9.53](#); [2Sm 11.21](#)), tinha entre 15 a 38 centímetros de comprimento. Era plana de um lado e ligeiramente arredondada do outro, facilitando o manuseio. Para moer o grão, as pessoas empurravam a pedra superior para frente e para trás sobre o grão na pedra inferior. Apenas uma pequena quantidade de grão podia ser moída de cada vez usando este método ([Gn 18.6](#)).
75. Um tipo posterior de moinho manual utilizava duas pedras redondas. A pedra inferior podia ser arredondada para dentro ou para fora no topo, enquanto a pedra superior era moldada para se encaixar sobre ela. Alguns desses moinhos tinham um buraco em forma de漏斗 no centro da pedra superior para despejar o grão. Um pino de madeira na borda da pedra superior permitia que ela fosse girada, esmagando o grão, que então escapava pelas bordas. O basalto negro era frequentemente usado porque sua superfície áspera e granulada proporcionava boas bordas de corte. Este tipo de moinho podia ser operado por uma pessoa, embora às vezes fossem necessárias duas pessoas ([Mt 24.41](#)).

O moinho manual era tão essencial para a vida diária que era proibido por lei tomar a mó de uma pessoa como garantia de uma dívida. Esta lei protegia as famílias de perderem seus meios de

fazer farinha para o pão ([Dt 24.6](#)). As pedras eram pesadas o suficiente para matar uma pessoa se jogadas em sua cabeça, como aconteceu com Abimeleque ([Jz 9.53](#); cp. [2Sm 11.21](#)).

Moagem de grãos

Moer grãos era geralmente o trabalho dos servos ([Ex 11.5](#)) ou das mulheres ([Is 47.2](#)). O barulho da moagem podia ser ouvido diariamente em cada vila na Palestina. Se esse som parasse, significava que a vila estava deserta ([Jr 25.10](#)).

Moinhos comunitários

Animais também moviam moinhos comunitários maiores. Uma grande e pesada pedra, possivelmente de 1,2 a 1,5 metros de diâmetro, era rolada na sua borda usando um poste através do seu centro. O poste girava em torno de um pilar vertical, semelhante a como alguns moinhos em terras orientais ainda operam hoje. Sansão provavelmente foi forçado a usar um moinho desse tipo para moer grãos para os filisteus ([Jz 16.21](#)).

Veja também Alimentos e preparação de alimentos; Pão; Agricultura.

Moisés

Grande líder do povo hebreu que os trouxe da escravidão no Egito para a Terra Prometida em Canaã; também aquele que lhes deu a lei no Monte Sinai que se tornou a base para sua fé religiosa através dos séculos. Focadas nesta pessoa estão as figuras de profeta, sacerdote, legislador, juiz, intercessor, pastor, operador de milagres e fundador de uma nação.

O significado de seu nome é incerto. O significado de seu nome teria, como explicação, a origem em uma palavra hebraica que significa "retirar" ([Ex 2.10](#); cf. [2 Sm 22.17](#); [Sl 18.16](#)). Se, no entanto, é um nome egípcio dado a ele pela filha do Faraó que o encontrou, é mais provável que venha de uma palavra egípcia para "filho" (também encontrado como parte de muitos nomes egípcios bem conhecidos, como Amósis, Tutemés e Ramsés). Ninguém mais no AT tem este nome.

Sem dúvida, a maior figura no AT (mencionado 767 vezes pelo nome), sua influência também se estende até as páginas do NT (onde ele é mencionado 79 vezes). Os primeiros 40 anos de sua vida foram vividos na casa de Faraó ([Atos 7.23](#)), onde ele foi instruído em toda a sabedoria dos

egípcios. Os próximos 40 anos ele passou em Midiã como um fugitivo da ira de Faraó, após matar um egípcio que estava maltratando um hebreu. Seus últimos 40 anos foram dedicados a levar os israelitas para fora da escravidão no Egito para a terra que Deus havia prometido a Abraão e seus descendentes ([Gn 12.1-3](#)). Ele morreu aos 120 anos de idade, depois de liderar os israelitas com sucesso através de 40 anos de peregrinação no deserto até a borda da Terra Prometida no lado leste do rio Jordão ([Dt 34.7](#)). Ele é uma das grandes figuras em toda a história, um homem que tomou um grupo de escravos e, sob circunstâncias inconcebivelmente difíceis, os moldou em uma nação que influenciou e alterou todo o decorrer da história.

Resumo

- Contexto
- Os Primeiros 40 Anos — No Egito
- Os Segundos 40 Anos — Em Midiã
- Os Terceiros 40 Anos — Do Egito até Canaã
- Moisés no Novo Testamento

Contexto

A única fonte de informações para a vida de Moisés é a Bíblia. A arqueologia confirma a credibilidade dos eventos associados a Moisés, mas nunca forneceu qualquer confirmação específica de sua existência ou obra. Sua história começa com a chegada, ao Egito de Jacó, seus filhos e suas famílias, durante um tempo de fome em Canaã. Convidada por José e recebida por Faraó, a família se estabeleceu no nordeste do Egito em uma área conhecida como Gósen, onde permaneceram por 430 anos ([Ex 12.40](#)). Com o passar do tempo, seus números cresceram rapidamente, de modo que a terra se encheu deles ([1.7](#)). Um novo rei surgiu sobre o Egito que não conhecia José. O relato bíblico não dá o nome deste faraó, e nunca houve consenso quanto à sua identidade. Ele é mais frequentemente identificado como Tutemés III (1504–1451 a.C.), Seti I (1304–1290 a.C.), ou Ramsés II (1290–1224 a.C.). Por medo de que seu número crescente pudesse se tornar uma ameaça à segurança de sua nação, Faraó se determinou a tomar medidas para reduzi-los. Ele os colocou para trabalhar na construção das cidades-armazéns de Pitom e Ramsés, mas a severidade da obra não os diminuiu. Em seguida, ele tentou alistar a cooperação das parteiras para destruir os bebês homens, mas elas não cumpriram suas ordens. Ele

ordenou a seu próprio povo, então, que afogasse os bebês machos no rio Nilo. No contexto desta primeira perseguição judaica conhecida, o bebê Moisés nasceu.

• Os Primeiros 40 Anos — No Egito

Nascimento e início da vida

Um homem da família de Levi chamado Anrão se casou com a irmã de seu pai, Joquebede ([Ex 6.20](#); cf. [2.1](#)). Seu primeiro filho, Arão, três anos mais velho do que Moisés, nasceu antes que o comando para afogar os bebês hebreus fosse dado, pois não há indicação de que sua vida estava em perigo. No entanto, a ordem cruel estava em vigor quando Moisés nasceu, e após três meses, quando sua mãe não podia mais escondê-lo, ela pegou uma cesta feita de juncos e a untou com betume e resina. Ela colocou o bebê no cesto e o colocou entre os juncos ao longo das margens do rio. Uma irmã mais velha, Miriã, ficou perto do rio para ver o que aconteceria. Logo a filha do Faraó (identificada por Josefo como Termuisto e por outros como Hatchepsut, mas que não pode ser determinada) veio ao rio para se banhar, como era seu costume. Ela descobriu o bebê, o reconheceu como uma das crianças hebreias, e determinou que ela criaria a criança como sua. Miriã emergiu de seu esconderijo e se ofereceu para encontrar uma mulher hebraica para amamentar a criança, um arranjo que era agradável para a princesa. Miriã levou o bebê para sua própria mãe, que o manteve por talvez dois ou três anos (cf. [1 Sm 1.19-24](#)). Nada é registrado desses anos formativos. Se sua mãe continuou a vê-lo durante sua infância e juventude ou revelou sua verdadeira identidade a ele, ou o ensinou a fé hebraica, são questões de especulação. Moisés foi instruído em toda a sabedoria dos egípcios, como convém a um membro da casa real, e ele se tornou poderoso em suas palavras e atos ([Atos 7.22](#)).

Identificação com seu próprio povo

Quando Moisés efetivamente tomou conhecimento de que ele era um hebreu, em vez de egípcio, é desconhecido, mas fica claro que ele sabia disso quando tinha 40 anos. Um dia, ele saiu para visitar seu povo e observar seu tratamento, pois as medidas cruéis tomadas contra eles pelo Faraó, na época do nascimento de Moisés, não haviam sido revogadas. Vendo um egípcio batendo em um hebreu, Moisés, em grande ira, matou o egípcio e o enterrou. Ele pensou que a ação havia passado despercebida até o dia seguinte, quando ele encontrou dois hebreus lutando. Quando ele tentou

agir como pacificador, ambos se voltaram contra ele e o acusaram de assassinato: "Quem o fez príncipe e juiz sobre nós? Você quer me matar, como você matou o egípcio?" ([Êx 2.14](#), ARA). [Atos 7.25](#) acrescenta: "Moisés cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus os queria salvar por intermédio dele" (ARA). Ciente de que ser um membro da casa de Faraó não o isentaria da punição, agora que o feito era conhecido, Moisés fugiu para salvar sua vida, rumo à terra de Midiã.

• Os Segundos 40 Anos — Em Midiã

Casamento na Família de Jetro

Logo após chegar a Midiã, Moisés sentou-se ao lado de um poço, onde ele observou as sete filhas do sacerdote de Midiã que haviam vindo ao poço para tirar água para o rebanho de seu pai. Os pastores vieram e as expulsaram, mas Moisés interveio e as ajudou a dar de beber a seus animais. Quando Jetro ([Êx 3.1](#); também chamado de Reuel, [2.18](#); Hobabe, [Nm 10.29](#)) soube o que havia acontecido, ele convidou Moisés para ficar com sua família e lhe deu Zípora como sua esposa. (Há alguma discordância entre estudiosos sobre a identificação de Hobabe em [Números 10.29](#); alguns pensam que ele era o sogro de Moisés, enquanto outros sustentam que Hobabe era o cunhado de Moisés. Veja também Hobabe). Dois filhos, Gérson ([Êx 2.22](#)) e Eliezer ([18.4](#)), nasceram de Moisés e Zípora durante os anos em Midiã. Quarenta anos se passaram, e os pensamentos de Moisés sobre sua antiga vida no Egito devem ter desvanecido no passado. Ele não poderia ter previsto que Deus logo o empurraria de volta para o meio da corte no Egito, onde ele confrontaria o filho do faraó, agora morto, com a demanda para libertar o povo hebreu da escravidão que eles haviam suportado por tantos anos. Deus não havia esquecido seu povo e agora estava pronto para libertá-los.

Encontro com Deus na Sarça Ardente

Um dia, enquanto Moisés estava tomando conta dos rebanhos de seu sogro, ele os levou até o Monte Horebe (conhecido também como Sinai), onde Deus apareceu a ele em uma chama de fogo do meio de uma sarça que queimava, mas não era consumida. Moisés se aproximou para observar a estranha visão mais de perto e ouviu Deus falar com ele da sarça: "Moisés, Moisés!" Moisés respondeu: "Aqui estou eu". Antes que ele pudesse chegar mais perto da sarça, Deus disse: "Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa" ([Êx 3.4-5](#), ARA).

Ele então se identificou como o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Ele assegurou a Moisés que ele estava ciente das aflições cruéis de seu povo e havia ouvido seus clamores. Então, ele contou seu plano de enviar Moisés ao Egito para libertar seu povo de sua escravidão.

Confrontado com um desafio que parecia além de suas capacidades, o envelhecido Moisés começou a fazer pretextos para não aceitar a tarefa. Deus assegurou a Moisés que estaria com ele ([Êx 3.11-12](#)). Em razão do pretexto de que ele não seria capaz de dar uma resposta se as pessoas lhe perguntassem o nome do Deus que ele representava, Deus revelou seu nome na declaração enigmática: "Eu sou o que sou'... Assim dirás aos filhos de Israel: Eu Sou me enviou a vós outros" (vv. [13-14](#), ARA). Muitas interpretações foram propostas para o nome. Seja qual for o significado, sem dúvida sugere a auto-existência e a completa suficiência de Deus. Moisés, por sua vez, argumentou que o povo não acreditaria nele quando ele lhes dissesse que Deus o havia enviado para libertá-los do Egito. Em resposta, Deus lhe deu três sinais: quando ele lançou seu cajado de pastor no chão, ele se tornou uma serpente. Quando ele colocou sua mão em seu peito, ela se tornou leprosa. Ele também foi informado de que, quando ele derramasse água do Nilo no chão, ela se tornaria sangue ([Êx 4.1-9](#)). Mesmo armado com essas poderosas evidências da presença de Deus com ele, Moisés levantou ainda outra objeção: "Ah! Senhor! Eu nunca fui eloquente, nem outrora, nem depois que falaste a meu servo; pois sou pesado de boca e pesado de língua" (v. [10](#), ARA). Deus lhe disse que ele o ensinaria o que dizer, mas apesar de tal certeza, Moisés pediu a Deus para enviar outra pessoa. Em ira misturada com compaixão, Deus fez o irmão de Moisés, Arão, o porta-voz, mas disse que suas instruções ainda seriam dadas diretamente a Moisés.

Retorno ao Egito

Moisés tomou sua esposa e filhos e partiu para o Egito, dizendo a seu sogro apenas que ele queria voltar para o Egito para visitar seus parentes lá ([Êx 4.18](#)). O relato bíblico diz que ele colocou sua esposa e filhos no mesmo jumento para viajar de volta para o Egito (v. [20](#)). O fato de que todos os três montaram o mesmo animal indica que ambas as crianças eram bastante jovens e não haviam nascido nos primeiros anos do casamento de Moisés. Em um lugar de hospedagem ao longo do caminho, uma coisa estranha aconteceu. O Senhor o encontrou e tentou matá-lo (v. [24](#)),

aparentemente porque Moisés havia falhado em circuncidá o bebê antes de deixar Midiâ. Quando Zípora percebeu que a vida de Moisés estava em perigo, ela mesma realizou o rito e disse a seu marido: “Sem dúvida, tu és para mim esposo sanguinário” (v. 25, ARA). Qualquer que mais possa ter estado envolvido neste encontro incomum com Deus, era um lembrete solene de que aquele que deveria ser o líder do povo da aliança não deve negligenciar qualquer parte da aliança ([Gn 17.10-14](#)).

Deus disse a Arão (que ainda estava no Egito) para ir para a montanha onde Moisés havia encontrado Deus na sarça ardente e encontrar seu irmão lá. Moisés contou a Arão tudo o que havia acontecido, e juntos eles foram para o Egito, reuniram os anciãos e os informaram sobre esses assuntos. Quando Moisés e Arão realizaram os sinais na presença do povo, eles acreditavam que esses líderes haviam sido enviados por Deus para libertá-los de sua aflição ([Êx 4.30-31](#)).

Os terceiros 40 anos — do Egito até Canaã

O encontro com Faraó

Logo após seu retorno ao Egito, Moisés, acompanhado de Arão, foi a Faraó e repetiu as demandas do Senhor: “Deixa ir o meu povo, para que me celebre uma festa no deserto” ([Êx 5.1](#), ARA). Faraó rejeitou a ordem com a observação de que ele nunca havia ouvido falar deste Deus de Moisés. Quando se percebe que os reis egípcios se consideravam deuses, afronta ao Faraó se torna ainda mais aguçada. Ele não apenas rejeitou as demandas de Moisés, mas ele intensificou os fardos dos hebreus. Seu trabalho havia até então exigido que eles fizessem tijolos usando palha fornecida para eles, mas agora o faraó disse que eles teriam que coletar sua própria palha e ainda produzir o mesmo número de tijolos. Os hebreus se voltaram em angústia e raiva a Moisés e o responsabilizaram por torná-los ofensivos aos olhos de Faraó. Até mesmo Moisés não poderia entender a reviravolta e se queixou amargamente a Deus. Deus assegurou a Moisés de que ele livraria os hebreus de sua escravidão, e além disso, ele os traria para a terra que ele havia prometido a Abraão, Isaque e Jacó. Então, ele instruiu Moisés a voltar para Faraó e repetir a ordem para libertar os hebreus sob ameaça de grave represália se esta fosse ignorada.

Conduzido novamente na presença de Faraó, Moisés repetiu seu pedido de libertação dos israelitas. Ele tentou impressionar Faraó

transformando sua vara em uma serpente, mas os homens sábios egípcios, através de suas artes secretas, foram capazes de duplicar o milagre, então o coração de Faraó permanecia endurecido e ele não ouviria Moisés. Em rápida sucessão, Moisés trouxe nove pragas sobre a terra do Egito para mostrar a onipotência de Deus para forçar a obediência de Faraó. Isso incluiu uma praga na qual a água do Nilo se tornou sangue, uma praga de rãs, uma de mosquitos, depois de moscas, uma praga no gado, febre no povo, pragas de granizo, gafanhotos e trevas completas. Durante as pragas das rãs, moscas, granizo, gafanhotos e trevas, Faraó estava perturbado e cederia temporariamente e concordaria com as demandas de Moisés, mas assim que a praga fosse retirada, seu coração endurecia e ele negaria sua promessa. O resultado das primeiras nove pragas foi terrível devastação da terra do Egito, mas os israelitas não foram libertados. Ainda havia mais uma praga reservada, a mais terrível de todas.

A primeira Páscoa

Deus disse a Moisés que mais uma praga estava reservada para os egípcios: “todo primogênito na terra do Egito morrerá, desde o primogênito de Faraó, que se assenta no seu trono, até ao primogênito da serva que está junto à mó, e todo primogênito dos animais” ([Êx 11.5](#), ARA). Além disso, ele assegurou a Moisés que a praga não tocaria uma única casa dos hebreus: “para que saibais que o Senhor fez distinção entre os egípcios e os israelitas” (v. 7, ARA).

Deus instruiu o povo através de Moisés e Arão a fazer seus preparativos para deixar a terra às pressas. Eles deveriam ir aos egípcios e pedir-lhes suas joias de prata e ouro ([Êx 11.2-3](#)), um pedido com o qual os egípcios concordaram, talvez por medo dos hebreus e na crença de que os presentes trariam fim dos terrores que haviam atingido a terra. Os hebreus também foram instruídos a preparar um cordeiro para cada família — pequenas famílias poderiam compartilhar — para a última refeição a ser comida na terra do Egito (um rito que se tornou o padrão para a observância judaica da Páscoa por muitos séculos). O sangue do cordeiro deveria ser colocado nos umbrais das portas e batentes das casas nas quais a refeição da Páscoa estava sendo comida naquela noite. Aos hebreus foi prometido que, onde quer que o sangue estivesse à porta, nenhum dano viria àquela casa. Eles também foram instruídos a preparar o pão sem fermento. À meia-noite, o anjo da morte do Senhor matou todos os primogênitos na terra do

Egito, desde o primogênito do próprio Faraó até o cativo mais baixo em uma masmorra; nem uma única casa dos egípcios escapou da tragédia. Quando Faraó viu o que havia acontecido, ele ordenou a Moisés e ao povo que deixassem a terra de uma vez ([12.31-32](#)). O registro bíblico diz que cerca de 600.000 homens hebreus deixaram o Egito. Junto com mulheres e crianças, o total teria sido superior a 2 milhões de pessoas.

O Éxodo do Egito

O êxodo é o evento central do AT e marca o nascimento de Israel como uma nação. O povo judeu ainda olha para trás para esse evento como o grande ato redentor de Deus na história em nome de seu povo, assim como os cristãos olham para a cruz como o grande ato redentor de sua fé.

A rota exata tomada pelos hebreus para fora do Egito não pode ser determinada hoje, embora muitas possibilidades tenham sido propostas. Eles não tomaram a rota mais rápida e direta para Canaã (que teria sido cerca de uma jornada de 10 dias ao longo da costa mediterrânea), mas partiram na direção do Monte Sinai, onde Moisés havia anteriormente encontrado Deus na sarça ardente. Como um sinal de que Moisés havia sido enviado para libertar o povo, Deus disse a Moisés que ele os traria para aquele mesmo lugar, onde eles adorariam a Deus ([Ex 3.12](#)). Os hebreus não esqueceram o pedido de José para carregar seus ossos com eles quando eles voltassem para sua própria terra ([Gn 50.25](#); [Ex 13.19](#)).

Enquanto as pessoas viajavam, elas eram precedidas por uma coluna de nuvem durante o dia e um pilar de fogo à noite. A nuvem representava a presença de Deus com seu povo e os guiava ao longo da rota que eles deveriam viajar.

De volta ao Egito, Faraó estava em dúvida sobre deixar os hebreus deixarem a terra e decidiu perseguir-los com seu exército e trazê-los de volta. Quando os hebreus viram a nuvem de poeira que se aproximava e perceberam que o exército egípcio os estava perseguinto, eles ficaram aterrorizados. O mar estava à frente deles e os egípcios estavam atrás; parecia não haver como escapar. O povo se voltou contra Moisés, responsabilizando-o por trazê-los do Egito. Deus novamente os assegurou que eles não precisavam ter medo ou fazer qualquer coisa para se defender. Ele prometeu lutar a batalha por eles e dar-lhes vitória ([Ex 14.14](#)).

O Senhor separou a água do Mar de Juncos (tradicionalmente, mas erroneamente referido como o Mar Vermelho) por um forte vento oriental e permitiu que os israelitas passassem pelo mar em chão seco até o outro lado. Os egípcios correram atrás dos israelitas, seguindo-os para o leito seco do mar. Mas antes de chegarem ao outro lado, as águas correram de volta, destruindo o exército egípcio no meio do mar e deixando os israelitas seguros do outro lado. As pessoas celebraram sua grande libertação em cânticos ([Ex 15](#)) e então continuaram sua jornada. A narrativa que se segue descreve a luta dos israelitas para sobreviver no deserto — problemas de comida e água, dissensão interna, murmurações contra Moisés e batalhas com inimigos. Através de todas as suas experiências, Moisés se eleva como a força unificadora e grande líder espiritual.

Apesar de ter visto o grande ato de libertação de Deus tão recentemente, a fé dos israelitas não era forte. Três dias depois, eles chegaram em um lugar onde a água não era apta a beber, e eles começaram a se queixar contra Moisés. O Senhor mostrou a Moisés como purificar a água, e as necessidades do povo foram satisfeitas ([Ex 15.22-25](#)). Quando eles chegaram ao deserto de Sim, eles se queixaram novamente, desta vez por causa da falta de comida. Deus atendeu sua necessidade fornecendo maná, uma substância semelhante a um pão que serviria como seu alimento até que eles viessem a Canaã ([16.1-21](#)). Mais tarde, acampados em Refidim, as pessoas se queixaram novamente, desta vez por falta de água. Mais uma vez Deus atendeu às suas necessidades fornecendo água da rocha em Horebe ([17.1-7](#)). Os amalequitas os atacaram enquanto eles ainda estavam acampados em Refidim, mas Deus deu uma grande vitória aos israelitas (vv. [8-13](#)).

Moisés e o povo chegaram ao Sinai e acamparam lá. Jetro veio para visitá-lo, trazendo a esposa e os filhos de Moisés. Zípora havia, aparentemente, decidido voltar com seus filhos para ficar com seu pai, em vez de ir para o Egito com Moisés. Foi uma reunião alegre, e Jetro fez uma oferta queimada e sacrifícios a Deus (um ato que evocou a sugestão de que Jetro era um verdadeiro adorador de Deus, embora nada seja conhecido de sua ligação com a fé hebraica). Quando Jetro observou Moisés tentando resolver todos os conflitos e problemas dos hebreus sem ajuda, ele propôs que Moisés delegasse a responsabilidade acerca de alguns assuntos menores para capacitar homens escolhidos entre o povo. Moisés aceitou a sugestão, e pouco depois Jetro voltou para sua própria terra.

Ele não permaneceu no Sinai para participar da ratificação da aliança ([Êx 18.13-27](#)).

Outorga da Lei no Sinai

Deus havia mantido suas promessas a Moisés. Ele havia libertado os hebreus de sua escravidão egípcia e os trouxe para o mesmo lugar onde ele havia comissionado Moisés para ser seu líder. Ele estava agora pronto para entrar em um relacionamento de aliança com Israel. Em meio a uma cena surpreendente e aterrorizante de relâmpagos, trovões, nuvens espessas, fogo, fumaça e terremoto, Deus desceu ao topo do Sinai e chamou Moisés para subir a montanha, onde ele permaneceu 40 dias para receber a lei que se tornaria a base da aliança.

No Sinai, Deus foi revelado como o Deus que exige lealdade exclusiva em todas as áreas da vida e, ao mesmo tempo, como o Deus que deseja comunhão pessoal com seu povo.

Apostasia do Povo

Enquanto Moisés permaneceu no Monte Sinai, as pessoas abaixo se tornaram impacientes e céticas sobre seu retorno, então eles foram a Arão e pediram-lhe para fazer ídolos para eles adorarem. Eles contribuíram com os brincos de ouro que estavam usando. “Então Arão tomou o ouro, derreteu-o e moldou-o e forjou-o na forma de um bezerro. Então, disseram: São estes, ó Israel, os teus deuses, que te tiraram da terra do Egito” ([Êx 32.4](#), ARA). No dia seguinte, eles se juntaram na adoração do ídolo com sacrifícios e folia. Deus disse a Moisés o que estava ocorrendo abaixo e declarou com ira que ele ia destruir o povo, mas faria uma grande nação de Moisés e seus descendentes. Moisés imediatamente intercedeu em nome do povo, e a ira de Deus diminuiu. Moisés desceu a montanha, carregando as duas tábua de pedra nas quais a lei havia sido escrita, mas quando ele entrou no acampamento e viu o que estava ocorrendo, ele não pôde conter sua ira. Ele jogou as tábua de pedra no chão, moeu o bezerro de ouro em pó, misturou-o com água e forçou as pessoas a beber. Ele se voltou com raiva para Arão e exigiu uma explicação para o grande pecado que havia sido cometido. Arão tentou escapar da culpa, minimizando seu próprio papel: “eu o lancei [o ouro] no fogo, e saiu este bezerro” (v. [24](#), ARA). Moisés chamou voluntários para realizar o julgamento de Deus sobre o povo pelo grande pecado que eles haviam cometido. Os homens da tribo de Levi responderam e mataram cerca de

3.000 homens. Mais tarde, eles foram elogiados e recompensados ([Dt 33.9-10](#)). Moisés novamente intercedeu pelo povo, solicitando que ele fosse destruído juntamente com o povo se Deus não pudesse perdoá-los. Deus teve piedade e prometeu a Moisés que o anjo do Senhor iria com eles, continuamente ([Êx 32.34](#)).

Logo, Moisés fez um pedido especial para que ele pudesse ser autorizado a ver a glória do Senhor. Deus instruiu Moisés a cortar mais duas tábua de pedra como as que ele havia destruído e para voltar para o topo da montanha no dia seguinte. Lá, o Senhor passou diante dele e proclamou seu nome: “Senhor, Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade” ([Êx 34.6](#), ARA). Moisés permaneceu na montanha por mais 40 dias, onde ele recebeu e foram retomadas advertências contra a idolatria e instruções adicionais do Senhor, juntamente com outra cópia dos Dez Mandamentos em tábua de pedra. Quando Moisés desceu da montanha, ele não estava ciente de que a pele de seu rosto brilhava como resultado de falar com Deus. No início, as pessoas estavam com medo de se aproximar dele, mas ele os chamou e repetiu tudo o que o Senhor havia dito a ele na montanha. Depois, ele cobriu seu rosto com um véu, que ele removeu apenas quando entrou na presença do Senhor. Paulo disse que o propósito do véu era impedir que as pessoas vissem a luz celestial gradualmente desaparecer do rosto de Moisés ([2Co 3.13](#)).

O Tabernáculo e Estabelecimento do Sacerdócio

Quando Moisés subiu para a montanha a primeira vez para receber a lei de Deus, ele foi instruído a coletar materiais a serem usados na construção do tabernáculo ou tenda. Ouro, prata, bronze, fios azuis, roxos e vermelhos, linho fino torcido, pelo de cabra, peles de carneiros bronzeadas, peles de cabra e madeira de acácia seriam necessárias, juntamente com óleo para as lâmpadas, especiarias para o óleo da unção e para o incenso perfumado, pedras de ônix e pedras para a arrumação ([Êx 25.3-7](#)). O padrão para construção também foi dado a ele, juntamente com o ritual a ser usado para a consagração dos sacerdotes. Um homem chamado Bezalel foi colocado no comando da construção do tabernáculo, assistido por Aoliabe ([31.1-6](#)). O tabernáculo era portátil como uma tenda para que pudesse ser desmontado e movido de um lugar para outro, enquanto os hebreus continuavam sua jornada em direção a Canaã.

Além de dar instruções a Moisés para o tabernáculo, Deus também o instruiu sobre os sacrifícios que deveriam ser trazidos: a oferta queimada, a oferta de grãos, a oferta pacífica, a oferta pelo pecado e a oferta de culpa ([Lv 1-7](#)). A cerimônia solene para ordenar Arão e seus filhos como sacerdotes e para inaugurar as práticas de adoração deveria ser realizada por Moisés (capítulos [8-9](#)).

Algum tempo após esta inauguração solene do ritual religioso ter ocorrido, Nadabe e Abiú, dois dos quatro filhos de Arão, ofereceram fogo estranho diante do Senhor. Um fogo veio do Senhor e os destruiu. Moisés proibiu Arão e seus filhos Eleazar e Itamar de expressar tristeza por causa da pecaminosidade do ato ([Lv 10.1-7](#)). A natureza de seu pecado é difícil de determinar, mas certamente envolveu uma violação da santidade de Deus. Portanto, é apropriado que uma grande parte do restante do livro de Levítico dê regulamentos que enfatizam a vida santa que Deus esperava de seu povo.

Do Sinai a Cades

Um ano havia se passado desde o tempo que os israelitas deixaram o Egito, até que o censo foi feito ([Nm 9.1](#)). Deus lembrou às pessoas que era hora de observar a Páscoa, o que eles assim fizeram, e um mês depois eles partiram do Sinai e vieram para o deserto de Parâ. Ao longo do caminho, eles se queixaram sobre a dieta invariável do maná e eles ansiavam pelos peixes, pepinos, melões, alho-poró, cebolas e alho que haviam comido no Egito ([11.4-6](#)). Irado, Deus enviou codornas em abundância, mas mesmo enquanto as pessoas estavam devorando a carne, Deus enviou uma grande praga que matou muitos israelitas. A atitude queixosa do povo foi compartilhada até mesmo por Miriã e Arão. Eles começaram a falar contra a mulher cuxita que Moisés havia se casado ([12.1-2](#)). Não é certo se a cuxita era um etíope ou se esta era outra maneira de se referir a Zípora. Se Moisés se casou uma segunda vez, nenhuma menção é feita em outro lugar no AT. Moisés não respondeu às acusações de seu irmão e irmã. Não era necessário, pois Deus interveio em defesa de seu servo. Ele feriu Miriã com lepra por sua participação ao falar contra Moisés, e quando Arão viu o que havia acontecido com Miriã, ele reconheceu que ambos haviam pecado. A lepra de Miriã foi removida em resposta à intercessão fervorosa de Moisés.

Enquanto o povo estava acampado em Cades (também chamado de Cades-Barneia — [Nm 32.8](#))

no deserto de Parâ, Moisés enviou 12 homens para Canaã, um de cada tribo, para espiar a terra em preparação para a entrada israelita. Após 40 dias, os espiões voltaram e, embora reconhecessem que a terra era fértil e convidativa, 10 deles estavam com medo dos habitantes cananeus e aconselharam a não entrar na terra. Apenas Josué e Calebe estavam dispostos a ir em frente e tomar o território. Toda a congregação se juntou para protestar contra seguir adiante e estava determinada a escolher um novo líder e voltar para o Egito, em vez de arriscar a morte pela espada em Canaã. Eles ameaçaram apedrejar Moisés e Arão. Naquele momento, Deus interveio e teria destruído todas as pessoas no local, exceto pela intervenção de Moisés ([13.1-14.19](#)). Ele declarou que, se Deus não trouxesse o povo para Canaã, as nações ao redor concluiriam que o Deus dos israelitas era incapaz de trazê-los para a terra. Mais uma vez, Deus concordou com o pedido de Moisés para perdoar o povo, mas disse que nenhum deles de 20 anos ou mais que havia se queixado contra ele teria permissão para entrar na terra. Todas as pessoas vagariam no deserto por 40 anos até que essa geração morresse, e então seus filhos teriam permissão para entrar em Canaã ([14.29-33](#)). Quando eles ouviram a sentença do Senhor sobre eles, as pessoas rapidamente decidiram suspender a sentença de julgamento entrando na terra de uma só vez, mas Deus não estava com eles, e eles sofreram uma derrota desastrosa nas mãos dos amalequitas e cananeus.

Quarenta anos no deserto

Muito pouco é conhecido sobre eventos durante os 40 anos de peregrinações no deserto. Apesar do julgamento que já havia vindo sobre eles, as pessoas não pareciam mudar seus caminhos. Um homem chamado Corá liderou outra rebelião contra a autoridade de Moisés e Arão. Deus não ouviria os apelos de Moisés e Arão em nome desses dissidentes ([Nm 16.22-24](#)), mas disse à congregação para se separar das tendas de Corá e seus conspiradores. Enquanto as pessoas observavam, o chão se abriu e engoliu as facções rebeldes, juntamente com suas casas e todos os seus bens. Embora o resto dos israelitas tenha testemunhado o destino dos rebeldes, isso não os impedi de se voltarem contra Moisés e Arão. Com isso, Deus disse a Moisés para se retirar da congregação murmurante para que ele pudesse se vingar. Embora Moisés tenha oferecido expiação pelos pecados do povo, 14.700 morreram por pragas antes que a punição fosse encerrada. Para

demonstrar ainda mais ao povo que Moisés era seu líder escolhido, o Senhor instruiu Moisés a tomar varas, uma para cada tribo, e depositá-las na tenda do Testemunho. Deus faria com que a vara do homem, escolhido por ele brotasse, e assim silenciasse os murmúrios do povo. A vara pertencente a Arão germinou, brotou e floresceu, mas as pessoas apenas se queixaram mais.

Enquanto as pessoas se aproximavam do final de seus anos de peregrinação no deserto, Miriã morreu em Cades, e foi enterrada lá ([Nm 20.1](#)). Logo depois, as pessoas começaram a se queixar mais uma vez pela falta de água. Deus instruiu Moisés a falar com uma rocha que traria água para satisfazer as necessidades do povo. Em vez de falar com a rocha, Moisés a golpeou duas vezes com sua vara. A água saiu, mas Deus repreendeu Moisés e Arão: "Visto que não crestes em mim, para me santificardes diante dos filhos de Israel, por isso, não fareis entrar este povo na terra que lhe dei" (v. [12](#), ARA). A natureza do pecado não é clara, mas Moisés e Arão estavam aparentemente tomando para si a honra que pertencia apenas a Deus. Por causa do pecado, a eles fora negado o privilégio de liderar os israelitas para a Terra Prometida. A punição pode parecer muito grave para o pecado, mas mostra que o papel privilegiado da liderança dado a Moisés e Arão carregava consigo uma medida incomum de responsabilidade.

As pessoas, então, viajaram de Cades para o Monte Hor, na fronteira da terra de Edom, onde Arão morreu. Moisés tomou as roupas sacerdotais dele e as deu a Eleazar, seu filho, transferindo assim o ofício sacerdotal ([Nm 20.28](#)).

À medida que as pessoas se aproximavam de seu destino, a resistência da parte da população nativa aumentava. Houve uma batalha com o rei de Arade e suas forças em Horma, resultando em uma vitória de Israel ([Nm 21.1-3](#)). Enquanto viajavam ao redor de Edom, alguns dos israelitas começaram a falar contra Deus e Moisés porque não havia comida ou água e eles estavam cansados de comer maná. Desta vez, o Senhor enviou serpentes venenosas entre o povo, e muitos deles morreram devido às picadas venenosas. Aqueles que ainda não haviam sido mordidos vieram a Moisés, reconheceram seu pecado, e pediram que as serpentes fossem removidas dentre eles. Deus instruiu Moisés a fazer uma serpente de bronze e a colocou em um poste. Se uma pessoa mordida por uma serpente olhasse para a serpente de bronze, ele ou ela viveria.

Quando os israelitas se aproximaram do território de Seom, rei dos amoreus, eles enviaram

mensageiros pedindo permissão para passar pacificamente por sua terra. Em vez de conceder o pedido, Seom reuniu seu exército e lutou contra Israel. Ele foi morto na batalha, e suas terras e cidades foram tomadas e habitadas pelos Hebreus ([Nm 21.21-25](#)).

Chegada ao rio Jordão

Após sua vitória sobre Seom, os israelitas partiram novamente e acamparam nas planícies de Moabe no lado leste do rio Jordão, de frente para Jericó, em vista completa da Terra Prometida. Os moabitas estavam aterrorizados com a presença dessas pessoas porque eles haviam ouvido o que aconteceu com os amoreus. Seu rei, Balaque, contratou um mago chamado Balaão para amaldiçoar os israelitas. Três vezes Balaão tentou amaldiçoá-los, mas em cada oportunidade Deus transformava suas palavras em uma bênção ([Nm 22-24](#)). Embora incapaz de amaldiçoar os israelitas, Balaão foi responsável por uma calamidade ainda maior. Ele aconselhou os moabitas a atrair os israelitas a se sacrificar aos seus deuses e a se prostrar diante deles ([Nm 25.1-3](#); [2Pe 2.15](#); [Ap 2.14](#)). Enquanto as pessoas estavam adorando a divindade moabita, Baal-Peor, a ira de Deus se acendeu contra eles, e ele enviou uma praga que matou 24.000 deles ([Nm 25.9](#)). Foi o primeiro encontro de Israel com a sedução da idolatria licenciosa e uma visão ameaçadora do que aconteceria depois que eles se estabelecessem em Canaã. Sua atração contínua pela idolatria seria sua ruína final.

Após a praga, Deus instruiu Moisés e Eleazar a fazer outro censo do povo, como foi feito quase 40 anos atrás. Uma geração inteira de israelitas havia morrido no deserto, mas eles haviam sido substituídos por um número quase igual, de modo que agora havia 601.730 homens de 20 anos ou mais que tinham capacidade de ir para a guerra ([Nm 26.51](#)). Nenhum homem permaneceu daqueles que haviam sido contados no primeiro censo, exceto Calebe e Josué.

O Senhor instruiu Moisés a impor as mãos sobre Josué e comissioná-lo como o novo líder aos olhos de Eleazar, o sacerdote, e toda a congregação ([Nm 27.12-23](#)). Além disso, o Senhor deu instruções a Moisés sobre festas, ofertas e votos (caps. [28-30](#)). Deus ordenou a Moisés, em seu último ato como líder, para vingar os israelitas sobre os midianitas. Nessa batalha, os exércitos de Israel ganharam uma grande vitória sobre os midianitas, matando seus reis, seus homens e também Balaão.

O Senhor deu instruções a Moisés sobre as fronteiras que marcariam a Terra Prometida e nomeou os homens que dividiriam a terra entre as tribos ([Nm 34](#)). Ele também ordenou que 48 cidades fossem dadas aos levitas, a tribo sacerdotal, como sua porção. Seis dessas foram designadas como cidades de refúgio onde os assassinos poderiam fugir para que não fossem mortos por aqueles que buscam vingança sem ter uma oportunidade de se apresentar diante da congregação para julgamento (cap. [35](#)).

Morte de Moisés

O livro de Deuteronômio tem sido, muitas vezes, chamado de discurso de Moisés ao povo, pois nele Moisés não é meramente o principal orador, mas o único orador. Com a congregação de seu povo reunida diante dele, ele ensaiou tudo o que Deus havia feito por eles desde que deixaram o Sinai, e ele os lembrou de seu fracasso em entrar na Terra Prometida 38 anos atrás ([Dt 2.14](#)). Ele lembrou seu apelo de que Deus o deixaria atravessar o Jordão e ver a terra que deveria ser a casa do povo, mas Deus respondeu que Moisés teria permissão apenas de ver a terra do topo de Pisga. Moisés exortou o povo, por conseguinte, a obedecer aos estatutos e ordenanças que haviam sido dados a eles para experimentar as bênçãos de Deus na terra.

Quando o dia da morte de Moisés se aproximava, o Senhor ordenou Moisés e Josué a se apresentarem na tenda da congregação para que Josué fosse comissionado como o novo líder ([Dt 31.14-23](#)). Antes de sua morte, Moisés pronunciou uma bênção sobre todos os israelitas (capítulo [33](#)). Tendo concluído essas tarefas, Moisés subiu das planícies de Moabe para o Monte Nebo, e para o topo de Pisga. De lá, Deus lhe mostrou a terra prometida há muito tempo para Abraão, Isaque e Jacó — a terra que logo seria a casa das tribos israelitas errantes. Novamente, Deus lhe disse que ele não teria permissão para atravessar o Jordão. Moisés morreu lá e Deus o enterrou em algum lugar no vale na terra de Moabe em frente a Bete-Peor ([34.6](#)). Moisés tinha 120 anos quando morreu, e os israelitas lamentaram sua morte por 30 dias. O melhor tributo a Moisés é encontrado nas palavras finais do livro de Deuteronômio: “Nunca houve outro profeta como Moisés, a quem o Senhor conhecia face a face” (v. [10](#)).

Moisés no Novo Testamento

Todos os judeus e cristãos nos tempos apostólicos consideravam Moisés o autor do Pentateuco. Tais expressões como “a lei de Moisés” ([Lc 2.22](#)), “Moisés ordenou” ([Mt 19.7](#)), “Moisés disse” ([Mc 7.10](#)) e “Moisés escreveu” ([12.19](#)) mostra que seu nome era sinônimo dos livros do AT atribuídos a ele. Ele é mencionado no NT mais do que qualquer outra figura do AT, um total de 79 vezes. Seu papel como legislador é enfatizado mais do que qualquer outro aspecto de sua vida ([Mt 8.4](#); [Mc 7.10](#); [Jo 1.17](#); [Atos 15.1](#)). Ele aparece na transfiguração de Jesus como o representante da lei do AT, juntamente com Elias como o representante dos profetas do AT ([Mt 17.1-3](#)).

O papel de Moisés como profeta também é mencionado no NT. Como profeta, ele falou da vinda do Messias e seus sofrimentos ([Lc 24.25-27](#); [Atos 3.22](#)). O NT também se baseia na vida e experiências de Moisés para mostrar padrões de vida sob a nova aliança. A história da natividade de Jesus é paralela à história mosaica do libertador infantil sendo resgatado dos planos malignos de um despota terreno ([Mt 2.13-18](#)). A proclamação de Jesus de uma nova lei em seu Sermão do Monte é paralela à entrega da lei no Sinai ([Mt 5-7](#)) e apresenta Jesus como o intérprete competente acerca da vontade de Deus. O contraste entre a antiga lei e o novo relacionamento com Deus é especialmente destacado no livro de Gálatas. A comparação de Moisés com Cristo é uma ênfase importante do livro de Hebreus ([Hb 3.5-6; 9.11-22](#)). João contrastou a lei que foi dada através de Moisés com a graça e a verdade que vieram através de Jesus Cristo ([Jo 1.17](#)). Ele também contrastou o maná no deserto a Jesus como “o pão da vida” ([6.30-35](#)).

Outras referências a Moisés ou a eventos associados a ele incluem seu nascimento ([Atos 7.20](#); [Hb 11.23](#)), a sarça ardente ([Lc 20.37](#)), os magos do Egito ([2Tm 3.8](#)), a Páscoa ([Hb 11.28](#)), o êxodo ([3.16](#)), a travessia do mar ([1Co 10.2](#)), o sacrifício da aliança no Sinai ([Mt 26.28](#)), o maná ([1Co 10.3](#)), a glória no rosto de Moisés ([2Co 3.7-18](#)), a água da rocha ([1Co 10.4](#)), a serpente de bronze ([Jo 3.14](#)) e o cântico de Moisés ([Ap 15.3](#)).

Veja também Egito, Egípcio; Éxodo, O; Israel, História de; Pragas sobre o Egito; Sacerdotes e Levitas; Tabernáculo; Templo; Mandamentos, Os Dez; Peregrinações no Deserto.

Moisés, Cadeira de

Uma frase que aparece apenas em [Mateus 23.2](#). Lá, Jesus fala sobre os escribas e fariseus que se sentam na cadeira de Moisés.

Nos tempos bíblicos, o lugar onde alguém se sentava muitas vezes indicava o seu grau de importância ([Mt 23.6](#)). Sentar-se na “cadeira de Moisés” significava ocupar uma posição respeitada e ter autoridade para explicar as leis de Moisés.

Os escribas eram vistos como continuadores da autoridade de Moisés. As pessoas os procuravam para que explicassem o que Moisés ensinou.

Em [Mateus 23.2](#), Jesus não parece questionar o direito deles. Ele diz às pessoas para seguirem o que os escribas e fariseus dizem quando ensinam corretamente as leis de Moisés. Mas Jesus adverte as pessoas a não imitarem o que esses mestres fazem, porque os escribas e fariseus não praticam o que pregam.

Em outros momentos, Jesus falou contra as tradições dos escribas e fariseus que não estavam de acordo com as leis de Moisés ([Mt 15.3-6; 23.4,16-22](#)).

Moisés, Lei de

A Lei de Moisés refere-se às regras religiosas, morais e sociais que Deus deu ao povo israelita por meio de Moisés. Essas leis podem ser encontradas em vários livros do Antigo Testamento: Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

A Lei de Moisés abrangia muitos aspectos da vida dos antigos israelitas. Incluía:

76. Os Dez Mandamentos, uma lista de dez instruções para viver e adorar a Deus ([Êx 20.1-17](#)).
77. Instruções sobre cerimônias religiosas e sacrifícios, incluindo como adorar a Deus e buscar perdão pelos pecados ([Lv 1-7](#)).
78. Regras para a vida diária, incluindo diretrizes sobre alimentação, limpeza, relacionamentos e transações comerciais ([Lv 11-15; 19](#)).
79. Diretrizes morais sobre como tratar os outros e viver honestamente ([Lv 19](#)).

80. Leis para líderes comunitários, incluindo instruções para sacerdotes, juízes e outros líderes ([Dt 16-18](#)).

A Lei ajudou os israelitas a entender como viver como o povo de Deus. Ela lhes mostrava o que era certo e o que era errado, e como corrigir as coisas quando falhavam. Jesus mais tarde disse que veio não para acabar com a Lei, mas para cumpri-la ([Mt 5.17](#)).

Veja Aliança; Deuteronômio, Livro de; Êxodo, Livro de; Levítico, Livro de; Moisés.

Moisés, Livros de

Veja Deuteronômio, Livro de; Êxodo, Livro de; Gênesis, Livro de; Levítico, Livro de; Moisés; Números, Livro de; Pentateuco.

Molada

Uma das cidades pertencentes à tribo de Judá ([Is 15.26](#)), posteriormente atribuída a Simeão ([Js 19.2; 1Cr 4.28](#)). O povo de Judá reassentou essa área após o exílio ([Ne 11.26](#)).

Alguns consideram Molada idêntica a Malata, que se tornou uma fortaleza idumeia ocupada pelos edomitas (*Antiguidades* de Josefo 18.6.2). Outros a localizam perto de Jatir, na moderna Khureibet el-Waten, como fazem Jerônimo e Eusébio. No entanto, as evidências são muito obscuras para uma identificação precisa.

Moleque

Moleque era um deus adorado pelo povo amonita. As pessoas que adoravam Moleque sacrificavam humanos para ele ([Lv 18.21; Jr 32.35](#)). Moleque também é conhecido como Moloque ou Milcom.

Veja Milcom.

Molide

Filho de Abisur e Abigail, da tribo de Judá ([1Cr 2.29](#)).

Moloque

Outra grafia de Moleque, um deus amonita ([At 7.43](#)).

Veja Milcom.

Monoteísmo

A crença de que existe apenas um Deus. É diferente de:

- Politeísmo (a crença em mais de um deus);
- Henoteísmo (a adoração de um deus entre muitos deuses);
- Ateísmo (a negação de qualquer deus).

As principais religiões monoteístas são o Judaísmo, o Cristianismo e o Islã.

O que o monoteísmo diz sobre Deus?

Se há apenas um Deus, esse Deus deve ser pessoal, soberano, infinito, eterno, perfeito e Todo-poderoso. As Escrituras descrevem Deus dessa maneira. A revelação bíblica é a única maneira de sabermos claramente quem Deus é e como ele é:

81. Deus é **distinto** do mundo (ao contrário do panteísmo, a crença de que deus é o universo). Ele é o único Criador e sustentador do universo;
82. Ele está além de sua criação (**transcendente**);
83. Ele entra no tempo e nos assuntos humanos (**imamente**).

O monoteísmo é conhecido através de:

- Eventos históricos: “O Deus que age” afeta a história para salvar a raça humana;
- Comunicação verbal: “O Deus que fala” comunica-se através dos profetas para ensinar e ajudar seus seguidores.

O monoteísmo permite uma relação direta entre Deus e os humanos. O Novo Testamento mostra que isso aconteceu por causa de Jesus Cristo.

O que a Bíblia diz sobre o monoteísmo?

A Bíblia ensina que os humanos eram originalmente monoteístas. Isso é confirmado através de [Gênesis 1-3](#). O politeísmo foi um resultado do pecado. O politeísmo existia na época de Abraão. Deus chamou Abraão para deixar Ur dos Caldeus e viajar para Canaã, a terra que Deus havia prometido a ele e a seus filhos. Isso resultou em uma rejeição do politeísmo de sua família ([Gênesis 11.31-12.9](#)).

Quando Abraão chegou em Canaã, as pessoas na terra eram politeístas. Cada cultura na Palestina tinha muitos deuses ([Gênesis 31.3-35](#); [Juízes 11.24](#); [1 Samuel 5.2-5](#); [1 Reis 11.33](#)). Os descendentes de Abraão frequentemente se desviavam de Deus e adoravam os deuses dos cananeus. Eles também misturavam práticas pagãs com sua adoração a Deus ([Gênesis 35.2-4](#); compare [Josué 24.2](#); [1 Reis 16.30-33](#)).

O papel dos profetas era chamar os israelitas de volta ao monoteísmo, adorando “o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó” ([Êxodo 3.6.15-16](#); compare [1 Reis 18.17-18](#)). Os israelitas precisavam ser lembrados de seu monoteísmo por causa das crenças politeístas de seus vizinhos. Até mesmo Davi precisava dessas lembranças ([1 Samuel 26.19](#)), assim como Salomão ([1 Reis 11.1-7](#)) e reis posteriores ([12.28-32](#); [2 Reis 10.31; 22.17](#)).

Os primeiros profetas não argumentaram a favor do monoteísmo. Em vez disso, eles rejeitaram os deuses pagãos ([1 Reis 18.24](#)). Os profetas do oitavo século a.C. afirmaram a importância do monoteísmo em resposta ao persistente politeísmo. O exílio curou os israelitas de sua tentação ao politeísmo. Seus inimigos destruíram seus ídolos e mostraram que eram impotentes ([Salmo 115](#); [Isaías 46](#)). Então, Israel aprendeu que somente Deus poderia ajudá-los quando precisassem dele. Ele é o verdadeiro e vivo Deus que pode salvar seu povo quando eles se arrependem e obedecem a ele.

Veja também Deus, Ser e atributos de.

Monstro

Termo que designa várias criaturas da água. *Veja Animais (Crocodilo; Dragão).*

Montanha dos amorreus

A região montanhosa central entre as planícies de Filístia, Sarom e Fenícia a oeste e o vale do Jordão a leste. Enquanto algumas versões em português usam "montanha" (ARC), a maioria das traduções modernas usa "região montanhosa". A frase não se refere a uma única montanha, mas identifica uma cadeia que se estende de norte a sul através de Judá e Efraim ([Dt 1.7,19-20](#)).

Monte da assembleia

Veja Congregação, Monte de.

Monte da congregação

Veja Congregação, Monte da.

Monte das bem-aventuranças

Local onde Jesus proferiu o Sermão da Montanha.

Veja Bem-aventuranças, As.

Monte das Oliveiras

Veja Oliveiras, Monte das.

Monte de Destruição

Veja Destruição, Monte de.

Monte dos amalequitas

Veja Amalequitas, Região montanhosa (Monte) dos.

Monte dos amorreus

Veja Amorreus, Região montanhosa (Monte) dos.

Monte Ebal

O Monte Ebal é uma montanha na região central montanhosa de Israel. Possui 914 metros de altura.

Na Bíblia, o Monte Ebal é frequentemente mencionado junto com o Monte Gerizim ([Dt 11.29; 27.13; Js 8.33](#)). O significado do seu nome é incerto. É improvável que se refira a um filho de Sobal, mesmo que a grafia do seu nome e a da montanha sejam as mesmas ([Gn 36.23; 1Cr 1.40](#)). Compare [1 Crônicas 1.22](#), onde "Ebal" é uma variante da grafia "Obal" ([Gn 10.28](#)).

Antes de entrar na terra prometida, Deus disse a Moisés que as tribos de Israel deveriam se reunir nas montanhas gêmeas Ebal e Gerizim. Nessas duas montanhas, o povo recitou as maldições e bênçãos de [Deuterônomo 27-28](#). De acordo com [Deuterônomo 27.12](#), seis tribos de Israel deveriam ficar em Gerizim e proclamar as bênçãos. Essas tribos eram Simeão, Levi, Judá, Issacar, José e Benjamim. "José" aqui se refere às tribos de Efraim e Manassés, que estavam em seu território. As outras seis tribos eram Rúben, Gade, Aser, Zebulom, Dã e Naftali, que deveriam proclamar as maldições do Monte Ebal. O Monte Ebal está no lado norte do vale que corre entre essas duas montanhas. É notável que as tribos que ficaram no Monte Ebal eram principalmente das partes do norte de Israel.

Josué seguiu as instruções de Deus de duas maneiras no Monte Ebal. Ele reuniu as tribos lá para proclamar as bênçãos e maldições ([Js 8.33](#)). Ele também construiu um altar lá usando pedras não cortadas ([Js 8.30](#)), conforme Moisés havia ordenado ao povo ([Dt 27.4](#)).

Monte Gaás

Veja Gaás.

Monte Gerizim

Veja Gerizim, Monte.

Monte Gilboa

O Monte Gilboa é uma montanha no norte de Israel. Está localizado no lado leste da planície de Esdrelão. Esta planície fica entre a Galileia ao norte e Samaria ao sul. Hoje, as pessoas a chamam de Jebel Fuqu'ah.

O Monte Gilboa se eleva a cerca de 518 metros acima do nível do mar. É composto de calcário e foi

moldado pelo vento e pela chuva ao longo do tempo.

Muitas batalhas aconteceram perto do Monte Gilboa. Uma das primeiras batalhas ocorreu durante o tempo da juíza Débora. Ela e Baraque derrotaram o exército de Sísera. Chuvas fortes fizeram o rio Quisom, que fica próximo, transbordar, o que os ajudou a vencer a batalha ([Iz 5.21](#)). O rio Quisom começa na área ao redor de Gilboa.

Mais tarde, Gideão pode ter montado seu acampamento nesta área antes de lutar contra os midianitas ([6.33](#)).

A Bíblia menciona o Monte Gilboa ao relatar a última batalha do rei Saul. Os filisteus lutaram contra Israel, e os filhos de Saul morreram na batalha. Depois disso, Saul tirou a própria vida ([1Sm 31.1-8](#); [2Sm 1.6-21](#); [21.12](#); [1Cr 10.1,8](#)).

Veja também Saul #2.

Monte Hermom

Veja Hermom, Monte.

Monte Hor

Veja Hor, Monte.

Monte Horebe

Veja Sina, Sinai.

Monte Nebo

O nome de uma alta montanha no lado leste do rio Jordão, oposta à cidade de Jericó. Os israelitas acamparam perto dela na última etapa de sua jornada para a terra prometida ([Dt 32.49](#)). A montanha agora identificada como Nebo tem dois picos. O nome no Antigo Testamento para o pico de Nebo é "Pisga" ([34.1](#)). Deste lugar elevado, Moisés viu a terra que Deus havia prometido dar a Israel (versículos [1-5](#)).

Monte Nebo

Veja Nebo, Monte.

Monte Pisga

Uma montanha localizada na extremidade nordeste do Mar Morto, perto da antiga cidade de Jericó. O rei Balaque levou o adivinho Balaão ao topo de Pisga ([Nm 23.14](#)). Deus disse a Moisés para ir ao seu cume para ver a terra prometida ([Dt 3.27](#)). Mais tarde, Moisés voltou ao topo de Pisga para morrer ([34.1](#)).

As encostas de Pisga fazem fronteira com o Mar Morto, também conhecido como o Mar da Arabá ([Dt 3.17](#); [4.49](#); [Js 12.3](#); [13.20](#)). A ARC se refere a essas encostas como "Asdote-Pisga". Muitos estudiosos identificam o Monte Pisga com o moderno Ras es-Siyaghah, ao norte do Monte Nebo.

Veja também Monte Nebo.

Monte Sefer

Um local de acampamento temporário para os israelitas durante suas peregrinações no deserto. O monte Sefer (ou, Séfer) estava localizado entre Queelata e Harada ([Nm 33.23-24](#)).

Veja também Peregrinações no deserto.

Monte Sinai

Veja Sina, Sinai.

Monte Tabor

Veja Tabor, Monte.

Monte, montanha

Uma área elevada de terra. Em Israel e nos países próximos, as pessoas consideravam as montanhas como locais para encontrar Deus. Muitos eventos importantes na religião de Israel aconteceram no monte Sinai ou Horebe (veja [Êx 3.1-4](#); [16](#); [19-23](#); [1Rs 19.8-18](#)).

O monte Sião tornou-se quase tão importante quando Davi era rei ([Sl 50.2](#); [Js 2.2-4](#)).

Os vizinhos de Israel às vezes pensavam que as montanhas eram lugares mágicos onde seus deuses viviam. Mas os israelitas sabiam que seu Deus vivia

no céu. Ele só descia à montanha em momentos especiais ([Ex 19](#); compare [1Rs 8.27](#)).

No Novo Testamento, Jesus realizou muitas ações nas montanhas:

- 84.** Ele ensinou lá ([Mt 5.1](#));
- 85.** Ele se retirou para orar lá ([Lc 6.12](#));
- 86.** Ele foi transfigurado em uma montanha ([Lc 9.28-36](#)).

Morastita

Designação da versão ARA para o profeta Miqueias, tirada do nome da cidade de Moresete ([Jr 26.18](#); [Mq 1.1](#)). Veja Miqueias (Pessoa) #7.

Morcego

Um mamífero voador parecido com um rato, com corpo peludo e asas.

De acordo com definições modernas, os morcegos são mamíferos voadores. Eles têm pelos e produzem leite para seus filhotes. No entanto, a Bíblia os agrupa com outros animais voadores, como as aves. O morcego está incluído nas duas listas de aves impuras ([Lv 11.19](#); [Dt 14.18](#)).

Morcegos vivem em cavernas, fendas, buracos em árvores, edifícios e até mesmo em locais abertos nas árvores. Em áreas mais frias, eles dormem por longos períodos (hibernam) ou viajam para outros lugares. A posição normal de descanso para um morcego é pendurado de cabeça para baixo. Quando os morcegos voam, parece que estão nadando pelo ar porque se movem com as pernas, assim como com as asas.

O polegar do morcego é livre e termina em uma única garra em forma de gancho, sendo usado para escalar e se pendurar. Os pés traseiros possuem cinco dedos, todos voltados na mesma direção. O grande peito acomoda os músculos necessários para o voo. Sua audição é bem desenvolvida. Os morcegos utilizam o som para enxergar, um processo chamado de "localização por eco".

A maioria dos morcegos se alimenta de insetos, capturando-os em voo. Alguns morcegos que comem insetos também consomem frutas. No entanto, outros morcegos comem apenas frutas e plantas, geralmente em grupos. Os morcegos frugívoros vivem principalmente em áreas

tropicais, onde as frutas estão sempre maduras. Alguns, porém, são encontrados na Terra Santa. Esses morcegos são tipicamente maiores do que os que comem insetos, com envergaduras que chegam a um metro e meio.

Um terceiro grupo inclui morcegos que se alimentam de flores, consumindo pólen e néctar. Esses pequenos morcegos têm cabeças longas e pontudas, além de línguas compridas. Eles são encontrados apenas em regiões tropicais e semitropicais. Três espécies de morcegos-vampiros, que não ocorrem na Terra Santa, se alimentam de sangue fazendo um pequeno corte e lambendo-o. Morcegos carnívoros caçam pássaros, lagartos e sapos. Morcegos que comem peixe capturam peixes na superfície ou perto da superfície da água.

Oito tipos de morcegos vivem na Terra Santa. Um deles, o pequeno morcego marrom (gênero *Myotis*), é encontrado em todo o mundo, nos locais mais diversos depois dos humanos. Ele se alimenta de insetos. Os morcegos marrons vivem principalmente em cavernas. As fêmeas formam colônias de maternidade que podem chegar a dezenas de milhares.

Duas espécies de morcegos de cauda de rato (gênero *Rhinopoma*) vivem na Terra Santa. Suas caudas são quase tão longas quanto a cabeça e o corpo juntos. Eles vivem em colônias em cavernas, fendas de rochas, poços, pirâmides, palácios e casas. Assim como o morcego marrom, eles se alimentam de insetos. Os morcegos de focinho fendido ou oco (gênero *Nycteris*) também vivem na Terra Santa. Eles são insetívoros e vivem em grupos de seis a 20.

Os morcegos em Israel e Palestina variam em tamanho, desde o de um camundongo até o de um rato. A maior espécie tem uma envergadura de mais de 51 centímetros. Os morcegos eram considerados ritualmente impuros para os judeus e não deviam ser consumidos ([Lv 11.19](#); [Dt 14.18](#)).

Mordomo

Tradução de uma palavra hebraica que significa "copeiro" ou "provador de vinho" em [Gênesis 40](#) e [41](#). Veja Copeiro.

Moré, Carvalho de

O primeiro local registrado onde Abraão parou ao entrar na Palestina após deixar a Mesopotâmia. Aqui ele construiu um altar para Deus ([Gn 12.6](#)). Mais tarde, Moisés mencionou este lugar como um marco geográfico para identificar a localização do Monte Gerizim e do Monte Ebal ([Dt 11.30](#)). A versão NTLH lê "árvore sagrada" de Moré. O carvalho de Moré estava localizado perto de Siquém.

Moré, Monte de

Monte próximo ao vale de Jezreel, perto do qual os midianitas acamparam quando foram atacados por Gideão ([Jz 7.1](#)). Provavelmente foi chamada por esse nome porque era o local de um santuário onde se praticava adivinhação. Seu nome pode implicar instrução ou adivinhação. Geralmente é identificada com Jebel Nabi Dahi, do outro lado do vale do Monte Gilboa.

Moresete

Cidade natal de Miquéias ([Ir 26.18](#); [Mq 1.1](#)). Veja Miquéias (Pessoa) #7.

Moresete-Gate

Cidade na região baixa de Judá incluída no lamento de Miquéias ([Mq 1.14](#)); possivelmente a mesma que Moresete, a cidade natal de Miquéias. O "gate" em Moresete-Gate sugere que a cidade estava próxima da importante cidade filisteia com esse nome. Sua localização exata é incerta. Jerônimo (um pai da igreja do quarto século d.C.) sugeriu que Moresete-Gate estava situada a uma curta distância a leste de Eleuterópolis, identificada com a moderna Khirbet el-Basel. Outro local possível é Tell ej-Judeideh, cerca de 10 quilômetros ao sudeste de Gate.

Moriá

Nome usado duas vezes no AT. Abraão foi enviado para sacrificar seu filho Isaque na "terra de Moriá" ([Gn 22.2](#)). Porque na narrativa é dito que o carneiro foi "provado" no lugar de Isaque quando Deus "apareceu" a Abraão, foi sugerido que a forma do

nome "Moriá" pode estar conectada com isso. (O verbo hebraico *ra'ah* pode ter os significados "ver", "prover" e "aparecer", e o sufixo *-iah* é a forma abreviada do nome do Senhor que é encontrado em muitos nomes hebraicos).

Em [2 Crônicas 3.1](#), o Monte Moriá é o local do Templo de Salomão, especificamente identificado com a eira de Ornã, o jebuseu (cf. [2Sm 24](#); [1Cr 21](#)), mas não explicitamente com o local do sacrifício de Abraão. Alguns, no entanto, veem na descrição da aparição do Senhor a Davi uma lembrança de sua aparição a Abraão ali. O historiador judeu Josefo (*Antiguidades* 1.13.2; 7.13.4) claramente conecta o local do Templo com o local onde Isaque foi oferecido, assim como o livro de Jubileus do segundo século a.C. (Jubileus 18.13). A tradição samaritana ligava Moriá ao Monte Gerizim. A tradição muçulmana conecta o Domo da Rocha, que hoje se ergue no local do Templo de Jerusalém, com o sacrifício de Isaque por Abraão na Grande rocha sob a cúpula da mesquita.

Morte

Cessação da vida (morte física) ou separação de Deus (morte espiritual).

Visão do Antigo Testamento

No AT, a morte era entendida como o fim natural da vida. O objetivo de um israelita era viver uma vida longa e plena, produzir muitos descendentes e morrer em paz com os filhos e netos reunidos. O AT contém muitos protestos contra uma morte precoce (p. ex., a de Ezequias, [2Rs 20.1-11](#)). Uma morte prematura pode parecer o resultado do julgamento de Deus; portanto, Jó viu a necessidade de vindicar seu caráter antes da morte ([Jó 19.25-26](#)). Apenas em [Eclesiastes 3.19-20](#) um pessimismo absoluto é expresso diante da morte — e esse livro provavelmente demonstra considerável influência não hebraica.

A morte, embora um fim natural para a vida, nunca foi vista como agradável. A morte retira alguém da comunidade humana, bem como da presença e serviço de Deus. Deus pode oferecer conforto diante da morte ([Sl 73.23-28](#)), mas ele é raramente retratado como presente com os mortos, e isso ocorre apenas na literatura bíblica posterior ([Sl 139.8](#)). Por essa razão, a morte nunca era vista como o limiar para uma vida melhor.

O relacionamento do pecado com a morte é visto na pena de morte na lei de Moisés. Um grave ofensor deveria ser posto à morte. A frase punitiva “ele será cortado” implicava que, embora a nação tenha continuado a viver, o criminoso seria separado dela pela morte. Os israelitas foram advertidos de que desobedecer aos mandamentos de Deus poderia trazer a morte prematura como uma consequência do rompimento da comunhão com Deus ([Dt 30.15-20; Jr 21.8; Ez 18.21-32](#)).

No período intertestamentário, à medida que as ideias judaicas de vida após a morte e ressurreição se desenvolviam mais explicitamente, o mesmo acontecia com o pensamento judaico sobre a morte. A própria morte, não apenas uma morte prematura, veio a ser vista como um resultado maligno do pecado ([2Ed 3.7; Eclo 25.24](#)). Às vezes, toda morte é retratada como o resultado do “primeiro pecado” (a desobediência de Adão e Eva). Em outras referências, todos morrem como resultado de seu próprio pecado. A primeira indicação clara nas Escrituras de uma ressurreição dos mortos e um julgamento final, ou punição, ocorre no livro de Daniel ([Dn 12.2](#)), um dos últimos livros do AT a ser escrito. Esse ensino é ecoado ao longo do período intertestamentário ([2Ed 7.31-44](#)). Durante esse período, acreditava-se que a alma sobrevivia à morte ou de alguma forma imortal (Sabedoria de Salomão 3.4; 4.1; 4 Macabeus 16.13; 17.12) ou aguardando a ressurreição (1 Enoque 102). Alguns desses escritos extrabíblicos incorporaram ideias gregas de que o corpo era um fardo que deveria ser descartado — uma noção estranha ao pensamento hebraico.

O conceito de ressurreição e uma vida redimida da morte, no entanto, definiram o cenário para a revelação do NT concentrando-se na ressurreição de Cristo e sua conquista da morte.

Visão do Novo Testamento

No NT, a morte é vista mais como um problema teológico do que como um evento pessoal. A morte vai além do simples fim da vida física, algo que os autores aceitam quase sem dificuldades. A morte é vista como afetando todas as partes da vida de uma pessoa. Só Deus é imortal, a fonte de toda a vida no mundo ([Rm 4.17; 1Tm 6.16](#)). Os seres humanos podem viver somente conforme estão devidamente conectados à vida de Deus. Mas tem sido antinatural que as pessoas estejam em comunhão pessoal com a fonte divina da vida, uma vez que o pecado foi introduzido no mundo ([Rm 5.12,17-18](#);

[1Co 15.22](#)). Quando Adão se separou de Deus, essa separação trouxe a morte. Cada ser humano seguiu os passos de Adão ([Rm 3.23; 5.12](#)), trazendo a morte para todos como o resultado absolutamente necessário ([Rm 6.23; Hb 9.27](#)). A morte, então, não é meramente algo que acontece com as pessoas no final de suas vidas; é também o modo de viver de suas vidas separadas da comunhão com Deus.

A extensão do domínio da morte é vasta. Afeta todos os aspectos da cultura. Toda a vida humana é vivida sob a sombra do medo da morte ([Rm 8.15; Hb 2.15](#)). A morte reina sobre tudo o que é “da carne” ([Rm 8.6](#)). Qualquer um que não vive em relacionamento com Cristo vive em um estado de morte ([Jo 3.16-18; 1Jo 5.12](#)). O diabo, que governa o mundo, é o senhor da morte ([Hb 2.14](#)). A morte é frequentemente personificada como um poder demoníaco geral no mundo, mas finalmente dominado pelo próprio Cristo, o único que poderia dominá-la ([1Co 15.26-27; Ap 6.8; 20.13-14](#)).

Cristo morreu, foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia ([Rm 4.25; 1Co 15.3-4; 1Ts 4.14](#)). Através desse evento histórico, o poder da morte foi quebrado. O NT expressa de várias maneiras a sujeição de Cristo à morte como o pagamento pelo pecado. Ele se tornou obediente até a morte ([Fp 2.8](#)); ele morreu como um sacrifício pelos pecados de todos ([1Co 5.7; 2Co 5.15](#)); e ele desceu para o Hades, o lugar dos mortos ([1Pe 3.18-19](#)). O ponto principal de todas essas passagens é que ele não permaneceu morto, mas derrotou o diabo, tomou o poder (chaves) da morte e ascendeu em vitória ([Hb 2.14-15; Ap 1.17-18](#)). Jesus Cristo trabalhou não para seu próprio benefício, mas para aqueles que se comprometem a ele ([Mc 10.45; Rm 5.6-8; 1Ts 5.9-10](#)). Ao aceitar uma morte que ele não merecia, Cristo quebrou o poder da morte para seus seguidores.

O cristão é assim libertado de “este corpo de morte” ([Rm 7.24](#)) pelo poder de Cristo. A salvação vem através de ser batizado na morte de Cristo ([6.3-4](#)), e “morrer com Cristo” para o mundo e a lei ([Rm 7.6; Gl 6.14; Cl 2.20](#)). Ou seja, a morte de Cristo é contada por Deus como a morte do crente. O pecado do mundo rebelde ([Rm 6.6](#)) e a autoidolatria (viver para si mesmo, [2Co 5.14-15](#)) se tornam coisas do passado. A morte de Jesus por seu povo é o meio pelo qual sua vida é dada a eles ([4.10](#)). O resultado é que os crentes agora estão separados do mundo assim como eles foram separados de Deus. Do ponto de vista do mundo, eles estão mortos; Cristo é a única vida deles ([Cl 3.3](#)).

O apóstolo João expressou isso de forma um pouco diferente. Jesus veio ao mundo para dar vida aos mortos ([Jo 5.24](#)). Esse "dar vida" não acontecerá na ressurreição; já está acontecendo. Todos os que se comprometem com Jesus passam imediatamente da morte para a vida. Ou, em outras palavras, aqueles que guardam (obedecem) suas palavras nunca verão a morte ([8.51-52](#)). O ponto é que todos os que estão fora de Cristo já estão mortos, e aqueles que confiam em Cristo já estão desfrutando a vida. A diferença radical entre o cristão e o não cristão é uma diferença entre vida e morte.

Naturalmente, os escritores do NT sabiam que os cristãos morrem; seu problema era encontrar palavras para explicar a diferença da morte não cristã. Diz-se que os crentes que morrem fisicamente estão "mortos em Cristo" ([1Ts 4.16](#)). Ou eles não estão mortos, mas meramente "dormindo" ([1Co 15.6,18,20,51](#); [1Ts 4.13-15](#); cf. as palavras de Jesus, [Jo 11.11-14](#)). Embora seus corpos estejam mortos, os crentes falecidos não estão separados de Cristo; isto é, eles não estão realmente mortos. Todos os poderes da morte e do inferno não podem separar os crentes de Cristo ([Rm 8.38-39](#)). Para eles, a morte não é uma perda, mas um ganho; isso os leva para mais perto de Cristo ([2Co 5.1-10](#); [Fp 1.20-21](#)). Ademais, os crentes também compartilharão da vitória de Cristo sobre a morte física. Porque ele é as "primícias" daqueles que ressuscitam dos mortos ([1Co 15.20](#); [Cl 1.18](#)), aqueles que estão "em Cristo" ressuscitarão "no último dia" para estar com ele, inteiro e completo.

Por outro lado, para aqueles que não pertencem a Cristo, há uma separação final e total de Deus. No julgamento final, todos os nomes que não estão "escritos no Livro da Vida" são consignados a um lago de fogo, na companhia da própria morte e hades. Essa separação final de Deus é a "segunda morte" ([Ap 20.14](#)). Os cristãos, no entanto, foram salvos da morte ([Tg 5.20](#); [1Jo 3.14](#)). A segunda morte não tem poder sobre aqueles que são fiéis a Cristo ([Ap 2.11](#); [20.6](#)). Em vez disso, eles viverão com Deus, na presença de quem não pode haver morte, pois ele é a própria vida ([21.4](#)).

Veja também Morte, Lugar dos; Estado Intermediário; Ira de Deus.

Morte de Cristo

Veja Crucificação; Jesus Cristo, Vida e ensinamentos de.

Morte, A Segunda

Termo usado no NT apenas no livro do Apocalipse, para descrever o julgamento eterno de Deus sobre o pecado. Originalmente uma expressão rabínica, a segunda morte será experimentada por aqueles cujos nomes não estão escritos no "Livro da Vida" ([Ap 20.15](#)). A segunda morte é equiparada ao "lago de fogo" (v. [14](#)), ou ao lago que arde com "fogo e enxofre" ([21.8](#), ARC), e é descrita como o destino dos "covardes, traidores, os que cometem pecados nojentos, assassinos, imorais, os que praticam a feitiçaria, os que adoram ídolos e todos os mentirosos" (NTLH). Aqueles que são vitoriosos nesta vida não têm nada a temer da segunda morte ([2.11](#)).

Veja também Morte; Escatologia; Queda do Homem; Juízo Final.

Mortos, Lugar Dos

Termo que cobre uma série de imagens bíblicas que descrevem o paradeiro daqueles que morreram. Essas imagens incluem o Sheol e "o poço" no AT, além do Hades, Geena, paraíso e "o seio de Abraão" no NT. À medida que sua compreensão avançava, a ideia dos hebreus do que acontece na morte mudou de começos bastante nebulosos para um conceito desenvolvido que pode ser encontrado no NT.

No Antigo Testamento

O AT contém poucas informações sobre os mortos. Na morte, de acordo com algumas passagens do AT, desce-se ao Sheol (muitas vezes traduzido como "sepultura", "inferno", "cova" ou simplesmente "os mortos"), o que às vezes significa meramente que alguém é colocado em um túmulo ([Nm 16.30,33](#)), mas mais frequentemente indica um submundo. A morada dos mortos é retratada como um lugar sob a terra para o qual alguém "desce" ([Gn 42.38](#); [Pv 15.24](#); [Ez 26.20](#)) e como um lugar de trevas sombrias ([Jó 10.21-22](#)), silêncio ([Sl 94.17](#); [115.17](#)) e esquecimento ([Sl 88.12](#)). Deus não é lembrado lá e seus louvores nunca são entoados ([Sl 6.5](#); [30.9](#); [115.17](#)). Até o próprio Deus, cria-se, não se lembra daqueles que estão lá ([Sl 88.5,11](#); [Is 38.18](#)). Os mortos eram vistos como permanentemente separados do contato com o Senhor e de participar de sua atividade na história. Mesmo que a fronteira entre vida e morte fosse considerada fluida

(conforme demonstrado por uma ressurreição em [2Rs 4.32-37](#) e pelo fantasma de Samuel em [1Sm 28.7-25](#)), a comunicação com os mortos era proibida aos judeus ([Dt 18.11](#)). (Adorar os mortos era uma prática comum nas nações que cercavam Israel).

Embora o destino de alguém no submundo não pudesse ser devidamente chamado de vida, era um tipo de existência, a qual poderia até mesmo ocorrer na companhia de compatriotas e antepassados ([Gn 25.8](#); [Ez 32.17-30](#)). O reino dos mortos não estava além do alcance do poder de Deus ([Sl 139.8](#); [Am 9.2](#); [In 2.2](#)). Embora o Sheol tenha sido retratado como um monstro faminto que devora os vivos ([Pv 27.20](#); [30.16](#)), o poder de Deus poderia salvar alguém de seu alcance ([Sl 49.15](#); [86.13](#)). Ao fim do período do AT, poderia até mesmo haver esperança de que alguém seria finalmente liberto do Sheol ([Jó 14.13-22](#); [19.25-27](#); [Sl 49.15](#); [73.23-28](#)), embora apenas Daniel tenha expressado essa esperança claramente ([Dn 12.1-2](#)). Então, embora os antigos hebreus nunca tenham esperado pela morte da mesma maneira que o apóstolo Paulo pôde fazer no NT ([2Co 5.1-8](#); [Fp 1.21-23](#)), ainda assim, eles vieram a entender que a morte não era um estado sem esperança.

Nos escritos intertestamentários

Entre o exílio e o início do período do NT (586 a.C. – 30 d.C., sobrepondo com o fim do AT), o contato com as religiões da Pérsia e da Grécia estimulou os judeus a esclarecer suas ideias sobre a vida após a morte. Quando o AT foi traduzido para o grego, o nome grego para o submundo, “Hades”, foi usado para traduzir o hebraico “Sheol”. No NT, Hades passou a ser o nome comum para a morada dos mortos.

Junto com novos nomes, vieram novas ideias. Muitas noções diferentes circulavam sobre o lugar dos mortos. Uma ideia comum aparece no pseudoepígrafo de 1 Enoque 22, onde é dito aos mortos que sejam mantidos em lugares ocos em uma grande montanha esperando pelo julgamento final. Uma seção relativamente agradável era reservada para os justos, enquanto uma cheia de tormentos era reservada para os ímpios. Outros escritores continuaram o conceito do AT de Hades ou Sheol como um lugar de separação de Deus e da felicidade ([Eclo 14.12,16](#); [17.27-28](#)).

Durante esse período, os judeus também começaram a usar um novo termo, “Geena” (hebraico “Hinom”), o nome de um vale ao sul de Jerusalém. O vale era conhecido no período do AT

pela abominação dos sacrifícios de crianças ([2Rs 23.10](#); [2Cr 28.3](#); [33.6](#)) e no período do NT pelo seu lixo fumegante. Geena se tornou uma designação para o lugar final dos ímpios mortos, um lugar de tormento ardente (1 Enoque 90.20–27; [2 Ed 7.70](#)). Em oposição a esse lugar de punição estava o “paraíso” (um nome persa para um jardim de prazeres), um lugar onde os justos desfrutariam de bem-aventurança.

Todos esses conceitos — Hades, Geena, paraíso — foram moldados pelos escritores do NT em formas mais apropriadas para a revelação de Cristo.

No Novo Testamento

Embora o NT use uma variedade de termos para a morada dos mortos, contém surpreendentemente poucas referências a ele — cerca de 35 versos ao todo. Essas passagens estão concentradas nos Evangelhos e no livro de Apocalipse. O apóstolo Paulo falou muito sobre o céu, mas apenas Jesus e João falaram muito sobre o inferno.

A palavra “Hades” é atribuída a Jesus apenas uma vez, na parábola do homem rico e Lázaro ([Lc 16.23](#)). Nessa parábola, Hades é um lugar de tormento onde os ímpios vão quando morrem. O tormento é descrito como uma “chama” que aflige uma pessoa fisicamente, mesmo após a morte corporal. Todo o conforto é rejeitado àqueles em agonia.

Embora os ímpios vão para o Hades assim que morrem, seu destino final é Geena, um lugar de fogo e vermes, ambos indicando corrupção ([Mt 5.22,29-30](#); [18.9](#); [Mc 9.48](#), citando [Is 66.24](#)). Jesus também se referiu a Geena como “as trevas exteriores”, onde haverá “choro e ranger de dentes” ([Mt 8.12](#); [22.13](#); [25.30](#)). Evidentemente, após o julgamento final, os ímpios serão enviados para lá ao comando de Cristo ([Jo 5.22,27](#); [Atos 10.42](#); [17.31](#); [2Tm 4.1](#)). Esse lugar de tormento retrata o lado negativo do conceito do AT do Sheol como um lugar de separação de Deus.

Como um pregador do arrependimento, Jesus enfatizou o perigo de Geena. Ele tinha muito menos a dizer sobre o lugar dos justos quando eles morrem. Em última análise, porém, os justos entrariam no “reino”, em vez de Geena, após o último julgamento ([Mt 25.34](#)). Jesus indicou duas vezes que os justos entram em um estado abençoado imediatamente após a morte. [Lucas 16.22](#) se refere ao morto Lázaro como estando no “seio de Abraão”, um lugar de conforto e paz. [Lucas 23.43](#) chama o mesmo lugar de paraíso em uma

promessa de que o ladrão que estava prestes a morrer se juntaria a Jesus lá na morte. A redação de Paulo sobre o paraíso parece alinhá-lo com o céu ([2Co 12.2-3](#)), e João associa o paraíso com o novo céu e a nova terra ([Ap 2.7; 21.1-2; 22.1-2](#)).

Paulo e outros escritores das epístolas do NT tinham pouco a dizer sobre a morada dos mortos ímpios. Paulo falou apenas sobre passar do “abismo” — seu termo para o poço do Sheol ([Rm 10.7](#)). Sua referência à descida de Cristo às “partes inferiores da terra” ([Ef 4.9](#)) é provavelmente apenas sua maneira de dizer que Cristo, tendo morrido, foi para o lugar dos mortos. (“A terra mais baixa” era um termo usado por rabinos judeus para Sheol/Hades/Geena). Pedro falou da ida de Cristo em “espírito” após sua morte para alguma “prisão” onde ele “pregou aos espíritos” ([1Pe 3.18-20](#)). As interpretações dessa passagem diferem. Alguns pensam que Cristo entrou no Hades e pregou aos anjos caídos dos dias de Noé (“filhos de Deus”, [Gn 6.1-4](#)), não que ele pregou para espíritos humanos aprisionados. Em [2 Pedro 2.4](#), a prisão para espíritos (geralmente traduzida como “inferno”) vem de “Tártaro”, outro nome grego para o submundo.

Paulo tinha muito a dizer sobre a morada dos mortos justos. Em suas primeiras cartas ele em momento nenhum menciona sua localização, apenas que eles seriam ressuscitados ([1Co 15; 1Ts 4.13-17](#)). Depois de enfrentar a morte quase certa ([2Co 1.8-11](#)), ele começou a discorrer sobre para onde os mortos “iam”. Morrer significa estar com Cristo, disse Paulo, e, portanto, é melhor do que a vida ([Fp 1.23](#)). Estar “longe do corpo” é estar “em casa com o Senhor” ([2Co 5.8](#)). Paulo provavelmente quis dizer que os mortos justos foram diretamente para o paraíso para estar com Jesus (cf. [2Co 12.2-4](#), onde Paulo chamou o paraíso de “o terceiro céu”). A morte não tem absolutamente nenhum poder para separar os cristãos de Cristo ([Rm 8.38-39](#)). Em vez disso, os traz para a presença de Deus.

O livro de Apocalipse contém muito sobre a morada dos mortos, especialmente os mortos ímpios. O livro usa dois nomes para esse lugar: “o abismo”, a casa ou prisão de todos os espíritos malignos; e “Hades”, o nome para o lugar dos mortos humanos. Do abismo (ou fosso sem fundo) vêm as formas demoníacas que atormentam a humanidade ([Ap 9.1-11](#)) e a “besta” satânica, que mata as duas testemunhas e carrega a “grande prostituta” nas costas ([11.7; 17](#)). Lá o próprio Satanás será preso ([20.2-3](#)). Jesus o descreveu como um lugar preparado para o diabo e seus anjos

(cf. [Mt 25.41](#)). As boas novas para os cristãos são que o abismo, ou Hades, não são um reino autônomo. O livro de Apocalipse começa com o anúncio de Jesus de que ele tem as chaves do Hades ([Ap 1.18](#)), e no final ele o fará a desistir de seus mortos ([20.13](#)). Até então, a chave para o abismo não está na mão de Satanás, mas está pendurada em um chaveiro celestial para ser distribuída apenas aos mensageiros de Deus ([9.1; 20.1](#)). No final, o Hades, a morte e os ímpios serão lançados no lago de fogo (Geena), onde eles sofrerão tormento eterno ([19.20; 20.10, 14-15; 21.8](#)).

João, o escritor de Apocalipse, concordou com Paulo que os justos não compartilharão o destino dos ímpios na morte. Em vez de ir para o Hades, eles vão para o céu. Os mártires aparecem sob o altar, clamando a Deus para que os vingue ([Ap 6.9-11](#)). Em outra imagem, inúmeros cristãos aparecem diante do trono de Deus, louvando-o ([7.9-17](#)). Esses crentes, pastoreados pelo próprio Cristo, não sofrem fome, sede, desconforto ou tristeza.

Conclusão

Em resumo, o lugar dos mortos começou no AT como uma ideia indiferenciada e nebulosa de um lugar de separação da vida e de Deus. Escritores posteriores vieram a perceber que, em vez de um só lugar para todos (Sheol), deve haver dois. De acordo com o ensino cristão, os ímpios entram no submundo, o Hades, um lugar de tormento, onde eles sofrem até o tempo do julgamento; em última análise, eles serão lançados ao Geena, o lago de fogo. Cristo — não o diabo — está no controle do Hades, da mesma maneira que ele está de todo o restante da criação. Os justos não vão para o Hades, mas vão diretamente para o paraíso (“o seio de Abraão” ou o céu). Lá eles estão com Cristo; a fé se tornou visão, o sofrimento se tornou bem-aventurança, e a oração se tornou louvor. Os cristãos acreditam que a morte, embora temerosa como o “último inimigo”, não pode oferecer tormento a eles. Ela não tem poder para separá-los de seu Senhor. Em vez disso, ela os traz cara-a-cara com aquele que eles amam.

Esta reunião pode ocorrer assim que alguém morre ou assim que alguém é ressuscitado — o tempo intermediário não oferece nenhuma consequência, visto que não é nada além de um tempo de sono. Em outras palavras, para o crente, a próxima experiência após a morte será a de se encontrar com Cristo.

Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento falam da morte como o sono. Comumente no AT, quando uma pessoa morre, diz-se que ela foi dormir com seus pais (p. ex., [Dt 31.16](#); [2Sm 7.12](#)). O próprio Jesus falou sobre a morte como um sono ([Mt 9.24](#); [Jo 11.11](#)). O mesmo fez o apóstolo Paulo ([1Co 11.30](#); [15.20,51](#); [1Ts 4.14](#)). Pelo menos em algumas dessas referências, parece que a razão pela qual a morte é mencionada como um sono se deve à sua natureza temporária. Mesmo na passagem do AT de [Daniel 12.2](#), é dito que a morte é um sono, até que os mortos venham a se levantar — alguns para a vida eterna e alguns para vergonha e desprezo eterno.

Veja também Geena; Hades; Céu; Inferno; Estado intermediário; Paraíso; Sheol.

Mosa (Lugar)

Cidade no território atribuído à tribo de Benjamim ([Js 18.26](#)); identificada provisoriamente com a aldeia de Qalunyah. Também se sugere que o nome tenha sido preservado na moderna Khirbet Beit Mizza, um pequeno povoado localizado cerca de 6 quilômetros a noroeste de Jerusalém.

Mosa (Pessoa)

1. Filho de Calebe com sua concubina Efá ([1Cr 2.46](#)).
2. O filho de Zinri, pai de Bineá e descendente de Saul e Jônatas ([1Cr 8.36–37; 9.42–43](#)).

Mosca

Inseto de duas asas. Nas Escrituras, várias espécies são mencionadas, incluindo a mosca doméstica comum ([Ec 10.1](#)) e a mutuca ([Js 7.18](#)). *Veja Animais.*

Moserote, Moserá

Local temporário de acampamento dos israelitas durante suas peregrinações no deserto. Estava situado entre Hasmona e Benê-Jaacã ([Nm 33.30–31](#)). Mais tarde, Arão morreu e foi sepultado lá ([Dt 10.6](#)). No original, Moserote é a forma plural de Moserá (ou, Mosera).

Mosquito

Um inseto voador muito pequeno. A palavra, usada em [Mateus 23.24](#), é uma palavra geral para uma pequena mosca.

A terceira praga no Egito antes do Êxodo consistiu em mosquitos ([Ex 8.16–18](#); [Sl 105.31](#)). A versão ARC traduz a palavra hebraica como "piolhos". No entanto, [Êxodo 8](#) descreve o padrão de reprodução como insetos surgindo do pó. Isso provavelmente descreve mosquitos em vez de piolhos.

Como "mosquito" é um termo geral, as pequenas moscas daquela praga podem ter incluído várias espécies pequenas, como pernilongos, moscas-minadoras, maruins ou mosquitos-palha.

A picada do mosquito-palha é muito mais dolorosa do que a do mosquito. Além disso, ele não faz barulho ao voar e é tão pequeno que pode passar pela maioria das redes mosquiteiras.

Os mosquitos eram atraídos pelo vinho enquanto ele estava fermentando. Os fariseus, em particular, coavam o vinho para evitar consumir insetos considerados ritualmente impuros ([Mt 23.24](#)).

Mostarda

Uma erva conhecida por sua pequena semente ([Mt 13.31](#)). Várias plantas desta família são nativas da Europa e da Ásia, e algumas são cultivadas por suas sementes comestíveis.

Embora os especialistas discordem sobre qual planta exata é a "mostarda" mencionada em [Mateus 13.31–32, 17.20](#); [Marcos 4.31](#); [Lucas 13.19](#) e [17.6](#), a maioria acredita que seja a mostarda-preta comum (*Brassica nigra*).

A mostarda de que Jesus falou pode também ser a charlock ou mostarda-selvagem (*Brassica arvensis*). Esta mostarda geralmente cresce de 30 a 90 centímetros de altura. Alguns estudiosos sugeriram que poderia ser *Salvadora persica*, uma planta encontrada em matagais ao redor do Mar Morto. Esta planta tem um sabor agradável semelhante ao da mostarda. Se consumida em grandes quantidades, pode irritar o nariz e os olhos, assim como a mostarda faz. No entanto, esta planta não cresce tão ao norte quanto a Galileia, e seus frutos são grandes e duros. Isso não corresponde à descrição na parábola de Jesus.

Embora as sementes de mostarda não sejam realmente as menores sementes conhecidas no mundo, elas eram provavelmente as menores sementes familiares ao povo comum que compunha a audiência de Jesus na Galileia.

Mudez

A incapacidade de falar. A mudez, ou afasia, pode ser um fenômeno momentâneo ou uma deficiência permanente. Pode resultar de retardo mental, lesão cerebral ou surdez.

A Bíblia registra vários exemplos de mudez. Zacarias foi tornado mudo pelo anjo Gabriel por não acreditar que ele se tornaria o pai de João Batista ([Lc 1.18-22](#)). Essa condição persistiu pelo menos nove meses, até que o bebê nasceu e foi nomeado (vv. [62-64](#)).

A incapacidade de falar é geralmente associada com doenças neurológicas ou severas deformidades estruturais. Quando Jesus curou as pessoas que estavam assim afligidas, ou deficientes auditivos ([Mt 9.32-33](#); [12.22-23](#); [15.30-31](#); [Mc 7.32-37](#); [9.17-27](#); [Lc 11.14](#)), os observadores ficaram comprehensivelmente espantados.

Outras passagens bíblicas espalhadas se referem à mudez nas pessoas ([Pv 31.8](#); [Is 35.6](#)) e em animais ([Is 56.10](#); [2Pe 2.16](#)). O fato de que falsos deuses e ídolos não podem falar ([Hb 2.18-20](#); [1Co 12.2](#)) foi frequentemente apontado pelos profetas, que os contrastavam com o Deus vivo e falante de Israel.

Veja também Medicina e Prática Médica.

Mula

Uma mula é um animal nascido de um burro e uma égua. Seu nome científico é *Equus asinus mulus*. As mulas geralmente não podem ter filhotes. Quando uma jumenta e um cavalo têm um filhote, ele é chamado de burdégua. As burdéguas tendem a ser menores e menos aptas ao trabalho do que as mulas.

A lei no Antigo Testamento não permitia o cruzamento de animais ([Lv 19.19](#)). Por isso, os israelitas compravam mulas de outras nações em vez de criá-las. Provavelmente as compravam dos fenícios, já que a cidade de Tiro (um porto fenício no que hoje é o sul do Líbano) vendia cavalos e mulas ([Ez 27.14](#)).

As mulas não apareceram em Israel até a época do rei Davi ([2Sm 13.29](#)). Isso pode ser porque os cavalos eram raros entre o povo hebreu. As mulas eram principalmente usadas pela família real e outras pessoas importantes. O rei Davi montava em uma mula, e Salomão montou na mula do rei Davi quando se tornou rei ([1Rs 1.33](#)). Absalão, um dos filhos de Davi, morreu enquanto montava uma mula ([2Sm 18.9](#)). Após o exílio, havia menos mulas do que cavalos, camelos e jumentos na comunidade ([Ed 2.66](#)). Nos tempos antigos, a Ásia Menor (atual Turquia) era conhecida por criar excelentes mulas.

As mulas são conhecidas hoje por serem teimosas, mas a Bíblia não menciona essa característica. As pessoas valorizam as mulas para montar e carregar cargas pesadas, especialmente em áreas quentes e montanhosas. Elas têm passos firmes em caminhos difíceis e se saem bem em climas quentes e secos. As mulas combinam a resistência, a capacidade de suportar e o estilo de caminhada constante de um burro com o tamanho, a força, a velocidade e a coragem de um cavalo. As mulas quase nunca ficam doentes e vivem mais do que os cavalos. Elas podem carregar até 136 quilos por 48 quilômetros durante o dia.

Veja também Viagem.

Mulher

Companheira do homem criada por Deus.

A criação dela

Gênesis fornece dois relatos da criação do primeiro homem e mulher. No primeiro, [Gênesis 1.26-28](#), Deus criou os humanos à sua imagem, como homem e mulher. Assim, a mulher compartilha com o homem a imagem de Deus, reflete seu poder e majestade na terra, e é ordenada a multiplicar e trazer domínio à terra. Em [Gênesis 1.26-28](#) não há sugestão de inferioridade da mulher em relação ao homem, nem há qualquer sugestão de sua submissão ao domínio dele. Pelo contrário, eles são retratados juntos, o homem e a mulher, como a representação de seu Criador.

[Gênesis 2.20-25](#) é a segunda descrição da criação da primeira mulher. Em [Gênesis 2](#) o homem foi feito antes da mulher, um ponto que parece dar a ele alguma precedência. Isso pode não ser levado muito longe, no entanto, pois o padrão nos textos da criação é mover-se progressivamente do trabalho menor para o mais refinado! No entanto, é

por causa de sua criação anterior que o homem recebe a prerrogativa de nomear a mulher ([Gn 2.23](#)). No pensamento semítico, dar nomes significa domínio ou posse. Isso significa que o ato de Adão nomear sua esposa foi um ato de senhorio. No entanto, o nome que ele lhe dá é equivalente ao seu, significando que o homem afirmou sua igualdade com ele. Paradoxalmente, então, essa relação hierárquica é também uma relação de iguais.

A situação em [Gênesis 1](#) e [2](#) revela um relacionamento equilibrado entre o homem e a mulher que foram os pais de toda a humanidade: duas pessoas que eram totalmente iguais em status como co-herdeiros do mistério da imagem de Deus e, no entanto, que habitam em um relacionamento delicado de um para um, no qual um é o líder do outro. No Éden antes da queda, esse equilíbrio delicado era possível.

Seu declínio e dificuldade

[Gênesis 3](#), a história da queda da humanidade, fala da quebra do delicado equilíbrio entre o homem e a mulher e das lutas subsequentes que foram transmitidas ao longo dos tempos. Nas palavras de Deus à mulher, ele anunciou a dor que acompanharia seu parto ([Gn 3.16](#)) e o conflito de interesses que afetaria seu relacionamento com o marido: “Apesar disso, você terá desejo de estar com o seu marido, e ele a dominará” (NTLH). O termo hebraico “desejo” (teshuqah) nas passagens de [Gênesis 3](#) e [4](#) não é um anseio sexual, mas um desejo de controlar, dominar, estar no comando (o uso de teshuqah significando desejo sexual é visto em [Ct 7.10](#)). Consequentemente, após a queda, o desejo da mulher tem sido dominar seu marido. Sua determinação em rejeitar a liderança dele em seu relacionamento de iguais é uma quebra do equilíbrio em seu relacionamento. Por sua vez, o homem tende a tiranizar a mulher.

Para as mulheres que tentam dominar seus maridos, o apóstolo Paulo diz: “Esposa, obedeça ao seu marido, como você obedece ao Senhor.” ([Ef 5.22](#) niv). Sua inclinação natural precisa de transformação, para que ela possa se submeter ao marido como se submete ao Senhor. Pois, argumenta Paulo, o marido é para a esposa como Cristo é para a igreja (v. [23](#)). Os maridos que tendem a dominar suas esposas também precisam de transformação para que possam amar suas esposas, “assim como Cristo amou a Igreja e deu a sua vida por ela” (v. [25](#), NTLH). Com essas palavras, o apóstolo Paulo estava apresentando um meio pelo qual os casais poderiam recuperar a felicidade

em seu relacionamento que era o marco do Éden antes da queda. A citação de Paulo de [Gênesis 2.24](#) em [Efésios 5.31](#) é um exemplo: aqui um casal pode recuperar a unidade original que Deus pretendia para eles. O relacionamento de pessoas iguais em uma hierarquia de responsividade é declarado no contexto de submissão mútua, que é um marco de sua maior submissão ao Senhor Jesus.

Seu papel na vida de acordo com a Bíblia

Uma mulher é uma pessoa em todos os aspectos como um homem; ela compartilha a imagem de Deus e tem o potencial de variadas respostas à cultura, à comunidade e à vida ao seu redor. É um fato das Escrituras que as mulheres são regularmente associadas e encontram seu senso de valor na procriação. No entanto, as mesmas Escrituras mostram que a natureza da mulher não se esgota nas associações com a procriação: ela tem sua própria identidade na comunidade, na igreja e diante do Senhor em toda a sua vida, não apenas quando (ou se) ela gera e nutre um filho. Além disso, o conceito bíblico de procriação sempre envolve o marido, que é seu parceiro na concepção, ao seu lado durante o parto e parceiro com ela na tarefa contínua de nutrir o filho.

A imagem da mulher como portadora de filhos começa com a promessa de Deus em [Gênesis 3.15](#), onde ele anunciou a vitória final sobre o maligno, Satanás, pela descendência da mulher. Esta promessa em relação à descendência da mulher tornou-se a bênção universal de Deus sobre a mulher como portadora de filhos. Em última análise, através de um nascido de uma mulher, viria a libertação final. Há um sentido em que cada experiência de nascimento é uma participação na continuidade desta promessa (veja [1Tm 2.15](#) e sua possível relação com esta continuidade de mulheres, salvação e maternidade).

Além disso, na cultura do mundo do AT, o valor genuíno de uma mulher era percebido exclusivamente, ou em grande parte, em termos de ter filhos. No entanto, não é apenas na maternidade que ela encontra valor e dignidade diante de Deus. Para a mulher, assim como para o homem, a questão da fé no Senhor é central. Uma mulher que tem uma casa cheia de filhos, mas não tem fé em Deus, pode se considerar uma pessoa realizada. No entanto, seu cuidado com os filhos não substitui a piedade para com Deus. Uma mulher que não tem filhos, e talvez nem marido, pode encontrar sua plena identidade e valor em seu relacionamento com o Deus à cuja imagem ela é feita e cujas tarefas

ela é comissionada por ele a realizar. Os dons de Deus na vida de uma mulher podem levá-la a encontrar oportunidades na comunidade para expressar sua devoção a Deus. As mulheres aparentemente tinham as mesmas oportunidades que os homens para fazer um voto de nazireu ([Nm 6.2](#); veja também cap [30](#)).

Certas mulheres notáveis na Bíblia levaram vidas de serviço público. Miriã, a irmã de Moisés e Arão ([Êx 15.20-21](#)), foi uma profetisa, musicista e líder nacional ([Nm 12](#)). Muito tempo depois, Deus falou através de seus profetas sobre o presente que ele havia dado a Israel na pessoa da líder nacional Miriã ([Mq 6.4](#)). Houve outras mulheres magníficas que tiveram vidas exemplares: Débora, a profetisa de Deus e a única mulher juíza nomeada de Israel ([Jz 4-5](#)); Ester, a rainha hebraica de Xerxes que salvou seu povo dos atos precipitados do rei persa, resultado de uma conspiração assustadora; e Hulda, a profetisa que foi a agente da palavra do Senhor a Josias no início de seu avivamento ([2Cr 34.22-28](#)). A recepção e transmissão da palavra do Senhor por Hulda é ainda mais notável porque ela foi contemporânea de Jeremias e Sofonias. Neste caso, Deus escolheu falar através de uma mulher.

No NT, certas mulheres foram notadas por seus ministérios públicos: as filhas de Filipe, Febe, Priscila, Junias, Trifena, Trifosa, Pérsida, Evódia e Síntique. Essas mulheres marcaram o início do cumprimento da profecia de Joel sobre um dia em que mulheres, assim como homens, seriam instrumentos do derramamento do Espírito Santo ([Il 2.28-29](#)). Mulheres como Sara, Rute e Ana exerceram sua fé em Deus no contexto do lar e da família também. E, de forma preeminente, há Maria, mãe de Jesus, em quem o ideal de feminilidade se une ao cumprimento da antiga promessa a Eva de que ela seria um dia a grande vencedora sobre o inimigo da humanidade.

Veja também Eva; Homem.

Mundo

Um termo importante do Novo Testamento é a palavra grega *kosmos*, que significa aquilo que é ordenado ou arranjado. Possui cinco significados diferentes:

1. O universo foi criado por Deus com design e ordem (por exemplo, [Mt 13.35](#); [Jó 17.24](#); [At 17.24](#)).
2. O planeta Terra (por exemplo, [Jó 11.9](#)). Isso inclui a ideia da Terra como a morada dos seres

humanos ([16.21](#)) e da Terra em contraste com o céu ([6.14](#); [12.46](#)).

3. O total da humanidade ([Mt 5.14](#); [Jó 3.16](#); [1Co 4.13](#)).

4. O total da existência humana nesta vida presente, com todas as suas experiências e posses ([Mt 16.26](#); [1Co 7.33](#)).

5. A ordem mundial alienada de Deus está em rebelião contra Ele e é condenada por sua impiedade. É “este mundo”, em oposição a “aquele que está por vir” ([Jó 8.23](#); [12.25](#); [1Co 3.19](#)). O governante deste mundo é o diabo ([Jo 12.31](#); [14.30](#); [16.11](#); [1Co 5.10](#)). Como João disse: “O mundo inteiro está sob o poder do maligno” ([1Jo 5.19](#)). Os cristãos não são deste mundo ([Jo 15.19](#); [17.16](#)), embora vivam no mundo e participem de suas atividades ([17.11](#)). O crente é considerado morto para o mundo ([Gl 6.14](#); cp. [Cl 3.2-3](#)). O cristão deve ser separado do mundo ([Tg 1.27](#)).

O relacionamento de alguém com o mundo é um indicador do relacionamento de alguém com Deus. Aqueles que amam o mundo estão desprovidos de amor por Deus, o Pai ([1Jo 2.15](#)). A Escritura aponta que “tudo o que há no mundo — os desejos da carne, os desejos dos olhos e a soberba da vida — não procede do Pai, mas do mundo” (v.[16](#)). O mundo e seus desejos ou cobiças são transitórios, estão passando, mas aquele que pratica a palavra de Deus permanece para sempre ([1Jo 2.17](#); cp. [2Co 4.18](#)). A amizade com o mundo é inimizade contra Deus ([Tg 4.4](#)).

O discurso de Jesus na noite antes de sua crucificação contém muitos ensinamentos sobre o mundo. O mundo não pode receber o Espírito da verdade ([Jo 14.17](#)). Cristo dá uma paz que o mundo não pode dar (v.[27](#)). Jesus oferece amor, enquanto o mundo oferece ódio e perseguição ([15.19-20](#)). O ódio do mundo a Deus também é direcionado contra os seguidores de Cristo (v.[18-21](#)). Embora os discípulos de Jesus enfrentem tribulação “no mundo”, devem ter bom ânimo, pois Jesus venceu o mundo ([16.33](#)).

Outra palavra grega às vezes traduzida como “mundo” é *aion*. Esta palavra enfatiza o aspecto temporal do mundo. É usada para se referir ao tempo sem fim, eternidade (por exemplo, [Rm 1.25](#); [2Co 11.31](#); [Fp 4.20](#)).

Veja Era.

Mupim

Um dos dez filhos de Benjamim ([Gn 46.21](#)). Ele é chamado em outros lugares de Sufã ([Nm 26.39](#)) e Supim ([1Cr 7.12](#)). Ele pode ser a mesma pessoa que Sefufã ([1Cr 8.5](#)).

Veja Sufã.

Murta

Um arbusto perene com pequenas folhas e flores perfumadas ([Is 41.19](#)). A murta (*Myrtus communis*) é comum em Israel e nas áreas circundantes, especialmente ao redor de Belém, Líbano, Hebron, bem como nas encostas do Monte Carmelo e Monte Tabor. É nativa da Ásia Ocidental e, em boas condições de cultivo, pode se tornar uma pequena árvore perene de 6 a 9 metros de altura. No entanto, mais frequentemente, cresce como um arbusto baixo, com cerca de 0,5 a 1 metro de altura.

Na Bíblia, a murta é mencionada principalmente como um símbolo da generosidade de Deus. Neemias ordenou que as pessoas recolhessem ramos de árvores de murta, entre outras, para a Festa dos Tabernáculos ([Ne 8.15](#)). A murta simbolizava não apenas a paz, mas também a justiça.

Musi, musita

O filho de Merari, neto de Levi e irmão de Mali ([Ex 6.19](#); [Nm 3.20](#); [1Cr 6.19.47](#)). Ele foi o pai de Mali, Éder e Jeremote ([1 Cr 23.21-23; 24.26,30](#)). Ele foi o fundador da família dos musitas ([Nm 3.33](#); [26.58](#)).

Música

A música é uma expressão humana natural que provavelmente começou com o canto-falado e se desenvolveu em canções. Instrumentos musicais como acompanhamento vieram em seguida. A música, como a conhecemos, tornou-se bastante complexa, um luxo e uma forma de entretenimento. Nos tempos antigos, a música era mais uma expressão prática da vida diária, do trabalho e da adoração.

A expressão "cantar ao Senhor" é comum no Antigo Testamento ([Ex 15.21](#); [1Cr 16.9](#); [Sl 68.32](#); [96.1-2](#); [Is 42.10](#); [Jr 20.13](#)). No entanto, essa expressão não

era exclusiva da nação judaica. Todas as religiões se baseiam no impulso humano natural de cantar. O comando para "cantar ao Senhor" era um sinal para que as pessoas expressassem seu louvor em canção.

A Bíblia oferece um tratamento limitado da música na antiga Israel. Não havia notação musical escrita. O principal registro histórico da música é uma coleção de textos, incluindo os salmos, e algumas instruções musicais. Os escritores bíblicos não estavam escrevendo uma história de sua cultura, mas sim sobre um relacionamento com Deus. Os documentos bíblicos cobrem um longo período histórico e são agrupados por categoria, em vez de ordem cronológica. Seus comentários sobre música não são críticos. Isso dificulta a ordenação precisa do desenvolvimento do estilo musical. Finalmente, há o desafio de entender as descrições bíblicas da música e sua execução. Somente a partir do século 20 os estudiosos foram capazes de interpretar as informações fornecidas na Bíblia em termos dos sistemas musicais orientais.

Música no Antigo Testamento

O primeiro músico mencionado na Bíblia é "Jubal; ele foi o pai de todos os que tocam harpa e flauta" ([Gn 4.21](#)). É importante notar que a profissão de Jubal tem a mesma importância que a de seus irmãos Jabal, o pastor, e Tubalcaim, o ferreiro. Fazer música está entre as profissões mais antigas dos povos nômades. Acredita-se que o nome Jubal seja uma derivação da palavra hebraica para "Carneiro". O chifre de carneiro (*shophar*) foi um dos primeiros instrumentos do povo judeu. O shophar era e é significativo para sinalizar eventos importantes.

A música descrita na antiga história bíblica era em grande parte funcional. Ela adquiriu um significado especial ao se tornar uma parte importante do culto no templo. Muitas das descrições da produção musical na antiga Israel, antes do tempo de Davi, são bastante práticas. Existem relatos de música em momentos de:

- despedida ([Gn 31.27](#)),
- regozijo e banquete ([Êx 32.17-18; Is 5.12; 24.8-9](#)),
- vitórias militares ([2Cr 20.27-28](#)), e
- para o trabalho ([Nm 21.17](#), a canção dos cavadores de poços; [Is 16.10; Jr 48.33](#)).

A maior parte dessa música era provavelmente bastante básica e simples por natureza. A música associada aos avanços militares, por exemplo, tinha o objetivo de aterrorizar o inimigo ([Jz 7.17-20](#)). A música e a dança que saudaram Moisés ao descer da montanha foram descritas como se soassem como "guerra no acampamento" ([Êx 32.17-18](#)).

Na história inicial do povo judeu, as mulheres desempenharam um papel importante na execução da música. A imagem de mulheres dançando e cantando de alegria acompanhadas por instrumentos de percussão é repetida várias vezes:

- Miriã liderou as mulheres em um hino de agradecimento após a travessia do Mar Vermelho ([Êx 15](#)).
- Débora se juntou a Baraque para cantar uma canção de vitória ([Jz 5](#)).
- A filha de Jefté deu as boas-vindas ao seu pai em sua vitória ([Jz 11.34](#)).
- As mulheres aclamaram Davi após ele derrotar os filisteus ([1Sm 18.6-7](#)).

Há poucas menções de mulheres como musicistas após o estabelecimento do templo em Jerusalém. Existem algumas alusões à participação feminina em canto e dança. Por exemplo, cantores e cantoras são mencionados quando os judeus retornaram do exílio na Babilônia ([Ne 7.67](#)). Isso confirma que as mulheres ainda participavam de apresentações musicais em determinados momentos.

À medida que Jerusalém se tornou o centro religioso do povo hebreu entre 950 e 850 a.C., o papel do músico profissional ganhou mais importância. As canções das mulheres tornaram-se insignificantes em comparação com as cerimônias formais associadas ao templo e à corte real. Cantores levíticos (pertencentes ao grupo sacerdotal chamado levitas) assumiram a maior parte da responsabilidade musical no templo. No entanto, o povo participava nas respostas ao cantar

salmos, à medida que o canto antifonal (canto de vai-e-vem entre dois grupos) se desenvolvia.

Estilo musical e uso

O povo judeu parece ter sido especialmente musical. Outras culturas antigas foram influentes, mas há evidências de que os judeus eram requisitados como músicos por outros povos. Um documento assírio mostra o Rei Ezequias oferecendo muitos músicos judeus, homens e mulheres, como tributo ao Rei Senaqueribe. Os babilônios exigiam que os judeus cativos cantassem e os entretenessem (compare [Sl 137.3](#)).

O propósito do Antigo Testamento era contar a história da relação entre a nação judaica e Deus. Nesse contexto, a maioria das referências musicais trata da função da música na adoração. Evidências mostram que também havia um grande acervo de literatura musical não religiosa. Pode ter havido grupos de poetas e cantores no início da história judaica.

Os tipos de canções gravadas na primeira parte do Antigo Testamento representam uma poesia semelhante ao folclore. A canção de agradecimento ao Senhor por Moisés e o povo de Israel após sua fuga no Mar Vermelho é uma emocionante canção nacional. Muitas descrições dos escritores bíblicos refletem o espírito de contar histórias através da música. Isso é lógico, pois essas histórias foram feitas para serem transmitidas. Canções de marcha ([2Cr 20.27-28](#)) e canções de triunfo ([Jz 5](#)) também indicam um corpo secular de música.

Música na adoração

Os cantores e músicos para o culto no templo foram escolhidos da tribo de Levi. O Rei Davi reuniu os levitas para um censo, e do total de 38.000 homens com mais de 30 anos, 4.000 foram escolhidos como músicos. Esses 4.000 foram posteriormente designados para funções específicas. "Davi e os comandantes do exército separaram alguns dos filhos de Asafe, Hemã e Jedutum para profetizar com o acompanhamento de liras, harpas e címbalos... Junto com seus parentes, todos treinados e habilidosos nos cânticos do Senhor, eles somavam 288" ([1Cr 25.1,7](#)). Os cantores foram ainda divididos em 24 grupos de 12 cantores. Esses grupos se revezavam na participação nos serviços de dias de semana, sábados e dias santos.

Uma fonte posterior indica que havia números mínimos e máximos de cantores e instrumentistas necessários em cada serviço. O número mínimo de

cantores era doze, e o máximo era ilimitado. Em cada serviço, esses instrumentos precisavam ser incluídos:

- pelo menos duas harpas, mas no máximo seis
- pelo menos duas flautas, mas no máximo doze
- pelo menos dois trompetes, sem limite máximo
- um mínimo de nove liras, sem máximo
- um músico com um par de pratos

Um cantor era admitido no coro levítico aos trinta anos após um aprendizado de cinco anos ([1Cr 23.3](#)). Cinco anos é um tempo relativamente curto, considerando a quantidade de material que esses cantores tinham que memorizar (não havia notação escrita). Eles também tinham que memorizar e dominar a prática de adoração. Os cantores podem ter estado em algum nível de treinamento desde a infância.

Os levitas viviam em aldeias fora da muralha da cidade. Eles podem ter estado ativamente envolvidos na educação musical de seus filhos ([Ne 12.29](#)). Os levitas desempenhavam outras funções relacionadas ao serviço sagrado. Os cantores eram dispensados de todas as outras funções porque estavam de serviço dia e noite ([1Cr 9.33](#)). Suas habilidades eram uma parte importante do culto no templo, por isso podiam dedicar toda a sua vida ao desenvolvimento de sua capacidade musical. Um cantor servia no coro por 20 anos, dos 30 aos 50 anos de idade. A música era de alta qualidade devido à disciplina rigorosa e à prática e performance contínuas.

Desde o início do culto formal judaico ligado ao tabernáculo, a música e o som eram importantes. As descrições da túnica de Arão em [Êxodo 28.34-35](#) incluem sinos presos à bainha inferior para soar quando ele entrava no Lugar Santo.

A primeira música relacionada à adoração mencionada no Antigo Testamento é encontrada em [2 Samuel 6](#), nas descrições da transferência da arca de Deus. Davi e os israelitas cantaram, tocaram instrumentos e dançaram para a glória do Senhor. Essa música era muito diferente da cerimônia formal descrita mais tarde no templo de Salomão.

Em [2 Crônicas 7.6](#), Davi é reconhecido por inventar os instrumentos musicais usados no templo. Após o exílio, os cantores levíticos são mencionados como os descendentes de Asafe, o "mestre do canto" nomeado por Davi ([Ed 2.41](#); [Ne 7.44](#); [11.22-23](#)). Passagens como essas indicam que a música e a organização da adoração vieram do tempo de Davi.

As cerimônias no templo judaico eram organizadas em torno do sacrifício. O canto era uma parte essencial do serviço sacrificial e necessário para tornar a ação sacrificial oficial. Havia arranjos musicais especiais para cada sacrifício. As ofertas queimadas diárias, ofertas para o perdão dos pecados, ofertas de louvor e ofertas de bebida tinham cada uma suas cerimônias individuais.

Certos salmos tornaram-se associados a determinados sacrifícios, assim como a dias específicos da semana. O salmo do dia era cantado quando o sumo sacerdote começava a derramar a oferta de bebida. O salmo era dividido em três seções, cada uma sinalizada pelo toque das trombetas. Ao som da trombeta, o povo se prostrava. Esta é a única vez que as trombetas eram usadas juntamente com outros instrumentos de forma orquestral em ocasiões solenes ([2Cr 5.12-13](#)).

Música nos salmos

Títulos dos salmos musicais

A coleção de 150 poemas líricos conhecida como o livro dos Salmos contém a maior quantidade de informações sobre a produção musical na antiga Israel. O Saltério inclui não apenas canções religiosas, mas também canções que têm suas raízes em cançõesseculares ou populares. Canções de trabalho, de amor e de casamento podem ter influenciado os Salmos. A maioria são canções de louvor, agradecimento, oração e arrependimento. Existem também odes históricas (poemas formais) que relatam grandes eventos nacionais. [Salmo 30](#) é "uma canção para a dedicação do templo". [Salmo 137](#) retrata os sofrimentos dos judeus no cativeiro.

Os salmos eram uma parte importante de todos os serviços do templo. O Saltério tornou-se o hinário usado nas práticas de adoração israelitas. A adoração incluía um salmo designado para cada dia da semana:

- No primeiro dia da semana, as pessoas cantavam [Salmo 24](#) em lembrança do primeiro dia da criação.
- No segundo dia da semana, [Salmo 48](#).
- No terceiro dia da semana, [Salmo 82](#).
- No quarto dia da semana, [Salmo 94](#).
- No quinto dia da semana, [Salmo 81](#).
- No sexto dia da semana, [Salmo 93](#).
- No sétimo dia da semana, o sábado, eles cantavam o [Salmo 92](#).

Após as ofertas sacrificiais, [Salmo 105.1-5](#) era cantado no serviço matinal e [Salmo 96](#) no serviço vespertino. Os salmos do Hallel ([Sl 113-118, 120-136, 146-148](#)) eram cantados durante a oferta do cordeiro pascal na festa da Páscoa.

A maior parte da música de adoração era executada pelos levitas. No entanto, os textos dos salmos sugerem que também havia participação congregacional. Tanto as formas de canto da sinagoga quanto da igreja podem ser rastreadas até o texto poético dos salmos.

Existem vários tipos de salmodia:

- A salmodia simples é cantada por uma pessoa (por exemplo, [Sl 3-5.46](#)).
- Salmodia responsorial significa que o solista é respondido pelo coro (por exemplo, [Sl 67.1-2](#); o solista cantava o versículo [1](#) e o coro respondia com o versículo [2](#)).
- A salmodia antifonal envolve dois grupos cantando alternadamente (por exemplo, [Sl 103.20-22](#)). A congregação entoaria um refrão como o que aparece no [Salmos 80](#): "Restaura-nos, ó Deus, e faze resplandecer o Teu rosto sobre nós, para que sejamos salvos" - isso aparece frequentemente ao longo do salmo.

Embora a sinagoga não tivesse altar para sacrifício, o canto de salmos manteve um lugar importante. Quando os romanos destruíram o templo, a herança de adoração dos judeus correu o risco de se perder. Traduzir costumes de adoração do

templo, como a música, para a adoração na sinagoga preservou esta herança da adoração.

A parte dos salmos mais difícil de entender são os cabeçalhos que não fazem parte do texto poético. A primeira questão é se estes devem ser considerados como sobrescritos. grego, latim, hebraico e outras línguas antigas eram escritas de forma que o texto não incluía quebras de capítulo ou parágrafo. Versos e até mesmo a divisão dos próprios salmos foram parcialmente feitos por copistas, principalmente os Massoretas (antigos estudiosos judeus que preservaram o texto hebraico do Antigo Testamento).

Há alguma dúvida sobre a quais salmos pertencem os textos que não fazem parte do poema. Eles podem ser subscritos (notas no início) em vez de sobrescritos (notas no final). A poesia suméria e babilônica listava informações como o nome do autor, o instrumento musical usado para acompanhamento, a melodia e o propósito no final do poema. Portanto, alguns dos títulos podem ser finais.

As notas no início de um salmo são agrupadas em três categorias:

- termos musicais que orientam a execução real
- Sinais musicais indicando a melodia à qual o salmo seria cantado
- Comentários indicando a função do salmo.

Esses termos foram interpretados de diversas maneiras.

Originalmente, esses títulos podem ter sido notas marginais para os líderes do coro. Percebendo que esses termos não estavam relacionados ao texto do salmo, os primeiros escribas bíblicos podem não ter sido cuidadosos com sua colocação no texto. Isso pode explicar algumas das discrepâncias entre os primeiros manuscritos. Certas palavras são omitidas em alguns, e alguns termos atribuídos a apenas alguns salmos podem ter sido originalmente indicados em mais deles.

Todos, exceto 50 dos salmos, contêm um nome próprio no título. Esses nomes possivelmente indicam o autor. Outros comentaristas interpretam a preposição que aparece antes dos nomes como significando "para". Isso significaria que os nomes representam dedicação em vez de autoria. Assim, o

título seria "Um Salmo para Davi", não "Um Salmo de Davi".

Este pode ser o caso com os nomes de Asafe, Hemã, Etã e especialmente os filhos de Corá. Faria mais sentido que o salmo fosse escrito para a família em vez de por ela. Setenta e três salmos têm o nome de Davi no cabeçalho, daí a referência comum ao Saltério como os Salmos de Davi. Doze incluem o nome de Asafe, onze incluem os filhos de Corá, dois incluem Salomão, e cada um contém Moisés, Hemã e Etã.

Termos musicais nos títulos dos salmos

Muitos termos musicais estão incluídos nos sobrescritos. Estes indicam o tipo de acompanhamento instrumental, o clima e o estilo de execução do salmo.

Alamoth é um dos termos mais controversos encontrados nos cabeçalhos dos salmos. Aparece no início de [Salmos 46](#) e também em [1 Crônicas 15.20](#). Um significado para a palavra hebraica é "donzela". Alguns musicólogos interpretam isso como uma instrução de que o salmo deve ser cantado na faixa de voz feminina. A referência em Crônicas é às harpas na faixa de vozes femininas. Essa interpretação não parece se encaixar com o [Salmos 46](#), mas se torna mais lógica se olharmos para o salmo anterior e leremos o termo como um subscrito. [Salmo 45](#) é uma canção de amor, na verdade uma ode nupcial, então seria natural que as mulheres cantassem a segunda metade (versículos 10-17).

Há pouca menção de mulheres cantando no templo, mas meninos em treinamento podem ter cantado junto com os cantores levíticos. Além disso, este pode ser um caso em que o termo aparece apenas uma vez no texto moderno, mas pode ter sido usado com mais frequência no original. Outro possível significado para *alamoth* é "flautas", o que descreveria o tipo de acompanhamento musical para a execução do salmo.

Gittith é um termo encontrado nas superscrições dos [Salmos 8, 81](#) e [84](#). Pode ser uma indicação musical, sugerindo um clima para a execução desses salmos. No entanto, uma explicação mais comum é que seja um termo coletivo para os instrumentos de corda que os teriam acompanhado.

Maalate foi deixado em sua forma original hebraica pelos primeiros tradutores e é encontrado nos títulos dos [Salmos 53](#) e [88](#). Pode ter raízes no hebraico *mahaleh* "doença" ou *mahot* "dança",

embora nenhuma dessas palavras possa ser relacionada aos textos dos salmos. Outra explicação é de natureza musical. *Maalate* pode vir da palavra *halal* que significa "perfurar", implicando que o salmo deveria ser acompanhado por flautas.

Maskil (ou "Maschil") aparece nos títulos de 13 salmos ([SL 32, 42, 44-45, 52-55, 74, 78, 88-89, 142](#)). O termo provavelmente é derivado do verbo *sakal*, "ter discernimento ou compreensão", mas não há consenso entre os comentaristas. A natureza instrutiva e a estrutura de estrofes e refrões nos próprios salmos levam os musicólogos a concluir que o termo representa um cântico de louvor. Pode ter sido cantado por um solista com participação do coro.

Menazzeah aparece no título de 55 salmos. Surge 52 vezes nos primeiros três livros dos Salmos ([SL 1-89](#)), nenhuma vez no livro quatro ([SL 90-106](#)), e 3 vezes no livro cinco ([SL 107-150](#)).

As traduções modernas mais comuns são:

- "Para o mestre de música" (NVI)
- "ao regente do coro" (NTLH)
- "ao mestre de canto" (ARA)

A palavra é derivada do verbo hebraico *nazzah*, aparecendo em [1 Crônicas 23.4](#) e [Esdras 3.8-9](#) no sentido de "administrar". Em [1 Crônicas 15.21](#), a palavra é encontrada em relação a liderar ou dirigir o canto no templo. *Menazzeah* relaciona-se ao mestre do coro e representa o cantor escolhido para liderar a música. Essa pessoa provavelmente estava envolvida em ensaiar e instruir.

Agora é assumido que *menazzeah* indica que o salmo deveria ser cantado parcial ou totalmente por um solista. Em alguns textos, isso mostra quando há uma mudança de pessoa, de "eu" para o solista e de "nós" para o coro ou congregação. [Salmo 5](#) é um exemplo de um texto dividido para canto solo e coral:

- versículos 1–3 solo
- versículos 4–6 coral
- versículos 7–8 solo
- versículos 9–10 do coral
- Os versículos 11–12 encerram o salmo com o solista e o coro juntos.

Miktam é outro termo sem significado musical claro, principalmente porque sua origem é desconhecida. Ele aparece nos [Salmos 16](#) e [56–60](#), todos com um caráter de lamentação (expressando tristeza) ou súplica (pedindo ajuda). Em um sentido musical, provavelmente indicava que uma certa melodia bem conhecida deveria ser escolhida como a melodia do salmo.

Mizmor (uma palavra hebraica que significa uma canção cantada com acompanhamento instrumental) não é encontrada em nenhum outro lugar na Bíblia. Está incluída nas sobreescritos de 57 salmos. *Mizmor* provavelmente indicava uma canção acompanhada por instrumentos melódicos, em contraste com uma canção de dança acompanhada por instrumentos rítmicos.

Neginah aparece nas superscrições dos [Salmos 4, 6, 54–55, 61, 67](#) e [76](#). O termo *neginah* e seu plural *neginoth* são encontrados no [Salmo 77,7](#), [Lamentações 5,14](#), [Isaías 38,20](#) e [Habacuque 3,19](#). *Neginah* vem da raiz hebraica *naggen*, "tocar as cordas". Esta nota instrui que instrumentos de cordas acompanhem o canto.

Nehiloth é encontrado apenas na introdução do [Salmo 5](#). A origem da palavra é problemática. Pode vir do verbo *nahal*, que significa "possuir ou herdar", ou mais possivelmente de *halal*, que significa "perfurar". Este último implica a ideia de um instrumento perfurado (a flauta ou tubo) a ser usado para acompanhamento.

Sheeminith aparece nos [Salmos 6](#) e [12](#) e também em [1 Crônicas 15,21](#). A palavra hebraica significa literalmente "sobre o oitavo". Alguns estudiosos acreditam que tinha algo a ver com uma oitava. No entanto, a linguagem musical hebraica provavelmente não incluía uma unidade musical dividida em oito partes.

Outros estudiosos interpretam *sheeminith* como significando um instrumento de oito cordas. Uma interpretação mais lógica vem do exame de seu uso em 1 Crônicas. Em [15,20](#), as instruções são para os músicos tocarem as harpas de acordo com *alamoth*

e no versículo [21](#) para tocarem as liras de acordo com *sheminith*.

Aqui, os termos *alamoth* e *sheminith* parecem ser usados em oposição. Se *alamoth* implica um registro de voz feminina, então *sheminith* implicaria um registro mais baixo. Assim, pode ter sido uma instrução para usar um instrumento de tom mais baixo para acompanhamento.

Variedades de salmos nos títulos

Algumas das notas nos cabeçalhos dos salmos indicam o tipo ou a variedade do salmo.

Hazkir é encontrado nos títulos dos [Salmos 38](#) e [70](#). De acordo com o Targum (uma antiga paráfrase aramaica da Bíblia Hebraica), isso indica que o salmo era cantado no rito sacrificial chamado *askara*. A palavra é então traduzida como "para uma oferta memorial".

Lammed aparece na superscrição do [Salmo 60](#) na frase *le-lammed*, traduzida como "para ensinar". Segundo a tradição, este era um salmo, embora indubitavelmente não o único, ensinado aos jovens como parte de sua educação. Este é outro exemplo de um termo que pode ter sido omitido de outros salmos em versões posteriores do Saltério.

Shiggaion está no título de [Salmo 7](#) e também em [Habacuque 3,1](#). A palavra provavelmente vem do verbo hebraico *shagah*, "vagar". Pode também estar ligada ao termo de adoração assírio *shigu*, que representava uma canção triste em várias estrofes. Os estudiosos bíblicos têm assumido que *shiggaion*, plural *shigionoth*, era um lamento ou uma canção expressando tristeza por erros cometidos.

Shir é a palavra mais simples para "canção" e provavelmente foi usada nos títulos em um estágio inicial do Saltério; geralmente é encontrada com *mizmor* (13 vezes). Quinze salmos têm esse título. Provavelmente era o termo para um tipo específico de canção de louvor, geralmente executada pelo coro.

Shir Hamaalot e *Shir Lamaalot* aparecem nos títulos dos [Salmos 120–134](#), que são frequentemente chamados de "Salmos de ascensão", "Cântico de peregrinação" ou "Cântico de romagem"). A maioria das explicações oferecidas relaciona-se ao fato de que o templo estava situado em terreno elevado.

Muitas vezes, esses 15 salmos são associados aos 15 degraus que levam do Pátio das Mulheres ao Pátio dos Israelitas. No entanto, a maioria dos estudiosos modernos acredita que a ideia de

"subir" se refere à jornada dos peregrinos a Jerusalém para adorar no templo. Esses salmos são curtos e têm apelo popular, tornando-os apropriados para serem cantados durante a viagem.

Shir Hanukkat Habayit é encontrado apenas no título do [Salmo 30](#). Esta frase indica que o salmo era para ser usado na dedicação ou rededicação da casa de Deus.

Shir-yedidot aparece apenas no [Salmo 45](#). Refere-se a uma canção de amor que provavelmente era cantada em cerimônias de casamento.

Tefillah é um termo comum para "oração" e aparece nos títulos de [Salmos 17, 86, 90, 102](#) e [142](#), e também em [Habacuque 3.1](#). A palavra provavelmente se refere a uma forma específica de oração poética.

Selah é um dos termos mais frequentemente usados e mais misteriosos encontrados no livro dos Salmos. Aparece em 39 salmos, surgindo um total de 71 vezes no Saltério. *Selah* ocorre 67 vezes dentro do texto e 4 vezes no final de um salmo. É mais frequente nos três primeiros livros:

- No primeiro livro, *selah* aparece em nove salmos.
- No segundo livro, em 17 salmos.
- No terceiro livro, em 11 salmos.
- No quarto livro, não é encontrado de maneira alguma.
- No quinto livro, ele aparece em apenas dois salmos.

Trinta e um desses salmos também incluem o termo *menazzeah* em seus títulos, o que implica que foram cantados por um solista e coro.

Mais comumente, *selah* é interpretado como um sinal para uma pausa no canto e possivelmente para um interlúdio instrumental. Nunca aparece no início de um salmo, mas apenas no meio do texto ou no final. A frequência de sua aparição dentro de um salmo não é consistente. Em apenas algumas instâncias, essas divisões separam o salmo em seções iguais.

Devido à colocação aleatória do termo, alguns estudiosos acreditam que, assim como os cabeçalhos, *selah* nem sempre foi copiado cuidadosamente para o texto. Pode ter sido uma

nota que aparecia apenas nos textos dos músicos, o que explicaria essa inconsistência.

Uma explicação de *selah* é encontrada na tradição Talmúdica: "Ben Azra bateu o címbalo e os levitas começaram a cantar. Quando chegavam a uma pausa no canto, tocavam as trombetas e o povo se prostrava. A cada pausa havia um toque de trombeta e a cada toque de trombeta uma prostração. Este era o rito da oferta diária completa no serviço da Casa do nosso Deus". *Selah*, então, seria uma instrução para os músicos de que o canto deveria parar e os instrumentistas deveriam tocar.

O termo *higgaion selah* aparece uma vez, em [Salmo 9.16](#). A palavra *higgaion* vem da raiz *hagah*, que significa "murmurar, rosnar, produzir um som baixo". Isso pode ter sido uma instrução para que o interlúdio fosse mais suave do que um *selah* normal.

Melodias antigas nos títulos

Muitos salmos contêm cabeçalhos que não são referências musicais diretas. Eles são palavras de sugestão para indicar melodias bem conhecidas. Essas referências provavelmente se referem a nomes ou às primeiras palavras de canções populares (*makams*) cujos padrões melódicos eram usados para cantar o salmo. Os estudiosos bíblicos às vezes tentaram encontrar significados ocultos nesses cabeçalhos. A maioria dos musicólogos acredita que são simplesmente referências ou introduções a melodias.

- *Aijeleth Shahar*, no [Salmo 22](#), é traduzido como "A Corça da Manhã" pela maioria das traduções em português.
- *Al-taschith*, nos [Salmos 57-59](#) e [75](#), é traduzido como "Não Destruas" (NTLH).
- *Jonath-elem-rechokim*, no [Salmo 56](#), é traduzido como "A Pomba Calada em Terra Distante" (NTLH) e "Uma Pomba em Carvalhos Distantes" (NVI).
- *Maalate Leannoth*, no [Salmo 88](#), é traduzido como "para instrumento de cordas e para dois coros" (NTLH).
- *Muthlabben*, no [Salmo 9](#), é traduzido como "A Morte do Filho" (NTLH).
- *Shoshannim*, em [Salmos 45](#) e [69](#), é traduzido como "Os lírios" (NTLH).
- *Shoshannim-Eduth*, no [Salmo 80](#), é traduzido como "Os lírios da Aliança" (NVI).
- *Shushan-eduth*, em [Salmo 60](#), é traduzido como "O lírio do Testemunho" (NTLH).

Esses tipos de melodia aparecem apenas nos três primeiros livros do Saltério. Isso pode implicar que esses tipos populares de melodia deixaram de ser usados na época em que os livros finais do Saltério foram escritos. Outros tipos de melodias provavelmente se tornaram populares. Os autores, percebendo a vida relativamente curta de uma melodia popular, não os incluíram nos cabeçalhos dos Salmos. Eles deixaram a escolha para o intérprete.

Música no Novo Testamento

Influências do primeiro século: A Sinagoga

Na época de Cristo, a sinagoga havia se tornado o principal local de adoração para o povo judeu. Inicialmente, era um lugar para o estudo da lei, mas gradualmente se transformou no centro de adoração para os judeus que não podiam frequentar o templo.

O serviço de adoração do templo não podia ser duplicado na sinagoga, pois não havia rito

sacrificial. A música não podia ser exatamente reproduzida sem cantores levíticos treinados. Os estudiosos não concordam sobre o grau de continuidade entre a música do templo e a música da sinagoga. Mas há evidências de que certas práticas musicais permaneceram constantes entre os dois locais de adoração.

As informações sobre os costumes e rituais da sinagoga vêm dos escritos talmúdicos. Os elementos musicais do culto na sinagoga incluíam a entoação das Escrituras e o canto de salmos e canções espirituais. O canto coral do templo foi substituído por um único cantor (líder de canto).

O cantor era um leigo que, segundo a tradição, precisava ter as seguintes qualificações: "Ele precisava ser bem educado, ter uma voz doce, personalidade humilde, ser reconhecido pela comunidade, conhecedor das Escrituras e de todas as orações; ele não deveria ser um homem rico, pois suas orações deveriam vir do coração". O trabalho mais importante de um cantor era a cantilação (canto musical) da Lei e dos Profetas. Uma série de acentos e pontuações, uma notação musical primitiva, servia como indicação para o cantor na interpretação musical das Escrituras.

O canto de salmos foi gradualmente transferido do templo para a sinagoga. Essa prática influenciou a igreja cristã primitiva. Os tons de salmos gregorianos têm suas raízes no canto hebraico de salmos.

Influências do primeiro século: Culturas grega e romana

Tanto o templo quanto a sinagoga eram familiares aos primeiros cristãos ([At 2.46-47](#); [3.1](#); [5.42](#); [9.20](#); [18.4](#); e assim por diante). No entanto, as culturas grega e romana também desempenharam um papel importante na formação da jovem igreja. As influências gregas na época de Cristo já eram sentidas no Oriente Médio. Alguns líderes judeus se opunham fortemente a essa influência, mas as artes gregas haviam permeado a cultura judaica.

Os filósofos gregos consideravam a música uma força de purificação emocional. Eles acreditavam que ela poderia conduzir os humanos ao conhecimento espiritual. Esse entendimento levou à crença de que a música tinha uma substância moral que poderia influenciar as pessoas para o bem ou para o mal. Se essa filosofia tivesse sido efetivamente incorporada ao pensamento judaico-cristão, certamente Paulo teria incentivado o uso da música para espalhar o evangelho. A omissão

dessa teoria por Paulo implica que o mundo judaico-cristão daquela época havia rejeitado o ideal grego, pelo menos em parte.

Os rabinos judeus consideravam a música uma forma de arte para o louvor a Deus. Os filósofos gregos a viam como uma força moral poderosa na criação. Os romanos a consideravam principalmente como entretenimento. A música dos jogos romanos não era nem religiosa nem filosófica. Pelos relatos das testemunhas, não era tecnicamente excepcional. No Império Romano, os músicos tinham um status inferior e eram vistos apenas como entretenedores. Uma razão pela qual a igreja primitiva não incluía música instrumental em seu culto era em reação ao uso secular de instrumentos pelos romanos.

Nos escritos do Novo Testamento

Uma das poucas menções de instrumentos no Novo Testamento é o uso de flautas em um velório ([Mt 9.23](#)). Assim como no Antigo Testamento, a música está associada a festas e celebrações (por exemplo, o retorno do filho pródigo, [Lc 15.25](#)). Cinco passagens mencionam a música metaforicamente ([Mt 6.2; 11.17](#); [Lc 7.32](#); [1Co 13.1; 14.7-8](#)). A mais conhecida delas é a celebração do amor por Paulo em [1 Coríntios 13](#). A crítica ao gongo e aos címbalos deve ser entendida devido à atitude dos primeiros cristãos em relação à música dos fariseus. Aqui, os instrumentos de sinal do templo foram usados para representar a exibição pomposa de devoção religiosa.

A maioria das referências à música é encontrada nas visões e passagens proféticas sobre os tempos do fim. Estas estão presentes em muitos lugares no Novo Testamento, mais frequentemente no livro de Apocalipse (também [Mt 24.31](#); [1Co 15.52](#); [1 Ts 4.16](#); [Hb 12.19](#)). Muitas dessas descrições estão associadas a referências musicais no Antigo Testamento (por exemplo, o uso de harpas e trombetas e o canto do Aleluia). No entanto, o valor de muitas das passagens em Apocalipse vem de seu estilo literário. Essas passagens que louvam a Deus e se assemelham a salmos foram provavelmente "canções espirituais" espontâneas criadas pela igreja primitiva (por exemplo, [Ap 5.9-10](#)).

As passagens que mencionam música religiosa ou de adoração são frequentemente mais abstratas do que literais. Duas passagens paralelas descrevendo a Santa Ceia ([Mt 26.30](#); [Mc 14.26](#)) mencionam que Cristo e seus discípulos cantaram um hino. Este é o único relato direto de Jesus cantando. É provável que, quando ele leu na sinagoga, o tenha feito no

estilo vocal aceito ([Lc 4.16-20](#)). Apesar da controvérsia em torno dos eventos reais na Santa Ceia, é uma suposição segura que o hino cantado era um hino judaico tradicional, provavelmente associado à Páscoa.

Do relato em [Atos 16.25](#), sabemos que Paulo e Silas cantaram hinos enquanto estavam na prisão. Paulo dá instruções para a criação musical em [1 Coríntios 14.15.26](#) em termos de um equilíbrio entre racionalismo (pensamento lógico) e emoção. E, como com todos os dons do Espírito, Paulo pede que o canto seja feito para edificação (ajudando outros crentes a aprender e crescer espiritualmente).

Em duas passagens semelhantes ([Ef 5.19](#); [Cl 3.16](#)), Paulo agrupa três termos musicais:

- Salmos
- hinos
- canções espirituais

O canto de salmos foi uma continuação óbvia da sinagoga. O canto de salmos dos primeiros cristãos provavelmente seguiu o estilo judaico.

O termo "hinos" provavelmente se refere a textos poéticos. Essas canções foram provavelmente modeladas após os salmos, mas louvam Cristo. "Cânticos espirituais" podem se referir a uma forma espontânea e extática de oração musical, possivelmente sem palavras (talvez relacionada ao falar em línguas). Há evidências de que esse estilo era popular no judaísmo místico também. Esses surtos de canção eram provavelmente melismáticos (cantados em um tom) e são talvez os primeiros exemplos do posterior canto Aleluia.

Hinódia no Novo Testamento

Pode-se supor que os primeiros cristãos compuseram hinos em louvor a Cristo. A maioria dos hinos do Novo Testamento é baseada em formas poéticas de salmos hebraicos, mas há também influência grega e latina. Os hinos do Evangelho de Lucas tornaram-se cânticos bem conhecidos (canções semelhantes a salmos) usados pela igreja:

- o Magnificat ([Lc 1.46–55](#))
- o Benedictus ([Lc 1.68–79](#))
- ó Glória ([Lc 2.14](#))
- o Nunc Dimittis ([Lc 2.29–32](#)).

Essas canções são escritas como os salmos no Antigo Testamento. Elas expressam uma forte confiança em Jesus como salvador e mostram entusiasmo sobre seu retorno prometido. Outros hinos sobre Cristo encontrados no Novo Testamento incluem a introdução ao Evangelho de João, [Efésios 2.14–16](#), [Filipenses 2.6–11](#), [Colossenses 1.15–20](#), [1 Timóteo 3.16](#), [Hebreus 1.3](#), e [1 Pedro 3.18–22](#).

Músico

Veja Música; Instrumentos musicais.

Mutuca

Qualquer uma de várias grandes moscas, incluindo a mosca-de-cavalo e a mosca-varejeira, que irritam o gado. O rei Nabucodonosor é chamado de mutuca na única referência bíblica a este inseto ([Jr 46.20](#)).
Veja Animais (mosca).